Memorias

Diario ao correr da penna

Vol.º

Memorias

Diario ao correr da penna

Vol.º

UNIVERSIDADE ✿ LIVRARIA DA

1847.

Bibliothèque de l'Université de Genève

MEMORIAE

1933=1937

« Avant que ces souvenirs
s'effacent, je voudrais les écri-
re. »

Paul Bourget: Le sens de la
mort, cap. I.

— 1933 —

Penafiel:

Janeiro: 4.

Começou o ano há quatro dias — e começou por um dia de chuva formidável e constante.

Vai o ano todo a chover?

Hoje fui a um fotógrafo local para virar o retrato para cartão de identidade civil. Havia no estabelecimento certa azáfama que daria demora para o meu trabalho. E a que era devida essa azáfama?

Era devida ao facto de uns 60 e tantos padres jesuítas que estão no Hotel da Torre, de Cruz-os-Rios terem também virado o retrato para cartão de identidade. E a freguesia era motivada pelo aviso que tinham de que a polícia iria lá no dia 6, depois de amanhã, verificar a legali-

dade dos cavalheiros já. efeitos da regularização da permanencia de estrangeiros no País.

Isto ouvi eu aos fotografos que falaram livremente uns com os outros sobre os trabalhos, sem se preocuparem com a m.a presença.

Vê-se, pois, que os jesuitas espanhóis estão a legalizar a sua situação dentro dum país onde a Companhia já foi expulsa cerca de tres veres. Os jesuitas espanhois, fugidos á republica da sua terra, estão a tirar cartões de identidade...

Mais nada.

Penafiel.

Janeiro: 24.

Soltei de Coimbra em 19, ainda em pouco combalido de angina que lá me surprehendeu. E já hoje posso deixar aqui consignado um caso curioso.

Em 21 á tarde, o tenente Schiappa de Azevedo telefonou-me para o quartel e pediu-me para eu ir ao Porto falar-lhe.

Fiquei intrigado com a solicitação mas pensei em tudo menos no verdadeiro motivo.

Fui lá hoje. Entrei no gabinete do chefe do Estado-maior, o coronel de Artilharia João Crisóstomo Soares, meu condiscípulo em Coimbra e contemporâneo na Escola do Exército. Recebeu-me com certo ar superior, até ar de provocação. Me desagradou. Depois de me fazer esperar muito tempo, com o despacho da papelada oficial, disse-me que o brigadeiro estava doente e me não poderia falar, mas que ia saber «se me poderia "dizer o que o brigadeiro me queria...»

O ar do Crisóstomo Soares, a forma como me disse isto, deu-me uma suspeita... Fiquei de pé atrás.

Daí a pouco levou-me para o gabinete dos ajudantes — onde três tenentes fortificavam seu grande cerimónias, sentando-se, fumando, num á vontade bastante exquisito.

Enfim, pouco depois, o coronel chamou-me e levou-me p.º o gabinete do brigad.º-e disse-me então que no último sábado, 21, o ministro chamára pelo telefone o comand.º da Região e lhe perguntara, bastante agressivo e preocupado, o que havia em Penafiel a respeito do regimento e em especial a meu respeito; que dissera que estava infor-

do de que eu era agente conspiratório entre Penafiel e Coimbra e que, por cautela, disse ele, comandante da Região do que se tratava; continuou o Soares a dizer que o Schiaffa afirmára que as minhas idas a Coimbra eram do seu conhecimento e nada tinham de suspeitas e que quanto á minha acção em Penafiel se responsabilizava muito voluntariamente.

Ao entretanto, terminou, o brigadeiro, pelo sim e pelo não mandou-me chamar para me garantir se fizera bem ou mal em se responsabilizar por mim.

Embora ficasse surpreendido com o caso, ouvi com serenidade; sorri-me superiormente, e finjindo-me exaltado, desatei a dar voz baixo na polícia política e perguntei quem fizera a acusação e quais os pontos concretos.

O Soares, com o seu ar superior e o olhar oblíquo de desconfiado, fez um gesto vago. Eu continuei a carregar mais o quadro e terminei:

— Que diabo! Em Coimbra, no meu ambiente, entre os amigos, nunca me incomodaram. Agora, em terra onde não conheço ninguem, onde vivo sozinho, vou assim vexado! Já é querer complicar a família portuguesa!

O Soares quis justificar a informação; aludiu vagamente á necessid.e de haver uma policia "de informação" e deu me a impressão de que estava convencido de que essa policia falava a verdade e ... de que não acreditou em nada do que eu lhe disse. Por fim, concluiu por me perguntar se poderia dizer ao brigadeiro que eu garantia a sua afirmação; eu respondi:

— Diga ao sr. brigad.e que lhe fico muito e muito obrigado pela sua atitude que não esquecerei, tanto mais que não estou habituado a atitudes dessas; pode dizer-lhe que o não deixarei ficar mal. Discordo da ditadura por questão de principios, por educação, por temperam.to e mesmo por cultura; as ideias não se podem impôr e o sr. brigadeiro foi o primeiro a dizê-lo quando me mandou chamar, a seguir ao triunfo do movimento de 28 de Maio p.a me fazer saber que nada tinha com as minhas afirmações. Mas quanto a conspirações, não me sinto com feitio p.a isso nem a min.a vida anterior justifica tal orientação.

E terminei por dizer que ainda o melhor de tudo seria acabar com a policia "de informação" que afinal parece que só vê o que não existe e deixa sair as revo-

luções p.ª a rua perante a surpreza de toda a gente...

Não garanto que isto seja reprodução ipsis verbis, mas é quasi.

O Soares, nesta altura, fez menção de se levantar e objectou-me:

— Está muito bem... Mas não é só não conspirar; é necessario que você garanta que está pronto a reprimir qualquer tentativa...

Eu sorri-me:

— Sim, é verdade. As minhas palavras não disseram tudo...

E enojado já pela atitude que pressentia nele, conclui, com franqueza, já de má fé, como ele evidentemente estava:

— ... podiam-se tomar num sentido incompleto. Mas a repressão duma tentativa revolucionaria depende de ordens e essas ordens, de certo, serão legitimas e dadas por quem de direito... É claro que nós vivêmos numa engrenagem em que todas as rodas precisam de andar ligadas e bem untadas...

E por aqui fóra, com certa exuberancia de palavras, misturando alhos com bugalhos... Mas não respondi claram.te á observação! E aproveitando o movimento que ele fizera pouco antes para

se levantar, levantei-me e procurei acabar com a situação:

— Bem, eu estou a tomar-lhe o tempo e você tem mais que fazer. Peço-lhe para agradecer muito ao sr. brigadeiro e lhe diga que fico muito reconhecido.

E cá fóra, na escada, já a despedir-me, conclui:

— E olhe, coronel, quanto á policia "de informações" o que lhe digo é que se eu conspirasse, garanto-lhe que ela não daria por isso...

E separámos-nos a rir com esta laracha. E eu vim para a rua com a impressão de nojo que me causou o ar com que ele me falou, a defesa que fez da policia "de informações" e o silencio q. manteve quando eu lhe preguntava se não devia falar a amigos pelo facto de serem contrarios á situação politica; se eu devia mudar de ideias porque um alferes qualquer me denunciava como perigoso; se a ditadura se impunha por estes processos tão mesquinhos, etc. etc.

Vim enojado p.ª a rua. Dei uma volta por uns alfarrabistas; tomei chá com torradas e fui ocupar o meu lugar na camionette que me pôz a são e salvo nesta boa terra de Penafiel.

Peniafiel.

Janeiro : 28

O caso de que tratei anteriormente está mais ou menos esclarecido.

O Diabo colere por um lado e vem a descubrir por outro. E aqui fica em resumo o que, desde 24 até hoje, consegui averiguar acerca das prováveis razões da minha chamada ao Porto.

O coronel Iglesias, por varios motivos justificados conseguiu pôr daqui para fóra um certo alferes Braga creatura moral e fisicamente ordinaria. Este alferes foi para Lamego, colocado em Infantaria 9, ha quasi um anno. Era, parece, o oficial da policia "de informações" aqui e continuou a sê-lo não só em Penafiel como tambem naquela outra cidade; e apesar de oficial da classe de sargentos e um sobretudo para ter onde cair morto, possui hoje automovel no qual vem todas as semanas aqui reunir os elementos informativos que lhe darão os seus espiões e conferenciar com o dirigente da União Nacional, um certo Manuel Barbosa — «Marecas» Barbosa por alcunha.

Alem disso, o tal alferes, segundo todos aí contam, jurou vingar-se do coro-

nel Iglesias e do regimento que lhe voltou as costas pelos reles procedimento anterior. Etc. etc.

Paralelamente a isto, foi colocado em Lamego, como 2º. comand.te do regimento nº 9, por efeito de promoção, um tenente-coronel Marcelino Monteiro, videirinho que tem vivido no Porto, creatura de poucos escrupulos e que anda arreliado por estar tão longe da casa. A m.a vaga em Penafiel, por consequencia, convinha-lhe muito e já me mandou sondar ha tempos pelo major Parada Leitão com quem se encontra m.tas veres no caminho de ferro. E como é homem de todas as situações e, neste momento, sustentaculo da actual, acrescentou q. faria o possivel para obter p.a mim outra boa colocação.

Ora este tenente-cor.el e o dito alferes Braga, estão em Lamego juntos, ambos arreliados, contrariados, etc. etc.

E para moralidade, basta acrescentar que o major Parada Leitão me informou confidencialmente de que em Lamego se sabia que eu seria chamado ao Quartel-General; que, no comboio, o Marcelino Monteiro, no sabado 21 do corrente, dissera que havia qualquer coisa a meu respeito, que se iria dar a minha vaga em

Infantaria 6 e que ele ia trabalhar para me substituir, etc. etc.

Contudo e de certo para dar a impressão do contrario, espalharam que a minha chamada ao comando se ligava com o plano do ministro da Guerra querer deitar a terra o Salazar e, por conseguinte, querer tratar de arranjar comandos de confiança... E assim eu seria o futuro comandante de Inf.ª nº. 6 e que o Iglesias por merecer menos confiança, iria comandar Infantaria nº. 9.

E como se vê, tudo muito bem pensado. E aqui deve estar a explicação da embrulhada.

São uns inocentes.

Penafiel
Fevereiro: 12.

Metido no quarto com um ataque de "grippe", regozijei-me hoje ao ler a representação q. o general José Vicente de Freitas fez á Presidencia da Republica acerca da marcha da Ditadura e da futura constituição.

E documento bem feito e escrito, segundo julgo, pelo advogado Antonio Osorio. O unico comentario q. faço é que o general não tem autoridade para apresen-

dar tal documento — ele que foi o mais truculento e duro ministro deste período de quasi pelé anos!

Mas enfim, os galos jogaram as esporas. Vamos a ver qual deles fica com ela derrubada.

Penafiel.
Fevereiro: 14.

Noticiam os jornais de hoje que o ministério demitiu o gen.al José Vicente de Freitas da presidencia da Câmara de Lisboa. Está a guerra declarada.

Esperêmos pelo que dão as brasóias do ilustre general.

Ha dias um jornal da terra dava uma noticia que veiu levantar o véu ao segrêdo que eu tinha imposto mas que foi dificil manter. Trata-se de representação da m.ª Casa dos Generais por um grupo de sargentos da guarnição. Mas a lingua desta gente é que se vê que não tem grande conhecencia.

O caso veiu no n.º 360 de O Povo de Penafiel do dia 5 do corrente. Este periodico é ainda orgão do partido "democratico" em Penafiel e mantem no cabeçalho esse qualificativo. Na noticia, pois, ha alguma coi-

sa de amanuel por ser eu quem sou...
E' pena não saberem o titulo da peça para o segredo ficar descoberto por completo.

Segue a noticia:

«9 de Abril. — A distinta e digna corporação dos sargentos de Infantaria 6 promove, neste dia, no Cine-Club, uma recita de gala comemorando assim o brilhante feito de armas do glorioso exercito portuguez. — Essa recita abrirá com uma peça, cujo titulo por hora desconhecemos, da autoria do distinto homem de letras, sr. Tenente-coronel Belisario Pimenta. — O desempenho é feito por um grupo de sargentos e a orquestra dirigida pelo distinto chefe da banda de Infantaria 6, sr. Tenente Pires da Cruz. — Com tais elementos não é de estranhar que essa festa verdadeiramente patriotica resulte brilhantissima.»

Penafiel.
Fevereiro: 16.

O clima em Penafiel é tremendo. Não sei o que é sair á noite. Durante o dia, variabilid. enorme de temperatura e vento rijo insuportavel ora dum ora doutro quadrante.

Isto assim não vai bem. Estou a ver que necessito duma ~~re~~ redôma...

Coimbra.

Fevereiro: 27.

Uns dias de licença em Coimbra. Carnaval civilisado, segundo as gazetas. E tempo de chuveiros para intervalar com os folguêdos do entrudo.

E uma apatia enorme perante a perspectiva duma constituição que vai ser aprovada pela unanimid.e do eleitorado! Perante este acontecimento não ha uma irritação: ha o encolher de ombros desdenhoso, de indiferença!... Parece que a toda esta gente tanto se lhe dá como se lhe deu; que seja Salazar ou não — é tudo o mesmo!

E esta atitude do Visconde de Freitas q. poderia ser começo interessante de reconsideração, foi acolhida com sorrisos e com desprezo.

Não será isto a tal "apagada e vil tristeza"?

Coimbra:

Março: 4

Hoje, o ministro da Itália em Lisboa veio aqui á Faculd.e de Letras inaugurar

o Instituto Italiano anexo á dita faculdade.

Ao entrar no atrio do edificio que estava apinhado de estudantes, saudou a multidão com o gesto fascista de levantar a mão direita e o grito á nói!. Os rapazes em unisono corresponderam á saudação e levantaram o braço e entoáram o mesmo á nói!

Isto na presença do reitor, do director da faculdᵉ. e dos respectivos professores.

Aqui fica a nota pª que se saiba um dia — se valer a pena saber-se.

Penafiel.

Março: 6.

Outra vêr em Penafiel... Desde as 2 horas da manhã.

Até quando?

Penafiel.

Março: 14.

O Tomás da Fonseca anunciou-me, em carta, que a mª conferencia acerca de Nunalvares esta impressa e pronta para ir para as livrarias. Porem... antes disso, teve que ir á censura de Lisboa.

Espera ele que o opusculo não vá para o index. No entretanto, nunca

fiando no espírito liberal e na generosidade das camaradas.

Escrevi-lhe uma carta bem humorada e agradeci-lhe o interesse que a conferencia lhe mereceu. Na verdade, se não fosse o Tomás, o trabalho ficaria manuscrito na gaveta.

Penafiel.
Março: 16.

Hoje, em encomenda postal, chegaram-me os primeiros 25 exemplares da m.ª conferencia Nunalvares, Chefe militar. É sempre com satisfação que recebo qualquer trabalho meu impresso.

Vaidade?... Será, será. E com este a satisfação foi maior porque me parece que dará certo barulho.

Em Coimbra disseram-me que os reaccionarios louvam a conferencia, alegando que eu me confinei apenas na parte militar e não atingi a santidade do heroi. Ora isto é pura especulação para lançar poeira aos olhos dos ignorantes — pois exactamente o que eu ataco é a santidade do heroi fazendo de Nunalvares um homem.

Os processos deles não sempre os meus; e agora, com a publicação da confe-

rencia deverão notar que os seus louvores são inuteis.

Mas a censura deixará passar?

Estou com certa anciedᵉ em o saber. Mas esperarei com paciencia o veredictum desse supremo tribunal.

Com a recepção da encomenda, chegáram-me noticias de que, nesta noite passada, começaram em Penafiel as prevenções e os boatos.

Estes, quasi todos, não teem consistencia mas o que parece verdᵉ é que lá por cima ha coisa grave.

Ainda ha dias o coronel me mostrou uma confidencial do comando da Região em que o brigadeiro Schiappa de Azevedo pedia a opinião sobre uma representação que ele entendia que o exercito deveria entregar ao Salazar, assinada pelos comandantes das unidades. Nessa representação se devia garantir o repudio formal de tentativas de alteração do statuo quo e esta garantia era devida ás afirmações vindas ao publico produzidas por vulto importante na actual situação politica e que se deveriam destruir.

Em resumo: o Schiappa queria garantir ao Salazar que o exercito repudia

2155

va as afirmações ou propostas do general José Vicente de Freitas.

Ora o que se teria passado não se sabe. O certo, parece, é que dias depois veio outra confidencial dando como efeito a anterior a informando de que ele, Cripadeiro, falaria particularmente sobre o assunto com o presidente do ministério quando este viésse ao Porto.

Isto parece querer dizer que os comandantes das unidades não responderiam favoravelmente e o Cripadeiro iludiu a negativa com a segunda confidencial.

Será assim?

Nesta trapalhada política actual tudo é possível. Mas do que não tenho dúvida é de que a Comp.ª de Jesus vela zelosamente sobre nós todos...

Penafiel.

Março: 17.

Num jornal da terra O Penafiel, no nº. 6 do ano IV, datado de hoje, vem a seguinte notícia, na secção relativa a espectáculos na localidade:

«No Cine-Club, nos dias 9 e 11 de Abril a corporação dos carpinteiros desta guarnição patrocinada pela direcção da Liga dos Com-

batalhões da Grande Guerra, levará á scena a operetá em 3 actos «O Filho da Republica» e a peça «A caia dos generais» da auctoria dum consagrado escritor militar aquartelado nesta cidade. — O producto desta recita reverte a favôr do cofre de pensões das viuvas, orfãos e militares da grande guerra.»

Deixo a noticia arquivada por causa da frase consagrado escritor ... aquartelado nesta cidade.

E' completa.

Penafiel.

Março: 18.

Recebi hoje noticias do Tomás da Fonseca. A censura autorizou a publicação da minha conferencia!

Foi annuel...

Penafiel:

Março: 19.

Estão no quartel de guarnição. Dia de eleições. A Constituição está a ser aprovada por unanimidade, pelos 100% dos eleitores.

Vejo passar grupos de homens do povo das aldeias para os lados da Câmara;

não sei se não fº as missas e festa de S. José que hoje aí se realiza, se para a assembleia de voto. Quer fº uma quer para outra, não, coitados, como bons escravos.

Leu, graças á magnanimidade do decreto eleitoral, não terá trabalho: sei que a esta hora, pouco mais ou menos, estão a votar em Coimbra a favôr do projecto da constituição como qualquer revolucionario de 28 de Maio.

Não ha nada como as habilidades canonicas!... Quem me havia de dizer que ainda aprovaria a constituição outorgada pelo Salazar!

Enfim, ninguem dirá desta agua não beberei ou... esta constituição não aprovarei. E para amostra de prosa da politica local deixo junto o curioso papel que ontem se distribuiu largamente em Penafiel — para esclarecimento do eleitorado e aviso aos incautos.

E ponto final.

Mas... apesar de dizer «ponto final» sempre quero acrescentar alguma coisa, agora, 17 horas, quando a tarde cái e me dizem que a assembleia de voto da cidade foi muito concorrida e o seu funcionamento ainda decorre com normalidade.

Penafidelenses !

A Nova Constituição que agora vai ser votada, coloca ao lado de um poder central forte, autocracias locais descentralisadas com administração autónoma.

Pois bem, se todos nós votarmos a nova Constituição contribuiremos (o que é absolutamente necessário) para que a administração da nossa Terra pertença aos penafidelenses. Lembrai-vos que Penafiel não precisa de tutelas (porque a intelectualidade de seus filhos revelou sempre superioridade) próprias das demagogias partidárias de outros tempos e dos espíritos doentes. O nosso concelho, a nossa cidade, e as nossas aldeias são trofeus Sagrados de independência, legados pelos nossos maiores. Para garantia das nossas tradições teremos todos de ir votar a Constituição e dizer bem alto :

Viva a Pátria ! Viva a Ditadura ! Viva o Concelho de Penafiel, tradicionalmente organisado ! Viva a Nova Constituição !

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Essa tal abstenção apreçoada e garantida, deu isto: concorrencia abundante, voluntaria ou não, mas abundante.

E para terminar devo deixar notado que a grande maioria dos oficiais deste regimento, foram votar. Falaram contra, censuraram a ditadura, gostaram do programa do general José Vicente de Freitas — mas foram pessoalmente votar a constituição. O proprio comandante la foi rodeado de oficiais, como que a mostrar publicamente a sua adesão...

Estas atitudes deixáram-me abatido e desiludido. Ainda julguei que isto, aqui, seria agrupamento de indiferentes; afinal... bolas!

E apara, ponto final.

Penafiel.

Março: 20.

Em um jornal da terra chamado O Povo de Penafiel, no seu nº. 365 de ontem, insiste indiscretamente a respeito de minha boca dos Generais.

A noticia fica colada adeante. E o q. se vê é que em Penafiel não se póde guardar qualquer segredo; os jornais naturalmente querem ser sempre os primeiros a dar as noticias e tudo quanto seja

revelação de qualquer coisa encoberta... zás! lá vai á baia dos grandes colossos da imprensa.

E paciencia.

"9 de Abril,,

Recita no Cine

No proximo dia 9 de Abril em commemoração desta data a digna corporação dos sargentos de Infantaria 6, auxiliada por varios oficiais desta guarnição, leva a scena, ali no Cine-Clube, a interessante opereta «Filho da Republica» e a peça em 1 acto «Cega dos Generais» original do distinto escritor snr. Tenente Coronel Belizario Pimenta.

O producto liquido desta festa reverte em favor do cofre das viuvas, orfãos, estropiadas e mutiladas da Grande Guerra.

E' altamente simpatica e humanitaria a sua finalidade e por isso de supor é, que no dia 9, o Cine regorgite de espectadores.

Este espetaculo é abrilhantado por uma orquestra de distintos componentes da Banda de Infantaria 6, dirigida pelo seu ilustre chefe e consagrado «maestro» snr. tenente Pires da Cruz.

Paranhos

Março : 27.

Ainda acerca do mesmo assunto... O dito jornal «O Povo de Paranhos», no seu nº de ontem volta á carga. E desta vez com mentira.

Diz o periodico a certa altura da noticia anunciadora da récita:

«... Para esta festa altamente patriotica escolheu o grupo a opereta de grande espectaculo O Filho da Republica, terminando com a peça A Cega dos Generais expressamente escrita p.ª esse fim pelo distinto escritor snr. Tenente Coronel Belisario Pimenta.»

Não ha maneira de serem verdadeiros. O q. querem é dar a noticia, seja como fôr. A Peça está feita, creio eu, ha mais de 30 anos...

Paranhos.
Abril: 2.

Os jornalecos da terra continuam a proclamar urbi et orbe a autoria da Peça dos Generais.

O Povo de Paranhos lá volta no seu nº. de hoje com nova noticia. Não ha maneira de os fazer calar!

Grupo Cénico "Marte"

E' no proximo domingo, 9, que este grupo local, constituido por briosos sargentos da nossa guarnição e obsequiosamente coadjuvados por gentis senhoras, leva á cena ali no **Cine Clube** a opereta em 3 actos «Filhos da Republica» e a peça «Cem dos Generais» esta da autoria, do alto espirito e cintilante escritor snr. tenente-coronel Bellizario Pimenta, cujo nome e passado literario dispensa toda e qualquer adjectivação.

E eu a julgar que esta gente seria capaz de guardar um segredo!

Coimbra.
Abril: 7.

Recebi aviso da Revista Militar para assembleia geral no proxº. dia 10 na qual se deverá entregar o diploma de socio honorario ao almirante Augusto Osorio e proclamar socios efectivos o Barreto de Oliveira e major Eduardo Moreira.

O Pires Monteiro ao mesmo tempo pe-
licita qualquer coisa amavel a respeito
dos novos eleitos. La tive de mandar uma
carta ao gresidte da assembleia-geral
justificando a m.a falta e cumprimen-
tando o almirante e os novos eleitos, em
especial o Barreto de Oliv.a « meu candi-
"cipulo e amigo e por quem sempre tive
"uma grande estima e uma afectuosa
"consideração » Etc. etc.

Este Pires Mont.o gosta destas coisas,
suspira por estes salamalegues. E mal
custa nada fazer-lhe a vontade.

-x-

Fui hoje entregar ao Madahil o ori-
ginal da m.a contribuição p.a o In Memo-
riam do Dr. Augusto Mendes Simões de
Castro. Trata do caso do celebre Correio
Leal, o Recta-Pronuncia, quando por
ahi fugia o exercito de Massena que em
1811 se propunha atravessar a ponte do
Mondego em Coimbra.

Reduzo a façanha às suas proporções
naturais. Não sei se os mestres con-
cordarão.

Amanhã voltarei para Penafiel, de-
pois dum dia de licença.

Até quando?

Penafiel.
Abril: 10.

Ontem lá foi representada, com geral agrado a celebre Ceia dos Generais em recita mais ou menos de gala.

Casa á cunha. Desempenho acima da espectativa; superior, até, ao dos tenentes, em Coimbra, ha anos. O cenário, feito de proposito, m.to razoavel.

O publico deu palmas, mas fiquei com a impressão de que não avaliou o esforço que representou o pôr aquilo em cêna, nem a boa vontade dos executantes que foi grande.

Enfim, eu fiquei satisfeito; mas Penafiel é terra muito sui-generis.

Penafiel.
Abril: 19.

O Comercio do Porto de 17 de Fevereiro ultimo publicou um artigo assinado pelas iniciais S.P. duma secção Quadros Historicos e subordinado ao titulo As campanhas liberais e o seu estudo militar. Neste artigo ha referencia amavel ao meu trabalho sobre a acção de 11 de Agosto de 1829 na Praia da Vitoria como um dos dois estudos dignos de se citarem

2,82

para a bibliografia das lutas civis. O outro estudo é o do falecido Zé Chaves sobre a Asseiceira.

Desconfio de que o autor do artigo seja o Saturio Pires. Pelo sim, pelo não, escrevi esta carta que mando ao director do Comercio p.ª este entregar ao autor — pois é bom e conveniente não deixar muito os creditos por mãos alheias...

«Ex.mo Sr. — Um amigo mostrou-me ha dias no n.º 40 do C. do P. de 17 de Fevereiro do corrente ano, um artigo de V... (As Campanhas liberais e o seu estudo militar) no qual ha uma referencia annuel p.ª a minha pessoa. Venho agradecer muito penhorado a attenciosa mas possivelm.te immerecida referencia; e aproveito a opportunid.e para o informar de que ha uns 20 annos publiquei um estudo p.to circumstanciado acerca da acção de 24 de Junho de 1828 na Serra dos Marouços (Revista Militar, vols. 65, 66, 69 e 70). — Venho reparado que esse trabalho teve passado desapercebido; comtudo apesar de necessitar de ligeira revisão creio - o fundamental para quem trabalha em vais assuntos. — Renovando os meus agradecim.tos, etc. etc.»

Penafiel.
Abril: 21.

Comecei a escrever o artigo prometido para a Revista Militar acerca do Cerco do Porto — com o qual quereria concorrer ao prémio de 600$00 ultimamente instituido pelo almirante Augusto Osorio. Ao mesmo tempo vou tentar dar-lhe a flexibilid.e possivel para o transformar em conferencia na Universidade Livre de Coimbra, com intuitos de vulgarização e propaganda democratica.

Será possivel?

E' muita coisa junta e não sinto o ambiente propicio para gestação de tal obra... A natureza que me rodeia aqui é bela, muito bela, mesmo; mas eu é que me sinto quasi incapaz de grandes vôos.

Penafiel.
Abril: 28.

Recebi carta do meu condiscipulo Saturio Pires que se confessa o autor dos Quadros Historicos do Comercio do Porto e responde á m.a carta de 19 deste mês.

Calculei que as iniciais S.P. eram as dos seus apelidos; e até os artigos, pela sua

forma literária denunciávam-no; mas ele veio afirmar amavelmente a autoria e reatar velhas relações de amizade que o raio da Política interrompeu.

Penafiel.
Maio: 4.

Por simples curiosidade e não porque altere a marcha da humanidade, fica aqui um simples reparo:

Trata-se, na terra, de realizar as festas do Corpo de Deus, consideradas as Festas da Cidade: procissão, fogo de arraial, benção de alfaias agrícolas, cortejo agrícola, etc. etc. Pois a comissão dos festejos que preside um vereador, reune, normalmente, á noite, na Biblioteca Municipal; e como a frequencia dos leitores póde perturbar a reunião, a Câmara resolveu encerrar a Biblioteca nas noites em que é necessario combinar o programa da festança! Parece que em Penafiel não ha outro local apropriado.

Perfeito: isto é simples curiosidade; o mundo continua a rodar imperturbavelmente...

E quem quizer consultar livros, como outrora me aconteceu, que vá para ciencia.

Penafiel.
Maio: 5.

Voltei a comandar o regimento desde o dia 1 deste mês. O coronel foi presidir ao Tribunal militar do Porto durante o presente quadrimestre.

Da outra vez, o tempo passou sem novidade; mas agora... com três meses finais, com tanta camisa azul a esvoaçar á volta...

Hoje, recebi carta do dr. Geraldino Brites, de Coimbra, em que me dá um quadro tremendo do que lá vai em matéria reaccionaria. É tremendo, mas é mesmo assim.

É por toda a parte. A onda negra, a onda negra!...

Penafiel.
Maio: 7.

Hoje, nos jornais da terra, vem a notícia de que na assembleia local da Liga dos Combatentes da Grande Guerra se fizeram eleições e eu fui eleito presidente da assembleia geral.

Mais um cargo honroso... Mais uma assembleia geral p.ª presidir.

Penafiel.
Maio: 8.

Mandei hoje ao dr. Aurélio Quintanilha a propósito da moção que o Senado da Universid.e votou e que foi com pretexto p.r o inutilizarem — o seguinte bilhete:

«F..... envia a V. um abraço de solidariedade e de sincera saudação. Não sei qual a solução dada ao caso do ataque dos reaccionarios; o meu protesto é o mesmo. Teria V. na estima e admiração do que é, etc. etc. (a) B.P....»

Penafiel.
Maio: 10.

O Quintanilha, em resposta ao cartão postal, mandou-me um exemplar dactilografado da moção dos professores reaccionarios Forjas Vital e Mario de Figueiredo, aprovada pelo Senado e da resposta dada por aquele.

É uma autentica ofensiva ultramontana, bem ás claras.

No domingo passado, no Porto, o celebre Rolão Preto, o nacional das camisas azuis, teve a honra de um jantar de mil e cem talheres; na mesa de honra

haria professores da Universid. de Coim. bra, representantes do professorado filiado no Nacional Sindicalismo!...

Onde irá isto?

Mau dias nos estarão reservados? E o exercito ajoia toda esta trapalhada? Era este o celebre programa do glorioso 28 de Maio?...

Penafiel

Maio: 11.

Hoje recebi de Aveiro um numero d' O Povo de Aveiro, do celebrado Homem Cristo — que eu guardo na colecção respectiva.

Neste nº há uma grande tôsa, a respeito do Nunalvares, no Tomás da Fonseca. E a proposito declára admirar-se de ver o meu nome escolhido na questão e essa admiração vem de me ter conhecido noutros tempos, em Infantaria nº. 23, e me considerar um patetoide.

E termina por afirmar que ha de escachar esta carja...

A carja será o Tomás e eu?

Fico esperando, com interesse essa escachadela anunciada.

E resposta é que ele não terá.

Penafiel.
Maio: 16

Ha dias, no Club Penafiel, apareceu afixado num quadro em que a direcção costuma colocar os seus avisos, um documento curioso que aqui deixo arquivado e que estava escrito em meia-folha de papel de oficio timbrado da Camara Municipal deste concelho:

«Pretendendo muita gente saber quem transferiu o senhor major Parada Leitão, para evitar injustiças, vou eu declarar que fui eu como administrador do concelho. Outros oficiais transferi e outros transferirei até que a Ditadura tenha a paz e sossego que merece. — O administrador do concelho — (a) Coelho dos Santos.»

Isto foi em 5 de Maio. No dia imediato, nova declaração foi afixada no mesmo local e em papel identico.

«Mais uma vez se comunica aos interessados que quem transferiu os oficiais de Penafiel e doutras partes, foi o administrador de Penafiel. — A bem da Na-

ção. — (a) Coelho dos Santos.»

Este Coelho dos Santos é tenente de infantaria e teve de sair do regimento nº. 6 por imposição do cor.el Iglesias que não tolerava as suas atitudes políticas. Além disso afirma-se que o cavalheiro não anda m.to bem de cabeça, dá indícios de perturbações, infelicid.e p.a ele que já foi comunicada ao comand.te da Região para os fins convenientes.

Superiormente, parece, não se deu ouvidos ao aviso e ele aí anda a fazer destas...

A direcção do Club mandou os documentos para o regimento, depois de, segundo ouvi, serem fotografados para o que dér e vier... Eu mandei-os, por cópia, para o comando militar; este, por sua vez, mandou-os para o comando da Região — hoje mesmo.

Não estou para perder tempo nem vinta, senão contaria o curioso jogo de empurra que houve entre os comandos panfidalenses.

Seria capítulo anedótico... Mas como ao mesmo tempo seria uma porcaria — por aqui me fico.

2,74

Penafiel.
Maio: 21.

Hoje, em Coimbra, houve a "Tocante" cerimonia da benção das pastas dos finalistas... E como certeza minha filha lá vai com a sua pasta rica á benzedela.

Tenho passado a manhã a pensar no caso — para poder tirar do espirito a ideia de que uma filha minha vai a essa pantomimica reaccionaria; e para poder finalmente tirar do espirito a ideia ou antes a certeza de que ela vai á cerimonia sabendo que com isso me dá desgosto e me coloca, de certo modo, mal.

Ela tem 23 anos, é mulher feita — deve ser no assunto a autoridade paterna á moda antiga?

Sabe que me desgosta e que me deixa um pouco mal colocado e vai. Que hei-de eu fazer?

Ainda o melhor é sofrer o desgosto intimamente; ela poderá, no futuro, sofrer as consequencias se no futuro se olharem a serio os problemas de educação.

E como os reaccionarios deverão estar satisfeitos com esta atitude! Verem uma filha a desgostar um pai hoje! O prazer dessas pobres creaturas que só

teve, em mim, salvar as almas!...
E então, quando se trata de resgatar, je-
sus filhos, a perdição dos pais!

Ao meios, aqui, pozinho, meste quar-
to voltado a poente, com a bela paisa-
gem em frente, que se estende por muita
legua, eu pinto-me pensando, sem cu-
mir, desde a manhã, os preparativos
para tão alta e comovente festa, que me
excitariam e me enervariam com re-
sultados possivelmente maus.

Ao meios, aqui, só oiço num grin-
tal ao lado a voz argentina e terna tim-
brada duma rapariga que canta um tan-
go dolente; e de vez em quando, ao lon-
ge, o aviso de automovel ou o apito de
comboio que passa lá em baixo, á mar-
gem do Sousa.

Estou só, mas tranquilo, sem pe-
rigo de sentir ainda alguns salpicos da
agua benta lançada pelo bispo ou qualquer
eco dos discursos eclesiasticos afrofria-
dos ou possivelmente uns restos de
murmurios de orações.

Estou só — e pensando em como é
o mundo... E minha filha, a esta hora
radiante, sabendo que eu deverei estar
aqui ritualo o desgosto, na impotencia
de pai tolerante que a deixou crescer á

vontade, e que tem realmente culpas no abandono em que a deixou perante a acção reaccionaria da familia materna e da faculdade de Letras e que não reáge não só por ser já tarde como tambem por não querer alterar (oh mentiras humanas!) a aparente harmonia do lar.

Estou só, infelizmente... mas afinal, antes só!

Penafiel.

Maio: 22.

No domingo passado, 14 de Maio, houve uma festa na visinha vila de Lousada para inauguração do novo material dos Bombeiros Voluntarios. Concorreram o bispo do Porto (é claro!...) o comand.te da Região, o Governador civil, et alliis.

Fui convidado bem como o comandante militar, mas nenhum foi.

Ora num jantar que o conde de Alentem ofereceu em sua casa, fez as honras, por ser viuvo o dôno, a D. Margarida Brandão Malafaia, mulher do administrador do concelho (Tenente Enrico Malafaia, do meu regimento) e que á mêsa teve á sua direita o brigadeiro Schiappa de Azevedo. Esta senhora, bastante nova ainda, é creatura viva, in-

teligente, muito distinta e boa conversadora; o brigadeiro tambem é pessoa de distinção, conversador e com tacto diplomatico — de modo que durante o jantar a conversa foi larga e animada e em parte recaiu sobre Penafiel e a sua vida militar.

Desta parte da conversa, o resumo segundo ontem a D. Margarida Malafaia me contou com toda a reserva, foi o seguinte:

O brigadeiro quer congraçar a população civil com a guarnição militar e evitar toda e qualquer desharmonia dentro da área da Região; e veria com bons olhos o afastamento do coronel Iglesias pois sem isto é impossivel conseguir-se aquele resultado. Tem de mim as melhores impressões e desejava ter-me na Região e o desideratum seria que eu viesse a comandar Infantaria nº. 6 — tanto mais que a familia é sempre, para ele, ponto importante para as funções de comando e preponderancia na terra e a do Iglesias tem sido um pouco origem de certas trapalhadas. E tudo isto, afirmava a D. Margarida, envolvido em muitas amabilidades e frases de consideração por mim e pela familia.

Ouvi tudo com interesse e dormi sobre o caso e pensei largamente. O que haveria por detraz de tudo isto?

Julgará ele que eu estou convertido? Quererá ele entrar a valer no caminho da conciliação? Conseguirá alguma coisa? Não encontrará pela frente os meninos exaltados de que já aqui tenho falado? Não terei eu maneira de me safar daqui antes de se abrir a vaga?

Com estes pensamentos e comentarios a noite passou e hoje, ás 8 h. da manhã, estava aí o brigad.º Schiappa de Azevedo para inspeccionar os recrutas.

Cumprimentou-me de maneira diferente, com mais afabilidade do que a regra e por duas veres entabolou conversa comigo, insinuando a excelencia da terra, a facilidade do comando da unidade, a boa harmonia e disciplina da sua Região, etc. etc. de mistura com louvores ao meu Nunalvares chefe militar que ele considerou obra definitiva e basilar sobre o homem que, concorda, deve ser despido da santidade, etc. etc.

O novo chefe do Estado-maior, que eu não conhecia, estranhou, parece, a atitude do brigadeiro e sobre ela eu vi que interrogou os dois coroneis (o Barbei-

Vas Pinto e o Iglesias que está no intervalo das audiencias). Não sei, porem, o que estes lhe disseram, mas percebia-se claram.te que falavam a meu respeito.

A forma como o Schiappa falou e as varias coisas que insinuou com certa habilid.e estavam em perfeita harmonia com o que a D. Margarida Mafalda me contou ontem. E de certo o hipocrit.a mal imaginava que eu lhe estava a perceber todo o jogo.

Realmente o homem namora-me e quer-me f.o colaborador. Mas parece-me que se engana.

E ainda no fim da visita, quando se despedia dos oficiais, fez uma pequena alocução em que sobressaiu, sobre as banalidades do costume, o seguinte:

«Na sua Região ha oficiais de ideias muito opostas em politica; entende que numa classe tão grande não se poderá dar completa homogeneidade; procura afastar da Região essa preocupação do nivelamento de cerebros; e entende que ha um campo em que todas as divergencias se poderão encontrar: o serviço leal, a disciplina e as normas regulamentares. O seu desejo é que a Região que comanda se distinga por esta

forma e assim procura, sinceramente consegui-lo.»

Isto pareceu-me que era carapuça para mim e, possivelmente, uma espécie de prólogo p.ª resolver benevolamente o caso desagradavel de que tratei nas alturas do final de Janeiro ultimo. É' possivel; julgo-o bem intencionado.

Vamos a ver o que vem.

Deus sapher omnia...

Penafiel

Maio: 24.

Deixei aqui dito em 16 de Março que o brigad.r Schiappa de Azevedo recebera uma circular provocada pela atitude politica do general José Vicente de Freitas.

Aproveitando o periodo do comando do regimento, resolvi copiar esse e outros documentos relativos ao episódio p.ª lembrança minha... Como estas minhas notas são mais confidenciais do q.e as do regimento, creio que a minha pobre consciencia não ficará carregada com um acto de deslealdade.

Eis os documentos:

1.º — «Carta circular. (Particular). Ten.te-Cor.el Comandante do regimento

de Infantaria nº 6. — Penafiel. — Encarrega-me o Ex.mo Brigad.º Julio Schiappa de Azevedo de enviar a V... a adjunta copia de um documento que deseja fazer seguir para Lisboa e levar ao conhecimento do Governo, não pretendendo endereçar tal documento sem estar certo de que ele interpreta bem o sentir da Região. — Ao redigi-lo teve em vista S. Ex.ª desvanecer qualquer possivel perturbação ou confusão resultante de recentes declarações feitas por um dos vultos politicos da situação actual. — Acima de quaisquer passageiras discordancias de pensar ou sentir, entende o Ex.mo Brigadeiro que temos de pôr bem alto o amor da Patria e a ansia do seu progresso em evolução permanente para melhores destinos em que todos os portugueses se harmonizem e trabalhem fraternalmente. E ou o fazemos por étapes sucessivas dentro de uma atomosféra serena e calma ou seremos todos arrastados anarquicamente no turbilhão dos estremismos violentos. — Nestas condições rogo a V... em seu nome a fineza de telegraficamente e em cifra, logo que esta receba, informar sucintamente o que se lhe oferecer a este respeito. Estando de pleno

19
Ju

2,85

acôrdo bastará dizer «concordo.» — Aproveitando a V... os protestos do meu apreço e estima, sou — De V... — Camarada atento e grato — Porto, 4 de Março de 1933. — (a) Adriano Rodrigues, major.»

2º — «Está prestes a realizar-se o plebiscito á Nação acerca da futura Constituição Politica da Republica — corolario final da obra que ha perto de sete annos vem sendo realizada e da qual é preciso arrancar a resolução do problema financeiro com o consequente e notavel robustecimento da vitalidade do Thesouro, aumento do prestigio internacional, do nosso credito e obtenção dos meios necessarios ao prosseguimento do plano de ressurgimento e progresso da Nação já iniciado. — Nada disto seria possivel sem a manutenção rigorosa da ordem publica nas ruas e da disciplina no Exercito. Nunca, porem, ella foi tão necessaria como no momento presente, já pela gravidade e melindre da passagem á constitucionalidade, já mesmo pela delicadeza excepcional do momento critico que o Mundo atravessa. — Acima de quaisquer discordancias passageiras de pensar ou sentir, entende a 1ª Região

Militar que temos de pôr bem alto o amor da Patria e a ansia do seu progresso continuo, em evolução permanente p.ª melhores destinos em q.to todos os portuguezes se entendam, harmonisem e trabalhem fraternalmente. — E em o fazermos por etapas successivas dentro duma atmosfera serena e calma em serenos todos arrastados anarquicam.te no turbilhão dos extremismos violentos. — A 1.ª Região Militar que ha muitos annos marca pela noção alta do cumprimento do dever e se tem mantido alheia e avêssa a toda a sugestão de desordem ou indisciplina, tem a consciencia dos perigos que ameaçam a Nação se o Exercito se não mantiver unido, disciplinado e homogeneo em volta dos seus chefes e em volta da bandeira da Patria. — Em quaisquer emergencias pode o Governo contar que ela agirá com a maior energia e decisão. — Visto — (a) A. Rodrigues. »

3.º — « Carta-circular. (Particular). — Confidencial. — Ex.mo Sr. Commandante do Regimento de Infantaria n.º 6. — Penafiel. — S. Ex.ª o Brigadeiro Schiaffa de Azevedo encarrega-me de dizer

a V... que ficou grato pela concordancia com os seus pontos de vista exarados na minha anterior carta-circular, tendo todavia resolvido não enviar o documento nele referido ao seu destino em virtude da proxima visita do Ex.mo Chefe do Governo ao Porto a quem exporá verbalmente o assunto. — Sem mais, apresento a V... os meus cumprimentos da maior camaradagem e estima. — Camarada atento e obrigado — Porto, 8 de Março de 1933. — (a) Adriano Rodrigues, major. »

E aqui está no q. deu uma manobra qualquer que eu não descortino bem nem que intuitos levava.

E ligando isto com o discurso que fez aqui na ult.a segunda-feira, fica-se sem perceber.

Adeante.

Penafiel.

Maio: 30

Ontem passou aí um bando de "camisas azuis" — destacados de Sintra em uma camionette para fazer propaganda pelo País.

Houve, da parte da população, certa resistencia que se concretizou em chufas

caiu um ou outro pôco á mistura. Os homens protestaram e os animos iam-se exaltando e a caminho de violencias quando interveiu o tenente Ernesto Rodrigues, que na ausencia do administrador exerce as suas funções, e os mandou seguir caminho.

Eles quizeram resistir alegando que queriam comer; mas o tenente não lhes deu tempo para isso e fê-los ir embora, como ao celebre Asheverus, sem lhes deixar pôr pé firme na boa terra da Arrifana do Sousa...

É claro que o caso suscitou comentarios e discussões durante o dia e a noite. Um ou outro oficial protestava contra a violencia de os não deixarem comer; mas a maioria teve a atitude contraria e deu a impressão de que os ajudaria a correr se fosse necessario.

Pois bem. Hoje o administrador do concelho veio açodado, do Porto, averiguar o que houve; trouxe policia "de informação" e deitou a mão a dois velhos republicanos, bódes expiatorios em todas as emergencias semelhantes, e mandou-os para o Porto, incomunicaveis. Outros republicanos foram procurados, mas com este exemplo, vieram por melhor cami-

lho desaparecerem da terra e, na verdade não foram encontrados.

Hoje, á noite, havia na cidade certo ar de pavôr; sentia-se qualquer coisa de mal estar; e a realidade é que Penafiel está sujeita a um doido. O tenente Coelho dos Santos, administradôr, está desarranjado da cabeça, tem crises mentais repetidas, mas no Governo Civil dizem que é indispensavel em Penafiel porque a terra é hostil á Ditadura...

Segundo o chefe do Estado-maior disse ao cor.el Barbeitos Pinto, ha dias, quando aí esteve com o brigadeiro Schiappa, o caso dos documentos que daqui enviámos respeitantes a declarações do dito Coelho dos Santos [1] foi considerado como prova de caracter... E como é julgado indispensavel, continuará a tripudiar á solta, e a fazer toda a casta de violencia — até quando o Supremo Arquitecto quizer e não sentir a paciencia exgotada...

E por sua vez, o cor.el Barbeitos Pinto a quem eu insinuei, em conversa, qualquer deligencia junto do comando da Região, fingiu não perceber e deu até a entender, como remate sentencioso, que as

---

[1] Ver atraz pag.º 31-32.

acções ficam somente com quem as faz...

Este coronel Barbeitos está a ver q. fala de mais e que a respeito de obras... é como os outros.

Penafiel
Junho: 5.

Estive apora três dias em Coimbra. Vim lá conhecimento do que tem sido a luta contra os homens das "camisas azúis". Aquilo, no domingo em que lá houve uma manifestação foi simplesmente épico. Toda a população ou pelo menos quasi toda deu provas de que protestava; houve luta por toda a parte e durante a noite caçavam-se "camisas azúis" como se caçam animais perigosos.

Estes sucessos de Coimbra que toda a gente admirou por se estar acostumado a que dali só vai aplauso e apoio á ditadura — parece que foram uma especie de rastilho.

Por toda a parte, a caça á "camisa azul" constitue a ordem do dia; e a ultima nota oficiosa governamental sobre o assunto (que em Coimbra me disseram ter saído sem conhecimento pré-

rio do Salazar) veiu excitar ainda os animos e segundo se afirma desgostar o "brioso" exercito portuguez...

Penafiel.

Junho: 7.

Mais um juramentado á minha vinda um Infantaria 6: o major Bernardino de Sousa Lopes, um brave promovido a tenente-coronel e que se não quer afastar do Porto onde tem sua casa, sua familia e os seus interesses.

Não desgosto deste Sousa Lopes: foi meu capitão no batalhão de Aveiro na campanha do Vouga em 1919; velho republicano, desembaraçado, bom official; deixou-se entusiasmar pela conspiração contra os democraticos em 1926 e foi um dos fautores do movimento de 28 de Maio no norte — de que se arrependeu e que o veiu a tornar suspeito á policia actualmente.

Coisas da vida.

Disse-me ele que numa proxima reorganização do exercito em Guimarães vai ser colocado um batalhão do regimento de Inf.ª nº. 6 com um comando militar dado a tenente-coronel; e sendo assim prometteu-me ao acei-

tar a colocação naquela cidade para ele poder vir p.ª aqui.

Não me opônho. Guimarães é melhor terra, centro culto e... sempre é variedade.

Autorizei-o a tratar do caso.

Penafiel.

Junho: 8.

Hoje, dia consagrado ao Exercito. Estamos na Semana das Colonias e não poderia faltar esta homenagem aos militares que tão bravam.te se bateram contra os negros e os indios...

Por isso, por ordem superior, em todas as guarnições, houve sessão solene com a retorica do costume, musica nos jardins, guarda de honra ao içar da bandeira, etc. etc. — e isto tudo precedido dum resumo da epopeia publicado em ordem regimental na vespera.

O resumo da epopeia é o documento mais extraordinario que se pode conceber e que só se pode compreender saído do Ministerio da Guerra em periodo militarista e... integralista.

Junto aqui para memoria.

Escusado será dizer que na sessão solene de hoje eu fui um... dos oradores.

2,96

O coronel Barbeitos Pinto, comand.te militar, não me dispensou e lá fiz de entreter o auditório cerca de um quarto de hora, p.a fazer tempo para o capitão Artur Carlos de Barros Basto pronunciar a sua conferencia.

Mas... oh ironia das coisas! oh desgraça do Estado-Novo! oh pobre militarismo!... Quer eu quer o Barros Basto só tivémos palavras de reprovação para os imperialismos, para os militarismos, para o capitalismo, para a soberania do musculo, etc. etc. contrariamente ao exposto no celebrado resumo da efopeia; quer um quer outro não se moldáram ao modêlo enviado pelo ministerio da guerra — e eis-nos em vôos de fantasia pela liberdade de pensar, pelos malefícios da intolerancia, pelo espirito cientifico das descobertas, pelo valor construtivo dos nossos homens do seculo XV, etc. etc. etc.

Foi sessão quasi escandalosa.

Não guardarei o que escrevi para ler na sessão porque a prosa nada vale: foi um amontoado de frases, com certa ligação, é certo, mas escrito á pressa para satisfazer o solicitado. Procurei chamar a atenção para o valor cientifico das navegações, para a originalidade das mesmas

33

nho.

CÓPIA do artº 4º da O.R.de 7 de Junho de 1933

DIA DO EXÉRCITO

Que para os devidos efeitos se publique a Circular nº 21 da Rep.do Gab. do Ministro,do Ministério da Guerra,de 2 do corrente:

"Sua Exª o Ministro da Guerra encarrega-me de enviar a V.Exª. o resumo da nossa epopeia militar colonial,a que se refere o nº 5º da Circular nº 18,de 24 do mez findo,desta Repartição do Gabinete,a fim de,nos termos da mesma Circular,ser publicado na Ordem na véspera do "Dia do Exército".

a)-Resumo da nossa epopeia militar colonial:

É Portugal a nação de mais remotas tradições coloniais. Já isso bastàra para nos encher de orgulho,porque legítimo é o orgulho pelas glórias da Pátria. Mas para nós,militares,uma outra razão acresce: a de que o nosso Império Ultramarino foi ganho à ponta de lança,à custa de sangue abundante e generoso; não,por artifícios ou negociações.Mais do que nunca,importa acentuar isso,porque o melhor escudo dos povos é o gume da sua espada. E porque assim é, há que guardar fundo, em nossos corações,o culto da tradição guerreira do Velho Portugal. Se a nossa Raça não tivera,mercê do destino,extraordinàris qualidades militares, não viveríamos hoje numa Pátria independente e jàmais haveria sido escrita a epopeia maravilhosa das conquistas. Se,tambem,a nossa história é,entre todas,privilegiada,a que o deve,senão ao esforço ingente dos guerreiros de antanho ?

Rompendo com a empreza de Ceuta,nos alvores do século XV,a série das campanhas ultramarinas continua e alcança em menos de cem anos-rapidez incrível-os limites do longínquo Oriente,onde pela primeira vez relusem as armas europeias. Marinheiros destemidos,soldados valorosos, capitães de inteligencia tática e firmeza excepcionais vencem inimigos temíveis,em combates de gigantes. As operações em torno de Cochim,por Duarte Pacheco, a tomada de Goa por Afonso de Albuquerque,e os dois cêrcos de Diu,defendida por António da Silveira e D.João Mascarenhas, são fulgentes episódios,entre centenares de outros,que irradiam luz imortal sobre o nosso Passado.

E ainda há bem poucos anos, as campanhas de África novos florões acrescentaram à antiga coroa de triunfos, provendo que os soldados de hoje dignos são dos seus heroicos ascendentes de há quatro séculos. Uma Pátria em que assim revive, claro, o esforço dos antepassados pode confiar no Futuro, porque, como a Raça, ela será imortal !

Quartel em Penafiel, 10 de Junho de 1933

e suas importantes causas economicas; larguei varias directas ao capitalismo, ao moderno imperialismo português e á inanidade dos esforços da gente de dinheiro perante o avanço moderno das ideias; lancei, de permeio, louvores ao general Norton de Matos; e terminei por dizer que só a Liberd.e nos salvará, a liberdade do individuo, a liberd.e de pensar, a liberd.e de escrever e... a liberdade de pôr de lado as gloriosas tradições dos nossos maiores...

O Barros Basto, esse, como judeu que é, procurou mostrar a influencia semita no litoral da Peninsula e em especial no de Portugal, de onde saiu o impulso principal para as descobertas; a influencia de raça na propria maneira de progredir nas navegações e na de colonizar; e com varias rasteiras ao catolicismo e ao imperialismo, encheu 3 quartos de hora.

Como se vê, foi festança rija e de pancadaria na Ditadura.

E o que é mais curioso é que o auditorio parece que não desgostou...

E' claro que se gostaram, tiveram só o gosto teorico; na pratica, S.to Antonio Salazar lhes valha, que tudo póde.

Penafiel.

Junho: 9.

Chegáram-me hoje, da Imprensa da Universid.e, 50 exemplares da separata dos meus Oleiros de Miranda do Corvo.

Mais um folheto para acrescentar ao modesto numero dos que já estão publicados com reduzidissimo exito.

Entra na categoria do genero de investigação minúcia. É o que se poderá chamar uma obra prima entre as bagatelas.

Penafiel.

Junho: 10.

Quanto ás camisas azuis já aqui falei anteriormente, causáram certo mal á terra. As prisões feitas mantêem-se ainda no Porto e com incomunicabilidade; e varias pessoas da cidade, muitos republicanos de consideração, entre os quais o distinto medico dr. Joaquim Cóta, andam fugidos porque ainda está suspensa a ordem de prisão.

Têem-se feito deligencias junto do administrador Coelho dos Santos, mas sem resultado. O proprio presidente da Câmara, o capitão Arrochela Lobo, chegou a ameaçar com pedido de demissão colecti-

va da veneração, único meio de pôr fóra o publico — mas ele, nada! Vai ficando como indispensavel.

É pranda a verdade que se diga que o Arrochela Lobo tambem não pôz em pratica a annexação...

E assim vamos vivendo, no seguro duma «liberal constituição» com garantias e liberdades bem consignadas.

Penafiel.

Junho: 22.

Grandes e boas novidades poderia deixar aqui!

Mas não tenho tempo nem disposição para escrever largamente, com bom humor. Desde noticias de arripiar politica até ás festas do Corpus Christi, muito e muito teria para dizer.

Aquelas, complexas e cheias de aprehensões; estas, curiosas festanças arcaicas, sobrevivencias de seculos que eu não julguei encontrar ainda num paiz do seculo XX.

É' possivel q. venha a escrever acerca das festas, manancial de considerações de varia especie; sobre a politica... nem sei se valerá a pena, tanta miseria surge neste recanto!...

Penafiel.

Junho: 25.

Recebi hoje resposta do Hernani Cidade á minha carta de 13 do corrente. Com os naturais agradecimentos promete falar do meu Nunalvares — coram populo.

Vamos a ver.

Penafiel.

Junho: 29.

Como comand.te do regimento recebi hoje a circular confidencial n.º 80/D de ontem, emanada do Quartel-Gen.al da 1.ª Região Militar.

Transcrevo-a porq. desejo ficar com ela p.a a reler com cuidado quando isso me apetecer...

« Para os devidos efeitos, S. Ex.ª o Brigad.º Comand.te da Região encarrega-me de transcrever a V... a circular confidencial e secreta n.º 170/D da Repartição do Gabinete de S. Ex.ª o Ministro da Guerra, de 27 do corrente que é do teor seguinte: — O Governo da Republica elaborou um projecto de Constituição; apresentou-o á discussão por intermédio da Imprensa. — Essa discussão foi feita livremente. Paralelamente foi o mesmo

projecto discutido em Conselho de Ministros, aprovado e, em seguida, submetido á apreciação da Nação. — Esta pronunciou-se, todos o sabem, por uma esmagadora maioria, a seu favôr. — Aquele governo demitiu-se e, pelo Chefe do Estado outro foi escolhido. — Assim, terminou a Ditadura Nacional e se entrou em regime constitucional. — A par desta evolução politica, a situação financeira e económica do País é tal que ao chefe da delegação portuguesa á Conferencia Economica Mundial, em Londres, foi possivel declarar em plena assembleia, que Portugal tinha resolvido, de per si, os problemas mais instantes do momento que passa e sobre os quais aquela Conferencia deveria pronunciar-se. — Portugal apresenta-se neste momento de terrivel crise economica e financeira numa situação mundial excepcional. — Apesar, porem, de toda a obra realizada a Bem da Nação, e do caminho percorrido de baixo do ponto de vista politico, lamentavel é ter de constatar que os profissionais da desordem não desarmam e procuram, por todos os meios, provocar a alteração da ordem publica. — Com maior autoridade se pode o governo para esmagar sem complacencias de qualquer especie que o

Bem da Nação não permite, toda a tentativa revolucionaria q. por ventura possa surgir. — É neste sentido que S. Ex.ª o Ministro me encarrega de chamar a atenção de V. Ex.ª — Espera o Governo reprimir pronta e rapidamente toda e qualquer alteração de ordem publica. — No entanto é indispensavel que, por parte de todos os comandos, não só as medidas de vigilancia dos quarteis sejam intensificadas, mas as medidas a tomar para uma marcha rapida dos destacamentos para os seus locais de concentração [1] estejam decididas preparadas, por forma q. as operações de mobilização e concentração desses destacamentos se executem ao 1º indicio de alteração de ordem publica e com a indispensavel rapidez á sua mais eficiente acção. — Para tanto é indispensavel que tanto os comandos das unidades como os dos destacamentos tomem todas as medidas indispensaveis á segurança das operações a realizar. — Mais me encarrega o mesmo Ex.mo Sr. de chamar a atenção de V. Ex.ª para o facto de, na concessão das licenças, se ter presente que estas devem ser concedidas sem que, de forma alguma, a eficiencia dos des

---

(1) Os publicados são de circular.

tacamentos seja prejudicada. — O chefe do Estado maior interino — (a) Adriano Rodrigues, major. »

Como se vê, é documento cheio de interesse — e que merecerá ser lido, mais tarde, quando apetecer.

Penafiel.

Julho: 2.

Ontem recebi, como comandante do regimento, o seguinte curioso telegrama do paroco de Travanca de Sinfães:

« Constando musica regimental vir tocar arraial civil adro que me foi entregue faço respeitosa comunicação ser forçado pedir musica interdito eclesiastico salientando minha inteira oposição recurso ministro guerra. Abade Travanca Sinfães Alexandre Miranda. »

Isto traduzido quer dizer que o abade excomungaria a banda regimental se ela tocasse no adro da sua igreja e que se oporia a que eu ou as autoridades militares recorressem p.ª o ministro da Guerra.

O arrôjo destas creaturas! Como se sentem superiormente apoiado!

2,94

Mandei tirar copia do telegrama e enviei-a com a seguinte nota para o comando da Região:

« Por me parecer um pouco contrario ás leis da Republica e porventura ás do bom senso, remeto a V..., por copia, para conhecimento do Ex.mo Comand.te da Região, o telegrama que recebi em 1 do corrente, do paroco de Travanca de Sinfães. — Informo V... de que não houve, com a banda regimental desta unidade qualquer contrato ou sugestão de contrato para ir tocar ao arraial civil a que o telegrama alude. »

Estou convencido de que a nota e a copia do telegrama serão cautelosam.te arquivados e a minha atitude alvo de motejos.

São até capazes de considerar, tambem, o telegrama como afirmação de caracter do eclesiastico — q. pelos vistos parece façanhudo.

Penafiel.

Julho: 3.

Seguem extractos duma carta a meu Tio José Augusto Pimenta que conservo aqui por mera e talvez inutil curiosidade:

« . . . . . .

Agradeço, tambem, as apreciações que faz aos meus dois opusculos.(1) Tenho recebido cartas amaveis de pessoas varias acerca dos mesmos e estou satisfeito; mas a Imprensa é que não fala sem a cunha servil e eu não me baixo a isso. Diz-me um amigo que eu quero morrer inédito; mas é melhor assim do que o elogio solicitado. — Tenho já elementos p.ª dois trabalhos a que aplicaria o mesmo metodo e criterio que apliquei para o Nunalvares; são eles de maior tômo e que só poderei fazer em Coimbra e Lisboa e com tranquilidade. Um poderei chamar O valor militar dos chefes na Guerra da Restauração e destina-lo-ia á comemoração do 3º. centenario de 1640; ao outro chamaria Os conhecimentos militares de Camões assunto que ha muitos anos me prende e que contribuiria possivelmente para se avaliar a complexidade da cultura do Poeta. — Mas tudo isto depende de tempo e de tranquilidade de espirito; e se aqui tenho algum tempo não tenho elementos de estudo, nem ambiente nem o sossêgo de animo — alem de

---

(1) Nunalvares, chefe militar e Oleiros de Miranda do Corvo

que trabalho bastante na m.ª preparação para o curso prox.º de Caxias onde não quero aparecer como recruta. — . . . . . »

Penafiel.

Julho: 22.

São 23 horas. Constou agora na terra com a insistencia das "boas" noticias que o governo está demissionario devido á questão dos generais.

Será desta?

Os generais e brigadeiros serão, pelo menos uma vêz, generais e brigadeiros?

Custa a crer...

Penafiel.

Agosto: 12.

Aconteceu-me ontem um desastre... Uma senhora que aí está no Hotel Avenida, quarentona galante, romantica e me parece bastante ingénua, é possuidora dum album q. a acompanha sempre e lhe serve p.ª repositorio de banalidades á moda dos meados do sec.º passado.

E como lhe disseram que eu era "escritor" (!) solicitou-me com galantaria um pensamento!... Nem mais nem menos!

Depois de tentativas de recusa, descartei-me da solicitação com a seguinte bugiganga:

« Disse Paulo Bourget (não me recordo em q. livro) que os militares, com os habitos da profissão ficam reduzidos a uma grande simplicidade de inteligencia e de pensamento. Julgo-me já nas circunstancias indicadas pelo psicologo francês: não me sinto capaz de encarreirar um conceito digno de aqui ficar registado. Apenas poderei socorrer-me dos conceitos atheios; e perante as bondades de Vlª. eu creio que posso, com felicidade, recordar o filosofo Marco Aurelio quando disse que só é digno de preocupar os nossos pensamentos o cultivar a verdade e passar a vida sem colera e espalhando a bondade no meio dos homens mentirosos e injustos. »

A' custa de Bourget e do Marco Aurelio lá me safei da dificuldade. Ela, parece que gostou muito... A prosa saía um pouco fóra das banalidades já arquivadas; e... vá lá! uma quarentona bonita lisonjeada é sempre uma pessoa agradecida.

S. Vicente do Pinheiro. Termas de Entre-os-Rios.

Agosto: 15.

Tres dias passados aqui, no Hotel de S. Vicente, debaixo da folhagem de velhos plátanos, ao fresco agradavel do nordeste. Tres dias de descanço, por entre a agitação das termas, ouvindo musica dum terceto discreto, vendo passar a mais variegada fauna endinheirada das cidades que os reales de tenuguios trouxeram a estas paragens.

Passa-se, assim, bem o tempo, sem fazer nada — só a ver os outros e a ouvir os outros.

Poucas paisagens largas. Apenas quadrinhos reduzidos, encostas arborizadas caracteristicas da região, com casinhas encastoadas em verdura e algum campanario de igreja mais sobranceiro; ribeiros sinuosos afogados nos freixos e fais carregados de cepas de enforcado. Uma paisagem quasi idilica, boa para convalescentes de reales mesquinhos.

Mas amanhã volto á lida do costume; volto para Penafiel onde a minha presença é apenas oficialmente necessaria.

Penafiel.
Agosto: 18.

Na ordem de serviço da Região chegada hoje, vem a m.ª nomeação p.ª Juiz militar do Tribunal Militar Territorial do Porto. Vou, pois, largar Penafiel no fim do mês e, possivelmente, para sempre.

Será desta?

Estou aqui oficialmente há 343 dias; faltam-me 23 para completar o ano necessário. Conseguirei acabar com a aventura?

Barca de Alva.
Agosto: 28.

Para quem, há cerca dum ano vive no Minho, na região do Sousa, de certo uma das mais belas da província, está arrancada, duma só vez, até Barca de Alva, não pode deixar de impressionar extraordinariamente.

Ao deixar os vales amenos e tão cheios de pitoresco das ramadas e das arvores do enforcado, ao deparar com o Douro, do alto, nos sítios da Pala e Mosteiró, nasce-se inesperadamente a impressão da grandeza. Deveria ser por aquelas paragens que o Príncipe Jacinto, ao subir

para o seu castelo da Gran-Ventura murmurou em extase:

— Que beleza!

Depois, a sucessão de cenarios é extraordinaria e de constantes imprevistos. O Douro, ora vai apertado em curvas duras, ora se espraia em larga bacía alegre como na Regua — na qual se sente a impressão de uma caldeira imensa em que os bordos são a curva sinuosa das serranias.

Para cá da Regua, então, o cenario varia ainda mais; e impressiona ver como o homem lutou com a terra, como a dominou aos poucos, metro a metro, galgando encostas abruptas, subindo aos cabeços — enchendo tudo com a vinha, colorindo com aquele verde macío que vai perder-se nalguns montes com a neblina fina q. corria do poente.

E', de facto, formidavel o aspecto que tomam aquelas margens: a beleza natural e o duro trabalho humano.

Mas, ao atravessar o rio, do Tua para cá, na margem esquerda — então os olhos cheios da verdura suave dos montes, dão com novo cenario, aspero, de côr baça, quasi indistinta, com aspecto de desolação inquietadora que me suscitou intimamente a interrogação:

— Para onde venho eu?

Vagamente, a memoria trazia-me as gravuras que eu, em creança, via nos livros de vulgarização de Flamarion, com representações de paisagens da Lua. Seria aquilo parecido com a Lua desolada e fria? Que assombroso q. é este leito do Douro, da Ferradosa para aqui, tortuoso, de margens chistosas, onde correm lascas de pedra negra como lousa, de montes conicos sobrepostos, de uma amarelidão incomodativa — monotono muitas vezes, deserto sempre, sem som claro de vida humana, deixando ouvir apenas o marulho das aguas torvas sobre as penedias agudas!

O Principe da Gran-Ventura não diria aqui a exclamação admirativa que teve ao subir para o castelo; ter-se-ia possivelmente constrangido sobre a albarda da égua e talvez fechado os olhos...

Tirante a bacia da foz do Sabôr onde ha certo conjunto alegre de verdura ao rez-da-agua e de arvoredo nas encostas, e onde as ondulações da terra são dum efeito cénico inesperado, tudo o mais é desolador, confrangente, embora de grandeza comevedora. E assim se chega aqui, a este recanto longinquo onde as

elevações são maiores, de asperera formidavel, riscadas por alinhamentos infindaveis de amendoeiras

E ao ver em frente a casa e quinta de Guerra Junqueiro, do outro lado do rio, fico-me a pensar como cresceu aqui um homem de genio! E alguem já procurou ver se esta paisagem estranha teria exercido alguma influencia na obra do Poeta? Os criticos q. ultimam.te lhe teem dado para baixo como em centeio verde, teriam vindo a estas paragens e procurado penetrar o que na infancia de Junqueiro poderia ficar a marcar para o resto da sua vida?

Aquelas expressões violentas, as comparações, a tendencia p.a o exagero, não viriam do apocaliptico desta paisagem e da violencia das aguas e do vento no inverno que no cerebro infantil teriam ficado a soar como trovões e a bater como titans?

Recolhâmos estes pruridos de critica ligeira... A noite cái, o calor abafa. O amarelo da paisagem sufóca.

A agua do Douro está mais negra, com o entardecer...

Ai! o Minho alegre e fresco!

Barca de Alva.

Agosto : 29.

Ora ontem, já a noite se fechava, desci á beira do rio, á procura dalgum preso — que não encontrei. O Douro murmurava por sobre as fedras; e esse murmurio era o unico que se ouvia naquela solidão soturnacada.

Assim estive um bocado pensando no que seria a vivacidade de Junqueiro naquela quinta da Balôca, do outro lado do rio, onde umas luzes anunciávam a presença de habitantes.

A certa altura, para o nascente, começou a ver-se alguma claridade; afigurarem depois nos seus contornos os montes de forma comica; e dentro em pouco surgiu uma lua cheia ou quasi cheia, por entre as amendoeiras, que deu um tom lívido a toda a paisagem já de si estranha.

Lembrei-me, então, dos versos da epistola aos simples: «... e a lua cheia, alem, por entre as oliveiras... etc.»

Mas, de repente, lembrei-me de q. o que ali havia eram amendoeiras!... Filas e filas de amendoeiras copadas e alinhadas, desde cá de baixo, do vale, até

aos altos, em filas extensas quasi ripara-
sas... Onde viu Junqueiro as oliveiras
de que parece não haver memoria na re-
gião?

Seria liberdade poetica? E porque
não? As amendoeiras teem mais uma
silaba e iriam perturbar a cadencia do
verso: «... e a tua cheia, alem, por entre
as amendoeiras...»

Não, não ficava bem. As oliveiras
sim e ainda mais tinham a qualidade sim-
patica de serem um simbolo pacifico.

Com estes considerandos inocentes, o
Ventos ia passando e o douro continuava
a dar o unico sinal de vida, murmuran-
do por entre os rochedos, quando ao lon-
ge se começou a ouvir o som abafado
dum trovão.

Do sul surgia uma trovoada q. em
pouco se desenvolveu com alguma vio-
lencia; os relampagos davam mais bri-
lho ao cenario e os trovões vinham com
som cavo, profundo, que parecia vir das
entranhas da terra e ecoavam estranham.te
por esses vales e quebradas, numa sobre-
posição de sons impressionante.

Recolhendo ao lugarejo porq. começá-
vam a cair uns pingos de chuva, notei
que a sinfonia espantosa que parecia

querer acabar com o mundo, poderia ter dado a Junqueiro aquela imagem do domador de feras a chicotear trovões.

Não ha duvida que a imponencia do concerto parecia rir, não dos altos mas das entranhas da terra; e que, lá de baixo, de immensas cavernas sonoras, vinham os sons brutaes das chicotadas dos titans dominadores.

Junqueiro teria ouvido em creança alguma dessas trovoadas? Se ouviu, o que é naturalissimo, no seu espirito se teria gravado a imponencia do espectaculo e o pavor da orquestração infernal.

Algum critico do Poeta veiu por acaso assistir a uma trovoada em Barca de Alva?

Veiu algum critico a Barca de Alva ver subir a lua cheia por entre as amendoeiras?

Tive eu essa sorte, na feliz noite de 28 de Agosto deste triste anno de 1853; e aqui deixo estes commentarios por curiosidade — fr. talvez um dia fazer qualquer uso deles.

Senti o domador de féras a chicotear trovões e ouvi o rugido das feras; posso affiança-lo... E vi a lua, não sem certo estremecimento, como a al-

ma de um justo ir em triunfo ao céu!...

Feliz a ideia q. tive de dar esta passeiata. Alguma superiorid.e adquiri sobre os terriveis criticos de Junqueiro...

Penafiel.
Agosto: 30.

Vou-me amanhã embora para o Porto. Deixo Penafiel possivelmente para sempre.

Completo hoje 355 dias de serviço e faltam-me 10 para completar o ano que me é necessario p.a a promoção. Estou, pois, quite com o regulamento das promoções e posso deixar o serviço sem prejuizo.

Estive, de facto, oficialmente, 355 dias em Penafiel. Fui 13 vezes a Coimbra e com estas treze escapadas completei 51 dias. E p.a completar a estatistica levo um excedente de despesa sobre as receitas de uns quatro contos e quinhentos mil reis (4:500$00).

E' uma brincadeira que eu devo á Ditadura, alem da outra brincadeira do tempo em que estive no quadro com redução de ordenado — redução que ainda não me lembrei de apurar devidamente.

Completei quasi o ano de comando necessario porque aqueles 51 dias não foram contados por serem todos de favôr ou licença particular.

Sáio de Penafiel a bem com todos; com Deus e com o Diabo e não por dubiedade minha mas porque tive o cuidado de tratar com as pessoas conforme o que as pessoas eram. Não estabeleci carreira unica e assim creio que a minha provavel saída definitiva será tomada com certa pena.

Bastóia?

Coimbra.

Setembro: 2.

Apresentei-me ontem no Porto, no Tribunal Militar. O presidente não estava; o promotor e juiz auditor não estavam; o defensor, a mesma coisa...

Falei pelo telefone com o presidente que pelos fios receberam a apresentação.

Fui ao Quartel-general onde o chefe do Estado-maior me recebeu com ares sibilinos; e onde o Schiaffa de Azevedo me tratou muito bem mas ~~me~~ deu-me a impressão de que não teria gostado muito das m.as ultimas confidenciais. No entretanto autorizou-me a ir para

Coimbra e disse esperar que eu não falte ás sessões...

Sempre correcto, atencioso, mas desta vêz não sei se preocupado com um trabalho que tinha sobre a mesa ou se algum tanto frio por causa das minhas novidades de comando.

Enfim, aqui estou. Qualquer dia irei a Caldelas — e depois esperarei os avisos para comparecer ás sessões

Boa vida, afinal.

Caldelas.

Setembro: 16.

Desde 7, á tarde, que aqui estou, na mesma monotonia dos outros anos — olhando para o largo vale do poente ou para a encosta norte em que as oliveiras dão certo tom plumbeo á verdura dos pinheirais.

A mesma coisa sempre, a mesma monotonia, a mesma solidão no meio do bulicio dos cento e tantos hospedes do hotel, ouvindo a musica dum terceto modesto de manhã e á noite e ás veres os roncos dum aparelho radiofonico que a empresa tem ás ordens de quem gosta.

Mas tudo isto continua a ser para mim o mesmo refrigerio anual; sinto o mes-

nio bem estar depois do ano passado no contacto com a vida e só lastimo não poder prolongar esta cura por mais tempo. No prox.º dia 20 terei de largar isto e seguir para casa — e lá vou outra vez envolver-me na m.ª vida amaldiçoada (será exagerado, o têrmo?) e sem finalidade, suportar tôdas as contrariedades e desgostos, etc. etc. etc.

Que agradavel que está, neste momento, a viração! que brilhante que está o mar de dos galatãos e dos pinheiros da encosta fronteira, que bom que é este retiro tranquilo!

A vida tem seus encantos, concedo; mas como se paga um dia bom com a infinidade de dias maus!

Adeante.

Coimbra.

Setembro: 24.

De volta a Coimbra. E aqui estou á espera do aviso para comparecer no Tribunal. A situação tem o seu quê de escandaloso... mas que culpa tenho eu que os regulamentos assim determinem?

Ha 24 dias que recebo ajudas de custo (45$00 diarios) e ainda não fiz qualquer serviço oficial!

3,01

Esperêmos, pois, por ordens. E enquanto elas não vêem, vamos a ver se consigo algum trabalho util.

Coimbra

Outubro: 3.

Hoje completo 54 anos! Quando penso que cheguei a esta idade e nada apresento de importante feito na m.ª vida — ficome a olhar p.ª a vida de outros homens...

Mais de meio seculo sem qualquer coisa de util!...

Esses folhetos que tenho publicado, a minha vida de funcionario militar e a m.ª contribuição para bem da comunidade — o que são alem de bagatelas se não são mesmo nulidades?

Meio-seculo é já muito para uma vida inutil.

Coimbra.

Outubro: 11.

Tive ontem, no Porto, a m.ª primeira audiencia no Tribunal Militar Territorial.

Logo de entrada, recebi um bilhete de recomendação dum coronel Raul de Meneses Vieira Coelho que eu não conheço, no qual pedia benevolencia p.ª um dos julgados nesse dia. E o escrivão do Tribunal

tambem pediu igual benevolencia para o mesmo com a alegação de que o rapaz era tarado.

Começo, pois, a tarefa com a velha e considerada empenhoca.

A sala do tribunal tem certo aparato e solenidade. No pessoal ha tambem mais compostura do que vi em Viseu: maior numero de reformados em cadeiras determinadas; sentinelas de baioneta armada, em sentido; os oficiais com charlateiras, etc. etc. — tudo com severid.e que realm.te é necessaria, embora a Justiça seja o que, infelizmente, ainda é.

O presidente, neste quadrimestre, é o coronel de Cavalaria Alexandre Inacio de Barros Wan-Zeller, de origem holandesa, alto, esguio, já todo branco. Comandante de Cavalaria 9, tem preocupações de cavaleiro e de fidalgo, e é homem da completa confiança da actual situação politica. Orgulha-se de ter brincado, em creança, com o actual rei Alberto, da Belgica, e de este lhe pôr um freio de cordel, com as competentes redeas, tambem de cordel, e o obrigar a fazer de cavalo para o que lhe dava as devidas e bem puxadas chicotadas. Orgulho bem cabido em fidalgo: servir de cavalo a um principe...

O juiz auditor, o dr. Alberto Alencastro da Fonseca Bordalo, meu contemporaneo mais velho de Coimbra, é hoje um velho juiz sereno, ponderado, que mantem com dignidade o seu logar, expõe com simplicidade os factos e interpreta com clareza a Lei. Ha trinta e tal annos foram, este homem com aspecto bonachão, conservador, de calma bem evidente, era, quando estudante, um dos poucos que em Coimbra deixou nome — e até deixou a alcunha de Calabaça cuja origem agora me não ocorre. Era desordeiro, valentão, bom bebedor; mais boémio, mais arruaceiro, cabula á mistura e fumeiro incorrigivel. E hoje é o juiz auditor dum tribunal militar, cheio de dignidade e de consciencia do seu cargo. O que trinta e tal annos fazem na vida dum homem!

O promotor, o tenente-coronel Joaquim Jeronimo Cardeiro de Brito Faria, é um antigo condiscipulo da Escola do Exercito que, por perder um dos annos ficou para o curso seguinte. E' um optimo rapaz, insignificante, destes homens que vemos tudo pelo seu lado utilitario e por isso é promotor como poderia ser defensor se a roda, na occasião, lhe con-

viésse. E' um funcionario e creio que criterioso. Tem exposição pouco facil mas com a vantagem de ser bréve.

O defensor oficioso, o capitão de Infantaria Luis Pereira Faceira, é muito diferente. Tem linha, tem até certa imponencia; a propria figura o ajuda bem. E' moreno, de olhos grandes e inteligentes; testa larga e cabelos negros e corredios que ele afaga com solenidade quando fala; mãos de grande mobilidade de que parece tirar partido quando gesticula; vóz forte e sonora, maneira de falar fluente, retorica, genero antigo, mas afinal agradavel pela forma correcta e sóbria de que usa. Está bem no seu lugar, toma o seu papel m.to a sério (o que é simpatico) e até a sua farda bem vestida e bem feita onde ha varias medalhas, o ajuda com vantagem. Tem ao discursar, um jogo de dois lenços muito curioso; um para as mãos, outro para o rosto — e com eles tira certos efeitos. E' interessante. Exerce o cargo ha uns 10 anos com geral agrado.

Quer o promotor quer o defensôr, nos cumprimentos do estilo ao começar os quadrimestres, foram amaveis para com os novos juizes. O promotor foi sóbrio, lembrou simplesmente que

os dois juizes militares foram seus condiscipulos e amigos e por ambos tinha a maior estima e consideração.

Mas o defensôr alargou-se em considerações retoricas, com frases floreadas: evocou p.ª com o Wan-Zeller os primores e gathardia da velha Cavalaria portuguesa; e a meu respeito quiz traçar um perfil lisongeiro em excesso, afirmou conhecer-me, de nome, ha m.to tempo e saber que eu tinha autorid.e enorme como julgadôr por ser ainda um dos representantes da disciplina da velha escola, austera e implacavel, soberanceira a paixões, etc. etc. O retrato não foi, valha a verdade, muito verdadeiro; mas enfim, no final da audiencia, tive de lho agradecer.

Os réus foram dois:

1) Antonio Marcelino, desertor do regimento de Inf.ª 18, natural de Armamar; tipo anormal; e

2) José Ferreira de Araujo, tambem desertor, do regimento de Inf.ª n.º 8, natural de Barcelos. Tipo normal, espertalhão.

Coimbra.

Outubro: 14.

Ontem, segunda audiencia no Tribunal, com 3 réus, um dos quais poli-

cia da segurança pública da cidade de Braga. E como o caso deste agente tem certo pitoresco, deixo-o aqui mais explicado do que os outros:

3) <u>António Joaquim Lopes da Cunha</u>, sub-chefe da Polícia de Braga, autor encadernador.

Em Abril deste ano, salvo erro, houve em Braga uma procissão <u>do enterro</u>, à noite; para melhor efeito as luzes das ruas por onde passava foram apagadas e apenas o cenário era iluminado pelas velas dos irmãos das Irmandades, etc. A certa altura, na rua do Souto, um fotógrafo fez explodir um cartucho de luz de magnésia; o clarão causou pânico; o barulho dos vidros das montras quebrados aumentou o pânico; o mulherio que tinha filhos a fazer de <u>anjos</u> na procissão entrou de fazer tamanha gritaria — e a polícia, à ordem dos oficiais seus chefes, desatou a acalmar e a reconstituir a ordem... à pancada. Este sub-chefe foi visto pelo Delegado do Procurador da República a bater numa pobre mulher que gritava por um filho e increpou-o; daqui troca de palavras, queixas, participações, etc. E o homem veio ao Tribunal. E como, quer o juiz

auditor quer o presidente entenderam que era necessario manter o prestigio da autoridade (!!), o sub-chefe foi absolvido!... Eu levantei o problema seguinte: se a autoridade cujo prestigio se devia manter não era, de preferencia, o delegado do Procurador da Republica — e fi-lo da maneira mais amavel; procurei convencer os dois de que seria preferivel dar-se uma leve penalidade ao Ramos, mas nunca uma absolvição. Não houve meio e o réu foi absolvido. Pensei em assinar vencido, mas não o fiz para não parecer caturrice ou possivel incorrecção p.º com os colegas... E o publico não compreenderia a discordancia que era apenas de principios.

4) Luis Antonio da Costa, soldado desertor do regimento de Inf.ª nº. 3, natural de S. Martinho da Gandara, concelho de Ponte de Lima. Antigo carpinteiro.

5) Manuel Ferreira da Costa, sold.º do regimento de Inf.ª nº. 18, natural de Aguas Santas, conc.º da Maia. Padeiro. Infeliz em questões de dinheiro.

Nota curiosa: os jornais de hoje, noticiando a audiencia, vieram a amabilidade de ocultarem o julgam.to do policia absolvido. Naturalmente a censura re-

se o cuidado de cortar, para que o prestigio da autoridade não soffresse a minima parcela...

Porto.

Outubro: 17.

Hoje, 3ª audiencia, bastante movimentada e que só acaba amanhã.

Trata-se dum caso complicado por varios motivos e os réus são seis: um friso curioso de caras de varias especies e de variadas varas. Trata-se em resumo duma especie de quadrilha que existia no Grupo de Artilh.ª de Montanha nº. 15 em Viana do Castelo: os quartaleiros roubavam os generos das arrecadações para os vender por baixo preço a certo carroceiro da cidade António Martins Cabanelas Junior; havia tambem roubo de arreios e vario material de guerra; fazendas de arrombamento do cofre do Conselho Administrativo; roubo de caixas de roupas de outras praças do regimento; etc. etc. — num conjunto tão estranho que fiquei sabendo que naquela unidade militar não havia qualquer fiscalização e tudo corria á matroca.

Nos depoimentos de acusação os oficiais e os sargentos sairaram-se, é

2.06

claro, em saude e afirmaram contínuas vigilancias e verificações rigorosas, sacudindo muito deshonestamente a agua do capote. Mas o piór é que, pelo processo, que fala bem claro, se prova o contrario. Os roubos somam muitos contos a ponto de a defesa chamar correctamente a atenção para o enorme desleixo em q. estavam os serviços, desleixo que provocou os crimes e transgressões por que estavam a responder aqueles réus.

A defesa pretendeu adiar o julgam.to alegando nulidade no processo e outros expedientes — mas o auditor opôr-se e o Tribunal não autorizou.

Ás 18 h. ainda se estava no interrogatorio dos réus. Luzes acessas, ar de cançasso em todos. Ás 18 h. e 30 m. foi interrompida a audiencia p.a recomeçar amanhã.

Os réus são:

6) Francisco Manuel de Oliveira Carvalho, 1.º cabo daquele Grupo de Artilh.a e filho do visconde de Fraião e natural de Braga — neto, por consequencia, do falecido coronel de Inf.a Pereira Dias e ainda sobrinho-neto do general de Engenharia ha pouco falecido Pereira Dias, por sinal q. excelente pessoa e homem sério. Este

rapaz é um desequilibrado. Recebeu ha uns tres anos a legitima paterna por chegar á maiorid.e e em poucos meses estragou tudo; e depois dum cunhado o querer encarreirar p.a o comercio, veiu a assentar praça e se no carreira comercial nada conseguiu, no exercito foi sempre um indisciplinado. Neste processo é o acusado de tentar arrombar o cofre regimental, de vender generos entregues á sua guarda e ser propriamente o chefe da quadrilha.

São sinas, diz o Povo. E' a decadencia das raças finas, direi eu.

7) João Moreira, 1.º cabo quarteleiro. Natural de Riba de Mouro, Monsão e antigo caixeiro.

8) Antonio Pereira Baptista, 1.º cabo e antigo estudante. Casado por ser obrigado a seguir a estupro em menor. Natural de Aborim, conc.º de Barcelos.

9) Antonio Francisco da Costa, soldado carroceiro do Grupo. Natural de Vila-mô conc.º de Viana do Castelo. Lavradór antes do serviço.

10) Domingos Fernandes, tambem soldado carroceiro, natural de Arcozêlo, concelho de Ponte de Lima, lavradór antes de ser soldado.

11) Antonio Franco Maia, sold.º telegrafista da secção da T.S.F. do Grupo. Natural do Funchal, ilha da Madeira e era, antes do serviço, radio-telegrafista. Pelo processo parece ter sido o intermediario entre os quarteleiros e o alquilador Cabanelas.

Uma quadrilha.

Porto.

Outubro: 18.

A audiencia acabou, finalmente, ás 18 horas, debaixo duma impressão de cançasso. A defesa alegou habilmente a anormalidade das faculdades mentais do 1.º cabo Carvalho a quem chamávam o fraião e ~~[illegible]~~ requereu reunião do Tribunal para resolver o caso — mas o Tribunal não esteve pelos ajustes... O debate a proposito do interrogatorio das testemunhas foi interessante, tanto mais que entre estas havia um advogado. O discurso da defesa foi muito bem urdido, muito correcto e logico, e deixou-me uma excelente impressão.

Resultado: varias penalidades conforme o valor da falta e absolvição do soldado carroceiro q. ficou mencionado com o n.º 9 na pag. anterior. Para salvar o cabo Carvalho, o fraião, moveram-se em-

penhos de toda a especie junto do auditor e do presidente. A mim, ninguem pediu certamente por me não ligarem importancia...

Escrevi hoje ao cor.el Coleu Godinho que actualmente exerce as funções de ajudante general, perguntando se o ministro autorizaria a m.a volta ao Quadro da arma e se ele seria capaz de o sondar a esse respeito. Quero ver se me livro de Penafiel; o desarranjo q. isto me causa é enorme — e mal por mal...

Coimbra.

Outubro: 19.

Os jornais de hoje dão a noticia da audiencia de 17/18 mas não mencionam o nome do 1.º cabo Carvalho. Certamente pedidos da familia para se não deslustrar o brazão...

Coimbra.

Outubro: 20.

Hoje nova audiencia, a 4.ª, bastante rapida com 2 soldados e um reformado. Eram eles:

12) Carlos Catheiros, sold.º do regim.to de Inf.ª 3, ainda recruta mas já com 26

anos; natural do concelho de Melgaço e veiu ao Tribunal como desertor.

13) António Ribeiro da Silva, soldado reformado da 1ª Companhia de Reformados; 52 anos, antigo soldado de Infantaria que tomou parte nas campanhas da Huila e Guamato em 1906-1907, com varios louvores na sua folha de serviço. Natural de Felgueiras, onde cheiro antes do serviço e actualmente sem ocupação. Tipo alto, elegante, bem vestido, com os cabelos já brancos e aspecto fisionomico que nada diz á sua observação. Vem acusado de, em 1 de Maio deste ano em Guimarães onde reside, com outros individuos, depois duma ceia cerca das 3 para as 4 horas da madrugada, ao passarem pelo largo do Toural, darem vivas e morras a D. Afonso Henriques defronte da sua estatua. Ora a policia que tem obrigação de ser nacionalista, interveiu; palavra puxa palavra, etc. etc. e aqui está o homem preso em conselho de guerra...

Eu levei isto á conta de bebedeira e quiz absolver o homem; mas os outros juizes viram com o argumento do fiscal da policia, da alteração do sossêgo publico e dos máus antecedentes do réu, bem entraram com as atenuantes dos louvores adquiridos em campanha; eu só

concordei com o argumento dos maus antecedentes que aliás a folha do registo criminal justificava, mas não me conformei com os outros. E como a m.ª discordancia não aproveitava ao réu, deixei que o homem levasse uns 10 dias de prisão — os quais, se não fosse eu, teriam sido triplicados!... Era o que o juiz já tinha escrito. E por dar morras ao D. Afonso Henriques! Crime de lesa-magestade, pelo visto.

Não estou a gostar muito desta Justiça que me não parece de olhos vendados.

14) Adelino Augusto da Silva, soldado do regimento de Inf.ª 8, natural da Povoa do Lanhoso, antigo creado de servir, 36 anos e acusado de desertor. O caso deste merece-me mais umas palavrinhas. Tipo muito curioso: testa deprimida, largos maxilares, nariz adunco, queixo um pouco recolhido, bigode muito ralo; alto, entroncado, boca rasgada com ares sarcasticos e olhar um tanto ou quanto de coruja. Tipo, pois, de aspecto muito estranho. Acusado de um roubo de galinhas em Anissô, conc.º de Vieira do Minho e de, quando recebeu guia para se apresentar neste Tribunal para ser ouvido no processo que por tal motivo lhe levantaram, ter deser-

vado. Na sua folha lia um estadual de faltas, umas militares nas quais se contam oito desercões e outras de caracter civil em que lia varios crimes de furtos julgados na comarca de Vieira. Um completo desgraçado. E' casado, tem cinco filhos e é pobrissimo. A unica prova de sensibilidade que mostrou foi quando no libelo se falou dos filhos e da sua pobreza: os olhos molharam-se e Vieira chorou de chôro.

E a Sociedade não tem remedio para estes casos sem ser de os estar a condemnar constantemente?

Parece que não. E assim este homem que desde novo anda em constantes cumprim.tos de sentenças, continuará pela vida fóra no mesmo fadário.

E' assim que a Sociedade se defende?

Adeante. Isto levaria os comentarios p.a muito longe...

E apara outro assunto.

Salazar deitou fala, ou melhor: deixou-se <u>interrogar</u>...

E' claro que repisa sempre os mesmos temas, a mesma condemnação da Politica e as mesmas ameaças contra os perturbadores «da tranquilid.e nacional»

que constituem apenas «um simples caso de polícia...» E depois de considerando acerca do marxismo, da revolução francesa de 89 e dos indesejáveis portugueses que é necessário pôr em situação de não prejudicarem e inportunarem a revolução nacional termina por declarar com clareza:

«— Temos-nos até agora, numa simples defensiva. (...) Estão a ver agora q. só há um remédio: transformar a defensiva em ofensiva e não consentir que os reus tomem atitudes de juizes.»

Cá ficámos á espera da ofensiva.

Coimbra.

Outubro: 22.

Recebi hoje carta do Coleu Godinho a quem escrevi em 18 passado. Nega-se atualmente a tratar do assunto.

Coimbra.

Outubro: 24.

Hoje houve audiencia no Tribunal, a 5ª. da serie; foi curta apesar de quatro processos e deu-me tempo a apanhar o rapido da tarde.

Os reus foram quatro que aqui deixo relacionados por curiosid.:

15) José Mourato Saboeiro, sold.º da Guarda N.al Republica, natural de Alpathão conc.º de Niza, acusado de bater num civil na vila de Penela (Coimbra). Já respondera em Vizeu mas como recorresse, vein responder aqui — no q. nada ganhou porq. lhe foi confirmada a pena.

16) Albano Ferreira Velho, sold.º reformado da Guarda N.al Republicana onde foi corneteiro. Natural de Celorico de Basto, 35 anos, empregado comercial. Pertenceu ao C.E.P. onde teve louvores e mereceu condecorações. Acusado duma rixa com um colega a quem prometeu rachar de cima a baixo. Só promessa, porem; e por isso absolvido.

17) Joaquim dos Santos, sold.º de Infantaria reformado, antigo combatente do C.E.P. Natural de V.a Real de Traz-os-Montes, 37 anos e jornaleiro. Acusado de rixa numa taberna com o respectivo taberneiro que apanhou com uma garrafa na cabeça, etc. Tambem absolvido.

18) José Teixeira, sold.º do regimento de Inf.a n.º 18, natural de Massarelos, Porto, acusado de deserção e extravio de artigos. Cadastro anterior ao assentamento de praça, levado dos diabos; depois de soldado varias deserções. Outro desgraça-

do, alcoolico, antigo marinheiro, muito batido por Africa e pelo Forte da Graça desde os 20 anos. E a Sociedade defende-se mantendo estes homens ~~[illegible]~~ alternadamente pelas prisões e em liberdade. E fica, segundo parece, satisfeita.

Coimbra.

Outubro: 26.

Recebi hoje carta do Tomás da Fonseca com pedido para eu abrir a 1ª. sessão do ano lectivo da Universid.e Livre, na qual virá falar o Joaquim Namorado acerca do Infante D. Henrique.

Aceitaria de bom grado se o caso não viesse complicações. Estou oficialmente no Tribunal Militar do Porto e seria necessário solicitar autorização.

Coimbra.

Outubro: 28.

Ontem, no Porto, 6ª. audiencia com mais dois processos.

Antes, foram, da sessão trocaram-se impressões acerca dos acontecim.tos de Bragança onde uma revolta de cabos do regimento de Infant.ª matou um Tenente q.º estava de serviço e era dirigida por um sargento — á maneira da revolução de

Cubia que Vaulô tem dado q. falar entre militares. Vi no coronel Wanzeller certa preocupação para não dizer pavôr. Diziame reservadamente que havia ligações com a guarnição de Chaves, Braga e Lamego e que o caso era muito serio. Etc. etc. Alguma coisa mais ele sabia q. me não quiz dizer e que Vaulô o preocupava.

Os réus foram:

19) Eduardo Cardoso, sold.º do regim.to de Cavalaria 9, natural das Caldas de Arêgos, antigo jornaleiro. Acusado de roubo no regimento. Outro desgraçado.

20) Luis Machado jornaleiro, por alcunha «o Baía», da Jumpreira, concelho de Monsarro. Julgado á revelia por assassinio na pessôa do regedôr da freguesia. Depois de altercação na loja do regedor em que o réu lhe ofendeu a honra da mulher, este vibrou-lhe um golpe de canivete de tal sorte que, indo direito ao coração, o matou. Drama juramentado Transmontano. O defensor fez a defesa com certo geito quer nos interrogatórios, quer nas alegações quer no discurso final. Este rapaz é mal empregado em não ter curso de Direito e poder advogar a valer em qualquer Tribunal.

Coimbra.

Outubro: 31.

Hoje, a 7ª audiencia com 4 reus — mas q. me deu ainda o tempo de vir no rapido da tarde.

Forem eles:

21) Joaquim Moreira, sold.º da Guarda N.al Republic.ª, natural de Castelões de Recesinhos, conc.º do Penafiel. Boa figura, de 40 anos, um pouco calvo já. Viuvo. Acusado de violentar uma menor de 15 anos com a qual vai casar; mas como não passou ainda o praso imposto pela Lei para o 2º casamento, o defensôr p.ª dar tempo, requereu a presença de mais testemunhas q. não estão no processo. O Tribunal aceitou e a audiencia foi adiada.

22) Antonio Teixeira, 1º cabo de engenharia por distinção, do Batalhão de automobilistas; antigo serralheiro, nat.al de Castelo de Paiva. A promoção vem-lhe da acção que teve contra os revoltosos da Madeira em 1931. Acusado de, como comandante duma escolta q. ia p.ª Elvas com um preso, não deixar entrar no compartimento que tomára no comboio na Campanhã, outros passageiros apesar de haver lugar e das indicações do chefe da esta-

ção a que se resistiu. Foi condenado; ficou, porem, com a pena suspensa.

23) Luis Moreira Soares, sold.º do Batalhão de Metralhadoras nº 3, com 19 anos, natural de Campelo, conc.º de Baião, antes do serviço m.ar marítimo em Matozinhos. Acusado de abandonar o distrito da guarda, uma tarde, e ir de passeio até á rua de 31 de Jan.º no Porto, mas por pouco tempo porque se arrependeu e voltou... Habituos de liberd.e de marítimo. Custou-me que os outros juizes concordassem em o caso por considerado falta disciplinar e não crime; se não fosse assim, lá ia o rapaz com 19 anos correr a via sacra do crime fº os presidios.

24) Alfredo Thiers da Silva, sold.º do regimento de Inf.ª 6, natural de Miragaia, Porto, 22 anos, casado, antigo empregado da Carris. Acusado de deserção. A mãe e a mulher, gente mal vestida e de aspecto miseravel vieram pedir-me misericordia. Tudo isto é uma tragedia verdadeira, isto é simplesmente horrivel — e a Sociedade tem todas as responsabilidades destes e doutros casos.

Consegui reduzir ao minimo a penalid.e — mas não consegui mais.

Coimbra

Novemb.º: 1.

Ontem, no Tribunal do Porto, antes da audiencia e a proposito do caso de Bragança a que já me referi embora ligeiramente, ouvi o bom e o bonito.

O cor.el Wanzeller, com ar de pessoa inquieta dizia:

— Vamos a ver o que faz o Salazar! Sempre quero ver o q. faz o Salazar!

Ao mesmo tempo que o promotor, como um éco, nervoso, acrescentava:

— O Salazar o que tem é que nos defender! Tem de nos dar os meios de defesa!...

E o coronel, ainda ao compôr as charlateiras:

— E que vá para a pena de morte! Isto só com fusilamento!

Aqui temos a atomosfera em que vivem os defensores da Ditadura. Querem meios de defesa e a pena de morte.

E o mais curioso é que, durante a conversa, entrou um major reformado que faz serviço no Distrito de Recrutam.to e contou, exaltado, que tinham ido ao proprio Distrito uns homens da policia politica e prendido um tenente Mendonça e querido

levar preso um outro oficial que morrera ha seis mezes! O major, gesticulando, dizia que no país nunca tal se fizera: ir a um quartel prender oficiais em serviço effectivo! e prisão feita por civis!... E dizia ainda, com certa graça, que as informações eram tão exactas que até se queria prender gente morta ha seis mezes!... Acrescentou que ás 14 h. ia ao Quartel-General, falar ao brigad.º Schiappa e explicar-lhe o caso que classificava de infamia, etc. etc.

O coronel Wanzeller e o promotor iam expulsos um pôco. Eu, o juiz auditor e o defensôr... muita carraspa! nem uma palavra, por causa das devidas...

E fº terminar...

Hoje, no Quartel-general de Coimbra onde fui receber o soldo, vi por incumbencia minha (confesso a falta...) uma nota do cor.el Joaquim Torres, command.te do regimento de Inf.a nº 19, de Aveiro, em que communicava ter sido um alferes Sabino com não sei quantos dias de prisão disciplinar porque, sendo proprietario dum jornal que se publica em Pinhel, pretendeu transcrever no mesmo um trecho duma publicação clandestina onde «se duvidava "dos merecimentos do sr. Ministro das Fi-

nanças» — o que foi evitado pela censura que por sua vêz chamou a atenção das autoridades superiores.

A publicação tem o nome de A Verdade. Coincidencias curiosas...

A m.ª memoria não tem a certeza se a nota dizia na redacção do castigo «se duvidava» ou «se punha em duvida.» Duma forma ou doutra, o caso era o mesmo. O certo é, porem, que já se castiga um oficial por «pôr em duvida»...!

Coimbra

Novembro: 5.

Houve hoje no Museu Machado de Castro a inauguração das novas salas de pintura organizadas pelo Vergilio Correia, o actual director.

Concorreu muita gente e o director fez uma ligeira alocução.

Passando pela memoria factos de ha um ano, quando morreu Ant.º Augusto Gonçalves, e conversas com o Vergilio Correia, na noite de véla em casa do morto; e ouvindo e vendo coisas de ha um ano para cá; entrando até as transformações que vi no Museu para o julgamento — fiquei com a impressão de que a vida do velho Professôr era um empecilho para este

3,05

rapaz cheio de vontade, de ambição e, até, sem grandes escrupulos; e ainda pensei que, possivelmente, a queda do velho, ha um ano, fosse para ele um alivio.

Estarei a calumniar?

O Vergilio foi discipulo dos jesuitas no antigo colegio de Campolide e é possivel que dessa educação tenha tirado todas as vantagens p.ª a vida. E nesta quadra que atravessâmos os sentimentalismos são prejudiciais e estão, mesmo, fóra de móda.

Tudo isto são impressões minhas, não são dogmas. E oxalá não esteja eu a calumniar.

Lá encontrei o Tomás da Fonseca entre os convidados; pareceu-me um tanto ou quanto desalentado — o que me não admira. Disse-me que a Câmara resolveu ceder a sala das sessões para a conferencia do Joaquim Manso sobre o Infante D. Henrique com a condição de ninguem da Universid.e Livre falar!! Quem abrirá a sessão e dá o ano lectivo por começado é o presidente da Câmara!... e isto pelo receio de que se dissesse qualquer coisa que desagradasse á policia!!...

Assim foi melhor, afinal... E fico eu livre de oratórias que me desagradariam — pois não simpatiso com o ilustre Joaquim Manso que era, no tempo de estudante o «padre Manso.»

Disse-me ainda o Tomás que levámos ambos, a-proposito do Nunalvares, uma tarcia em fórma na revista Brotéria, dos padres jesuitas.

Ainda bem!

Da roupeta de S.to Inacio não poderia vêr louvôr.

Coimbra

Novembro: 6

Aqui estou na biblioteca da Faculd. de Letras a copiar ipsis verbis, da secção bibliografica, a pag. 160, do nº 2-3 do volº XVII, de Agosto - Setembro de 1933, da Brotéria. Revista Contemporanea de Cultura a tôsa que os da Companhia se dignaram aplicar-me:

«Pimenta, Belisario. Nunalvares, chefe militar. — Vol. de 125 x 195 mm. e 62 pag. Coimbra, 1932.

«Mais outra conferencia [1] na Uni-

---

[1] Anteriormente a esta noticia biblio-

versidade Livre de Coimbra. O mesmo propósito demolidor, embora servido por processos menos atrabiliários que a precedente. É', porem, de notar a divergencia de juizos, sobre o mesmo ponto de discussão. Enquanto o Sr. Tomás da Fonseca verifica que o culto católico pôs Nun'Alvares «com os pés para a cova» Basilio Pimenta testemunha que «ha um certo tempo teve ganho duma forma extraordinaria em honras e proveito.» Quem fala verdade na Universidade Livre de Coimbra.

«Ao Sr. Pimenta, pesa-lhe ver o Condestavel envolvido «em tanta fumaça "da de incenso» feito «mandatário da di"vindade em empresas guerreiras»; pé-sa-lhe ver como são «aproveitadas cer-"tas circunstancias da sua vida e acon-te-"cimentos após a sua morte, reveladoras "da ignorancia da epoca (!) para exalçar "a sua figura á categoria de modelo de "perfeição moral.» Quiz ele, por isso, tra-zer o seu perfil guerreiro a mais ver-dadeira luz provando que nos Atoleiros

---

grafica uma outra relativa ao oferecimento do Tomás da Fonseca. Esta noticia que vem a pag. 150-160 é insultuosa e indigna da categoria da revista.

« não inventou o quadrado de Infantaria,
"em Aljubarrota não fez milagre nenhum,
"nem teve qualquer revelação em Valverde
"e afinal foi um homem como os outros.»

« Quanto ao primeiro, com natural espanto nosso o Sr. B.P. depois de raciocinios abstrusos, concede que a tactica dos Atoleiros representa uma inovação dentro dos limites concretos das recentes modificações da arte. O leitor pensava, talvez, nos limites abstractos. E' aprender e... adeante. Se ainda duvidar, repare nesta exclamação soltada... pelo Condestavel ao romper o combate: "Amigos! nenhum duvide de mim!" Estas palavras, com efeito, nada teem de milagrosas!! Em Aljubarrota, tambem, não houve milagre, porque Nun'Alvares fez um plano estrategico e adoptou disposições tacticas admiraveis (?) que os castelhanos não souberam vislumbrar ou inutilizar (!!). Nada, porem, de sobrenatural! Se o Senhor S. Jorge tivesse tomado á sua conta a faina da peleja, então sim, e Camões deveria esbofar-se ainda mais nos sopros da tuba ~~[illegible]~~ sonorosa. Em Valverde, não houve, igualmente, revelação nenhuma, porque Nun'Alvares com os seus tres mil homens, divididos pelo

Guadiana, apesar de cercado por trinta mil castelhanos (olá!) e em terreno nada favoravel ao atravessar o rio, poude conquistar uma posição segura e, ponderando os factores moraes (olá! olá!) da exhortação e da lisonja, atacou o ponto vulneravel da hoste contraria para, finalmente, sair triunfante. « Se nós "tivermos o sobrenatural como auxiliar "estragámos tudo. »" (1) Sim. Mas d'um'Alvares é que teve a culpa, ao julgar-se devedor a Deus, de especiais auxilios nestas tres conjunturas!...

« O Sr. Pimenta saberá o que é o sobrenatural ou terá qualquer noção de ideia das modalidades da intervenção dele nos factos naturais? Não sabe. Por isso, disparata tanto que faz pena.

D. M. »

Estas iniciais serão do P.e Domingos Mauricio? Dizem que este ecclesiastico é pessoa intelligente. Sendo a noticia dela, é bastante inferior a amostra da sua intelligencia critica.

No mesmo numero da revista, a pag. 165, vem outra nota bibliografica relativa

---

(1) Frase da m.ª conferencia.

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

ao poema A historia maravilhosa de Nun'Alvares de Luzarte de Mendonça; vem assinada pelo mesmo D.M. Começa assim: «Ás arremetidas bravas do jacobinismo contra as figuras maximas de "Portugal surgiu, na parte sã da nação, um "movimento instintivo de defesa p.ª guardar intacto o que é sagrado no Larário da "Patria e da Igreja.»

E segue assim.

Ora enquanto a critica fôr como a que acima ficou poderei dormir descançado e sem necessidade de emendar o que escrevi.

Coimbra.

Novembro: 9

Ontem, oitava audiencia com 6 reus em 4 processos.

25) Americo dos Anjos Fonseca, 2.º sargento de Artelh.ª, natural de Vila-flor, de Traz-os-Montes; 46 anos, casado, antigo trolha antes de assentar praça. E' actualmente fiel do Deposito de Material de Guerra da rua do Freixo á Campanhã onde reside. Acusado de ter disparado um tiro de arma caçadeira, da janela da sua residencia sobre uns ratoneiros que escaláram os muros da cerca ao lado para rou

baram uvas e galinhas; deu-se o caso ás 9 h. da manhã e o tiro foi cravar-se nos lombos dum operario vidraceiro que foi o ultimo a fugir...

26) António de Sousa, sold.º do regimento de Sapadores dos Cam.os de Ferro, antigo ajudante de chauffeur, 23 anos, natural de S.to Tirso. Acusado de desertar pela segunda vez e de extravio de artigos. Outro desgraçado, vitima do ambiente dos quarteis.

27) José Mª Remedio, 1º cabo ferrador do regim.to de Telegrafistas, do Porto, natural da Taberneira, conc.º de Idanha-a-Nova; 24 anos, casado, antigo ferrador.

28) Joaquim Marques dos Santos J.or sold.º do mesmo regimento, natural da Figueira da Foz, antigo funileiro.

Acusados os dois de se envolverem em desordem depois do segundo não acatar uma ordem do primeiro. Trocáram sôcos rijos segundo parece.

29) António de Carvalho, 2º cabo do regimento de Telegrafistas do Porto, 21 anos, natural de Castro Daire, antigo serralheiro mecânico.

30) António de Jesus Marques, sold.º do mesmo regimento, natural do Cabeçudo, freguesia do conc.º da Sertã, 22 anos,

casado, antigo serralheiro e varias veres jurado por bebedeira.

Acusados os dois pela mesma falta dos anteriores: desordem e pancadaria.

Nota interessante: estes quatro réus foram julgados pelo criterio ou teoria da manutenção do principio da autoridade e assim os cabos foram absolvidos e os soldados condenados. Eu não concordei com o processo que julgo habitual no Tribunal; e como entendia que os cabos teriam tantas culpas como os soldados, consegui q. as penalidades aplicadas a estes fossem diminuídas ainda bastante.

O principio da autoridade... é o caso das frases espalhadas por essas paredes em grandes caracteres impressos por ordem do governo: «Os chefes têem sempre razão» — que é a tradução do asserto ideologico de Mussolini.

Emfim, lá vou influindo conforme posso p.ª não desharmonizar mas procurando tornar as sentenças mais humanas. O juiz auditor é bom homem mas tem a mentalidade formada em certo espirito de ripor que nem sempre condiz com o da Justiça como eu a entendo.

Isto é uma grande estopada.

3102

Coimbra.

Novemb.º: 10

Escrevi hoje ao chefe do gabinete do ministro da Guerra solicitando deste uma audiencia. Quero acabar com esta m.ª situação e possivelmente voltar ao Quadro. Não me convem isto.

Outro assunto:

Quer no Porto quer aqui diz-se correntemente que o caso de Bragança teria sido um incidente encomendado e realizado pelos nacionais-sindicalistas para justificar a tal «ofensiva» anunciada pelo Salazar. Será assim?

O piór foi que a morte do tenente complicou o problema. Não haveria intenção de matar quem quer que fosse mas sim de provocar um sucesso que justificasse repressão em geral e em especial sobre republicanos. Tudo é possivel quando a Companhia de Jesus manobra na sombra.

Mas o resultado parece ter sido contraproducente porque em vez da consolidação da Ditadura, o caso indignou muita gente — e parece que com vantagens para os adversarios da situação presente.

Uma embrulhada dos demonios que ninguem entende e que poderá ter más

consequencias. Vamos a ver se o Ministro concorda com o meu desejo de voltar ao Quadro da arma.

Não estou a gostar do ambiente.

Coimbra.

Novembro: 17.

Anté-ontem lá correu a 9ª audiencia em que compareceram seis réus.

31) Armando Alberto Alves da Silva, natural do Porto, soldº do regimento de Pontoneiros, em Tancos, antigo serralheiro-mecanico. Acusado de estupro em menor, da vila de Tancos. Já foi julgado em Vizeu, mas como a sentença não consignava o dote á rapariga com a qual o reu já casára, o Supremo Tribunal mandou lavrar nova sentença em 9. se consignasse a quantia do dote. Assim se fez: reuniu-se a generalidade de Vizeu e arbitraram-se 6 contos para o dote... Um ouro por um real. O rapaz tem 19 anos; tipo curioso de garoto muito moreno, com olhos e testa monopolica, orelhas muito salientes e nariz agudo.

32) Mario de Carvalho, 1º cabo do regimento de Sapadores Mineiros, aquartelado em Santo Tirso; natural da Campanhã, Porto, 23 anos, serralheiro antes do serviço. Acusa

do de abuso de autoridade que se não provou. Absolvido.

33) José Vieira, sold.º corneteiro do regimento de Inf.ª nº. 6, natural de Castelo de Paiva, lavrador, 21 anos. Acusado de deserção a pegar a licença.

34) Aníbal José, sold.º licenciado da 1ª. companhia de Administração Militar, da Povoa do Varzim; natural de Castêdo, conc.º de Alijó, 27 anos, antigo jornaleiro. Maus antecedentes: furtos, dividas por pagar e uma deserção. Acusado de deserção pela segunda vez. Outro desgraçado, boçal, cínico, indiferente perante as complicações da justiça.

35) Manuel Augusto da Silva, soldado corneta.º do regimento de Infant.ª nº. 6. Natural de Alaíde, Vila-nêa, conc.º de Amarante, lavrador, 27 anos. Acusado de deserção e extravio de objetos. Mau inadaptado.

36) Luis Ferreira, civil, trabalhador, do Fontêlo, concelho de Resende (ou Arouca?), 23 anos. Acusado de possuir um punhal com o qual, embora fôsse defender duma agressão, feriu com bastante do seu companheiro. Questão e desordem sem importancia; mas como possuia arma proibida está preso ha um mês na Relação e vae nos têrmos das leis actuais, a Conselho de

Guerra. Ao fazer-se a sentença houve discussão porque eu, atrevidamente, parti do principio de que a Lei respectiva não se fez p.ª estes casos e de que a posse da arma, em m.ª consciencia, não constituia crime. O juiz auditor argumentou contra e o presidente queria condenar de modo que eu tive de transigir em parte e consegui que a condenação não fosse alem dos dias já passados na prisão — e assim foi. O rapaz é o amparo da mãe paralitica e duma irmã menor.

Coisas tremendas.

Disse-me o dr. juiz auditor que o processo do caso de Bragança a que já me tenho referido, está no Tribunal para ser julgado por nós. Não consideráram o caso politico e apenas rebelião com a agravante do homicidio. O auditor, ao noticiar-me a chegada do processo, dizia-me pachorrentamente:

— Vamos ter um bico de obra, meu tenente-coronel! Um grande bico de obra!...

Eu consolei-o respondendo a rir:

— Nos casos graves é que se vêem os homens, sr. dr. Juiz. Para os casos insignificantes toda a gente tem a competencia suficiente.

Mas eu confesso que concordei com o auditor: realmente vai ser bico de obra e para mim uma enorme espiga.

Mas adiante.

E agora, outro assunto:

Vim hoje de Lisboa de falar com o Luís Alberto de Oliveira, ministro da Guerra. A' carta que mandei em 10 do corrente mandou responder que aparecesse eu em 16 ás 17 horas. Lá fui e lá estava á hora marcada. Na sala de espera o mesmo aspecto de ha 20 anos! Uns pretendentes sentados á espera e a passear, agitado e com ar de contrariado, o oriador Ribeiro da Fonseca. Ao fim de ½ hora, o chefe do gabinete ao abrir a porta chamou, solenemente, pelo meu nome. Entrei.

Por detraz dum tampo que encobre a secretária ministerial junto da janela, que deita para o Tejo, estava o ministro sorridente e abrindo-me os braços disse-me com o mais alegre sorriso:

— Não tens razão de queixa! Só te fiz esperar a tagarelice de meia-hora.

Um grande abraço, afirmações de que se sentia feliz por me tornar a ver, de que já tinha saudades minhas e ainda de que a conversa com um amigo era uma con-

solação para a situação em que se encontrava ali:

— Sempre me arranjáram um emprego!

Eu correspondi, é claro, com palavras amaveis como cumpria. Disse-lhe que estava ali muito bem, que se conservasse no cargo porque assim era preciso, etc. etc. E a conversa caiu nos tempos de Coimbra, nas partidas de rapazes, nos namoros, nas serenatas, etc. etc. e com espanto meu ele disse-me que ainda sabia de cór alguma versalhada minha desse bom tempo — e começou, com ênfase, a recitar:

«O Liceu de Coimb.ª é fertil em variedade
de caras professorais, raras no genero Humano!
Vêem-se ali algumas caras de mealdade
Como é, por ex.º, a cara do Hermano...»

Esqueceu-se de que era ministro e largou as rédeas á fantasia de lia trinta e tal anos. Eu achei graça e ri que a minha pretenção estava bem encaminhada... Com tal auditorio poderia pedir tudo — porque ele não recusaria o que quer que fosse.

Mas, enfim, após estas expansões, expús-lhe o meu caso resumidamente e á pergunta dele se eu teria qualquer plano respondi-lhe que desejava que me pas-

passe ao Quadro da arma. Não sei o que se teria passado no seu cerebro; teve certa hesitação, mas passado momentos puxando dum "bloco" de papel disse muito naturalmente:

— Está bem... Passas ao Quadro.

E escreveu uma nota que entregou ao ajudante que chamou por campainha p.ª que a desse ao Chefe do Gabinete com destino á prox.ª Ordem do Exercito

O caso estava, pois, arrumado e eu senti que se virava um peso de sobre mim — ao mesmo tempo que logo me surgiu um novo ponto de interrogação: o que me irá acontecer ainda, agora que fico á mercê de qualquer caturrice ministerial ou até de um ajudante-general que se lembre de me incomodar?

Enfim, veremos o que virá. Neste intervalo, enquanto o país vai e vem, diz a Sabedoria das Nações que as costas vão folgando... E depois... que diabo! aguentarei o futuro conforme saiba ou possa.

E a conversa continuou ainda; mas eu percebi que ele queria receber o sub-secretário das Finanças que se anunciára e que, por cerimonia, tinha mandado esperar. Eu disse que ia embora, que não queria abusar; ele respondeu-me se eu ima-

ginava que seria mal recebido e afir-mou que sempre que eu fosse a Lisboa o procurasse, etc. etc.

E com abraços do estilo e palavras afec-tuosas saí. Cá fora, além do sub-secretá-rio havia outras creaturas q.e esperávam.

E pronto.

Coimbra.

Novembro: 20.

Terminei hoje o artigo que me pediram para abertura do novo anno da Revista Mili-tar ao qual dei o titulo de «1834»

Está franco nacionalista e nada "está-do novo"...

Servirá?

Vou manda-lo e oxalá ele mereça os 600$00 do premio Almirante Osorio... A não ser q.e venha alguma censura e o mutile ou inutilise.

Seja o que fôr e o que viér.

Coimbra.

Novembro: 22.

Os jornais de hoje trazem a ultima en-ciclica ou pastoral ou lá que diabo é, do illustre cardeal Cerejeira. Li-a com atten-ção e mereceu-me que aqui deixasse re-cortados alguns bocadinhos de oiro, para

me lembrar, de futuro, quando tiver paciencia para reler estas m.as notas, o trabalhinho da Igreja junto do Estado novo, para levar a agua ao seu moinho.

Há contra Cristo, luz ainda de todas as almas bem formadas, um decreto de exclusão. Quasi todos O têm no pensamento e no coração; mas, publicamente, o seu Nome bendito não é pronunciado, como se fosse para nós uma deshonra.

Sabemos bem com que intima ternura O adoram alguns dos que governam. E' a luz que os guia e a força que os sustenta. No Seu exemplo e lição aprenderam a sacrificar-se com alegria pelo bem comum, e dEle, certamente, esperam o aplauso e o prémio.

Mas isto não obsta ao facto que apontamos: praticamente, o Estado apostatou de Cristo. A mais alta afirmação publica da sociedade portuguesa, qual resulta do seu regime juridico, é esta: não devendo ofender a crença cristã, o Estado funda-se, organiza-se e mantém-se sem Cristo.

Praticamente, é como se se dissesse: Cristo não é necessario á vida social e publica. O homem pode prescindir dEle na sua vida colectiva.

Segundo. O proprio Estado, que assenta sobre uma herança de principios cristãos basilares da nossa civilização, não poderá subsistir, sem que a Acção Catolica, alargando o reino de Cristo, sustente e estenda nos espiritos a seiva cristã de que aquele se alimenta.

A força é necessaria para manter a ordem social, pela miseria do pecado original: mas não decaiu tanto o homem, que ela não careça de justificação racional para se manter sem tirania.

E depois, mais adeante, ao falar da Acção Catolica, tão necessaria neste momento, como em nenhum outro, diz com a'm genuidade que todos lhe conhecem e a boa-fé comum ás altas dignidades da Igreja:

E' ela que faz a nossa força e a nossa grandeza!

Só porque existe é a afirmação, o triunfo e a garantia da liberdade de consciencia no Mundo. Perante o Estado, que tem força, ergue-se pela força da fé, como o obstáculo invencivel contra que se quebra todo o vão esforço de absorver inteiramente o individuo corpo e alma, como no mundo antigo.

Quando se levanta contra as pretensões pagamente totalitarias dos que não quereriam nenhum limite ao seu poder—é a dignidade e a independencia humana que ela defende.

No dia em que ela emmudecesse, ai de nós! estender-se-ia pelo Mundo todo a mais absoluta tirania. Senhor dos nossos corpos e almas, o Estado imporia a todos a sua marca anonima: o homem passaria a ser formado em serie.

Conclusão de toda esta areenga: quereria agradar á Ditadura sem desagradar muito aos republicanos...

Que grandes marôtos... E pensar q. para se libertar o homem da prisão sa-

cardotal, clerical ou como lhe queiram chamar — tem morrido tanta gente, exgotado tanta energia e sacrificado tanta inteligencia!

E tudo cada vez frió...

Coimbra

Novembro: 25.

Ontem, no Porto, nova audiencia, a 10ª com seis processos.

E é no prox.º dia 27 que vai ser julgado o caso de Bragança tão falado e discutido; o dia foi marcado confidencialmente e foram tomadas providencias militares com todo o cuidado.

Aquela meia duzia de calos revoltados fizeram perder a cabeça aos nossos governantes. Nem deram tempo a que os juizes tivessem vista do processo como é de lei em caso de homicidio, nem se cumpriram outras formalidades legais. Ela pressa em julgar o caso — e muito admirado estou eu em ver me deixarem fazer parte do juri.

A ver vamos.

Os réus de ontem foram:

37) Manuel Ferreira da Costa, soldado dos Sapadores de Cam.º de Ferro, desertor por excesso de licença e acusado tambem

de extravio de artigos. Natural do Arintes, do conc.º de Gaia, 24 anos, auxiliar serralheiro-mecanico.

38) Antonio Castro da Cruz, sold.º do regimento de Inf.ª 6 quando esta unid.e estava ainda no Porto. Desertar por não comparecer em 1923 ou 24 a convocação extraordinaria; andou por Marrocos quer na zona espanhola quer na francesa e foi soldado da Legião estrangeira na zona espanhola. Tem 28 ou 29 anos, natural de Argoncêlhe, conc.º da Feira. Um aventureiro.

...) Joaquim Moreira, sold.º da Guarda Nac.al Republicana que já foi mencionado aqui em 31 de Dezembro e relacionado com o n.º 21. A rapariga que ele desflorou estava presente: uma creançola, esbelta, aloirada, engraçada que ouviu ler as peças do processo (mesmo o exame medico-legal que lhe fizeram) com ar agarotado e a olhar com malicia para outras raparigas que estavam nas bancadas. Isto levou a minha curiosidade a ler o processo: o caso passou-se sem oposição dela, antes de comum e bom acordo...

39) Antonio Dias Galvão, sold.º do Grupo de Artelh.ª de Montanha n.º 15, de Viana do Castêlo; natural de Gondariz, Arcos do Vale do Vez, 27 anos, lavrador. Acusado de

desertar por se não ter apresentado para uma escola de recrutas.

40) Francisco João da Fonseca, soldado recruta do regimento de Sapadores do Cam.º de Ferro, natural de Santa Barbara de Faro, antigo sapateiro, 36 anos — e ainda recruta! Acusado de desertar pela 3ª ou 4ª vez, não me lembro bem e embora julgado já incapaz pela Junta de saude cá veiu ao Tribunal... Aspecto de velho, rosto vincado por sulcos fundos, ar decaído apesar de certo brilho no olhar. Outro desgraçado. Diz q. veiu desertado p.ª poder trabalhar e sustentar a familia q. é muito pobre e que vive na miseria emquanto ele está preso. E' certo que esta é a desculpa de muitos mas tambem é certo que ela se presta a consideraudos justos acerca do serviço militar. Seja verdade ou não o q. eles dizem o caso é que o serviço m.ar causa estes "criminosos" e muitos outros. Foi condenado no minimo possivel.

41) José da Silva, sold.º corneteiro do regimento de Inf.ª n.º 8. Natural de S. Pedro dos Maximinos, Braga, 22 para 23 anos, antigo sapateiro. Acusado de ter desobedecido ao furriel mestre-de-cornet.os do regimento e o ter ameaçado em actos

de serviço. Mais outro desgraçado, mas este é o tipo completo do correccional incorregivel. Má cara, olhar incerto; o craneo exquisito como dois cónes mal feitos unidos pelas bases; testa m.to depremida, maçãs do rosto bastante salientes, cabelo cerrado, sobrancelhas espessas e compridas quasi ligadas aos "matacões" que usa tambem espessos. Apesar dos 22 p.a 23 anos já esteve deportado em Africa; lá, foi classificado de absolutamente incorregivel e na verd.e a larga lista de castigos mostra as variadissimas infracções cometidas e que fazem do desgraçado um mostruario criminal curioso. Foi condenado no minimo possivel.

A m.a interferencia constante na organização das sentenças e os comentarios q. faço á Lei e á sua aplicação (o que julgo inédito no Tribunal pelo espanto q. causam) fizeram com q. ontem o coronel Wanzeller me dissesse:

— Este nosso ten.te-coronel é muito boa pessoa. Estou a ver que é capaz de querer absolver o sargento Sacavem...

Estou convencido de que a baracha foi dita sem má intenção; mas respondi:

— Eu lhe digo, coronel... A sentença ha-de ser feita com honrador e com a pro

va que aparecer. Parece-me, pois, ainda cêdo para calculos...

O juiz auditôr sorria maliciosamente, e abanava a cabeça como quem ajuizava o que eu dizia.

Ora o sarg.º Sacaveem a que o coronel aludiu foi o chefe visivel da insurreição de Bragança que nós vamos julgar na proxima segunda-feira.

Coimbra

Novembro: 26.

O Ferreira Lima deu carta de 24 pédimme confidencialmente informações do tenente de Inf.ª Arnaldo Vitor Marques que se propõe fº oficial do Arquivo Historico de que ele é' director.

Eu respondi com franqueza; e como se trata de um dos grandes homens do movimento de 28 de Maio, deixo aqui a resposta, por curiosid.e, para a historia...

«... O oficial de que trata tem o curso da arma e tem servido em Coimbra ha muitos anos. A seguir ao movim.to de 28 de Maio (de q. foi um dos maiores fautores) serviu na policia, esteve administrador do concelho, se me não engano, em qual quer parte, e se bem me lembro ajudante

dum comandante da Região; mas a bré-
ve trecho, a sua conduta creou-lhe dificul-
dades e daí o arranjar saída para o Ultra-
mar, de onde veiu ha pouco tempo. É
mau chefe de familia, é jogadôr e pândego.
A espôsa tem-lhe fugido algumas vêzes de-
vido a maus tratos e não me consta que
ele se interessasse em qualquer tempo por
assuntos historicos ou por qualquer assun-
to sério. É porem, no trato, atencioso, cor-
recto e delicado com superiores. Conclusão:
é cavalheiro que se quér arrichar em Lis-
boa por já ser m.to conhecido em Coimbra
por suas proesas — e aí sempre póde dar
mais largas ao seu temperamento e tem
mais onde gastar o que ganha, o que é da
mulher (senhora fina e com fortuna) e o
que porventura ameathou no Ultramar.»

Aqui fica o retrato de um dos grandes
homens do 28 de Maio em Coimbra.

Porto.

Novembro: 27.

Começou hoje o julgamento do caso de
Bragança.

Ao entrar no pátio do edificio vi uma
força de armas ensarilhadas; em cima en-
contrei já o coronel Wanzeller, de charla-

teiras, no corredôr, com cara de caso, preocupado. O proprio juiz auditor andava com aspecto tambem preocupado e logo que me viu disse-me:

— Isto é que é um bico de obra, meu tenente-coronel!

Confesso que me não senti muito preocupado com o que se iria passar e notei, por isso, a preocupação dos outros. Ao mesmo tempo, esperava grande movimento de curiosos e, ao entrar, quasi á hora, não vi senão soldadesca. Isto é que me fez pensar porque não é admissivel que o julgamento seja ignorado.

Contudo, ao abrir a sessão, já havia alguns curiosos civis e umas senhoras; alguns oficiais entráram depois para ver as féras. A sessão abriu com atomosféra glacial e eu fiquei admirado ao ver o principal réu, o tal sargento Sacavem que eu julgava um sargentão de certa edade, malandrão, sabido e experimentado, sair-me um rapasinho quasi imberbe, com ar de iluminado e com maneiras distintas.

O coronel dera ordens sevéras: não queria ninguem em pé nas coxias da sala, na parte reservada ao publico; não deixava ninguem entrar com bengalas, chapeus de chuva ou qualquer outro objec-

3,07

lá que podesse servir para agressão; não deixou entrar na sala senão por uma porta, até. até. — Tudo isto com ar de atrapalhado, de creatura que se não sente bem. E como o sargento commandante de força era um homem muito razoavel que só se preoccupava com as grépas do capote e o efeito das luvas, bem se podia transgressões que o coronel logo mandasse corrigir com a respectiva reprimenda no sargento.

Mesmo durante a audiencia o coronel teve attitudes que mostraram bem o nervosismo: interrompeu os réus directamente contra o regulamento que manda seja por intermedio do juiz auditor; e as preguntas eram tendentes sempre á accusação. A certa altura reconheceu isso e disse - me em voz baixa:

— O senhor não pregunta nada; e eu é que estou a fazer de féra...

Eu respondi egualmente:

— Ainda não encontrei motivos para fazer preguntas; tenho formado o meu juizo sem grandes dificuldades.

— Mas assim... elles hão - de dizer que eu é que sou o malandro...

— Ora... ora...

E o incidente, que me fez certa pena, ficou por aqui. O coronel queria mostrar

ao respeitável publico a sua intransigencia com a desordem e a revolta, mas não tinha coragem de o fazer só, queria acompanhamento...

Fraquezas dos homens fortes.

Quando o presidente, no começo das audiencias é obrigado a dizer aos réus que podem alegar tudo quanto seja necessario á sua defesa, o carpinteiro Sacramento pergunta se era ocasião de dizer o q. entendia; como o Wanzeller dissesse q. sim, o Sacramento começou um discurso de ataque á Ditadura para justificar a sua atitude revolucionaria. O coronel, furioso, cortou logo com certa violencia:

— O sr. só pode responder ás perguntas que lhe fizer o sr. dr. Juiz e não faça discursos.

O rapaz alegou e com razão que as duas afirmações da Presidencia não ajustavam; que responderia ao sr. dr. Juiz mas julgava que poderia livremente fazer a sua defesa conforme ouvira ao sr. presidente e para isso necessitava explicar as razões do seu acto e essas razões iam filiar-se no estado actual da politica portuguesa que tirava as liberdades todas...

O coronel novamente e com violencia interrompeu o rapaz com ameaças de o

mandar prender e continuar o julgam.to sem ele. E dizia-me a seguir, todo nervoso:

— Que tal? o cavalheiro queria fazer um comicio! Não fiz bem?

Enfim, o coronel perdeu a linha varias veres. Fraquesas dos homens fortes...

No começo da audiencia disse-me ele que na vespera estivera uma hora ou mais com o brigadeiro Schiappa a falar acerca do julgamento. O que se teria passado entre os dois? A mim, nada confiaram.

Mas o que vejo é que este Wanzeller não é homem p.a as ocasiões — e o sargento Sacavem vale mais em inteligencia, serenidade e compostura...

E assim correu a audiencia, em atomosféra de certa pacatez, embora pesada — com a qual contrastava o nervosismo do presidente.

O defensor quiz, não sei com que fim fazer transitar o processo p.a o Tribunal Especial. Alegou razões de ordem politica que motivaram os sucessos e citou decretos sobre decretos; o promotor opôr-se com articulados ou coisa parecida; o auditor deu parecer contrario e o presidente, como era natural, indeferiu. A audiencia, consequencia, prosseguiu.

Hoje, apenas foram interrogados os réus; amanhã começa o interrogatorio das testemunhas e de certo o julgamento não acabará tão cedo.

O juiz, no intervalo da suspensão e no final, dirigiu-se-me, com o mesmo ar bonacheirão, a preguntar o que é que eu vinha entendido do caso; vejo-o muito preocupado e pareceu-me querer ouvir opinião livre. É possivel que a preocupação resulte da sua consciencia e responsabilid. de juiz se não fôr por qualquer aperto superior confidencial.

Isto q. aqui fica são as impressões de hoje. Veremos o que ha amanhã.

Porto.

Novembro: 29. Manhã.

Ouvem a audiencia prosseguiu e só foram ouvidas quatro testemunhas — e devo já notar que me impressionáram as quatro praças que depozeram: dois sargentos e dois soldados.

São transmontanos todos, dos arredores de Bragança; têem um ar decidido; rudes, mas energicos; explicaram com certa prolixidade, com o que foram muito interessantes e alguns tanto rethorica; argumentaram bem com a defesa quando

esta os aperta e ás vezes tomam um tom intimativo de convicção.

Foi para mim novidade esta maneira de falar, especialmente em tribunal onde parte natural que estivessem acautelados.

De todos, o que mais impressionou foi o 1º. sargento da guarda na noite dos acontecimentos, chamado Tavares, de Freixo-de-Espada-á-Cinta. Decidido, claro, firme em tudo o que dizia.

Os jornais do Porto, de ontem, traziam apenas a notícia de que a audiencia começára e a nota da constituição do Tribunal — por sinal que me alteraram, extraordinariamente o nome: Belijano e Belijani, como nos romances de Cavalaria ...

Os jornais de Lisboa não li. Mas o mais curioso é que vejo hoje em todos uma nota oficiosa do Governo sobre revoluções e defesa da Ditadura em que vem este passo:

Mas depois de se vencerem todas as que foi possivel aos inimigos fazer eclodir, o verdadeiro interesse do país já não está mais em vencer, mas em evitar, em não ter que vencer. Assim se decidiu, e começaram de fazer-se algumas prisões.

Esta atitude e a aproximação das eleições na Espanha, levaram os dirigentes do movimento revolucionario a precipitar os ultimos preparativos, mas um dos sectores, com caracteristicas especialmente perturbadoras, chamou a si a gloria e os proventos, antecipando-lhe como autor e fez a sublevação de Bragança prontamente reprimida pelas restantes forças da unidade.

O que é que isto quer dizer? O sector de Bragança... Enfim, que fez a nota lá

saria — mas se o caso é político porque é que este processo veio para tribunal territorial?

Conclusão: as audiências começam e eu, para distrair, fui depois de jantar ao Teatro Sá da Bandeira ver a revista Parlo á vista da companhia de Beatriz Costa. Foi pa alegre, para fazer dormir bem.

E nota curiosa:

Do Quartel-general perguntaram outras varias vezes pelo telefone quando é que terminava o julgamento; e pela tarde, novas perguntas acerca da duração da sessão. Estava carregado. Estão com pressa...

A certa altura, chegou uma nota confidencial ordenando que qualquer que fosse o resultado do julgamento, nenhum réu seria posto em liberdade sem ordem superior... E quasi ás 7 h. da tarde, veio nova ordem telefónica para que o coronel presidente fosse falar com o comand.te da Região logo que terminasse a audiencia.

Com estas ordens e perguntas constantes, havia a impressão de qualquer coisa perigosa e oculta.

Julga o coronel que o Quartel-General deseja que o julgamento termine hoje, embora a sessão seja pela noite adiante.

Vamos a ver como corre a audiencia de hoje. Ela decidirá.

Na sessão de ontem via-se na assistencia, quasi sempre, o ajudante predilecto do Coripado: Schiaffa; de certo não estaria por pura curiosidade pessoal.

A' noite:

Na sessão de hoje terminou a inquirição de testemunhas e amanhã começarão os debates.

A sessão correu na mesma atmosfera de nervosismo, embora o coronel presidente estivesse mais calmo. As mesmas disposições rigorosas quanto a entrada de civis. A sala apinhada de gente; as bancadas do estrado cheias de oficiais que sorriam com ironia os esforços da defesa p.ª esclarecer certos factos.

A certa altura chegou uma nota do Quartel-general urgente e confidencial; o Wanzeller chamou o oficial comandante da guarda de honra e mostrou-lha; o oficial saiu logo e esteve fóra bastante tempo. O que teria havido? No final, o coronel, sem querer, deu a entender que a nota era relativa ao conhecimento que houve no Quartel-general de que, nas escadas e corredores do Tribunal havia grande aglome-

ração de gente; mas o oficial verificou que havia uma ou duas dusias de individuos que esperavam vaga na sala... Depois, quando ouvi isto, lembrei que á mesma hora a que chegava a nota, entrava na sala o oficial ou chefe da "policia de informações" no Porto — o qual me honrou com olhares constantes e prescrutadores.

Que medo que esta gente tem duma coisa que creio não valer nada! O grupo de civis que esperava ocasião p.ª entrar na sala já lhes parecia uma nova revolução em marcha!

E apara, uma nota alegre — para mim tudo ser tristeza...

Um dos sargentos do Infant.º nº. 10 que veio como testemunha de acusação chama-se Péricles, de baptismo. O coronel Wanzeller respondeu com o nome:

— Que diabo de nome!...

E voltando-se p.ª mim:

— O senhor já encontrou alguem com este nome?

— São nomes á brasileira, respondi eu. No Brasil é que usam assim nomes esquisitos...

— Que diabo!... Eu nunca vi este nome!... Sempre ha cada um...

Mas conformou-se com o caso que

307

Tove o seu lado comico e conformou-se, tambem, com a sua ignorancia.

Felizmente, o dia terminou com um belo e distinto jantar em casa do Calixto Mendes, em V.ª Nova de Gaia. Este rapaz que começou por recebedor do concelho de Miranda do Corvo, onde o conheci, é hoje inspector de Finanças e pertence á constelação de inspectores q. rodeia o Salazar e é hoje um rico no concelho de Gaia e no da Vila da Feira por virtude do casamento com uma senhora (que achei distinta e simpatica) filha do falecido professôr universitario dr. Roberto Alves.

É homem feliz, creio eu. Não tem encargos de familia; acomoda-se facilmente a todas as circunstancias da vida; poe de lado o obstaculo dos Principios e ... tem fortuna suficiente para viver á larga.

Pronto.

Coimbra.

Dezembro: 1.

Terminou tudo ontem, cerca das 23 horas e 20 minutos. Fiquei sem jantar, que ai não dormi, extenuado como estava moralmente.

Mas, como diria o saudoso Conselheiro Acácio espetando o dêdo:

— Faz-se Justiça!

Polere Justiça e ... poleres Juizes!...

Começou porque o processo veiu para este Tribunal (segundo o Cripas.: Schiappa confessou ao Wanzeller) para o tirar do Tribunal especial onde teriam os réus uma condenação inferior aquela que poderiam ter neste que só julga crimes essencialm.te militares.

Depois, a grássa do Cripas.: em terminar o julgamento, sem olhar a cartas forçadas que não se podiam pôr de parte. Confessou o Wanzeller que no final da segunda audiencia, o Cripadeiro lhe disse-ra um pouco admirado pelos nossos vagarosos:

— Que diabo! Os senhores estão a perder tempo com um caso tão simples!

E outras frases no mesmo genero.

Depois, ainda, o caso do sarg.to Sacarem estar, até ha pouco, preso na "policia de informações"; só ha dias transitou para a Casa de reclusão e incomunicavel, desde a rebelião.

Em Bragança, dentro do quartel de Infant.ª 10 ao mesmo tempo que se levava o processo militar, formava-se outro processo pela dita "policia de informações" como dôra da casa...

Etc. etc. E muitas coisas mais.

Ora bem: já agora, vou procurar reconstituir os passos conforme concluí do processo e do julgamento — para deixar aqui memória tão exacta quanto possível deste desagradável passo da minha vida.

O 1º. sargento Manuel Duarte Sacaveu era o principal agente da revolta. Estava com baixa ao Hospital militar de Braga e de lá regressara tudo por intermédio do 1º. cabo enfermeiro do mesmo hospital Arnaldo da S.ª Teixeira, natural do Lordelo do Ouro, bairro ocidental do Porto, casado, com 26 anos e oficio caixeiro. Este 1º. cabo fugiu a tempo e por consequencia não foi julgado.

O Sacaveu aliciou varios cabos com quem vivia na melhor harmonia; e combinou as coisas p.ª a meia-noite de 26 para 27 de Outubro.

Um pouco antes da hora, desceu do quarto onde estava, por uma escada de mão com o auxilio do enfermeiro e dirigiu-se ao quartel a cujo portão bateu para falar ao 1º. sargento de guarda. A porta não se abriu logo e como o chamamento da sentinela desse em provocasse qualquer suspei

ta, o oficial de dia saiu fóra para ver o q. havia.

Paralelamente, os conjurados, em especial tres cabos (1), estavam armados, protejidos pela escuridão, num canto da parada, á espera da chegada do Sacanem.

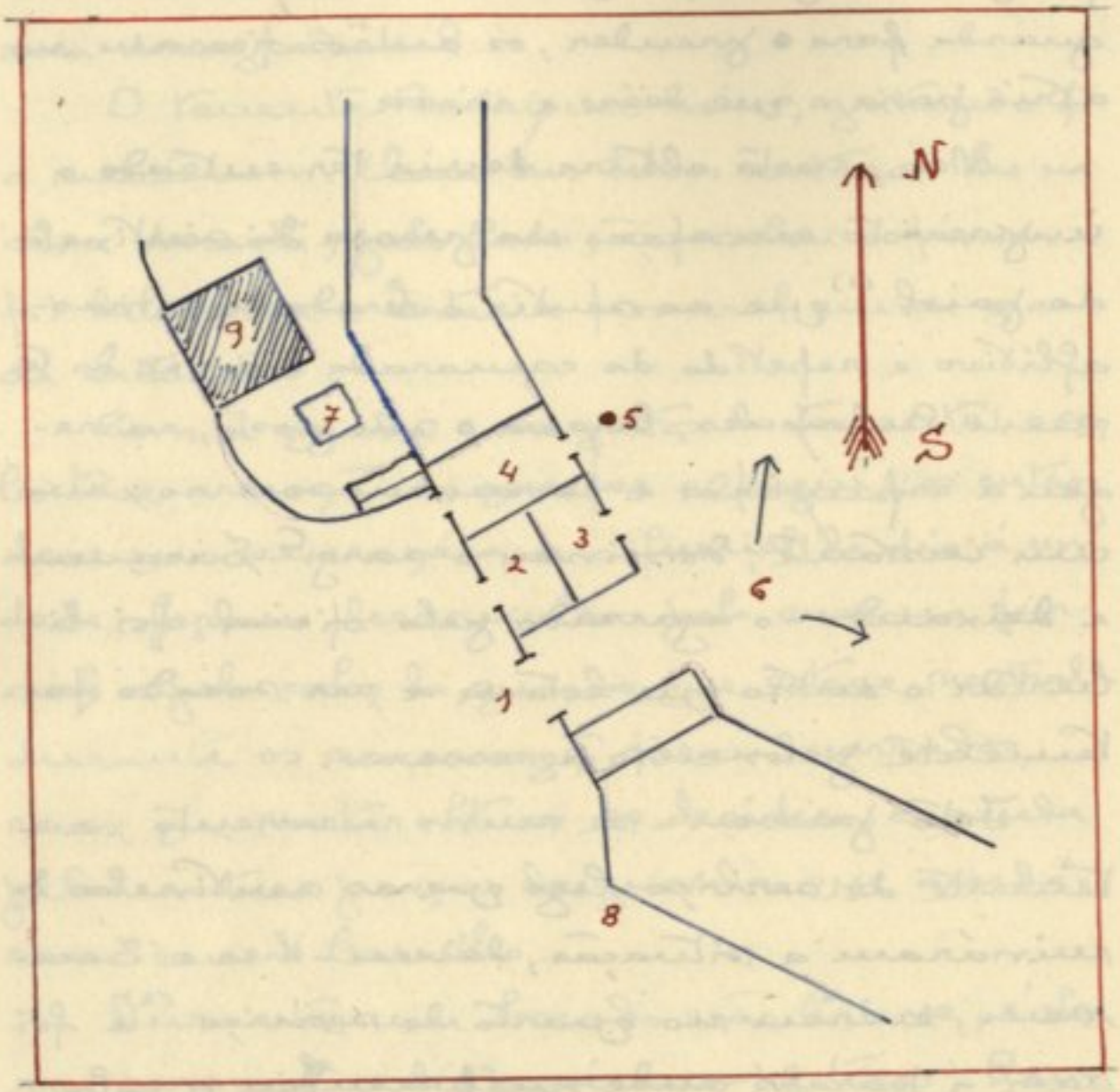
O oficial de serviço ao sair fóra pela porta do quarto que deita para a rua e ao ver o Sacanem, preguntou-lhe o que queria ao mesmo tempo que, virado á esquina do quartel (o n.º 8 da planta adeante) uns vultos suspeitos, disse á sentinela q. fosse ver quem eram esses homens e os mandasse afastar.

O Sacanem, aproveitando o momento, lançou-se ás costas do tenente e intimou-o a entregar-se sem resistencia enquanto que a sentinela, ao chegar á esquina do mesmo foi agarrada pelos civis. O tenente lutou com o parceiro do qual se não conseguiu livrar logo e a sentinela atacada largou ás armas repetidas vezes sem que os civis conseguissem evita-lo.

Ao ouvir este barulho, os tres cabos resolveram proceder logo e cada um foi para o local que lhes estava destinado. Um

---

(1) São os 2º, 3º e 4º que adeante irão mencionados na devida altura.



1 – Porta das armas.
2 – Casa da guarda.
3 – Quarto do sargento da guarda.
4 – " " oficial de serviço
5 – Local onde caíu o Ten.te Rodrigues
6 – Parada do quartel
7 – Paiol
8 – Local onde foi atacada a sentinela das armas.
9 – Torre de menagem do antigo castelo.

foi para a porta do quarto do sargento da guarda para o prender, os outros ficaram no atrio para o que desse e viesse.

Mas, nesta altura devia ter entrado o inspector em acção na pessoa da sentinela do paiol [1] que ao ouvir o brado de armas aflitivo e repetido do camarada e a voz do tenente Rodrigues, largou o seu posto, carregou a espingarda e correu em soccorro; em um instante, dominou o sarg.to Sacramento e deixando-o agarrado pelo official, foi libertar o outro que estava a ser atacado pelo tenente pelos civis agressores.

Tudo passou-se num momento; e o tenente de serviço logo que as sentinelas dominaram a situação, deixou-lhes o Sacramento, entrou no quarto de serviço [2] e foi sair á porta onde surprehendeu o cabo, de arma cruzada, á porta do outro quarto a ameaçar o 1.º sargento da guarda que, durante uns momentos, estêve coacto como na audiencia confessou.

Ora o cabo, vendo sair o tenente, fez meia volta e (diz ele) vendo um vulto com pistola na mão, fêz a espingarda á cara e disparou duas vezes.

---

(1) Da planta, é o n.º 7.
(2) Idem, o n.º 6.

É o momento culminante desta dra-
ma desagradavel.

O Tenente Rodrigues caiu, gritando q.
o mataram. Uma das balas entrou-lhe na
côxa direita, pelo lado, esfacelou o fémur e
foi dilacerar a artéria femural numa gran-
de extensão.

Com a queda e os gritos do Tenente, o ca-
bo teve a noção do que fez e fugiu; os outros
dois que ameaçáram o furriel de dia á uni-
dade, foram desarmados pelo mesmo fur-
riel e pelo cabo da guarda que estêve neutral
durante os sucessos q. foram narrados,
mas que nesta altura se decidiu, e ainda
pelas outras guras da guarda que acudá-
ram com o barulho.

Durante um bocado não houve, é cla-
ro, paramide; disparáram-se tiros, hou-
ve correrias, berros, etc. etc. E só um sol-
dado da guarda, ao ver o Tenente caído, foi
para o pé dele, gritando que viesse alguem
ajudar a transporta-lo para a cama.

O oficial de jornada só apareceu de-
pois de tudo liquidado e então para fazer
de heroi. Era certo Tenente de nome Bra-
não que levantou o auto e apresentou
um relatorio mirabolante.

Na sua teima geral os factos foram
estes. As duas sentinelas exteriores fo-

raram as creaturas que sobressairam na balbúrdia; e pelo ar de fidelid.e e bravura-der o soldadito que carregou a espingarda e ajoelhou ao pé do oficial ferido para o guardar de mais ataques.

Agora, vamos ver os homens que re-presentaram o drama.

Esta audiencia foi a 11.ª e o processo presente é o 35.º do quadrimestre.

Os réus foram onze:

42) Manuel Duarte Sacaeem, 1.º sar-gento cadete do regimento de Inf.ª n.º 10, n.º 652 de matricula. Antigo aluno do Insti-tuto dos Pupilos do Exercito. Tem 25 anos, mas de aparencia quasi imberbe; maneiras finas, de rapaz educado. Natural de Ba-rcas, conc.º de Loures. Fala com facilidade e correcção; tem certo ar de iluminado na attitude e na maneira de falar, o seu quê de mistico. Foi o chefe da conjura, confes-sou ter ideias comunistas; e na defesa que quiz fazer ainda conseguiu dizer que o seu intuito era despertar a nação e o exer-cito para uma mudança de situação poli-tica no sentido constitucional; que o mo-vimento era profficio porque todo o país es-tá descontente e desejoso de se acabar com a situação ilegal da Ditadura e que a sua

convicção era de que faltava alguem que tivesse a coragem dum acto de audacia que conseguisse despertar o País. E quanto á legalidade do seu acto, afirmou que num regime em que não ha qualquer especie de liberdade nem direito a qualquer afirmação de opinião, o recurso á rebelião é o unico a que um homem que pense deve recorrer. Chamou sobre si todas as responsabilidades e afirmou que nos seus planos não entravam violencias e muito menos a ideia de matar quem quer que fosse — o q. recomendára insistentemente aos cabos. Quasi não convivia com os sargentos do regimento e a constante convivencia com os cabos a quem apertava a mão frequentemente, tornávam-no suspeito. Creancice? já intenção de os captar para a rebelião? Estudava engenharia no Instituto Sup.or Tecnico em Lisboa; era estudante classificado; mas as suas ideias que facilmente expandia tornáram-no conhecido da policia que promoveu a transferencia p.a Bragança, ao abrigo das disposições regulamentares relativas aos estudantes militares. E a transferencia deu esta embrulhada toda...

43) Ernesto Rodolfo Mascarenhas, 1.º cabo n.º 670 E do regimento de Infant.ª n.º 10.

Natural de Agrochão, conc.º de Vinhais; 21 anos, antigo caixeiro. Tem aspecto grosseiro, angulo facial bastante pronunciado, testa alta, perfil angulosa, olhos claros e rasgados. Falava com facilidade. Foi o autor da morte do tenente Rodrigues e o que ameaçou o 1.º sargento da guarda com o qual chegou a lutar. Conta o que se passou com singeleza como se se tratasse dum caso normal. Na segunda sessão manteve ar de cinismo desagradavel. Foi, no drama, a figura feroz não só pelos actos praticados que confessou mas tambem pelas palavras empregadas e ameaças proferidas.

44) João Francisco Canuto, 1.º cabo n.º 557 E do regim.to de Inf.a n.º 10. Natural de Parâmio, conc.º de Bragança; 25 anos, lavradór. Baixo, bem conformado, olhar azulado, vivo; aspecto de rudeza. Exprime-se com facilid.e, querendo dar aparencia de tolo que, afinal, deve vir de espertera misturada com maldade. Foi este que, com a arma armada de baioneta ameaçou o furriel de dia ao regim.to e o ia ferindo; retirou-se quando viu tudo perdido, com a mira de escapar

45) João Fidalgo Afonso, 1.º cabo n.º 573 E, do regim.to de Infant.e n.º 10. Natural da Izêda, Bragança; 22 anos, anteriormente

estudante do Seminario bragantino. Estatura normal, moreno, ossudo; testa um pouco deprimida; boca rasgada que lhe dá a expressão decidida. Ar rude mas desembaraçado. Fala com firmeza, rudemente, mas claro; lança as frases com ligeiros intervalos, um pouco aos solavancos e argumenta com restos de teologia mas sem deixar de mostrar dureza de sentimentos.

Foi o que acompanhou o cabo anterior no ataque ao furriel de dia e foi o que tentou manter em respeito as praças da guarda. Como viu, a certa altura, que não havia quem tomasse conta do movimento, e lhe parecen tudo perdido, fugiu, atirou a espingarda para o telhado e meteu-se no fôrro duma caserna onde foi preso.

A sua defesa foi curiosa pela energia e firmeza com que a fez; parecia pessoa habituada a falar em publico. Ás observações do Juiz auditor acerca da legitimidade das ordens do 1º sargento Sacavem, respondeu firmemente:

— Desde que me comprometi a cumprir a missão de que me encarregou o nosso 1º sargento, eu, desde a hora marcada só considerei legitimas as ordens dele.

E explicou, depois, na esteira do Sacavem, que era necessario fazer interessar o

País pelos negocios publicos e que estava convencido de que a acção «dos cabos de Bragança» seria comprehendida e encontraria chefe que a dirigisse. E isto foi dito com tal dureza de expressão e solemnidade de gestos que me fez pensar muito seriamente e com alguma tristeza.

46) <u>Antonio Gomes dos Santos</u>, 1º cabo nº 5742 E do regimento de Infª nº 10. Natural de Bragança, 21 annos, auxiliar graduado de farmacia na cidade. Alto, sobre o magro; crâneo alongado, nariz grosso e com pouco saliente; face com bastas papadas, ar acreançado e acanhado.

Estava dentro da conjura e assistiu a reuniões; mas na noite da revolta estava de guarda ao quartel do regimento de Infantaria nº 30 e quiz trocar a guarda com o que devia entrar no de Infª 10, mas não foi autorizado. Falava com acanhamento e com poucas palavras.

47) <u>Antonio da Cruz Pires</u>, 1º cabo nº 537 do regimº de Infantª 10. Natural da Soeira, concº de Vinhais, 21 annos, lavrador. Baixo, crâneo redondo, maçãs salientes; ar caído, pouca expressão, não sei se por pouca esperteza. Na ultima sessão pareceu-me ver-lhe no olhar, uma expressão má, inquieta, de certa ferocidade. Es-

tava dentro da conjura mas não tomou parte nos desmandos. Era quarteleiro e estava deitado na arrecadação quando se deu o movimento. Contra ele havia vagas acusações de não fornecer polvora a praças da guarda e inutilizar a luz electrica da arrecadação.

48) Gualdino Cesar Afonso, 1º cabo nº 8/33 do regim.to de Infant.a nº 10. Natural da Serra de S.to Antonio, conc.º de Alcanena, 19 anos, estudante do Liceu com o 5º ano já feito. Ar de creança, quasi imberbe, fala com dificuldade. Foi aliciado pelo cabo Canuto, conhecia a conjura porem não entrou nos desmandos. Creancice? Espirito de aventura? Durante as audiencias esteve sempre sucumbido.

49) Guilherme Augusto, 1º cabo nº 511 E do regimento de Infant.a nº 10. Natural de Vila-Verde, conc.º de Mirandela, 32 anos, casado, lavradôr. Baixo, atarracado, pescôço grosso, rosto gordo com papeira, ombros largos. Fala com firmeza. Tem 13 anos de serviço, esteve em Africa e tem louvôres na folha e já estava aprovado no ultimo concurso para furriel. Este 1º cabo é o maior problema do processo. Estava ligeiram.te dentro da conjura mas a sua participação não ficou provada com evidencia.

Presenciou tudo na primeira parte dos sucessos até á morte do tenente, com indiferença e por consequencia auxiliando os revoltosos pela sua falta de acção; mas a seguir á morte do oficial tomou subitamente o partido da ordem e veiu em auxilio do 1º sargento da guarda e do furriel de dia e de tal forma que o 1º sargento se communicou, no momento, de que ele fôra o salvador da situação — o que levou, daí a pouco, um oficial a apertar-lhe a mão e a dizer-lhe que assim procediam os bravos. Ele mesmo confessou que esperava os acontecimentos para se pronunciar e explicou que, se o tenente lhe apertou a mão foi porque nessa altura ainda não sabia como as coisas se passaram ... E' a figura dubia do drama; todos os outros tomaram responsabilidades e procederam segundo os compromissos; este jogou com o conhecido jôgo de dois ticos e fez afirmações pouco simpaticas. Daqui veiu que nos deu, ao fazer a sentença, trabalhos enormes: nem se provava que entrasse nos desmandos e violencias e por isso não deveria ser incluido em penalidade maxima, nem estava em condições de ser absolvido ou pelo menos aliviado de culpas. Teve de se recorrer ao artificio de lhe virar a intenção criminosa, mas

imputar-lhe culpa e assim foi a condenação f.ª a jurisão correccional, dando um termo medio razoavel com o qual o cor.el Wanzeller não concordou porque sempre puxava f.ª o arrôxo.

50) Francisco António Branco, 2.º cabo n.º 659 E do regim.to de Inf.ª n.º 10. Natural de Deilão, conc.º de Bragança; 21 anos, lavrador. Face expressiva embora sem nada de regular; má côr, olheiras e sulcos fundos na face, obliquos, dos olhos para as extremidades da boca; olhos pequenos, um tudo nada felinos; ar de pobre diabo, possivelmente arrastado pelos outros. Falava com voz fraca e dificuldades de expressão, apesar de manter a mesma firmeza dos outros. Tinha tiveiras culpas. O cabo Mascarenhas, na altura devida, mandou-o armar, mas ele, dizendo que sim foi para a caserna e meteu-se na cama quando ouviu os tiros. O facto de estar vestido é que o denunciou.

51) João de Deus Fernandes, soldado n.º 697 E do regim.to de Infant.ª n.º 10. Natural de Vila Verde, concelho de Vinhais; 18 anos, lavrador. Creançola, pobre diabo com ar simpatico. Rosto um pouco assimétrico, certa malicia no olhar. Falava com alguns acanhamento, mas com facilidade de expressão. Estava dentro da conjura, as-

sistiu a reuniões, mas não tomou parte nos maiores desmandos; em todo o caso estava armado embora ficasse ao fundo da parada, junto duma escada de comunicação p.ª a sala dos sargentos, se me não engano. O furriel de dia diz q. foi ameaçado por este rapaz, mas as testemunhas poupam-no bastante. Eu tenho dar como não provado o estar armado porq. assim fazia descer para quatro o numero dos armados e desaparecia o crime de coligação; mas não consegui dos outros esta benevolencia que a menoridade do rapaz justificaria. Realmente houve varios soldados que o viram armado e os dois outros juizes firmáram-se nisso e com razão. Fiquei com pena do rapaz porq. tive a impressão de que não teve plena consciencia do que fez.

52) Mario da Conceição Freitas, 1.º cabo musico n.º 561 E do regim.to de Infant.ª n.º 10. Natural da cidade de Santarem, 23 anos, antigo caixeiro. Estatura normal, face ossuda, um bocado rude, testa curta. Fala com facilidade e deu-me a impressão de que com mônha, aliás natural para se defender.. Teve pouca interferencia nos acontecimentos. Sabia do que se tratava, foi aliciado e conversou no Hospi-

3,18

tal com o Sacavem que lhe prometeu vantagens futuras. Assistiu da janela da caserna a parte dos acontecimentos e quando viu o tenente cair, tirou uma toalha da sua caixa e veiu a correr p.ª auxiliar qualquer curativo. Foi ele que, com o tal soldadinho fiel transportou o oficial p.ª cima da cama e o despiu para ver onde estava o ferimento. Como era maqueiro tinha certas instruções de enfermagem.

Começámos com o trabalho da sentença ainda não eram 5 h. da tarde. Foi um trabalho tremendo. Vi o juiz, coitado, apesar da sala estar fria, a suar como no verão... O coronel Wanzeller sem pesar fundamente os factos, queria o maximo para todos; dizia ele q. o País estava com os olhos postos no Tribunal. O auditor, com a serenidade habitual e embrulhando um cigarro grosso, dizia que não sabia fazer justiça com baioneta á vista... Eu mantive aparente serenidade e procurei sempre cortar a atomosfera pesada do ambiente com um ou outro comentario que o coronel não percebia mas o juiz apreciava. Discutimos lealmente; cada um expoz a opinião que tinha; houve momento em que vi a sentença compli-

car-se com a teimosia do coronel em que rer culpar o cabo Guilherme Augusto tan_ to como os outros e assim a decisão seria dada por maioria o que dava impressão desagradavel.

O juiz auditor, quando, olhava para mim, como quem pedia socorro ou uma solução; e depois de argumentação annu_ nal do m.º parte e do juiz lá se chegou à so_ lução que referi quando falei do homem — e o coronel, ainda não convencido, lá se agriétou.

Enfim, depois de cinco horas e meia de trabalho, lá se deu por findo o docum.to que eu assinei com certa convicção, embo_ ra convencido de que se deu a melhor in_ terpretação dos codigos. Eu quereria um pouco mais de benevolencia; mas os ou_ tros dois juizes não pensáram nisso, um, o auditor, por deformação profissional apa_ sar de caracter bondoso; o outro, o Wanzel_ ler, por instrutor militar de defesa e, diga_ se a verdade, por medo de ser mal visto pe_ la actual situação politica.

Foram aquelas horas, para mim, sem querer forçar a nota, um tanto ou quanto dramaticas. Manobrei-me em tensão alta, fingindo serenidade e acabei perfeitam.te exgotado. Estou convencido de que tal

bocado que ha-de ficar impresso na memoria talvez p.ª sempre. Foram 5 horas que valeram por muitos dias.

Ora as condemnações foram:

O 1º. sargento Sacaueu: oito annos de reclusão;

O 1º. cabo Mascarenhas: oito annos de prisão maior celular, seguidos de riste de degredo com prisão no logar do degredo até dois annos; ou na alternativa de 28 annos de degredo com prisão no logar do degredo por dez annos. Creio que é a pena maxima que se póde aplicar;

Os 1ºs cabos Canuto e Fidalgo Affonso: oito annos de prisidio militar ou alternativa de igual tempo de deportação militar;

O 1º cabo Gomes dos Santos: sessenta dias de prisão correccional agravada;

Os 1ºs cabos Pires e Cesar Affonso, a mesma penalidade;

O 1º. cabo Guilherme Augusto: dois annos de prisão correccional e multa de um escudo diario substituida por igual tempo de prisidio ou na alternativa de dois annos de ~~xx~~ Deposito disciplinar;

O 1º. cabo Branco: sessenta dias de prisão disciplinar agravada;

O soldado Fernandes: seis annos e vinte dias de prisidio militar — pena alternativa

Tina, atendendo á sua menoridade; e

O 1º cabo musico Freitas: sessenta dias de prisão militar agravada.

A sentença foi lida com a solenidade do costume; a sala estava cheia de publico e o estrado reservado aplinhado de oficiais, dos principais espectaculos da ditadura que foram ver como se fazia justiça... Notei que não houve um qualquer q. fosse qualquer gesto ou palavra de comentario.

Toda a gente saiu em silencio e os reus pareceram - me indiferentes perante as penalidades, com excepção do Guilherme disposto a quem ri comoção e lagrimas.

Teriamos nós errado? Seria comoção de arrependimento?

Notas soltas p.ª acabar com isto — que já não vai nem tempo:

Um capitão que eu não sei quem é disse - me, no fim, que a sentença fôra bem recebida, que dera todas as graduações ás faltas e que, enfim, estava feita com a maior justiça segundo a opinião de todos os presentes. Parece que os ditadores ficaram satisfeitos...

O coronel Wanzeller apressou - se a dar conhecimento da sentença para o Quartel-General que, por sua vez, esperava

anciosa para dar conhecimento dela ao ministro da Guerra. Tudo isto está muito bem mas o que não acho bem é o ar de subserviencia com que tudo é feito.

O sargento Sacaveu, como acima disse, estava incomunicavel desde o dia da prisão; mas esta incomunicabilid.e não era conhecida oficialmente do Tribunal. O certo é que ele pedia ao presidente Wanzeller p.a falar a pessoas de familia que assistiram ás sessões e, até, no final da audiencia sobre falando á vontade com os calos, durante o tempo em que nós fazia mos a sentença. Ora depois de lida esta, não sei por quais motivos, veiu a saber-se da incomunicabilid.e e aí fica o coronel Wanzeller furioso e «esmagado»! No prim.o momento, irreflectidamente, ia insultando o proprio Sacaveu ao qual exprobrou a falta cometida de, estando incomunicavel, falar com uns e com outros e sujeitou-se a que o rapaz lhe respondesse muito serenamente:

— Eu bem sabia que estava incomunicavel. Por isso mesmo pedia sempre licença a V. Ex.a ...

O coronel caiu em si e correu ao Telefone para a Policia de informações, explicando o sucedido e pedindo desculpa do

engano, que não foi por sua culpa, etc. etc. De lá responderam amavelmente «que se não importasse, que o caso estava suficientemente esclarecido...»

E para terminar:

Já aqui deixei dita a impressão que me causou o depoimento das testemunhas todas transmontanas dos arredores de Bragança. Acrescentei uma nota acerca do tal soldadinho gordo que ficou a guardar o corpo do tenente Rodrigues.

No seu depoimento feito com clareza e rudeza, parece que havia muito de encomendado. Teve frases retóricas sobre os deveres sagrados dos patriotas, ~~[illegible]~~ e sobre a defesa não menos sagrada dos superiores, etc. Disse que ficou a guardar o corpo do oficial porque, pósinho, não o podia levantar sem lhe rasgar a perna ferida e «não havia de o arrastar pelo chão» e acrescentou que daria um tiro a quem tentasse atacar, de novo, o tenente. E como o defensor lhe perguntasse se ele teria escrito qualquer coisa p.ª se não esquecer quando viesse depôr, ele respondeu com rapidez:

— Saberá V. Senhoria que não escrevi nada porque não sei escrever!...

E com certo ar decidido concluiu:

— A coleça é que escreve o que entende e não precisa de tinta nem de caneta!

E ainda mais adeante, quando o defensôr lhe armou uma ratoeira a respeito não sei de quê, o rapaz voltou-se para ele com certa solemidade e lançou-lhe á queima roupa:

— V. Excelencia só de dizer o que quizer que me não obriga a eu confessar o que não vi!

Tudo isto que aí fica acerca do julgamento, são notas um pouco desconexas ao sabôr do nervosismo da ocasião. Deixo dito o principal para se ver não só como as coisas se passáram, mas tambem como superiormente se procedeu no assunto.

Illegalidades, pressas, coacções, etc. etc. Felizmente que nada me passou pelas mãos; do que tive conhecimento veio por intermedio do coronel ou do auditôr, pare ce que havia certo proposito em me afastarem das confidencias. Tenho a consciencia tranquila a tal respeito mas estou convencido de que o coronel Wanzeller deveria ter ordens m.to especiais e quem sabe mais o quê... Como o coronel é pouco esperto (como em regra o bom oficial

de Cavalaria) deixava, por vêzes, antever que nas suas conversas com o brigadeiro Schiappa teria havido coisa grave e grossa. O que seria, não sei, porque não merecia essa "honra", mas é possivel q. ele ainda venha a escorregar em qualquer inconfidencia

Pobre Justiça!

Quem me havia de dizer que entraria numa cêna destas!

O conselheiro Acácio diria, com solenidade, que se fez Justiça; mas eu direi sinceram.te: pobre Justiça!...

Coimbra.

Dezembro: 14.

Desde 3 do corrente que estive de cama. Levantei-me hoje.

O que é que tive? Uma bronquite? Um ameaço de congestão pulmunar?...

Não sei. Foi qualquer coisa de alarmante, a avaliar pela cara do medico.

Fosse o que fosse. O que foi, com certeza, foi sinal de invalidez. E' o principal. E' a decrepitude que começa. A reforma a bater á porta...

Por carta do Pires Monteiro, recebida ontem, o general Feix.a Botelho teve que

3,19

censurar o meu artigo para a Revista Militar com que esta vai abrir o novo ano. Houve que fazer dois córtes...

Viva a liberdade do Pensamento mais a sua legítimo expressão!

O bom do general teve que recorrer ao lapis vermelho para que não houvesse novidade.

Coimbra.

Dezembro: 16.

Vem hoje nos jornais a Ordem do Exercito nº. 18 na qual sou passado ao Quadro da arma conforme pedi ao ministro. Será para bem? Será para mal?

Nestes ultimos dias tenho matutado grandemente sobre o meu futuro que vejo muito escuro.

O que sairá desta trapalhada toda em q. me meteram?

Tive que escrever ao Tomás da Fonseca a seguinte carta:

«Meu caro Am.º: Que lhe hei-de eu fazer? Depois duma semana de humid.e no Porto por causa do julgamento do caso de Bragança, caí na cama com uma forte bronquite ou coisa que o valha e só me

levantei ontem, combatido. Que the hei. de fazer?

Só sairei de casa no próx.º Terça-feira para ir ao Porto onde tenho audiencia em 20 do corrente. Depois, voltarei, mas, durante algum tempo, proibido pelo medico de sair á noite.

Teremos que adiar a conferencia para Janeiro. Estarei, então, liberto do serviço e a residir aqui. Marcarei o dia logo que passem as ferias.

Ando de mal a pior. Estou a ver que dentro em pouco terei que me reformar por invalidez. E' a velhice que chega. Paciencia.

Até breve. Muita saude, etc. etc. »

Coimbra

Dezembro: 17.

O caso já aqui falado do Tenente Silva Marques, tem aborrecido bastante o bom Ferreira Lima. As cartas que me escreveu que revelam a sua boa alma ficam guardadas na colecção. Bastar-lhe a explicar o meu silencio e o caso ficaria arrumado.

E' um bom amigo e um homem sério, casou já se não usa hoje muito. Tenho por ele a melhor estima e m.ta consideração.

Coimbra.

Dezembro: 18.

Escrevi hoje ao Luis Alberto de Oliveira, ministro da Guerra, a agradecer-lhe a m.ª passagem ao quadro e a pedir-lhe p.ª não deixar de deferir o requerim.to que vou fazer solicitando a m.ª mudança de domicilio p.ª Coimbra.

A carta vai amavel sem "engraxar" Que diabo! Os agradecimentos são bem devidos — e não faço nada que não seja o mais elementar dever de gratidão e de boa educação.

Amanhã lá volto p.ª o Porto para assistir em 20 á ultima audiencia. Terminarei com a m.ª missão de juiz (!...) e depois... depois...

O que virá?

Coimbra.

Dezembro: 20.

Cheguei do Porto sem maior novidade alem do tremendo frio que encontrei na cidade invicta e no que tambem encontrei na Estação-velha quando, ha pouco, desembarquei do rapido.

Lá terminei com o meu quadrimestre — o que equivale a dizer que volto á vida parada da m.ª terra, sujeito ás con-

tingencias das birras de qualquer minis-
tro que venha depois deste.

Esperarêmos com paciencia.

A audiencia foi, para mim, a 12ª —
uma duzia completa. Os processos eram
6 (processos nºs 36-41) e os reus foram
sete. Uma enfiada deles, pª terminar.

53) Estevão dos Santos, soldº de 1ª com-
panhia da Administração Militar (Povoa do
Varzim), natural de Carvoeira, concº de Tor-
res Vedras, 31 anos, anbixo trabalhador. De-
sertor pela 2ª vêz; temperamto aventureiro.

54) José Maria de Sousa, soldº do regi-
mento de Cavalaria nº 9, natural de Massa-
relos, Porto; 21 anos, tipografo.

55) Joaquim da Conceição Ferreira, sold.
do mesmo regimento, natural de Leça da
Palmeira, concº de Matosinhos, 21 anos, la-
urador.

Estes dois vieram acusados de se en-
volverem em desordem com o cabo do ran-
cho regimental do que resultou pancadaria
e desobediencia a um sargentos. Bagatelas
resultantes da boa paz...

56) Joaquim Gonçalves Leite Junior, sol-
dado do batalhão de Caçadores nº 3 (Chaves)
natural de Chaves, 19 anos, estudante do
Liceu. Creançola que já teve baixa de pos-
to sendo 1º cabo. Acusado de difamar um

1º cabo a quem atribuiu certo roubo de dinheiro e artigos de uniforme. E vem a Conselho de Guerra um rapazola assim! Eu absolve-lo-ia de bom grado, mas ou outros dois quizeram dar-lhe uns 20 dias de prisão disciplinar — e lá ficou com eles.

57) Armando Alves Pinto, sold.º condutor do regim.to de Infantaria 18, natural do Carvidelo, conc.º de V.ª Nova de Gaia, 21 anos, lavradôr. Acusado de deserção — a eterna falta de deserção.

58) Antônio José Mina, sold.º licenciado do regim.to de Artelharia Ligeira n.º 5 (Serra do Pilar); natural de Urros, Moncorvo; 22 anos, caixeiro. Acusado de não comparecer a uma chamada convocatória em Outubro ult.º p.ª serviço ordinario. Absolvido por se provar q. não foi avisado.

59) Francisco Pereira, sold.º do regimento de Inf.ª n.º 6, natural da Teixeira, concelho de Barão, 36 anos, casado, com 3 filhos, jornaleiro. Um desgraçado, tipo curioso de desherdado que anda acusado de furtos e deserção desde 1918... Desculpa-se com o amor á mulher e aos filhos. Um desgraçado autentico mais digno de estudo psiquiatra do que sujeito a tribunal militar.

Enfim, com esta chave de oiro, acabei a tarefa de juiz.

O defensôr oficioso, por impedimento do capitão Faceira, era hoje o major de Infantaria n.º 18, Armão Ferreira que, no começo, me dirigiu os cumprimentos do estilo. No final dos discursos quer deste quer do promotor, houve as saudações amigaveis do costume, com "boas-festas" e desejos de felicidades.

Depois da sentença, fiz as minhas despedidas e na verd.e fiquei grato a todos.

Do juiz auditor trago, até, as melhores impressões: seriedade, saber, probidade e bondade — o que nem sempre se reune num só homem.

O coronel Wanzeller que vai agora comandar Cavalaria n.º 2, creio que andou sempre desconfiado comigo, mas por fim lá se ia adaptando. As suas curtas vistas de inteligencia não deram p.ª mais...

Coimbra.

Dezembro: 21.

O caso do tenente Vitor Marques aqui tão falado, arrumou-se com a proposta para ser colocado no Arquivo Hist.º Militar. Moveu-se meio-mundo em seu favôr! Por esta malandragem é que toda a gente se interessa.

Coimbra.
Dezembro: 25.

Respondo a uma circular que recebi em novembro passado da Seára Nova, assinada por Mario de Arnaldo Gomes, Antonio Sergio e Castello-Branco Chaves:

«Ex.mo Sr. Mario de Arnaldo Gomes:— Dirijo a V.Ex.ª como primeiro signatário, a recepção da circular de Novembro p.p.; e só hoje o faço por motivos de doença grave. — Tenho o maior prazer em contribuir p.ª o fundo de reserva a q.ª se refére a circular; só lastimo o não poder contribuir com o que desejava. Quatro anos de afastamento do serviço e um ano de serviço fóra de casa, deixaram-me a contribuir só com 100$00 que remeto inclusos. — Desejo á Seára as maiores prosperidades e creia-me V.Ex.ª, assim como os outros signatarios, com a maior consideração, m.to at.º, etc. etc.»

A Seára anda sempre aflita com falta de dinheiro. A guerra que lhe fazem é grande, os assinantes não são muitos por causa do medo e, com franqueza, não sei se administração do Camara Reis será a

melhor — não por falta de vontade ou por menos seriedade, mas simplesmente por não ter grande geito para tais generos de trabalhos.

Coimbra

Dezembro: 26.

Escreveu a seguinte carta ao Ernesto de Melo, funcionario de Finanças de Beja fiel e dedicado investigador da Historia local. É' sujeito curioso, com certa instrução historica e literaria, prejudicado embora pela sua vida particular — cheia de anedotas foricarescas que a mulher, galdéria amarita, tem conseguido acumular p.ª gaudio dos soalheiros da terra. É' verdadeiramente um marido á Paulo de Kock, com o que parece não se importar muito por aí alem.

É' homem feliz.

Ora aí vai a carta q. afinal não me receia registo se o destinatário não fosse quem é.

«Ex.mo Sr. — Informo-o de que recebi dois opusculos com q. V.Ex.ª me quiz honrar. — Quem, como eu, perdeu uns 20 anos ao redór da historia dum concelho quasi sem historia, avalia bem o q. são

trabalhos semelhantes; por isso agradeço reconhecido a atenção de Vlcê. e felicito-o pela publicação de duas tão importantes achegas para a hist.ª de Penafiel. — Em breve irei a essa Terra fazer as minhas despedidas; nessa altura, pessoalm.te, intregarei a Vlcê. duas bagatelas minhas e renovarei os meus agradecimentos. — Até lá, disponha Vlcê., etc. etc. »

Coimbra.

Dezembro: 29.

Extracto duma carta a meu Tio José Aug.to Pimenta:

« ... Largo Penafiel com certa pena. Fui lá estimado e deixei amigos, assim como encontrei no comand.te da Região (o brigad.º Schiappa de Azevedo) uma creatura com quem podia contar e que me encheu de atenções — o que aqui, em Coimbra, não acontece.

« O prejuizo, na m.ª actual situação, é menor do que se continuasse em Penafiel; perco pouco mais de 100$00 e conquisto uma certa independencia. De mais a mais, a situação politica será cada vêr piór para a m.ª maneira de ver e o caso de Bragança que eu julguei numa an-

diencia que durou quatro dias (e que não era nada do que ao começo se disse) deixou-me apreensivo sobre o futuro. Só uma conversa reproduziria a impressão que me deixou a revolta de cabos organizada á maneira de Cuba e que por todo o País teve extensões maiores ou menores. (Isto é confidencial, é claro). O de Bragança, como deu uma morte, veio á supuração; aos outros... deram-lhe tintura de iodo para recolher, como se faz aos furunculos quando se anunciam. O exercito ficou mal ferido e o veneno não foi eliminado com certeza mesmo a repressão violenta dá resultados.

«O julgamento fez-se normalmente e a interpretação das leis penais creio que foi justa; mas aquilo foi aviso terrivel q. julgo não teria sido compreendido superiormente.»

. . . . . .

Coimbra.

Dezembro: 31.

Termino hoje o quadrimestre no Tribunal e com ele este periodo de serviço activo.

O balanço do quadrimestre não me é favoravel quanto a saude. Não me

dei bem no Porto e talvez, tambem, com as constantes idas e vindas. Quanto a vencimentos, vá lá, ainda ganhei alguma coisa — mas não sei se valeria a pena.

Algum dinheiro cresceu, é certo, destes quatro meses de ajudas de custo:

Total das ajudas de custo	3:736$00
Despesas no Porto	958$00
Saldo	2:778$00

Ainda ha que descontar neste saldo a despesa com a ida a Caldelas que eu não faria se não tivesse aquelas ajudas de custo.

Saldo supra	2:778$00
Em Caldelas	960$00
	1:818$00

Este é que vem a ser o ganho verdad.º em dinheiro, porque, das aguas, creio que o resultado não seria grande.

Enfim: contratempos e má sorte — que é, afinal, o balanço da m.ª vida.

Adeante.

P

— 1934 —

Coimbra.

Janeiro: 1.

O ano começou por um lindíssimo dia de sol. Geada de manhã, certa humidade janeirenta á tarde, frio á noite.

Para mim, começou duma maneira curiosa. Ao vestir-me, veio o correio que trouxe as provas do artigo de abertura da Revista Militar; e como o Pires Monteiro dissera que o general Teixeira Botelho cortara duas frases mais contundentes, foi logo ver, com certa ânsia.

E o que foi cortado? E' ver, para acreditar:

Na frase: «... quando os egoismos "e a ferocid.e dos homens e das nações pre"tenderam subverter todas as conquistas "f.as a Liberdade ...» — foi cortado o final: «... para a Liberdade.»

E no fim do artigo, quando dizo sem má intenção: «... Que a Revista viva mui "tos anos!... e que seja recanto de ami"gos onde haja paz bemfazeja e benefico "ambiente de Liberdade.» — foi também

cortado o melhor, o «benefico ambiente de Liberdade.»

O pobre do general Teix.ª Botelho teve mêdo que a palavra Liberdade, e de mais a mais com maiuscula, incomodasse os nossos dirigentes; e como a Revista não vai á censura, receiou complicações e cortou-a.

Do artigo desapareceu, pois, a palavra Liberdade... E celebro eu, com bom humôr, a vitoria do Liberalismo de ha um seculo!...

Ora isto ia-me incomodando, um pouco; e, durante o dia o caso deu-me que pensar. Resisti, porem, e fiz o possivel para esquecer... a Liberdade suprimida.

Coitado do general que, no fim de contas, é um velho liberal e bem discordante desta situação q. nos domina!

Agora, á noite, p.ª compensar, tive a visita do Vitorino Nemesio que me veiu ler o prefacio do seu novo livro sobre Herculano (que será a dissertação p.ª o doutoramento) e o dum outro em que publica uns ineditos do historiador.

Pareceram-me bem feitos, tanto quanto a má leitura do autor me deixou compreender. O rapaz tem merecimentos;

o retrato de Herculano feito atravez dos testemunhos coevos parece-me bem feito. E foi o que me valeu, neste começo de ano.

Posso ir dormir mais satisfeito embora sem Liberdade...

Coimbra.

Janeiro: 4.

Recebi hoje resposta, assinada pelo Camara Reis, á m.ª carta de 25 de Dezembro ultimo, p.ª a Seara Nova.

Vem m.to amavel. Fica arquivada.

Coimbra.

Janeiro: 10.

Fui hoje ao Porto, com tenção de seguir p.ª Penafiel. O tempo, porem, sobre a tarde, apareceu com má catadura e eu, com receio, voltei para traz.

Em todo o caso, despedi-me do brigad.º Schiappa e do pessoal do Tribunal Militar.

O brigadeiro disse-me que tinha sempre a porta aberta para mim, desde que eu quizesse voltar p.ª a Região; teve palavras m.to amaveis e lastimou, polidamente, a m.ª saída. Eu agradeci, aludi vagamente ao caso da chamada de ha um ano, sob acusação de conspirar em

Pessoal e ouvi-lhe referencias ao administrador do concelho que me deram a impressão de q. foi ele, administrador, que levantou a lebre.

O administrador é o tal capitão Coelho dos Santos que o Cripado chegou a dizer-me ter a razão perturbada e ser, por consequencia, um irresponsavel...

Eu ouvi e calei, é claro; não tive eu rapaz de dizer que se o homem é irresponsavel, não deveria estar á frente do concelho como está e com a confiança completa das autorid.s superiores. Mas o dito fica aqui como indice do que valem certas autoridades da Ditadura.

Quando me despedi e lhe disse que não sabia como corresponder a tantas atenções dele e que gostaria muito, um dia, poder ser-lhe util, o cripadeiro teve uma frase gentil:

— A sua cooperação é-me sempre muito util. Quando quizer será recebido de braços abertos.

Fiz uma vénia anuanel e saí.

Não sei até que ponto será sincera a amabilid.e do Schiappa de Azevedo. No entretanto quero crer que me aceitaria sempre de bom grado.

Coimbra.

Janeiro: 11.

Ha dias recebi o nº. 1 do II anno da revista do Conselho de Arte, a Arte e Archeologia, onde veem o meu trabalho acerca dos Oleiros de Miranda do Corvo.

No final do vol.º vem uma noticia da morte de Ant.º Augusto Gonçalves e do dr. Augusto Mendes Simões de Castro. Noticias simples, em meia duzia de linhas, como de qualquer local de periodico politico ou noticioso.

Aquele Vergilio Correia!...

Os jornais da terra dão a nota da saida da revista e dizem mentalis mutandi o que a Gazeta de Coimbra disse e que fica aqui arquivado p.ª memoria.

São discretos e concisos.

Bibliografia

«Arte e Arqueologia»

Saiu o n.º 1, do 2.º ano, desta esplendida publicação.

Não é preciso encarecer o seu mérito.

Para se avaliar como merece leitura atenta e cuidada, bastará dizer que neste numero de *Arte e Arqueologia,* colaboram os srs. Dr. Vergilio Correia, com um importante artigo sobre «A Praça de Sansão e o Mosteiro de Santa Cruz em 1796», tenente-coronel Belizário Pimenta com um artigo sobre os «Oleiros de Miranda do Corvo», João Amaral sobre «Papeis pintados» e padre Nogueira Gonçalves sobre «O Castelo de Avô».

Ainda este numero de *Arte e Arqueologia* insere, na sua secção «Vária», noticias alusivas a assuntos de arte e presta homenagem aos nomes de dois ilustres conimbricenses: António Augusto Gonçalves e Augusto Mendes Simões de Castro.

E', pois, um numero que não pode deixar de ser recomendado a quem se interessa por assuntos de arte.

3,23

Coimbra.

Janeiro : 20.

- Anté-ontem, tentativa de revolução comunista — com bombas, descarrilhamentos de comboios, etc. etc.

Lembrei-me do caso dos cabos de Bragança e mais partes que devia andar ligado com estes últimos sucessos.

Barafundas e mais barafundas. E o governo, p.ª não perder o hábito, aproveita o momento para fazer ameaças a torto e a direito, aos que teem culpas e aos que as não teem. Eem nota oficiosa publicada hoje nos jornais vem este trecho q. vale a pena fixar :

« Foi resolvido promover a demissão dos funcionarios publicos civis e militares q. professem ideias cuja propaganda é proibida e punida pelo decr. n.º 23.203, não podendo ser nomeados de futuro p.ª cargos publicos os individuos q. não deem segura garantia de defender os principios fundamentais da organização social consignados na Constituição da Republica. A mesma condição será exigida p.ª qualquer acesso ou melhoria de situação. »

De modo que estes atentados comunis-

tas serviram de pretexto excelentemente para tentar fazer a limpeza do funcionalismo militar e civil.

Cá fico esperando o convite.

Coimbra.

Janeiro: 28.

Novamente doente. Outra vêz de cama com uma especie de "grippe" que julguei se transformasse em recaída da bronco-pneumonia de ha um mês.

Não ha duvida de q. a invalidez bate á porta. E com o tempo irregular que está, terei de requerer uma redoma para me protejer melhor.

Não sairei de casa por estes dias e sinto-me encaminhado p.ª o grande sorvedoiro dos verbetes e folhas acumulados a respeito de Miranda do Corvo a que terei finalmente de dar atenção p.ª que aquilo, um dia, não seja simples papel para deitar fóra...

E tanto tempo consumido e com tão boa vontade!

Mal empregado esforço feito, e mal empregado dinheiro gasto...

Chegou-me hoje o num.º da Alma Nova, da Lousã, publicada ontem, que

traz a respeito dos meus Oleiros uma noticia muito curiosa que vale a pena arquivar como padrão do nosso noticiario critico.

Oleiros de Miranda do Corvo

O ilustre oficial do exercito e nosso prezado amigo sr. Tenente Coronel Belizario Pimenta acaba de publicar na revista *Arte e Arquelogia*, um bem elaborado e muito interessante artigo sobre a olaria em Miranda do Corvo, com os nomes de muitas dezenas de oleiros que desde o seculo XVI nela trabalham.

Pobres diabos... O intelecto não lhes dá para mais — e vá la q. poderia ser piór. E gastei eu tanto tempo e dinheiro...

Coimbra.

Fevereiro: 14.

Por uma nota que me mandou o ten.te Arnaldo Vitor Marques (de quem anteriormente falei a q. afinal se encaixou no Arquivo Hist.o Militar) vê-se que o meu relatorio da campanha de 1919 contra os monarquicos, no Vouga, não está na caixa respectiva. Isto é: desapareceu...

E vê-se, tambem, pela mesma nota que o Mendes dos Reis, q. foi o comand.te do meu Destacamento, me propoz para a Torre e Espada!... Como as coisas são! Eu, proposto para a Torre e Espada!...

Confirma-se o que se dizia então: que o Mendes dos Reis queria ter promoção por distinção ou qualquer honraria grossa e por isso propor a Torre e Espada para os seus imediatos subalternos.

Fraquezas humanas

E será verdade que o meu relatório é que foi o causador de não aceitarem a proposta? Como ele desapareceu, pode ser que seja verdadeiro o boato que ao vento se espalhou e que, como todos os boatos, deixou sempre rastro.

Coimbra.

Fevereiro: 17.

Fui hoje a Miranda do Corvo por umas horas. E comecei a reconciliar-me com a paisagem destes meus sítios.

Depois dum ano passado no Minho, e em região das mais belas, encontrava nesta paisagem coimbrã, certa pobreza e certa tristeza. Da exuberancia minhota vinha o contraste com esta seriedade. E nos primeiros tempos, confesso, não me adaptei ao subtil prazer da contemplação deste ambiente sossegado.

Hoje, porem, em Miranda, ao olhar para o vale que corre até ao Pé da Serra, vão calmo, vão doce, visto da encosta do Ou

teiro das Maias, senti as boas e antigas impressões e quasi me reconciliei...

Aquele vale é belo e enternecedôr e p.ª mim tem um encanto subjectivo — que será talvez a maior belesa de todas as paisagens.

Coimbra

Fevereiro: 21.

Carta que tive que escrever ao Dr. Joaquim de Carvalho:

«Ex.mo Sr. Dr.... — O nosso amigo Ferreira Lima em cartas sucessivas lastima-se da lentidão com que o n.º 4 do Boletim do Arquivo Histórico está a ser impresso e preocupa-se com o facto de a verba que tem para este volume ser arrecadada se ele no fim do ano economico não estiver na rua. — A contabilid.e do nosso ministerio é assim que procede e deste modo ficaria o Ferreira Lima impossibilitado de, para o ano de 1934-1935 publicar novo volume. — Eu sei q. na Imprensa ha muito que fazer; o José Alves já me expoz as dificuldades com q. luta; mas V... não poderia dar um geito qualquer ao problema? — Aqui fica o pedido, conforme os desejos do F. Lima e q. me interessa tambem como vogal da Co-

missão de Hist.ª Militar; e V... de certo fará-lo-ha com a atenção que merece. — Desculpe este incommodo assim transmitido, porq. não sei bem como encontrar V.... — E creia-me, etc. etc.»

Coimbra.
Fevereiro: 23.

Chegou hoje o 1º numero deste anno da Revista Militar onde vem o meu artigo de abertura que substitui «1834».

Lá faltam as duas palavras liberdade conforme os desejos da direcção. E como novidade traz logo abaixo do cabeçalho uma nota que não tem vindo nos outros numeros: «As doutrinas expostas são da "responsabilid.ª dos seus autores.»

Terá esta nota sido provocada, como boa cautela, pelo meu artigo que, por isso, segue logo adeante?

E' possivel.

Coimbra.
Março: 7.

Nos jornais de hoje vem a noticia de uma festa que fizeram em Hamburgo á escritora e romancista Luisa Ey a proposito dos seus 80 annos e das felicitações que foram de Portugal juntamente com a co-

menda de Santiago que o Governo lhe conferiu. A noticia vem assinada por M. Paiva Boléo, actualmente leitor de portuguez na Universid.e de Hamburgo, um dos mais salientes directores, enquanto estudante, do Centro Academico Democracia Cristã mais conhecido pelas iniciais C.A.D.C.

Ora o que ha de mais tocante na manifestação é a oferta dum cesto de garrafas de vinho do Porto com bandeira azul e branca... Mas p.a compensar, ofereceram outro cesto com «a bandeira da Republica» e explica o noticiarista q. a outra era «do tempo em q. Frl. Ey esteve em Portugal...»

Tocante lembrança e tocante explicação!...

Ainda bem que se explicou o caso: a bandeira azul e branca era a do tempo em que a escritora esteve em Portugal; a outra é... «a da Republica.»

Ainda bem, sr. Paiva Boléo.

Coimbra.

Março: 12.

Consegui do director da Biblioteca da Faculd.e de Letras que é o Ferrand Pimentel de Almeida que trocasse com a Revista Militar o seu boletim cultural que tem por nome Biblos. As trocas já começáram

e eu já vi na mesa central da sala de leitura, entre muitas outras revistas portuguesas e estrangeiras, o últ.º fascículo da Revista Militar.

O Fernando Pimentel de Almeida, desde a m.ª destituição de presidente do Conselho de Arte e Arqueolog.ª andava um pouco arredio, evitava falar-me. Eu não fazia caso e até lhe achava certa graça; e quando me dirigi, um dia, f.ª a consultar acerca da troca das revistas, ele desfez-se em atenções e facilidades. Pensaria até que eu não sabia da intervenção dele naquele episódio do Conselho ou outro que ... eu era parvo.

Podia escolher à vontade qualquer das hipóteses. É-me indiferente.

Coimbra.

Março: 14.

Segue-se uma longa carta para o médico Vítor Faustes, que foi amigo e protegido de meu cunhado Costa Ferreira e era o médico assistente da família enquanto esta viveu em Lisboa.

Deixo-a aqui copiada porque para futuro poderá ainda servir, apesar de ser documento desagradável. Mas estes meus soberbinhos são creaturas extraordinarias — e é bom guardar lembranças

3.23

que o tempo dessiparia da memoria e se não poderiam reconstituir.

Aí vai a carta:

« Exmo Sr. Dr. V. F. — Sei que V... anda preocupado com doença de pessoa de família e por isso peço que desculpe esta carta. Porem, como meu sobrinho Henrique[1] vai procurar V... hoje ao anoitar, entendo q. devo dizer a V... confidencialmente algumas coisas acerca dele que meus olhos verão a Mãe dirão e que poderão influir no julgamento. E tudo isto vai porque sei que V... é sincero amigo deles. — O Henrique anda ha algum tempo mt. desarranjado de cabeça por motivos q. desconheço mesmo posso apreciar como leigo que sou no assumpto. Mas esse desarranjo acentuou-se com rapidez assombrosa desde q. a Mãe saiu do Sanatório e passou a viver com ele. E' um facto observado por mim ha muitos annos, de as suas excitações se darem com a coincidencia matematica. Noutros tempos, quando viviam em Lisboa e nas ferias elle vinha, uns tempos antes, p.a casa dos Avós, o Henrique era um rapaz normal, moderado e bom disposto, vivia com a maior

---

(1) Henrique Pimenta da Costa Ferreira.

urbanidade; mas bastava q. chegasse o dia em q. a Mãe vinha, p.ª que se transformasse e aparecesse o seu temperamento violento, sêco, com máus modos; o proprio olhar era outro, com miradas estranhas, um tanto ou quanto tôrvas. A vida q. m.ª Irmã levava era horrivel e depois de viverem em Coimbra vim a saber que ele, em certas ocasiões de excitação a magoava com apertos nos braços, uma vêr até no pescoço — e em geral com maus modos de mistura com ternuras incompreensiveis. Minha Irmã encobriu isto tanto quanto poude; mas eu alguma coisa vim a saber e o seu enfraquecim.to de que veiu a tuberculose foi a consequencia de todas as privações por que passava e do martirio que deveria ter sido uma tal vida. — Enquanto minha Irmã esteve no Sanatório, o rapaz viveu numa "republica" e embora sem o conforto da casa, passou todo o tempo bem, sem qualquer alteração visivel; vinha comer a casa de m.ª Mãe e era outro muito diferente — com excepção das horas da visita ao Sanatório onde ia fazer queixas do seu mal estar e censuras á falta de dinheiro. — Depois que m.ª Irmã veiu para casa de m.ª Mãe e que de novo

vivem juntos, o seu temperamento doentio começou a manifestar-se — e especialmente ha uns dois meses a vida ali é insuportavel e eu receio que a saude de m.ª Irmã se ressinta (se não se ressentiu já) e que m.ª Mãe, com 88 anos, venha a sofrer com os constantes sobresaltos em que vive. Porque, ultimam.te, não é só o tom violento e as objurgatorias rudes por dá cá aquela palha: o Henrique tem tido acessos de loucura q. levam tempo a dominar, q. eu tenho acalmado conforme posso mas que trazem toda a familia em estado de nervosismo (e até medo) que não póde continuar. E como ele tem a obsecação de sair de Coimbra e em especial da casa da Avó, esse o motivo porque eu e m.ª Irmã resolvemos manda-lo para aí, como medida urgente e indispensavel. Eu ando sob o peso e o medo dum acontecim.to grave e funesto. Só visto de perto e constantem.te como eu, desde q. vim de Penafiel ha meio ano aproximadamente. — Não sei o que dirão os entendidos; mas eu creio que ele não pode viver aqui, pelo menos agora. Quando vem a m.ª casa é uma creatura interessante, discute e discorre com inteligencia e lucidez sobre qualquer assunto; com outra pessoa ou noutra qualquer

casa, o mesmo. É estimado entre os estudantes e apreciado pelos professores; mas mal entra a porta da casa de minha Mãe, o olhar é turvo, os modos são mais vivos, tem no todo uma inquietação suspeita. Eu ha bastantes dias que quasi o vigio quando sei q. ele está em casa; chamo-o para minha casa com pretextos futeis; insinuo-lhe um passeio, uma sessão de cinema, etc. Mas tudo isto é precário... — Agora reparo que estou a escrever de mais; V... tem preocupações legitimas e tem q. fazer. Mas creio que estas informações não seriam fornecidas nem por ele nem pela Mãe. E parece-me que não se devem pôr de lado estas m.as indicações talvez mal expressas porq. são ao correr da pena, mas exactas. — A situação é terrivel; e V... como velho amigo de todos, creia que grande beneficio fará, especialm.te a m.a Irmã, promovendo, de qualquer modo, o afastamento temporário do Henrique e, possivelmente, o seu internamento em qualquer meio onde se modifique tanto quanto possivel, o seu estado actual. — Mais teria que dizer. Não quero, porem, abusar. Desculpe V... todo o aranzel e creia-me, etc. etc. »

Aqui fica este estendal infeliz. Mas a vida é o que é.

Deixar ficar, pois, o estendal.

Coimbra.

Março: 17.

O numero da Alma Nova da Lousã chegado hoje, começa a publicação dos meus Oleiros de Miranda do C.º, em folhetins, sem mais nem menos!

Uma simples noticia participa o facto sem ao menos vir acompanhada da frase sacramental «com a devida venia» ou outra qualquer semelhante.

Liberdades... da Imprensa.

Coimbra.

Março: 29.

Nos jornais de hoje vem uma mensagem do patriarca Cerejeira á mocidade portuguesa.

Linguagem "maricas" e ao mesmo tempo empolada; lindas promessas, lindas palavras e grande rônha por detraz de tudo...

As intenções devem ser tenebrosas! Percebem-se bem, e só os parvos as não vêem. Mas, enfim, quem as fez que as desfaça. Eu sinto-me no palanque, co-

mo se costuma dizer, a ver as tourinhas de graça. E' triste o dizer isto — mas parece-me que é a unica atitude possivel perante o carrinho que as coisas levam.

E a proposito, não só p.ª desopilar como tambem p.ª confrontar o que acima digo, fica aqui, colado, um excelente modelo do que póde a idolatria salazarista. A vila de S. João da Madeira manifesta-se assim: até aqui só exportava chapeus e resinas; agora exporta profissões de fé...

VIDA POLITICA

Uma profissão de fé salazarista

O sr. ministro das Obras Publicas e Comunicações recebeu ontem o seguinte telegrama:

«*S. João da Madeira*—A ponte sobre o Tejo, diadema formoso, veio coroar a obra singularmente patriotica da restauração da Marinha de Guerra e da construção do Arsenal do Alfeite, portos, estradas, telefones e Estadio Nacional. Comovidos pelo vosso portuguesismo, fazemos soler a profissão de fé Salazarista e bradamos: Pelo sr. ministro das Obras Publicas! por Salazar e por Portugal! Arraial! Arraial! Arraial!—(a a) Augusto Fernandes, Joaquim Almeida, Valeriano Frutuoso, Manuel Vieira, José Tovar, Rodrigo Correia, Joaquim Pais Vieira, Augusto Pinho, Benjamim Palmares, Guilherme Silva, Daniel Costa, Jorge Silva, Manuel Pinho, Belmiro Silva, Manuel Bastos, Castro Lira, Pedro Palmares, Gabriel Dias Junior, José Guimarães, José Miranda, Americo Pinho, Joaquim Pinho e José Bastos,

Coimbra.

Março: 30.

Ha dias, no numero da Gazeta de Coimbra de 27 deste mês, o dr. Vergilio Correia respondeu a um artigo de certo estudante que lhe contestou qualquer afirmação acerca da torre de Santa Cruz que ainda existe e das outras que desappareceram.

Nesse artigo empurra a resolução do problema para varios e entre esses varios "sabios" e um seguindo lugar, apare-

ço eu como autoridade no assunto!...

Que mosca morderia o Vergilio Correia para me acusar assim de sabedôr da situação das torres desaparecidas? Parece-me lisonja de mais, com a agravante de faltar à verdade. Eu nunca me interessei pelo diabo das torres de S.ta Cruz que desapareceram, torres, valha a verdade, de cuja existencia creio não ter ainda suspeitado.

Enfim, amabilidades.

Aqui fica o extracto do artigo:

Onde estavam situadas, precisamente essas torres; por onde passavam os muros da cêrca forte do Mosteiro? A resposta nem sempre será fácil, e recomendo-a aos que algum tempo teem reservado ao estudo da topografia antiga da cidade: o mestre Doutor António de Vasconcelos, Belisário Pimenta, Abel Urbano, Brito e Silva, Amadeu Ferraz de Carvalho, Alberto Pessoa, Nogueira Gonçalves, Rocha Madail, Pinto Loureiro, etc, grupo escolhido de eruditos que podia encarregar-se de completar a contribuição preciosa que Aires de Campos proporcionou neste campo.

Lisboa.

Abril: 6

Estou em Lisboa desde ante-ontem; e cada vez me está a desagradar mais a cidade de marmore...

Passado o Ribatejo com as belas lezirias, comecei a sentir certo mal estar; ao entrar o comboio nos bairros novos, na altura de Entre-Campos, uma certa opressão se acentuava; e ao chegar ao Rossio e ao ver, da plataforma da saída, o Castelo, a Graça, a turba-multa na baixa, no afan do

costume ou no ocio mais costumado ainda, então o mal-estar aumentou e cá o tenho, com peso no lado esquerdo e alguma tensão nervosa. Etc. etc.

O ar desta gente que se vê nas ruas é horrivel: ou a gravidade dos asnos que por viverem na capital se julgam alguem ou o egoismo dos máus. As mulheres juntadas como cortesãs e ao mesmo tempo enorme quantidade de tipos miseraveis, masculinos e femininos, a atestarem a abundancia e a felicidade que o António Ferro apregôa aos quatro ventos.

No Quartel-general onde fui deixar o meu passaporte de autorização, então o padrão é superior: os sargentos não se levantam perante a certeza de que sou um tenente-coronel; ficam comodamente sentados; e os oficiais é claro mais comodamente se deixam estar. Uma boa paz e uma boa harmonia!

Mas o exercito, dizem os arautos da situação politica actual, nunca esteve tão disciplinado.

Tudo isto me faz uma grande impressão que de certo o lisboeta puro classificaria de «provincianismo» — mas que deverá ser antes da inadaptação a esta vida falsa cheia de miserias morais.

E depois... a familia. Meu Tio José Augusto Pimenta, sempre o mesmo: pronto para dar conselhos e para malsinar todas as intenções, apregoando o seu bom-senso e os seus serviços, mas aváro em remedios praticos. Ontem, exaltei-me um pouco com ele; e fiquei irritado comigo por me ter deixado exaltar. Tive uma noite de mau sôno, com pesadelos, em que a discussão havida me aparecia sempre debaixo de varias formas.

Etc. etc.

Cada vez mais desejoso de fugir ao mundo: encontrar um Vale-de-Lobos onde me acoite e onde ninguem me procure e onde possa, de vêr, esquecer toda a gente.

Infelizmente, Vale-de-Lobos é ponto ideal — onde se não chega.

Lisboa.

Abril: 9.

Fui no sabado á exposição de Belas-Artes. Salão quasi deserto. Conjunto exposto talvez um pouco pobre. Deu-me a impressão de q. não havia ali qualquer amostra de génio. Paisagens e retratos, pouco mais. Parece que agora ha a preocupação de se tornarem imortais pela pintura: homens, rapares e meninas, todos em atitudes pro-

grias para passarem á Historia: os ho. meus mais ou menos graves, ar reflec. tido, á procura do melhor geito para garan tir a posteridade... em tela; as meninas, sentadas em almofadas e estofos, á orien tal, com a cavadura a meter-se pelos olhos pecadores dos visitantes...

E o mais curioso da exposição é uma salasinha no 4º andar para onde arrumá ram algumas insignificancias e os mús escandalosos, futuristas, controversistas de mais para a honestidade media dos pais de familia. Um quadro, entre, sái fora das marcas, com um rapaz nú, mos trando todos os atributos do sexo, a apa nhar fruta duma arvore, enquanto uma rapariga, vestida, calçada e com leno a emberulhar a cabeça, dá de mamar a uma creança junto dum cabaz de merenda. Um idilio cuja significação não compreendi.

O que quereria dizer o artista? Concep ção elevada, fermentura, mas que eu não atinei.

Lisboa.

Abril: 12.

Voltei hoje á Torre do Tombo para ver se era capaz de dar conta dos meus Capi taes-mores de Miranda do Corvo.

Encontrei aquilo mudado : a delicadeza do pessoal é extraordinaria, em especial das mulheres encarregadas da sala de leitura. Que teria havido ?

De certo, as muitas queixas talvez em quasi todos os leitores e a comparação com os outros arquivos e bibliotecas onde se atende o publico com atenção e interesse. A chefe da sala, uma dama loira-russa, com restos de beleza de espalhafato, não se houve responder ao que eu queria, disse-me com elegancia teatral :

— Tenho imensa pena em não saber responder a V... ; desejava bem que V... ficasse orientado, mas não sei faze-lo... O melhor é ir ao sr. Director que está sempre pronto para atender os Ex.mos Leitores...

E o certo é que fui ao gabinete do António Baião, para saber que livros teria que consultar p.a apanhar os meus capitães-mores. Sim senhor !... A Torre do Tombo está mudada, quasi de pernas p.a o ar.

Ainda bem. Já agrada a consulta — o contrario do que me acontecia ha tempos relativam.te proximos, quando o leitor, ao entrar na sala, era olhado como inimigo.

Sim senhor ! Qualquer muôsca mandaria a direcção e o pessoal...

Lisboa.

Abril : 13.

Houve hoje assembleia-geral da Revista Militar a q. fui assistir.

Fiquei com a impressão de que ainda há, felizmente, recantos onde as ideias do Estado Novo não entraram e assentaram arraiais. Senti-me bem naquele ambiente onde a chegada do general Norton de Matos foi acolhida com respeito e certo carinho e onde teem influencia o general Ferreira Martins, o Pires Monteiro, o Pereira da Silva, o Botelho de Sousa. O proprio general Teixeira Botelho, presidente, me acolheu com simpatia e me falou do artigo que saiu no 1º numero deste ano; pediu-me desculpa da censura feita porque as ordens recebidas consideravam «subversivas» quaisquer ~~[illegible]~~ comemorações das lutas liberais de ha um seculo; e observou-me que o final do mesmo artigo, tal como ficou, não correspondia infelizmente á verdade pois a minha frase que desejava á Revista um largo futuro e que fosse um campo neutro onde todos se podessem encontrar não podia ser senão uma expressão minha de desejo e nada mais. A actual situação, continuava o general, como é a reparação do Liberalismo e por consequencia da livre critica, teem

feito com que a Revista seja uma instituição difícil de aguentar e que o ministério da Guerra não quere que seja mantida mas sim integrada absolutamente no Novo Estado.

Enfim, sentí-me bem em tal ambiente. Ainda ha quem se não curve.

Lisboa.

Abril: 15.

Hoje foram profusam.te afixados nas esquinas e paredes de Lisboa, cartazes contra o Comunismo, contra a Maçonaria e a Democracia. Um deles apresenta um operario esforçado com a legenda: «Operarios! eis o que é o Comunismo!» Outro, apenas com 3 rodas dentadas das quais uma simbolisa o Comunismo, outra a Maçonaria e outra a Democracia; entre os dentes de duas das rodas ha uma bolasinha, simbolisando, como grão de areia, a Associação Escolar da Vanguarda (que é a autora oficial dos cartazes e que o ministerio da Guerra não quer que seja mantida mas sim integrada absolutam.te no estado novo) a emperrar o «mecanismo infernal.»

É curioso e não ofende. O que não sei é se comunica.

Lisboa.

Abril : 19.

Estive hoje no Arquivo Hist.º Militar onde falei casualmente ao general Vitoriano José Cesar.

Recebeu-me mt.º bem, com deferencias até, mas deu-me a impressão de que vai a caminho de gá-gá muito acentuadam.te Expuz-lhe o estado dos meus trabalhos, falei-lhe do Saldanha, do atraso dos nossos estudos militares — e ele ouviu com atenção mas com ar de quem me achava um inovador possivelmente perigoso. E a propósito contou-me algumas anedotas...

Anedotas a propósito do Saldanha, a propósito do Liffe, a propósito de Wellington e... mais nada. Só anedotas. Apenas de concreto disse-me que ia ver se conseguia do ministro da Guerra uma verba de 10 contos no futuro orçamento, p.ª trabalhos de cópias de documentos entre os quais os contidos nos códices manuscritos da Universid.e que eu estou a sumariar e a catalogar.

Vamos a ver se vem algum dinheiro q. compense o trabalho.

E é este melhote o presidente da Comissão de Historia Militar!

Polere velhote que ainda vive no bom periodo das anedotas!...

Ontem, no Porto, a oficialid. da 1ª Região M.ar ofereceu uma espada de honra ao Schiaffa de Azevedo, por ter completado 4 anos no comando da mesma.

E' uma inovação curiosa, está, de comemorar quadriénios — mas, enfim, está na moda e não faz mal a ninguem.

Mandei ao Schiaffa um telegrama curto mas amavel que, afinal, vinha certa obrigação de mandar.

Lisboa.

Abril: 20.

Fui hoje á Biblioteca Nacional para consultar o Boletim Cartista de Coimbra.

Demora na entrega do livro. Pessoal do catalogo, amavel; mas o da sala de leitura razoavelmente grosseiro. Quando me dispunha a tomar notas com a caneta de tinta permanente, fui advertido de que o não podia fazer, mas só com lapis... Protestei e disse que não trazia lapis e mesmo que o trouxesse não me sujeitava á imposição.

Deixei o livro e saí da sala, mas escrevi ao Marqueita de Figueiro que lá é li-

bliotecario, desabafando e protestando.

Aquele «Veiga das curvas»[1] ha-de fazer das suas na direcção da Biblioteca. E o certo é que fiquei sem a consulta que queria.

A' tarde, fui ao ministério da Guerra falar ao ministro, ao Luis Alberto de Oliveira, conforme ele insinuou quando cá estive em Novembro passado. Procurei um ajudante a quem disse os motivos da visita; mandou-me entrar p.ª a sala que estava cheia de pretendentes, entre os quais oficiais fardados que olháram com ar agresivo para este pobre recenchegado modestamente vestido e desconhecido. Daí a uns 5 ou 10 minutos, o ajudante chegou á porta e chamou-me.

Espanto geral! O ultimo foi, afinal, o primeiro...

O Luis Alberto mostrou m.ta satisfação em me ver. Fingiu? Se assim foi, fingiu m.to bem. Trocámos meia duzia de impressões e quando aludi á m.ª saída de Penafiel, disse-me:

— Fica sabendo que o Schiappa é teu amigo. Ele falou-me em ti e lastimou a tua saída da Região. Fez-te elogios e grandes. Podes crer nisto que eu te estou a dizer.

E depois de mais umas coisas acerca do brigadeiro e da homenagem que ha dias lhe prestaram no Porto, acrescentou com ar de quem queria deixar bem claro o que dizia:

— Pois é teu amigo a valer.

Que conversa teria havido? Fosse como fosse não desgostei de saber.

Coimbra.

Maio: 5.

Esteve aí hoje o Luis Augusto de Oliveira Franco, major de Infª, o antigo companheiro de 1908 a 1910 na vaga conjura contra a monarquia, no velho regimento de Infª 23. Não me disse o motivo da vinda a Coimbra; mas pela conversa e pelos passos que me disse ter dado, cheirou-me que se tratava de policia "de informações"

De mais a mais, ele disse que estava numa comissão no ministerio da Guerra que não nomeou.

— Estou em comissão no ministerio da Guerra, disse, ao mesmo tempo q. fazia um gesto largo.

Vem ontem e foi hoje. Vinha em trajo civil e assim andou sempre.

Em que deu um republicano historico que eu vi com lagrimas nos olhos quando

haria em Lisboa qualquer violencia por parte do governos monarquicos contra o povo republicano...

E' certo que isto já lá vai ha bem 25 para 26 annos — nem mais nem menos que ha um quarto de seculo.

E o mundo, neste intervallo, deu muita volta.

Coimbra.

Maio: 8.

Centenario da entrada do Duque da Terceira em Coimbra.

Nem um signal, por pequeno que seja, de lisonjeira commemoração.

Qualquer manifestação seria considerada subversiva. E assim vamos andando...

Lisboa.

Maio: 12.

Cá estou, de novo, ha uns tres dias. Chegou o calor e parece que, com elle, a politica se entusiasmou.

Ontem á noite, ao vir para casa, o electrico em que vinha, ao descer a rua de S. Bento, na altura da rua do Arco, teve de parar. Uma força de policia, armada de carabina mettida na ordem uma manifes-

tação feita por «camisas azuis.» A policia era comand.ª por um oficial subalterno que berrava alto para os manifestantes com ameaças bem claras.

Os manifestantes eram umas tres duzias de rapazelhos, pequenotes, bem indumentados de azul, que gesticulavam largamente. Parada, estava uma caminheta de bancadas onde uma mulher desgrenhada gritava lancinantemente.

Não percebi.

Ao apear-me, mais abaixo, á rua de S.to Amaro, vi um grupo de populares que comentava; e deles ouvi as seguintes frases soltas, com um pouco de indignação ou protesto:

— Para uma data de garotos, é necessario mobilizar uma esquadra!

— Foram tres tiros, que eu bem senti! Não me engano, tres tiros!

— Corja de perturbadores, como se não houvesse nada que nos incomodasse!

Hoje tive ligeira explicação do facto: eram os «camisas azuis» que se manifestavam contra a prohibição das suas reuniões e manifestações e contra a autorização aos «camisas verdes» do Antonio Ferro para se organizarem com o

nome de Associação Escolar da Vanguarda, e com a protecção do «Secretariado de Propaganda Nacional.»

Era, no fim de contas, uma luta de camisas... Podia ser piór.

Lisboa.
Maio: 13.

Hoje, lá se conseguiu deixar de pé, em estátua, o Marquês de Pombal.

Fui ver a cerimonia da entrega. Dia quente, excelente; o lisboeta veiu para a rua e a Rotunda encheu-se. Multidão compacta. Ordem, disciplina em tudo. Parece que todos tiveram a noção do momento. Não houve gritos. Só ouvi os vivas oficiais e as palmas que reboaram com intensidade.

Aquele silencio e a compustura mantida deram-me a impressão dum protesto contra o atheamento do governo perante a cerimonia. Tudo primou pela muita ordem e pela disciplina — quer no transito, quer na ausencia de manifestações, quer na simples passagem pela frente do monumento, no final, como homenagem.

Seria dos meus olhos ou de opinião antecipada?

Quiz-me, porem, parecer que, quem observasse bem o que ali se passou durante a tarde, veria uma grande manifestação surda de protesto, ao mesmo tempo que se lembrava (ou fazia lembrar) a campanha pelo monumento.

Enfim, o marquês lá ficou no seu pedestal alteroso. Em qualquer alteração de ordem que tenha de meter artelharia, Sebastião José de Carvalho, apesar do leão protector, póde contar com uma ou duas granadas governamentais, calibre "estado novo", e pode contar com o trambulhão...

Será má lingua?...

Lisboa.

Maio: 14.

Ontem á noite ainda fui á Rotunda ver os restos da festa ao marquês.

Multidão quasi compacta á volta da estatua; ordem; silencio completo; compustura. A manifestação da tarde parecia continuar. Pela Avenida subia e descia um formigueiro constante de gente, familias inteiras a que não faltava a creançada; gente categorizada e modesta, todo o lisboeta bom e máu, alto e baixo.

Seria simples curiosidade ou era a homenagem sem convites?

No Largo do Rato (hoje Praça do Brasil) ainda se reuniram bastantes «camisas verdes» do António Ferro para passarem, em formatura, perante a estátua, á laia de desafio; foram, a comissão do movimento a que preside o general Ernesto Mª Vieira da Rocha, sabedora do caso fez as suas deligencias perante a policia e a projectada marcha ficou sem efeito.

O que teria dado essa marcha agressiva com o auctoriste de má vontade que era ministro?

Hoje, - o Pires Monteiro, offereceu-me um almoço na Brasard do Chiado.

Não sei bem quais os motivos que o levaram a esta attenção, mas estou certo de que será o facto de eu o ir fazer socio do Instituto de Coimbra. Ele julga o diploma de socio do Instituto quasi um certificado de Immortalidade...

O certo é' que me offereceu um almoço de luxo, com todas as regras de distincção entre «gentlemen.» Conversámos largamente acerca de muitas coisas. Gostei das horas passadas com ele, afinal boa pessoa, bem intencionada e trabalhador honesto. Está afastado dos serviços do Estado-maior, numa comissão que não da tra-

batho e para a qual nunca é chamado...

Depois do almoço démos uma pequena volta pela Baixa e lá o deixei para ir á sua tarefa diaria da Revista Militar. E amanhã segue para Barrancos, Alentejo, com uma comissão mixta de oficiais do Estado-maior portugueses e espanhois para resolver uma antiga questão de limites na fronteira.

Durante as voltas na Baixa, encontrámos o Alberto Botelho da Costa Veiga, o ilustre Veiga das curvas. Deu-me alegremente um meio-abraço, como a velho amigo; e desfechou-me:

— Então você deu agora em historiadôr?

Eu tive um gesto vago:

— Então o que quér?... Podia-me dar para piór.

— Não senhor, você trabalha bem. E olhe que o seu trabalho sobre Nunalvares é bem feito. Você tem razão... tem muita razão...

E olhando para um e outro lado, como quem queria falar particularmente:

— A verdade é esta: uma coisa é Nunalvares chefe militar, outra coisa é o santo. Você pôz muito bem a questão... Mas que quer?

E ainda com o mesmo tom de intimidade:

— Nem todos vêem assim... E daí essa polemica estupida...

O Pires Mont.º ria; eu reparára no ar de segredo com que ele dizia isto, com medo de ser ouvido por algum correligionario que passasse.

E eu fiquei pensando que ha integralistas que me dão razão — mas em segredo.

Poltroesinhos!...

O Pires Mont.º, no meio da conversa, insinuou-me que eu deveria fazer a historia das nossas milicias, que ele está convencido que foram um exemplo de valor na nossa hist.ª militar. Fiz-lhe ver que a historia das nossas milicias era a historia de muita miseria moral e que seria melhor não mexer muito no caso.

Ele pareceu-me não convencido. Em, pareceu, é que me não meterei em tais assados.

Lisboa.

Maio: 20.

Fui hoje ao Jardim Zoologico. Dia de calor, muita gente a ver a bicharia. E eu verifiquei que naquela admiração palonca

pelos animais ninguem noteria que ha entre eles a mesma luta que entre os homens. A luta pela alimentação que nas féras é tremenda e a luta pela fémea que é igual em todos.

Emfim, considerações «filosoficas» nos dominios da macacaria bulicosa e dos altivos e poderosos leões.

E adeante.

Já sei o que motivou o caso aqui relatado em 12 de Maio corrente quando, pela rua de S. Bento, recolhia a casa. Foi simplesmente o seguinte:

Um grupo de «camisas verdes» (os da tal Associação Escolar Vanguarda) entre a Escola Industrial Machado de Castro á hora de maior movimento; começáram os vanguardistas a distribuir papelinhos de propaganda que a rapasiada ia recebendo com comentarios. Entre os alunos estava um sargento, á paisana, que aceitou um papel, mas á segunda oferta disse naturalmente que já tinha; perante a insistencia do da camisa verde p.ª aceitar, voltou a dizer que já tinha, que não era necessario outro. O «camisa» indignado gritou:

— Eh rapazes! cá está um comunista!

E atirou-lhe uma bofetada. O sargento respondeu com outra e preparava-se pa-

ra puxar duma pistola quando á garotada encamisada de verde lhe caíu em cima. Os alunos acudiram pelo sargento — e daqui o tumulto.

O director, homem todo da actual situação política, telefonou fº a polícia; esta acudiu mas já não evitou que alguns populares da visinhança tivessem rachado algumas cabeças de «camisas» á pancada, sem ninguem ver...

O director indignou-se com esta ultima fase da ocorrencia; e contou-me pessoa que lida de perto com ele que o homem, acompanhado com dirigentes da União Nacional procurára o Salazar para lhe dizer que «assim as coisas iam mal...»

Como é que no Exercito se teria encarado este caso dum sargento esfaqueado por meninos energúmenos? É' natural que achassem bem feito mormente se o sargento não é' creatura sem qualquer nuance anti-nacionalista.

E os vanguardistas pretendem comparecer na proxima parada militar do dia 28 de Maio [redacted] juntamente com a marinha, o exercito e guarda republicana. Dizem até que o Cça de Queiroz, seu organizador, quer ir a cavalo, á frente dessas hostes aguerridas.

O Exercito aceitará a camaradagem? Faltam poucos dias para se ver quem tem razão.

Lisboa.

Maio: 29.

Terminaram as festas comemorativas do 8º aniversario do grande arranco de 28 de Maio de 1926.

Tudo correu bem. Muita gente nas ruas. Parada militar. Jantares. Sessões solénes. Etc. etc.

O povo satisfeito. O tempo ajudou. Musicas, foguetes, sol claro e viração fresca dos lados da barra... Que é necessario mais para haver alegria e satisfação?

Os romanos saliam bem o valor do «panem et circenses.» Estamos na mesma com a diferença de que o pão não é muito...

De tudo quanto vi e ouvi ficaram-me duas coisas apenas, como mais notaveis: a formação de rapariqas uniformizadas, da tal Associação nacionalista, que vieram de Braga para os festejos e se mostraram por aí radiantes, quasi impudentemente por essas ruas; e a decisão do Congresso da União Nacional de que é necessaria a creação dum corpo de capelães militares que as-

segure no exercito a assistencia religio-
sa. Estas duas concretizações da actual
politica deram-me no gôto...

E a confrontar todas as minhas apre-
ensões, no Diario de Noticias leem uma fo-
tografia do Salazar, no Congresso da União
a discursar com o braçal dos vanguardis-
tas no braço direito.

Obra do António Ferro que tem aves
raios maquiavelicos?

Para a frente é' que é o caminho. Bem
dizia hoje um categorizado monarquico cons-
titucional, da velha escola liberal:

— Mas para onde vai isto? Que fim
terá esta loucura?

Lisboa.

Maio: 30.

No banquete do dia 28 que foi «colos-
sal», os discursos foram radiofundidos se-
guindo a nova linguagem creada pelos pro-
gressos tecnicos.

O curioso, foram, é' que, quando o ca-
pitão David Neto discursava, lançando os
dislates e ameaças do costume, o aparelho
interrompeu a audição.

Que foi? Que não foi?

Muito simples tudo: o capitão David
Neto estava bêbedo e tais coisas dizia que

o presidente do banquete houve por bem mandar interromper a transmissão, explicando p.ª os ouvintes da radio, naturalmente interessados em ouvir, que houvera qualquer desarranjo na instalação.

Salvou-se assim, em parte, o prestigio do Estado Novo...

Coimbra.

Junho: 3.

Já voltei a casa. Desde ontem. Duma babilonia de 3.ª classe passei para um inferno...

Coimbra.

Junho: 7.

Extracto duma carta p.ª o Pires Monteiro em que lhe desejava regresso da missão na fronteira sem aborrecimentos e lhe agradecia as atenções q. me dispensou, em especial, a do almoço intimo na Benard:

«... O seu artigo p.ª O Instituto deverá sair em duas parcelas, não no proximo numero porque já está cheio mas no imediato. E a proposta para socio ainda não foi feita porque devido a varias causas (que creio lhe expuis) não tem havido assembleias gerais. O dr. Alberto Pessoa

conta, porem, que isso se realise muito brevemente.

«Eu cá estou, de novo, agarrado ao trabalho, sempre preocupado com a mª vida, com o sistema nervoso mais ou menos inquieto — mas, ao mesmo tempo, com certa dose daquilo a que os cristãos chamam resignação... No volume do Boletim do Arquivo Historico Militar que deve sair breve, vem uma parte dum trabalho meu feito sobre os manuscritos da Biblioteca da Universidᵉ..

«E assim a vida passa e se aproxima do fim sem que, olhando pª o caminho percorrido, se veja coisa que valha. Agora dá vontade só de arrumar tudo pª que ao menos a grande viagem nos não surpreenda com a casa em desordem

«E como não o quero incomodar com pessimismos, ponho ponto, afirmando-lhe que aqui estou ao seu dispôr, etc. etc.»

Coimbra.

Junho: 13.

Suicidou-se hoje, com um tiro, o medico Domingos Lara. Ha muito se neurastenisára e daqui o suicidio.

Mais uma vitima deste estado de coisas. Não sei se valerá a pena contar as

razões porque dipo isto. Mas estou convencido de que é, realmente, mais uma vitima.

Coimbra.

Junho: 14.

Recebi um convite p.ª nova reunião do curso de Infantª da Escola do Exercito na residencia, em Sintra, do Ant.º Pinto Cardoso Salgado — q. foi meu companh.º de quarto em Mafra.

Respondi que me era impossivel ir a Sintra neste momento; agradeci a lembrança e desejei reunião alegre e agradavel para todos.

O meu estado de espirito actual é que se não presta a estas festanças que afinal não têem base solida. As reuniões de com discipulos que, em parte, se não estimam, julgo que é inutil. Alem disso, a reunião é em casa do Salgado que está muito rico (pelo casamento que fez) e receberá com elegancia no seu palacete de Sintra, arrotando dinheiro e fidalguia — e eu, agora, não tenho fato em termos para almoço assim que, com certeza, será presidido pela esposa e terá a comparencia de filhos e noras.

Por consequencia: não vou.

Coimbra.

Julho : 24.

Extracto duma carta que escrevi hoje ao dr. José Cardoso. Fica apenas como documento desté periodo da vida.

«... Os filhos do Costa Ferreira teem sido o meu maior problema e o mais grave. Só pessoalmente se poderá contar toda a serie de dificuldades e desgostos com que tenho arcado ha uns anos para cá. E o que estará para vir não quero pensar no q. poderá ser. E a solução-se a isto tudo o problema da minha situação militar — q. se não resolve. — ...»

Coimbra.

Agosto : 5.

Escrevi hoje ao Carlos Batalhão, de Miranda do Corvo, perguntando-lhe se ele não quereria para ajudante da sua repartição do Registo Civil o meu sobrinho Rui da Costa Ferreira que ha pouco saíu da Escola Profissional de Agricultura de Santarem por qualquer motivo que ignoro.

O motivo da saída não é, certamente, o da «mudança de ares» acusada no oficio nº. 391 de 16 de Julho ult.º assinado pelo Bissaia Barreto como presidente da

Junta Geral do Distrito. Outras razões imperáram p.ª a intimação.

Adeante. Continuam os problemas.

Coimbra.

Agosto: 15.

Hoje, na Faculd.e de Letras, á saída da aula de Descubrimentos, no Curso de Ferias, regida pelo dr. Manuel Lopes de Almeida, fui abordado por este que me solicitou a comparencia á prox.ª excursão do Curso á Batalha e Alcobaça para, na passagem por Aljubarrota fazer a respectiva prelecção.

Excusei-me amavelmente, alegando a dificuld.e do terreno p.ª uma demonstração e a inutilidade do local para exposição clara e suficiente. Disse que melhor seria uma prelecção em Coimbra, em sala confortavel, perante carta topografica bem feita, etc. etc.

O Lopes de Alm.da deixou ver que o convite era feito em nome dos professores que vão na excursão — o que me leva a pensar que a basófia universitaria anda muito por baixo...

O que não quér dizer que, se aceitávam a m.ª prelecção no campo de Aljubarota, como episodio acidental, já não

aconteceria o mesmo com uma conferencia, em sala da Faculd.e, feita por creatura sem capelo nem borla.

Estes catedraticos sabem muito bem o que fazem...

Coimbra.

Agosto: 16.

Hoje, o dr. Joaquim de Carv.o, na Faculd.e de Letras, tentou seduzir-me para a excursão á Batalha e Alcobaça.

O continuo Melo, velho archeiro hoje aclimatado na Faculd.e como continuo, segredou-me que ouvira uma conversa entre professores relativa ao caso da excursão e que naturalmente me forçariam a ir por causa de Aljubarrota.

Mas não vou.

Coimbra.

Agosto: 21.

Hoje, a seguir á aula do Dr. Joaquim de Carvalho, no Curso de Ferias, este saiu comigo e conversando fomos até á sua residencia.

Ao passar pelo Pátio da Universidade, eu falava-lhe nas lições que ele dêra sobre a historia do Pensamento Português (que foram notaveis e brilhantes) e dizia-lhe

que elas me tinham sugerido um plano novo em Portugal de um estudo que se poderia intitular Ideias e métodos no exército português ou coisa semelhante.

Pareceu-me que ele se interessava pelo que lhe ia dizendo e chegou a preguntar-me coisas várias acerca do assunto. Até, que, pouco depois, me confidenciou que gostava de saber que eu me profunha a estudo desse género porque desde já me convidava para colaborar com ele numa obra que sairá brève com o título que ele dêra ás suas lições.

E expoz-me então e também confidencialmente, que ele com o dr. Duarte Leite e o dr. Silveira Cidade se propunham lançar uma obra de cerca de 3 volumes, em fasciculos mensais, com o título de Hist.ª do Pensamento Português; e, evidentemente, nessa obra deveria haver capítulos relativos ás ideias q. domináram os chefes militares ou, pelo menos, a doutrina que tem regido a nossa actividade guerreira. E voltou a dizer:

— Pois fica o meu Am.º desde já convidado para colaborar na obra.

E acrescentou, quasi aliciante:

— E olhe que são pessenta escudos por fapina!

Eu fiz um gesto de indiferença ao que ri desdém e respondi com pausa:

— O sr. dr. sabe que eu não tenho trabalhado por dinheiro...

Mas isso não é indiferente, realmente, como ele acrescentou. E eu, na verdade, um pouco emocionado pelo convite como pelo acaso que me poderá proporcionar tão honrosa companhia numa obra que será fundamental, expús-lhe mais ou menos as minhas ideias que ele foi ouvindo atentamente. E riu-se quando eu concluí:

— O pior, sr. dr. é que um estudo sobre as ideias e métodos dos nossos militares, dá cabo da cauda tão exaltada do «glorioso exercito portuguez»...

E ao subir os degraos da casa ainda disse:

— Pois m.to bem! Pense no caso e depois de eu falar aos dois companheiros fecharemos o contracto.

E eu segui, rua abaixo, pensando se tudo isto não será mais uma das muitas fantasias do dr. Joaquim do Carv.º e se esse convite ficará em nada como outros que já me tem feito e q. não mantem...

Eu vou, realmente, pensar no caso. Porque, se o convite fôr fantasia, procu-

saraí realizar o meu plano melhor ou
pior, conforme arquitectái e conforme fôr
amadurecendo.

Coimbra.

Agosto: 22.

Terminou hoje o Curso de Ferias em q.
me matriculei para ouvir as prelecções
do dr. Joaquim de Carvalho, do dr. Manuel
Lopes de Almeida e do dr. Virgilio Talarda.

Realmente, não perdi muito o meu
tempo e ouvi:

Da Historia do Portugal pelo dr. Joaq.m de Carv.o: oito lições que ficáram no movimento dos estrangeirados do seculo XVIII, com Verney, Ribeiro Sanches, e outros.

Da Historia de Portugal, pelo dr. Manuel Lopes de Alm.da: oito lições q. ficaram no seculo XVIII.

Da Hist.a dos Descubrimentos pelo d.r Lopes de Alm.da: 7 lições que ficaram na critica da viagem de Alvares Cabral e na polemica suscitada acerca da prioridade da descuberta do Brasil.

Da Geografia de Portugal pelo dr. Virgilio Talarda: oito lições que ficaram na descrição das pequenas colonias africanas debaixo do aspecto economico.

O curso correu normalmente, embora com muita cábula por parte dos senhores mestres. Nesta ult.ª semana com varios pretextos, as aulas terminaram... Das dez lições que cada um devia dar, só se efectuaram oito e em uma das cadeiras só sete. Mas cada um deles recebeu um conto de reis pelo trabalho.

Foi o principal.

Paz. Mafra.

Setembro: 4.

Depois de viagem massadora e incómoda em caminheta que ontem fi por curiosid.e para ver o percurso, aqui estou nesta agreste lomba da Paz — com a mesma Sintra, ao sul, o mesmo mar ao poente e a mesma extensão de pinhais ao norte e leste.

Silencio normal. Creanças, apenas, de quando em quando, gritam e o zumbido dos automoveis nas estradas ouve-se uma ou outra vêr.

Mas já hoje, em conversa amavel com o medico local Carlos Galrão, velho interessante, culto e espirito muito curioso, eu ouvi coisas que me levam a escrever para que se não percam da memória dos homens...

Então dr. Carlos Galrão conhece bem o convento de Mafra quer na sua história quer no seu valor arquitectonico e artistico; tem servido de cicerone a muito visitante categorizado e hoje, a ~~propósito~~ propósito de se falar no facto de certos profissionais se confinarem nos conhecimentos profrios da sua profissão e não saberem mais nada fóra dela, contou-me q. teve uma desilusão certo dia em que o dr. Sidonio Pais, então presidente da Republica, veiu a Mafra ver o convento que nunca visitara.

Ele, Galrão, serviu de guia na visita e ia chamando a atenção p.ª certos pormenores notaveis do edificio quer na sua perfeição formal quer na beleza das proporções, etc. etc.

Sidonio, a tudo, respondia invariavelmente:

— E' interessante... muito interessante...

Não reagia perante a beleza de certas esculturas ou grandeza do conjunto. Na Biblioteca, calculou o dr. Galrão que ele olhasse com mais atenção para certas raridades bibliograficas; e puxando de uma 1ª edição de Gil Vicente lançou-lhe á queima-roupa:

— É única em Portugal!

Sidonio olhou de relance; e sem parar, disse no mesmo tom:

— Muito interessante... muito interessante...

E o dr. Galrão comentava com ironia o facto de um professor universitário e homem que viajou, parecer indiferente ou ignorante perante coisas que impressionariam o simples sentimento artístico e a profria curiosid. de qualquer creatura de cultura media.

E com certo espanto meu (porque o dr. Galrão é ultra-conservador) seguiu o seu pensamento contando que ha pouco o Salazar tambem viéra ao convento não como visitante pois disse já o conhecer, mas para acompanhar um seu amigo intimo, padre da Comp.ª de Jesus e creatura de coturno. Servir o dr. Galrão igualmente de guia aos dois visitantes; e lembrando-se do caso do Sidonio, quiz ver se o actual ditador tambem acharia tudo simplesmente interessante.

Parou o ilustre Salazar mantem-se mudo. Ouvia, ouvia, olhava, tornava a olhar e... muita carrasco! O dr. Galrão confessou que já estava a embezerrar

com o caso grande chegaram ao museu na galaria grande da frente. Aí, o Salazar, ao ver a mesa do guarda que vende os bilhetes, teve um brilho mesmo nos olhos, a fisionomia pareceu animar-se, os grossos movimentos pareciam outros — e fixando o maço de bilhetes, interrogou o médico com certa ânsia:

— Dipa-me, sr. doutor, isto vende muito?

Em quasi duas horas de visita, pera te monumento de valor artístico, no meio de belezas que impressionariam qualquer temperamento que não seja árido, o ditador português só se preocupou com o rendimento das entradas do Museu.

E o dr. Galrão concluia, com graça, pela inferioridade dos Grandes Homens...

Paz. Mafra.

Setembro: 5.

Mandei hoje fº. o Presidente do Conselho Superior da Viação Nacional, uma participação contra um agente de fiscalização por conta do Estado que veiu na caminheta em que viajei há dias desde Leiria até á Maceira. Este agente fez tais coisas que os passageiros tiveram que passar a ser os fiscais e vigiá-lo na ordem.

O caso irritou-me tanto que me re-
solvi a este acto um pouco fóra dos meus
habitos. Ao menos não serei accusado de
quela ralassa fraqueza de que Eça de Quei-
roz accusa os portuguezes em qualquer
passo dos seus livros.

E' possivel que a participação seja lan-
çada fº. o exame dos papeis se o homem de
quem participo fôr partidario da actual
situação politica. Mas, emfim, lá foi e é
bom não se antecipar em juizos...

Paz. Mafra.

Setembro: 20.

Os jornais chegados ha pouco dão a
noticia da morte do Brito Camacho.

Dizia-se que andava doente. E real-
mente a ultima vez que o vi, em maio
passado, achei-o gordo de mais, com a
apparencia de inchado. Foi no Poço dos Ne-
gros, na parapeu do electrico. Vi-o de per-
to, evitando que ele me descobrisse — pois
a minha negação para me aproximar dos
grandes homens é instintiva. Fiquei, fo-
ram, com má impressão; devia ali andar
mal forte e apoia, as noticias, dão-no co-
mo victima de angina pectoris.

Morreu alguem — e isto para a reto-
rica dos momentos solemnes. Era, merda-

deiramente alguem, de temperamento pouco ou nada adaptavel, vendo talvez as coisas muito de conjunto, mas era espirito de grande lucidez e penetração.

Devo-lhe muito se bem que possa parecer pouco.

Eu era um simples unionista filiado em 1913 se me não engano, seduzido pelo agrupamento de escol que andava á volta dele e pela superiorid.e mental e intelectual da Luta que representava dignam.te o partido. A minha filiação foi impulsionada pelo então Tenente-coronel Francisco Gomes que venceu um pouco a minha repugnancia em arregimentar-me; mas, no intimo, correspondeu a um pulso natural de adesão a esse grupo superior de homens que concretizavam realmente bons principios e se apuravam pela inteligencia e pela correcção de atitudes aos desmandos da garotada chamada paradoxalmente democratica e aos ambiciosos e politiqueiros que rodeavam o bom e incauto Antonio José de Almeida.

Era pois unionista. Obscuro, obscurissimo unionista, simples numero no registo de filiados. E assim, mais querer mais do que a consciencia da sinceridade da adesão (embora não fosse incondi-

cional) eu fui vivendo até que, promovido a capitão em 1914 e mobilisado para uma certa Divisão Auxiliar que deveria ir para França em 1915, eu fui parar a Castelo Branco, ao 2º batalhão do regimento de Infantaria nº 21.

Deram-se os sucessos politicos de fins de 1914 e começos de 1915 de que saiu o chamado movimento das espadas. Como não aderi, o braveiro Lopes, ao tempo major e comandte do batalhão, incompatibilisou-me com a oficialidade e quiz provocar-me um castigo ou possivelmente a demissão. Estive no hotel onde me hospedei com parte de doente e vigiado pelos oficiais entre os quais, e principalmte, o hoje major do Estº Maior Ferraz de Carvalho, ao tempo tenente do batalhão. Sei que se trocáram confidenciais por minha causa; no ambiente havia sinais de trovoada; os reaccionarios da terra (e eram tantos!) teciam a intriga e instigávam os animos.

Nesse comenos subiu o general Pimenta de Castro ao poder; e um professor do Liceu, chamado Nobre e o medico dono das aguas de Monfortinho, Gardete Martins unionistas locais de valor foram a Lisboa e creio que contaram o caso na re

dação d'A Luta (já então no Calhariz); ao mesmo tempo, o coronel Francisco Gomes, em Coimbra, soledor do caso, escreveu ao irmão, o almirante Azevedo Gomes; e meu cunhado Costa Ferreira procurou o chefe de gabinete do Primeiro de Castro, ao tempo o major ao tem.te coronel Adolfo Cesar Pina, seu patrício e amigo. O Primeiro de Castro estava inexorável: queria punir-me visto que se dizia nos relatórios vindos de Castelo-Branco que acompanháramos um requerim.to meu pedindo sindicancia á minha atitude naquele caso; dizia ele que, se eu era do partido reviorista devia acompanhar a manifestação pois devia ser leitor d'A Luta e estar conhecedor de tudo.

Disseram-me do Quartel-general de Tomar, séde da Divisão que já estavam apostos no meu requerimento cinco dias de prisão em Elvas por não ter acompanhado os camaradas num movimento de solidariedade e que essa punição estava assinada pelo coronel Vitoriano José Cesar, chefe do estado-maior mas ao tempo, pela ausência, comandante interino da Divisão.

Foi então que o Camacho interveiu e fez saber ao Primeiro de Castro o desgos-

to que sentia por lhe tocarem uns correligionários que procedem de maneira diferente da maioria do partido, é certo, mas consoante a sua maneira de ver e de pensar. E afirmáram-me confidencialmente que ele acrescentára que, afinal de contas, eu é que tinha razão e estava no bom caminho.

A tempestade aplacou-se e eu recebi uma carta do Alberto de Moura Pinto escrita em nome do Brito Camacho, significando-me toda a sua solidariedade e apreço com palavras que eram extremamente amaveis. E a tal punição dos 5 dias em Elvas foi comutada em transferencia para o regimento de Infantaria nº. 33 em Lapos, no Algarve, então florido com as amendoeiras.

Fui numa manhã fria de Fevereiro de Castelo-Branco p.ª Lapos; deixei de boa vontade a reaccionaria capital alticastrense; o ambiente algarvio era outro; e para cumulo, n'A Luta, uns dias depois, o Camacho escreveu um editorial a meu respeito, incisivo, cortante, em que elevava a uma altura que me pareceu imerecida.[1]

---

[1] No nº. de 15 de Fever.º de 1915.

Disseram-me depois que o artigo Vi-
vera origem na campanha que havia no
partido para me expulsarem. O então ma-
jor do Est.º maior Alfredo Baldwino de
Seabra, era um dos chefes que preparam
a expulsão; e o artigo veio calar os pro-
testos e colocar-me numa redoma de
respeito e de intangibilidade.

Como consequencia de tudo isto, dias
depois, fui procurado no hotel pela comis-
são municipal unionista de Lapos que me
apresentou os seus cumprimentos e fez
os seus oferecimentos — mostrando-
me, até, uma carta do general Alberto
da Silveira que interpretava o editorial
do Carnacho que tanto orgulho e tanto
desgosto provocou.

Ora esse artigo, com a assinatura do
Brito Carnacho e um editorial, é um acto
que não póde esquecer.

Ha pouco, ao ver a noticia da morte
eu relembrei este terrivel ferido da mi-
nha vida e a consolação infima que então
senti com estas provas de consideração
recebidas sem as solicitar e até sem ele me
conhecer.

E quando, a seguir á revolta de 14
de Maio eu voltei p.º Coimbra e se fize-
ram eleições, o Carnacho mandou-me

pedir para eu me propôr como unionista. Não quiz, não estava disposto a essa prova; mas tive de ceder perante o desejo manifestado por ele, de mais a mais a seguir ao caso q. atraz ficou contado.

Propuz-me senadôr pelo distrito de Coimbra e teria ganho a eleição se o Moura Pinto me não roubasse para fazer uma das suas tranquibernias politicas. O Brito Camacho soube da maroteira, mas nada disse; e segundo me informaram teve certo desgosto com a porcaria.

E o curioso é que nunca falára ao Camacho! Varias vezes, por terceiras pessoas, recebi convite para ir á Luta e conversar com ele. Nunca fui.

Fiquei com grande admiração por ele e votei-lhe sincera gratidão; mas fugi sempre de lhe falar.

Passado tempo veiu a revolta do Sidonio em q. a sua acção tem sido mal interpretada; escrevera-me uma carta de apresentação para um sobrinho do Sidonio (engenheiro civil, de apelido Bessa ou Beça, não me recordo já) que comigo veiu falar sobre o plano revolucionario. E depois do triunfo da revolução e quando se procurava montar a maquina administrativa, o Camacho deu ao

Sidonio uma relação de governadores-civis que entendia deveriam ser nomeados, conforme pedido expresso pelo próprio chefe revolucionário.

A relação continha o meu nome para o governo civil de Coimbra. Eu vi a relação escrita pelo próprio Camacho; e vi também que o Sidonio cortou o meu nome com dois traços de tinta assim como o de uns outros unionistas mais categorizados...

Esta relação foi guardada pelo Moura Pinto e foi este que mo mostrou.

Até que... em 1918, passando o Camacho em Coimbra, a caminho de Braga onde ia fazer uma conferencia profissionaria para a alteração á Lei da Separação do Estado das Igrejas, que o Sidonio projectava (ou talvez antes o Moura Pinto) e vinha de ir, como era natural, á estação do caminho de ferro. Já então havia um Centro Unionista em Coimbra e os cumprimentos impunham-se. E eu lá fui.

O Camacho saltou p.º o cáis, falou a um e outro até que o coronel Francisco Gomes me apresentou. Reparei na expressão alegre com que ele me recebeu, o ar expansivo, o gesto quasi de abraço e na frase com q.º aceitou a apresentação:

— Ora até que enfim! Muito prazer em o ver! Estava já convencido de que o Sr. era um mito!

Pouco tempo depois, foi a Coimbra fazer outra conferencia sobre Direito revolucionario. Andei pouco com ele, é claro; deixei aos outros a vaidade de serem os seus cicerones. Apenas o acompanhei na visita ao Museu Machado de Castro e á noite, no dia da chegada, num passeio á beira do rio, junto da ponte, em de ele se esqueceu em considerações muito interessantes sobre variadissimos assuntos.

Na conversa intima, á vontade, era unico. Subjugava os companheiros de palestra e tinha uma graça especial, ás vezes pesada, muitas vezes de certa injustiça, quando atacava adversarios — mas sempre absorvente, superior e alegre.

Nessa noite do passeio á beira do rio, havia luar; e ainda o estou a ver encostado á grade da muralha, misturando anedotas, mais sempre inocentes, com considerações acerca do catolicismo, ou factos da sua vida politica com recordações da sua passagem, como estudante ~~com~~ despreocupado, por Coimbra em tempos já muito idos.

Passaram-se depois uns anos, muitos anos, pelo menos.

Ela cerca de 4 anos o Tomás da Fonseca, em nome da Universidade Livre convidou-o p.ª fazer uma conferencia. Ele acedeu e lá foi. Os antigos correligionarios nomearam o Carlos da Costa Mota e a mim para o acompanhar e fizeram um automovel ás ordens. Déram uma volta qualquer pelos arredores e ao entardecer quando chegámos á cidade, ele quiz percorrer a rua da Calçada e do Visconde da Luz. Eu lá fui, um pouco contrariado, por andar ao lado dum homem celebre — mas ia ouvindo os seus comentarios cautelosos e acerados a-propósito de tudo e de nada.

Quando chegámos ao Largo de Sansão, parámos em frente da igreja de S.ta Cruz e ele estêve a olhar a frontaria enquanto ia conversando ao mesmo tempo que ia virando o chapeu amolgadas vezes. Em certa altura disse:

— Que diabo!... Eu, afinal, sou aqui muito conhecido e cumprimentado.

Eu e o Costa Mota trocámos um olhar e um sorriso e tivémos de lhe confessar que aqueles cumprimentos (que a sua miopia não deixava distinguir) não eram

para ele, mas sim para o Supremo Arquitecto que estava em carne e bem vivo dentro do Templo, em sacrario artistico.

Ele riu-se muito com o equivoco e fez logo os seus comentarios sobre a estupidez dos cumprimentos ás portas das Igrejas — como se Deus não estivesse imanente, rodeando-nos, em toda a parte, sem necessitar de se transformar num pouco de farinha e de se encafuar num armarinho liturgico mais ou menos artistico! Riu-se e troçou do caso; e dai a dias ou no Seculo ou no Diario de Noticias (se me não falha a memoria) publicou um artigo sobre o assunto.

A conferencia foi na sala da Associação dos Artistas e foi um comicio... O Governador Civil estava p.ª dissolver a Universidade Livre e tambem a Associação dos Artistas! Foi uma hora de vibração republicana. Coube-me a honra de abrir a sessão; ele lembrou que seria desnecessaria a cerimonia de mesa e apresentação; mas quando lhe disseram que eu era o presidente da Universid.e Livre e me disfarcha á abertura, não insistiu.

Foi esta a ultima vez que lhe falei. Depois só o vi, como disse, ha meses, no Poço dos Negros (hoje Largo D. Antonio da Costa de Ma-

cedo); e agora revejo tudo isto que se pas-sou e assim lhe presto a única homena-gem que aqui lhe posso prestar.

Se a notícia da morte aqui chegasse a tempo, iria a Lisboa p.ª assistir ao fune-ral. Assim, limito-me a lembra-lo com respeito e gratidão. Nunca esquecerei a atitude que tomou para comigo em 1915.

Ás vêres, o meu humôr que me in-vadia fazia com q. fosse injusto para com ele; uma vêz ou outra, tinha reparos gracejo o sabia trocando de factos ou de ho-mens, apenas pelo prazer de troçar. E eu dizia então:

— Que demonio! O Camacho, afinal, não faz mais nada mesmo é capaz de outra coisa!...

Mas hoje, a gratidão por uma atitude expontanea que me elevou e me deu certo prestígio; o passêgo do local em q.º escrevo e a tranquilid.e relativa do meu sistema nervoso — fazem-me escrever estas li-nhas que são obscura homenagem, igno-rada dos jornais e até da propria familia dele a quem mesmo simples bilhetes de pê-sames vou mandar.

Estas linhas ficam apenas como des-carga de consciencia.

Paz. Mafra.

Outubro: 3.

Completo hoje 55 anos. Meio seculo e mais dez por cento...

Mal empregada idade!

Pregunto, como o Lopes Vieira no tempo de estudante, nas suas primeiras poesias:

— Para quê?... para quê?...

E tanta gente a afregoar e a celebrar a alegria de viver, o Optimismo, o dever de conservar a vida...

Ora bolas!...

Paz. Mafra

Outubro: 9.

Escrevi hoje longa carta ao Armando Macedo cuja mulher ha dias quebrou uma perna em tres pontos.

Este meu antigo condiscipulo do Liceu e amigo velho tem vivido ultimamente enciumado nos ciumes da esposa, mas sei se fundados, ~~mas~~ mas que o não deixam sereno e o teem levado a estado proximo do desespero. Assim me tem confessado em abertas de confidencias que a nossa velha amizade e convivencia provocam. Calculo agora que a esposa, inactiva temporariamente, se ha-de exaltar

mais, sentir o ciume exacerbado e tal ver aborrecer e desesperar mais o marido.

Enfim... A carta ficou copiada no volume respectivo, com o nº 68, a pag. 92.

Paz. Mafra.
Outubro: 15.

Extracto de carta para meu Tio José Augusto Picuenta:

«.... — Eu, metido todo o dia num pinhal, a 50 metros aproximadamente da casa, ou nas sombras da Tapada, não sinto vontade de me deslocar. Nem á vila que daqui dista 1:800 metros eu tenho ido; só por necessid.e e isso mesmo no minimo.

«Tenho estudado alguma coisa, lido bastante e matutado muito mais. O peso não deve ter diminuído, mas o cerebro trabalha de mais e não sei se se poderá ressentir.

«Levo uns projectos p.a o inverno; mas eu sei tambem como os meus projectos esbarram e como o tempo passa sem resultado apreciavel. Ainda ha dias, aqui, aprendi em um ensaio de Montaigne como se deve encarar a vida. Ele terá razão, mas o meu meio seculo de

vida e mais 10% pesaram de certo mais do que as razões do filosofo...

«Muito obrigado, etc. etc.»

Coimbra.

Outubro: 20.

Escreveu hoje ao Luis Brites, actualmente licenciado em Direito e, para mais, administrador do concelho da Marinha Grande. E' filho do professor Geraldino Brites e foi educado dentro das ideias fabianas.

Como diabo é que este rapaz foi parar a administrador do concelho, subordinado, por consequencia, aos preceitos do Estado Novo? E' um caso que me faz pensar mas que, francamente, não é comigo.

Adeante.

A carta nada tinha de politica. As razões dela foram apenas uma especie de recomendação p.a os engenheiros Americo de Mascarenhas Macedo (filho do Armando Macedo) e o seu colega Lopes Pires que desejáram apresentar á câmara da Marinha Grande um projecto de abastecimento de aguas posto recentemente a concurso. E o principal fito da epistola era a afirmação da perfeita honorabilid.e e dos meritos

profissionais do Americo Macedo, afirmação que poderia influir no animo dos apreciadores das propostas concorrentes.

E lá foi a carta.

Coimbra:

Outubro: 24.

Fica aqui um bocadinho de oiro da prosa ministerial na parte respeitante ás proximas eleições, anunciadas p.ª Dezembro. E' um documento curioso da desfaçatez com que se lança aos olhos do respeitavel publico ~~~~ certo numero de afirmações de responsabilidade.

Eleições livres... Inteira liberdade de voto...

Parece, só vai á tal «Assembleia» quem o governo entender e quem não vá perturbar a paz e boa harmonia que deve existir no novo Estado Novo.

E tudo em nome da Nação.

Neste gravissimo assunto, de que em grande parte depende a consolidação da obra realizada, o Governo tem o dever de procurar estabelecer um regime que obedeça aos fins do 28 de Maio, á letra e ao espirito da Constituição, á defesa eficaz do Estado Novo e da Patria. Poderão ou não pertencer á União Nacional os deputados da Assembleia e os representantes da Camara Corporativa; mas não os deverá haver com a responsabilidade de posições e tendencias contrarias ás garantias de ordem nacional, moral e social que estão definidas na primeira parte da Constituição. Os encarregados de fazer leis ou de dar parecer sobre os projectos não podem ser Lomens cujo objectivo fosse reproduzir de qualquer modo um passado condenavel ou anular as realizações do Estado Novo. Se ha quem sinta o desejo ou tenha o receio de tal subversão da logica politica e patriotica pode perder as suas esperanças ou abandonar as suas apreensões.

Isto não significa que não haja inteira liberdade de voto ou se exerça qualquer forma de coacção sobre a consciencia do eleitorado, mas simplesmente que as normas aplicaveis hão-de garantir a formação de um instrumento de trabalho e colaboração util e não um foco permanente de

agitação e desordem. Nem um Governo consciente o esqueceria, nem a Nação, depois das experiencias feitas, lhe permitiria esquecê-lo.

E aqui fica esta amostra...

Coimbra.

Novembro: 9

Ontem, o Diario de Noticias de Lisboa publicava uma carta do dr. Alberto de Oliveira relativa á urbanização de Fátima.

Estes homens da diplomacia, mais cêdo ou mais tarde vêem sempre a descobrir-se.

A carta vai colada no final deste volume por ser um pouco extensa.(1)

Recordo-me ainda, quando eu era muito novo e o Alberto de Oliveira andava a estudar em Coimbra e frequentava muito a tipografia — de que ele era republicano, com laivos de iconoclasta, sempre pronto a dar para baixo no existente.

É certo que ele tinha então 20 anos — e que o Conde de Arnoso Vera antes e muitas suficientes para o converter ao bom caminho.

Antes assim...

... Mas lembro-me como se fosse ontem.

---

(1) A pag. 385 deste volume.

Coimbra.

Novembro: 16.

Deixei na ultima nota a carta do Alberto de Oliveira relativa a Fatima.

Ora hoje os jornais dão o consta que para a vaga de ministro ou embaixador na Santa Sé vai o dito dr. Alberto de Oliveira.

Fica assim explicada a publicação da carta em 8 do corrente, com data de Outubro, sem dia marcado; isto é, carta que estava á espera de oportunidade para vir a publico. Deste modo a carta foi uma espécie de explicação para o consta.

O publico estava preparado para a noticia com a certeza de que o novo ministro no Vaticano tinha crenças religiosas, tinha fé e acreditava na Senhora de Fatima...

Afinal... que espertos que são estes senhores diplomatas! Espertos e...

Não concluo.

Coimbra.

Novembro: 24

Escrevi hoje ao dr. Alberto de Oliveira. A carta está copiada no epistolario respectivo. Não me referi, é claro, ao caso da Senh.ª de Fatima nem disse o q. pensava a seu respeito. Fui diplomata... como ele...

Outro assunto, simples curiosidade, que me deu no gôto.

O Diario de Noticias, de Lisboa, em 21 do corrente, traria nas prim.as ~~as~~ e segunda papinas uma intervista com o dr. Serras e Silva que é actualm.te o director dos serviços de hijiéne escolar — ou coisa que o valha. Entre as varias respostas dadas á curiosid.e do reporter ha esta que agrifica ar grivada e que é das melhores:

« — E quanto á moral?

« — Ah! pois, a moral. Parece ser uma coisa nova, infelizmente, e comtudo é' á energia moral, á força do caracter, que se devem os grandes feitos dos nossos maiores. Sem a saude moral não ha povo forte. Saber e musculo não bastam. Os antigos, que abriram o caminho do Oriente, tinham uma sciencia curta, mas uma rija temperá da alma fez deles os herois da epopeia de que os Lusiadas foram feitos. »

E' bom lembrar que este professôr de medicina foi professôr na faculdade de Letras, da cadeira de Historia dos Descubrimentos. Não havia, pelo visto, em Portugal, outro medico que soubesse fª historiador...

Parece que sim.

O que, porem, se não diz é que a Faculd.e de Letras da Universid.e de Coimbra foi organizada, oficialmente, pelo dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcelos, mas organizada, de facto, em casa do dr. Serras e Silva, na Estrada da Beira, quasi ao Porto dos Bentos, onde pontificava a esposa deste, a D. Prudencia Tavares da Costa Serras e Silva, e onde já andava, farejando, o novo quasi doutor Ant.o de Oliveira Salazar — protejido e afilhado espiritual daquela senhora.

Foi ali, naquela casa, centro da teia reaccionaria que se forjou uma faculd.e de Letras quasi toda preenchida por antigos teologos e completada com conservadores eivados de clericalismo.

E queria o regime republicano implantado em 5 de Outubro de 1910 fazer carreira direita!

Coimbra.

Novembro: 27.

O José Bruno Tavares Carreiro, de Ponta Delgada, meu contemporaneo em Coimbra, mandou-me preguntar se o meu cunhado Costa Ferreira escreveu qualquer coisa acerca do Antero do Quental.

Perece-me que o José Bruno anda a trabalhar numa biografia do Poeta e alguem

lhe indicou o meu nome para a informação. Respondi-lhe num simples cartão de visita q. deixo copiado no vol.º da epistolografia. Vai assim, conciso e sêco, porq. o José Bruno é grande figura em varios sectores e é rasoavelmente mal-criado.

Desta maneira evita-se um agradecimento que, aliás, nunca esperaria dele.

— 1935 —

Coimbra.

Janeiro: 1.

Em 30 de Dezembro último, isto é, an-
te-ontem, escrevi ao dr. Gilberto Barra Ara-
gão, juiz auditor nos tribunais militares
especiais para julgamento dos chamados
crimes políticos, uma carta que fica copia-
da no volume da epistolografia.

Mostrei-a aos amigos que disseram
poder correr e ela lá foi.

Trata-se do Alvaro Viana de Lemos ha
alguem tempo preso por suspeitas de
conspirar ou de tendencias comunistas.
A polícia envolve estas duas coisas com
a maior facilid.e em tudo quanto seja algu-
ma oposição á situação política actual.

Dra bem.

O juiz Aragão foi correcto. Na volta
do correio respondeu-me e informava-
me de que se não provavam as acusa-
ções e de que, por consequencia o Alvaro
ia ser posto em liberdade.

Exultei, francamente. Boa nova, no
começo do ano!

Mas, ao mesmo tempo, fiquei a pensar como é que um homem póde estar preso quatro mêses por acusações que no fim de contas se não provam...

Enfim!...

Coimbra.

Janeiro: 2

Respondi, como devia, ao juiz Bessa Aragão. Vai uma resposta quasi á Julio Dantas...[1]

Mas o mais curioso de tudo é que, ao dar conhecimento á familia da comunicação do juiz, a filha do Viana de Lemos me contou que um irmão do pai, tambem juiz, escrevera ao Aragão e que, ontem mesmo, recebera como eu a informação de que o preso ia ser despronunciado.

A carta do Aragão para o colega porem, é que difére da que veiu para mim porq. depois de comunicar que ia despronunciar o irmão, aconselhava a que o demovesse da vida que levava pois a continuar assim, ia por máu caminho...

E' claro que o irmão de Viana de Lemos não lhe mostrou a carta e não pensa com certeza em tentar a catequése...

---

(1) Fica no volume da "epistolografia."

O que haverá no processo que provocou tão salutar conselho?

Coimbra.

Janeiro: 10

Sempre caiu a torre dos sinos do mosteiro de S.ta Cruz. Foi um caso que Coimbra celebrou ruidosamente e acerca do qual eu construí uma carta para o Tomás da Fonseca em que deixei as minhas impressões.

Fica arquivada na Epistolografia. Para o futuro, é possível que ela não seja compreendida.

Também... o prejuízo não será muito grande.

Coimbra.

Janeiro: 12.

O juiz Bessa Arapão continua a ser o mais amável possível. Recebi dele uma carta em que me anuncia que ontem foi expedida ordem de soltura p.a o Álvaro Viana de Lemos.

Finalmente.

Hoje mesmo respondi:

«Ex.mo Sr. Dr. Bessa Arapão, m.to prezado Amigo. — De novo V... quiz dar mais uma

prova da sua boa amizade e completa correcção, participando-me a ordem emanada do tribunal. A notícia completou a minha satisfação.

«Muito e m.to grato a V... por tantas atenções. Creio já ter dito que desejo a V.. satisfação permanente igual á que me deu com a boa-nova; renovo os meus votos nesse sentido e os meus agradecimentos.

«E com os respeitos, etc. etc.»

Se foi sincero ou não é que eu não sei. Os agradecimentos, porem, não-lhe parecem devidos.

Coimbra

Fevereiro: 7.

No Diario de Noticias, de Lisboa, no nº numero de hoje, vem a nota interessante que arquivo mais adeante.(1)

O Alberto de Oliveira continua no seu caminho direito para alcançar um bom lugar no céu... É assim que se sobe aos páramos celestiais e se consegue a serena inocencia.

Já aqui notei a ~~nota~~ 9 de Novembro do ano passado a carta dele acerca de Fá-

---

(1) Neste vol. a pag. 386.

tinha que, na altura, eu não conhecia. Só por completo. Depois, a 16 do mesmo mês, notei que os jornais anunciavam a sua ida para o Vaticano. Agora, lá está o homem na Santa Sé, a exaltar a fé dos portugueses e, naturalmente, a dele, ministro representante da nação católica.

Beijaria o sapato do Papa?
Mas que grandes paspalhos!

Coimbra.
Fevereiro: 20.

Daqui a uns dias terei que ir parar à Escola Central de Oficiais em Caxias, para fazer o meu curso necessário para a promoção a coronel.

Tenho-me preparado o mais possível com leituras varias e procurado integrar-me nas novas teorias e novas práticas. Em casa, um dia sim outro não, exercito-me com o condiscípulo Tristão de Noronha Freire de Andrade em resolver os problemas que foram presentes à turma anterior.

Faz-se o que se pode. Mas quero crer que vou sentir surpresa. Depois de ser sim velho, colegial em Caxias!

Caxias.

Fevereiro: 24.

Primeira semana de Caxias. Primeiros sete dias de colegial...

A espectativa sofreu abalo. Em vêr do regime anunciado de escola primaria com dize tu direi eu feróz e malevolo desejo de pisar calos, encontrei ambiente de correcção e pelo menos, aparente amizade.

O general director que é o João de Almeida e os instrutores procuram convencer-nos de que nos querem fazer amigos não só deles como da Escola. E nesta atomosféra de cordealid.e se passaram os dias da semana.

Será assim até final?

O mesmo não acontece com a vida dos instruendos, no «mess» militar. Aqui, ha ainda restos da Escola do Exercito, parece que alguns não esqueceram os tempos recuados de ha 33 anos em que a ancia de passar adeante dos outros era a grande mola do trabalho.

São porem, e felizmente, poucos. Os mais vivem em mais ou menos fraternal auxilio; e como a ciencia não abunda na maior parte, toca a encostar aos q. parecem saber mais alguma coisa...

Eu mantenho-me em silencio perante os mestres se bem q. perante os companheiros seja loquaz. Pregunto pouco e vou-me governando com o que sei. E o certo é que me não considero dos menos sabios.

Coimbra.

Março: 8.

Vim a Coimbra passar os dias do Entrudo e caí na cama com uma bronquite maçadora.

E daqui escrevi ao general Schiappa de Azevedo uma carta pedindo-lhe para me conseguir a colocação na Escola Central de Sargentos, actualmente em Agueda. Ha muito q. olho com certa simpatia p.ª essa colocação e em conversas com o meu condiscipulo Mario Meneses em Caxias, este insistiu comigo p.ª que não descurasse o assunto — pois o Schiappa era meu amigo e tinha influencia sobre o ministro.

Enfim, lá foi a carta, embora escrita a custo. Não tenho geito para pedir para mim e muito menos nesta actual situação politica.

Mas, enfim, lá foi a carta! E que vá em boa hora.

Caxias.

Março: 22.

Primeiro dia de Primavera. Dia excelente. O mar, magnífico. A costa do sul, desenhada com nitidez, faz o seu jogo de fundo o melhor que pode neste cenário pobre de relevos.

Deste lado, os recortes não valem baixos; talhados pobremente por cima das curvas da terra e anunciam a expansão da capital por fóra de cinta e termo.

Enfim, tudo isto o seu lado singelo de beleza — mas em estou nada disposto.

Esta Escola Central continúa a dar problemas, a ensinar a fazer ordens — mas sem nada que eleve o ensino acima da aridez de resolução de têmas, sem deixar entrever que ha Principios superiores que orientam tudo e que ha, ao longo da historia humana, uma linha de evolução que explica este passo em que estamos e para a qual a procura dos têmas se torna mais compreensível.

Os instrutores são correctos, são delicados e levam isto com notavel diplomacia, muito fóra dos habitos normais da classe. Mas não vejo qualquer vislumbre de intelectualidade em tanta abundancia didatica: só a observancia das regras

duras domina o ensino embora enramalhetada em ~~[illegible]~~ iniciativas e incitamentos á liberd.e de discussão

E' certo que isto leva-se bem e não encontro os escolhos que calculava encontrar; mas é maçadôr como todos os demonios.

E depois, vem o aspecto especial da chamada camaradagem entre instruendos, que cheira por vêres á antiga Escola do Exercito com laivos de malandrice á mistura. Ha quem não diga o que sabe e esconda os trabalhos que vai fazendo. Ha de tudo.

Etc. etc.

E para terminar as impressões do dia, direi que hoje o Cesario Viana, coronel do Est.º-maior por graça da palermice indigena e da ralassa indulgencia de todos os tempos, tentou dar-me uma reprimenda a proposito duma discussão em q. entrei sobre os têmas resolvidos... Cavalgadura que se permitiu atirar um coice de ferradura nova.

Ponto final...

... e Post-scriptum: uma besta que se julgou com autorid.e para ter uma opinião.

Caxias.

Abril: 10

Tive hoje a prim.ª prova de aferramento, prova a q. eu calão da Escola se chama garraio.

Não sei se foi bem se mal. Cereio, porem, q. iria para satisfazer.

Não venho aqui deixado notas que seria interessante deixar p.ª futuro porq. não ha tempo para isso.

Só direi que o general Schiappa de Azevedo me informou de que o cargo de director da Escola de Agueda já estava dado quando nisso falou ao ministro que, diz ele, teve prova do compromisso já tomado.

Paciencia.

E direi ainda que o general José de Almeida, o director de Caxias, no dia 28 de Março, ao inaugurar a serie de conferencias de altos estudos fez um discurso em estilo de «Portugal maior» pedindo ás altas autoridades portuguesas o maior cuidado com a educação da mocidade que é a fiadora do nosso futuro e acusethando a unificação da politica, o fortalecimento do principio da autoridade, a renovação das tradições e, para remate de tudo, a solicitação da alta

protecção divina para obra de tal magnitude. Etc. etc.

Foi muito cumprimentado.

Caxias.

Abril: 17.

Hoje nova prova de apuramento que constou dum problema de aproximação na região ribatejana.

O meu condiscipulo Mario Silvio Ribeiro de Meneses, sempre atrapalhado com os têmas e m.to fóra destas realidades, pediu-me p.a o ajudar sempre que a vigilancia dos mestres deixasse.

O coronel Pereira dos Santos, de certo propositadamente, colocou-me ao lado dum ten.te coronel com curso do Estado-maior, um certo França Doria, individuo empertigado e m.to senhor dos seus cordões dourados se bem que m.to educado p.a com todos. Cortou assim o Pereira dos Santos a possibilid.e de o Mario Menenes ou o João Passos Pereira de Castro J.or virem p.a o pé de mim. O Meneses, ficou, até, um pouco distanciado e de lá olhava-me com ar aflitivo de rapasinho de escola que se vê em branco perante exame escrito. E eu, por gestos compreensivos, sossegava-o...

Depois de me ter informado do proble-
ma e procurado definir nas linhas ge-
rais a ordem de operações, lembrei-me
de fazer uma pequena partida, ao bri-
cadeira, ao Menezes a-propósito duma
indicação expressa na ordem da divisão[1]
E dei-me na menêta mandar-lhe a
mensalhada que se segue:

Ao Menezes:

Eu cá não sou exigente,
Acho sempre tudo bem;
Não gosto de dizer mal
Nem fazer mal a ninguem.

A Escola é risonha e franca,
Caxias — um Paraiso!
E para tanta canceira
Encontro sempre um sorriso.

Mas ha coisas q. me tocam
Na m.ª sensibilidade
E não estão já na razão
Da nossa avançada idade.

---

[1] A ordem indicava a certa unidade esfor-
ço principal contra a «mata da viuva do Pau-

Pois Meneses! Não nos mandam
(E isto me faz mofino)
Fazer esforço na mata
Da viúva do Paulino?

A mata é sempre problema
E bem grave, eu não o nego;
Porq. pode dar-se o caso
Da verruma dar em prego.

Estou deveras perplexo
E bastante pensativo...
Pois não sei se vencerei
Semelhante objectivo

(a) Cadete nº. 50 de Caxias.

A versalhada lá foi com as cautelas devidas, de mesa em mêsa; o Meneses esperava o papelucho com o ar de quem via a verdad.ª salvação. Ao abrir e ver q. o papel continha versos, a sua expressão tornou-se de tal forma aflitiva, quasi dolorosa, que eu fiquei com remorsos de ter feito a brincadeira alias inocente. Fiz-lhe sinal que ia logo outro papel e na verd.e e em perigo de perder tempo

---

lino» na Leiria ribatejana, perto do rio.

para o meu trabalho, lá lhe mandei em esquema o que era necessario fazer, pois os visinhos não o poderiam ajudar, uns por não saberem outros por serem da raça dos egoistas.

E aqui fica um episodio comico que vem lembrar os tempos das escolas, dos tempos da mocidade despreocupada...

Coimbra.

Maio: 6

De volta de Caxias, com o curso completo e creio que com menos má informação.

Trago impressões tão contraditórias!

Se, por um lado, não desgostei do ensino ministrado e do metodo seguido, por outro verifiquei que a camaradagem entre os instruendos deixou muito a desejar. Ainda o espirito da Escola do Exercito persistia nalguns e sobrevadava ao fim de 33 anos passados.

Devo, porem, dizer que fui bem tratado pelo pessoal docente. Creio até que comigo houve certa consideração — ou então me enganei em perante algumas manifestações de delicadeza que senti á minha volta. As minhas provas foram notadas pela clareza, metodo e boa redac-

ção; isto me disse ontem o coronel Ernesto Machado que foi instrutor da turma e que casualmente encontrei na estação do Rossio quando me ruma no comboio para regressar.

Mas a gana de alguns em quererem sobressair á custa de outros e a ância de certos camaradas, ignorantes, em se salvarem á custa dos parceiros... é que me deixou mossa para m.to tempo e me acarretou algumas desilusões.

Que se ha-de fazer?

Coimbra.
Maio: 8.

Escrevi uma carta de atenção ao coronel Ernesto Machado, como agradecimento ás amabilid.es e provas de consideração que teve f.a comigo em Caxias.

Poderá ser tomada como bajulação minheira?... Mas é de inteira justiça.

Coimbra.
Maio: 24.

Veio hoje nos jornais a notícia de que a Assembleia Nacional deu nova redacção ao §3.º do art.º 43 da Constituição. Deixo aqui registado o facto por mera curiosidade — pois ele é por demais conhecido.

A alteração é a que se segue no retalho incluso. E' simples e banal curiosid.e mas em todo o caso fica para não esquecer como me terei de educar daqui para o futuro.

«O ensino ministrado pelo Estado visa, além do revigoramento físico e do aperfeiçoamento das faculdades intelectuais, á formação do caracter, do valor profissional e de todas as virtudes morais e civicas, orientadas aquelas pelos principios da doutrina e moral cristãs, tradicionais do País».

Coimbra.

Junho: 5.

Recebi hoje carta do Camara Reis com convite em nome do Antonio Sergio para escrever o artigo Aljubarrota na Grande Enciclopédia portuguesa e brasileira.

Fiquei algum tanto admirado. Mas, enfim, a carta é bem clara.

Respondi com esta outra:

«Ex.mo Sr. ... — Recebi a carta de V... datada de ontem e agradeço muito o convite honroso q. me faz. Se bem que não seja a pessoa mais competente para o artigo acerca de Aljubarrota, não tenho duvida em aceitar o encargo que, aliás, me é muito grato. Podem VV... contar com o artigo que, pelo limite indicado de cerca de 150 linhas, pouco mais dá que uma pagina. Parece-me ser o suficiente para dar

a ideia da manobra inicial e da batalha propriamente dita — mas sem milagres... Com eles, o caso seria mais dificil e encheria o volume! — Com a maior consid.ão etc. etc. »

E agora, uma duvida: o trabalho será pago? Continuarei eu a trabalhar de graça?

Coimbra.

Junho: 16.

Tem para aí corrido uma « Semana militar » com varios ridiculos e varias manifestações nacionalistas, etc.

Mas para mim, que nada vi do que se passou e simplesmente curo por informações de pessoas q. assistiram ou pelo que dizem os jornais complacentemente, é claro; para mim, dizia eu, o que mais me deu no gôto foi o cartão de visita que o general Gomes de Sousa foi deixar ao D. Afonso Henriques, com um ramo de flores, no ultimo dia 13, seguido dum cortejo de combatentes e creanças das escolas. Onde chega o ridiculo!

A D. Afonso Henriques
Fundador de Portugal
O General Gomes de Sousa
13-VI-1935

Aí fica colado o cartão de visita, conforme os jornais disseram.

Que boa laracha!

Coimbra.

Junho: 20.

Escrevi ao Ant.º Sergio, a respeito do artigo Aljubarrota que me pediu por intermedio do Camara Reis, para a Grande Enciclopedia:

« Ex.mo Sr. ... — Remeto, por este correio, o artigo Aljubarrota. Desconfio de que não satisfaz. Nunca fiz trabalhos deste genero, sujeitos a formulas especiais. V... me dirá se necessita emenda ou alteração; uma e outra coisa farei se assim o entender. — O tamanho deve ir conforme o pedido, mais linha menos linha. Não sei se posso pedir o favôr de rever provas; gostaria de as rever; mas se este desejo vai de encontro ao estabelecido na empresa, não insisto. Agradeço m.to a V... a carta que me dirigiu e peço me creia, etc. etc. »

O artigo foi feito com mais ou menos calma. Procurei fazer prosa didatica mas tenho pouco geito para isso.

Coimbra.

Agosto: 3.

Frequento o curso de férias para ouvir, por agora, o Agostinho de Campos nas lições de literatura portuguesa — lições excelentes, atraentes, ligeiras sem aspectos catedraticos.

Aproveitei a excursão de 28 de Julho ao Caramulo, Viseu e Vale do Vouga que eu imaginei ser apenas excursão e afinal foi uma trapalhada dos diabos, com missa obrigatoria em Tondela e uns momentos de extase em Santa-Combo como se tivessemos chegado á Terra da Promissão...

Este curso está integrado no plano Estado Novo. Excluiram o dr. Joaquim de Carvalho e outros que não corresponderiam aos desejos; e, a proposito de tudo e de nada vão atirando á cara dos extrangeiros e de nós proprios, as excelencias da ditadura e o valor excelso do grande Chefe.

E a proposito, aqui fica uma confidencia: no conselho da faculdade de Letras que resolveu o plano do curso de férias viu-se que era o Agostinho de Campos o maior promotor da nova feição que se

deu; e como consolação, dizia arteiramente para o Joaquim de Carvalho:

— ... bem vê, meu Am.º, que ha tempos de falcão e tempos de coruja...

Na conferencia que o Amorim Girão fez sobre o Caramulo, e ao exaltar a Beira como o coração de Portugal, disse que bastava Santa-Comba para provar que desta provincia portuguesa sáem os maiores homens!

E assim sucessivamente...

Não gastarei mais tinta.

Coimbra.

Agosto: 6.

Carta ao Luis da Camara Reis a proposito de um pedido q. me fez para se conseguir, em Coimbra, algum dinheiro para a Seára Nova que anda sempre em apuros.

«Bem.... — Pela comunicação do dr. Joaquim de Carv.º já V... deve saber o que ficou resolvido ácerca do assunto da carta de V.... de 23 de Julho passado. Pela m.ª parte, neste momento, era-me dificil se não quasi impossivel conseguir qualquer coisa. A solução daquele ilustre Prof.or parece-me a melhor — e oxa

lá a causiga o que, aliás, é quasi certo. — Lastimo muito não estar em condições de, por mim proprio, resolver o problema; a Seára poderia contar então com um amigo para as ocasiões. — O artigo sobre Aljubarrota que o pr. António Sergio me pediu para a Seára por intermédio de V... já lá vai, o melhor que consegui. — Não deixe de dar as suas indicações ao q.e é, etc. etc. »

Coimbra.

Agosto: 7.

Carta para o dr. Alberto de Oliveira: uma especie de relatório bem humorado.

« Ex.mo/m. Dr. — Ha muito que não dou noticias a V... assim como as não recebo directas. Tenho saido pelo pr. dr. Agostinho de Campos, uma vez por outra, como VV... passam e por final que ultimam.te me disse que a Ex.ma Esposa não tem passado bem. Desejo muito sinceramente as melhoras. — Durante o inverno andei preocupado e assoberbado com a m.a preparação para o curso e provas necessarias para ser promovido; depois, lá fui durante 3 meses submetter-me a regime de internato em Caxias

e respectivas provas finais, nas quais apesar do meu afastamento do serviço, e dos meios de estudo, consegui arrancar uma das melhores classificações. — A seguir voltei para casa bastante massado e valeu-me o curso de ferias da Faculd.e de Letras para diversão de espirito já afeito e quasi cançado de tanta ciencia belica! Ouvi com o maior agrado e proveito as lições e conferencias do sr. dr. Agostinho de Campos; assisti a todas as lições e confer.as de outros professores portugueses ou extrang.os que me poderiam interessar e assim vou preparado para passar o mês de Setembro na Quinta da Paz, Mafra, esperando a promoção e não sei se alguma ordem para qualquer comando. — Por tudo isto me conservei silencioso a respeito de noticias e tenho ido á Torre só de longe em longe [1]; vou lá amanhã ou depois, antes de sair, verificar as janelas e despedir-me até outubro. — Mandei ha tempos um numero de qualquer jornal que transcreria artigo do brasileiro Saul de Navarro acerca da Torre; hoje mando outro que, com franquesa, não sei se será repetição. —

---

[1] A Torre de Anto, em Coimbra.

O José Viana, do Diário de Notícias, fez também crónica sobre a Torre, há algum tempo; parece que quer ir uns dias para lá, escrever qualquer coisa acerca de António Nobre e disse-me que V... o autorizava; mas eu (que não vi a carta) não sei se devo dar-lhe as chaves. Ando a entreter até V... o dizer. Terão que não é má pessoa, mas acho-o um tanto ou quanto palerma para fazer estudos sobre o Poeta. Emfim, V... dirá. — E com muitos cumprimentos, etc. etc. »

Paz (Mafra)
8 de Janeiro: 21.

Afinal, o José Viana a quem me refiri na carta últ.ª o Dr. Alberto de Oliveira é um pantomineiro como outro qualquer. E além de pantomineiro é, como o julgava já, bastante palerma.

Em virtude de carta do A. de Oliveira escrevi esta outra ao dito Viana:

« Ex.mo Sr. : Recebi hoje carta do Dr. A. de Oliveira em que me fala de novo ao propósito de uns seus sobrinhos irem brevemente para a Torre; e, ao mesmo tempo, me dá a entender o desejo de não entregar as chaves a quem não

seja da familia. A Torre está cheia de coisas intimas e é-lhe desagradavel que essas coisas se exponham a olhos estranhos — excepturando, é claro, as visitas que ele tem sempre muito prazer em autorizar. Vejo, por isso, adiada a invenção de Vilé.; e com os meus cumprimentos, creia-me, etc. etc. »

Este cavalheiro J. Viana dissera-me que o dr. A. de Oliv: o autorizára a residir na Torre, quando foi precisamente o contrario...

Não ha duvida: o Kifas é pantomineiro.

Paz (Mafra):

Setembro: 28.

Pelos jornais de hoje que trazem a pauta da Ordem do Exercito, vejo que fui promovido a coronel.

. Uma honra para a familia...

Disse-me o brigadeiro Casimiro Seles, que comanda a Escola Pratica, em conversa de ha dias, que a demora na promoção foi causada por falta de verba para as reformas — ultima invenção do super-homem que cavalgou o País ha uns anos para cá.

Ao cair, finalmente, ao último posto; por aqui ficarei, declarando-me vencido.

Para que teimar mais?

Não sei que sensação tive, ao ler, sem contar com isso, a notícia... O sobressalto seguinte á leitura, veiu da hipotese de deslocação. Do mais fiquei indiferente.

Providencialmente, o ministro deixa-me ficar no quadro da arma; confirmo, como até aqui, «comandante interino...»

E assim será, quem sabe? até á consumação dos seculos...

Amen.

Coimbra.

Outubro: 13.

A minha promoção deu azo a varias manifestações com que não contava. Alguns condiscipulos, companheiros de Caxias, pessoas de familia, os oficiais do regimento de Penafiel, etc. etc. em numero superior ao que eu julgava possivel.

Entre as manifestações curiosas, destaco a do jornal O Povo de Penafiel cujo director me ficou afeiçoado e co-

mo ele dizia «admiradôr.» A notícia que aqui fica colada veem no numero 9. Hoje recebi. O homem não se esqueceu e contrastou com os jornais da minha terra 9. apenas deram a notícia envolvida nas notícias militares do costume.

Tenente-Coronel
Belisário Pimenta

Pela ultima ordem do exercito foi promovido a coronel êste nosso distinto amigo, que servia como tenente-coronel em Infantaria 6, tendo deixado nesta cidade verdadeiras amizades e simpatias, mercé do seu primoroso caracter e cultissimo espirito.

Ao distinto amigo e ilustre militar que é, sem duvida, um dos mais distintos oficiais de Infantaria, apresenta «O Povo de Penafiel», os seus sinceros cumprimentos por tal motivo.

Quanto ao meu destino... O que passei em 28 de Setembro último modificou-se. Sei apenas que primeiramte fui destinado ao D.P.B. nº 12, na Guarda, mas o Gomes de Sousa, comandte da Região opôz-se; depois parece que se pensou em me dar o comando de Infantaria nº 7, em Leiria; até que por fim fui arrumado para o Distrito de Recrutamto e Reserva nº 2, em Abrantes para onde irei logo que a Ordem do Exercito me coloque.

Pelo bilhete do Coleme Godinho que interinamente exerce as funções de Ajudte General, vê-se que foi «o que se pôde arranjar...»

Lá irei, pois, para a «fresca Alrantes.» E como sou, certamente, o mais antigo, eis-me na lista dos governadores da Graça, afastado sucessor do felizardo do Junot...

Coimbra.
Novembro: 2.

Carta ao coronel Henrique Pires Monteiro. Sempre é bom copia-la.

«.... Escrevo-lhe da cama, onde uma forte constipação me obriga a estar, com a agravante de já ter eu meu poder a guia de marcha para Alrantes para onde vou eu 10 do corrente. Depois duma quasi bronco-pneumonia que arranjei no Porto, no serviço dos Tribunais Militares, fiquei com tal sensibilidade que a menor coisa me obriga a recolher. Estou quasi inválido, o que me aborrece bastante, não porq. tenha aspirações a rapaz novo mas simplesmente porque me não é possível tratar da vida como os outros. — Recebi e já li o seu caderno acerca do general Roçadas. Quando se trata do período da nossa intervenção na Grande Guerra é sempre difícil, sem belicar melindres, fazer a história correctamente.

O cor.el Pires Mont.º já no seu opusculo da Enciclopedia pela Imagem passou galhardamente por entre os escolhos; agora, mantem bem e firmemente o seu ponto de vista sem tocar nas dificuldades do assunto — embora se sinta amargura através das suas palavras. É um belo folheto de propaganda e vulgarização da nossa acção colonial; e o general Roçadas (que eu, pessoalmente, mal conheci mas q.e admirava e respeitava) bem merece q.e dele se ocupem os que cem alma levantada ainda acreditam no que vale o exemplo e o caracter. Cá espero o outro caderno acerca do gen.al Pereira de Eça, tambem melindroso de tratar. Muito e m.to obrigado pela sua oferta. Encaparei, logo que saia, o exemplar destinado ao Instituto. — Do prox.º dia 11 em deante (dia do bem-aventurado S. Martinho!) estou ao seu dispôr em Alhandra onde, com m.to prazer, receberei as suas ordens. — Creia-me, etc. etc. »

Coimbra.
Novembro: 7.

Fui hoje defôr no processo disciplinar movido contra o José Ernesto Marques Donato por motivo de acusações

feitas pelo Ant.º Gomes da Rocha Madahil na sindicancia á Bibliot.ª da Universidade. Eu disse apenas isto:

«... que, frequentando a Bibliot.ª da Universid.e ha muito mais de 30 annos, conheceu o arguido desde que para lá entrou e sempre viu nele funccionário cuidadoso, sério, atencioso para com ela, testemunha assim como f.ª com os outros leitores e nunca ouviu em todo este tempo qualquer referencia desagradavel a seu respeito; alem disto considera-o pessoa illustrada, auxiliar valioso para os directores do estabelecim.to pelo qual pouco se tem interessado e para o qual tem procurado (como algumas vêzes provou) chamar a atenção por varios meios (exposições, colaboração no Boletim privativo, etc. etc.). Quanto á sua vida de cidadão que possivelmente possa ser posta em causa, deve dizer q. nunca ouviu qualquer referencia que lhe fosse desfavoravel, antes tem a impressão de que é pessoa bondosa, tolerante, prestavel e trabalhadora. E mais não disse...»

Aquele Madahil é terrivel... Hade ser sempre o mesmo.

Alcantes.

Novembro: 10.

Aqui cheguei ha pouco. Tarde excelente. Impressão boa do caminho, do entroncamento para cá, com um arco-iris em frente, a N.E. na direcção da cidade — como de quem diz: vais ali encontrar a Paz e ... a aliança!

Para confirmar, á chegada, o meu sub-chefe esperava-me com dois oficiais, solicitos, com automovel alugado. O sub-chefe, um tanto ou quanto acanhado; e logo me preveniu de que se iria embora...

Mas todos tres exaltaram a terra, os bons ares, o sossêgo, as facilidades do Quartel-general, etc. etc. como quem anima um condenado ao desterro...

A cidade, pelo q. vi de relance, está apertada num alto; ruas estreitas, casas baixas, na maior parte; situação irregular nas lombas que descem para o Tejo. Já sentí frio fino, mais penetrante do q. em Coimbra; mas parece-me mais seco.

Emfim...

A pensão, a melhor hospedagem da terra, com bom aspecto; o diabo é um

aparelho de radio que, desde que cheguei ainda não parou de tocar e berrar, com toda a sorte de musica, recitativos, côros, o demonio a quatro.

Enfim... Vamos a ver.

Abrantes.

Novembro: 11.

Já me apresentei e parece-me q. o Distrito de Recrutam.to e Reserva está em regra.

Fui recebido no regimento de Infantaria 2 (onde está o comando militar) com certa simpatia... benevola.

Abrantes é um fóco politico dentro da actual situação. Dois partidos guerreiam-se com vontade e é possivel que essa benevolencia seja derivada da esperança de adesão... a qualquer deles.

Logo de manhã, ao dar uma volta para conhecer a terra, cheguei a um alto, do lado poente, de onde se avista larga extensão de terreno. Uma cigana chegou-se alicoantemente, e profetizou-me que chegaria aos 88 anos e que iria receber muito dinheiro... ~~[illegible]~~ A profecia não era mais do que o convite para uns cinco tostões; mas não deixei de comentar que achava muito: quer a idade quer a fortuna.

Ontem o arco-iris alegre; hoje a esperança de muito dinheiro...

O certo, porem, é que a terra é, de relance, agradavel e á minha volta ha certa curiosidade. E ao passar pelas ruas, fardado, quasi todos os homens cumprimentam, até individuos que, pelo trajo, denotam certa superioridade social. São restos da antiga servidão da graça de guerra; ficáram os habitos de submissão ao poder militar.

Que lhes preste.

... E o que eu já ouvi a respeito de escandalos politicos!

Ontem á noite houve manifestação popular de claro protesto contra a situação actual; rivirio, murrinio, intervenção da força armada, etc. etc.

Vá lá!... Compreensam com este protesto, os cumprimentos respeitosos ao estado militar. O diabo é se ha qualquer sindicancia e se ela me cái em cima.

Alcantes.

Novembro: 13

Disse-me ontem o tenente-coronel Marques Godinho, de Alcantes, meu colocado actualmente em Aveiro, que lhe consta que o meu condiscipulo Alberto dos

Santos Pereira Monteiro, conhecido desde a Politécnica por «Tinturas de Tornesol», anda a trabalhar p.ª ser nomeado director da Escola de Sargentos de Agueda.

Hei-de encontrar sempre este diabo pela frente! Pois que lhe preste e que se intégre bem no ambiente talassa e situacionista da terra — são os meus votos mais sinceros.

Não mexerei no assunto.

Estou a gostar de Abrantes: sossêgo, bons ares, panoramas largos para a meditação. É mais um periodo de repouso na m.ª vida do que um periodo de trabalho. Quero fazer o possivel para gostar da pacatez abrantina — e o Monteiro, o Tinturas, que... tenha muita saude!

Abrantes.

Novembro: 16.

Uma nota muito simpatica em Abrantes: estou aqui ha seis dias e ainda só vi vi um padre!

Deve ser boa terra, com certeza, aquela em que falta essa gente.

E esse unico padre que encontrei na rua, tipo de fisionomia correcta, bem trajado á secular, ao encarar comigo e certamente por me reconhecer forasteiro, fez

um cumprimento cheio de urbanidade a que eu correspondi com equivalente cortesia.

Conclusão: são poucos mas... bem educados.

Abrantes.
Novembro: 18.

Carta que tive de escrever ao Ferreira Lima. Este mundo é um embréchado. Cá fica a epistola:

«... As nossas boas relações de amizade e camaradagem, teem levado algumas pessoas a solicitar os meus bons oficios junto do meu Am.º para vagas no Arquivo Militar. Tenho-me esquivado conforme posso porque, se estivesse no seu lugar não gostaria de aceitar qualquer adjunto, mas sim escolhe-lo.

Acontece, porem, agora, que um dos secretarios do dr. Salazar, oficial do Estado-maior, que ainda ha pouco me prestou um serviço de certa ordem numa divida do Estado a m.ª Mãe (proprietaria dum prédio em que esteve uma repartição publica que não pagava a renda!) me escreveu a respeito de vaga no seu Arquivo... Confesso lealmente que não

tive cára para me escusar e por isso lhe vou transmitir a solicitação — se bem q. me parece, desde já, não poder ser atendida.

Um certo capitão do 14, miliciano, Antonio Dias, bacharel em direito, deseja ser aí colocado; e alega p.ª contrapôr ao facto de ser miliciano, a circunstancia de formatura em direito que ele julga ser o motivo que levou para lá o Carlos Amaral. Como vê, está posta em equação a teoria do sapateiro de Braga...

Julgo eu, porem, se me não engano que o Amaral não foi proposto mas imposto e isto estive eu p.ª dizer logo que recebi a carta; mas não o fiz sem ouvir a sua opinião ou informação.

Não sei quem é o candidato, nem de nome o conheço; é capaz de ser cavalheiro que se quer anichar em Lisboa e vê no Arquivo Hist.º o nicho conveniente. O meu Am.º dirá de sua justiça e o que disser se fará. E tenha paciencia com esta intromissão nos seus serviços. São apertões que ás vêzes levâmos e contra os quais não ha que reagir.

Quanto a Abrantes, o frio e o mau tempo não me deixaram ainda ver o arquivo municipal e o museu; mas tenho

tempo e já vejo que, na terra, se recebe bem e ha vontade em ser agradavel aos forasteiros.

Desculpe o incómodo. Quando podér dar a sua informação, muito grato lhe fica o velho am.º, etc.»

Abrantes.

Novembro: 19.

Já sei que tenho no Distrito um espião por conta da politica dominante no concelho. Trata-se dum tenente Fernando Mergulho, pessoa pequenina, unctuosa, cheia de cortezias, com aspecto bastante serafico. Dizem-me que é católico praticante — o que ajuda a explicar a missão de q. o encarregáram.

A politica agora dominante é integralista, côr Duarte Nuno, na qual é epigone um major de Inf.ª n.º 2 Matos Raimundo. Essa parcialid.e tem vexado aí toda a gente, segundo oiço e creado atomosféra terrivel contra a propria situação creada com o movimento de 28 de Maio.

Ora é essa gente que mandou o ten.te Mergulho para espiar o que se passa no Distrito de Recrutamento — e em especial o que faz o seu novo chefe.

Heraultes.

Novembro: 20.

Carta ao Fernando Santos Costa, meu antigo alferes no Grupo de Metralhoras nº. 5 e actualmente tenente do Estº Maior e assistente do professor de tactica geral no curso do dito Estado-maior em Caxias. Ao mesmo tempo acumula com o cargo de secretario particular do ilustre Salazar de quem é, ha muito, uma especie de acessor para assuntos militares. E' pois pessoa de importancia...

Segue a carta que se relaciona com a que ha dias mandei ao Ferreira Lima:

«Meu caro Santos Costa: Não respondi logo ao seu cartão porque esperei resposta do sr. cor.el Ferreira Lima. Tinha muito prazer em lhe ser agradavel e poderia até informa-lo logo acerca do assunto q. conheço bem porque varias vêres tenho sido solicitado para o mesmo fim. Contudo, quiz ouvir o sr. cor.el Ferreira Lima que amavelm.te e com a maior franqueza me respondeu — o que eu, aliás, já calculava. O regulam.to manda que os oficiais propostos tenham o curso da Escola e ele, naturalmente, não póde fazer proposta contraria ao que está

regulamentado; e o caso do Carlos Amaral que parece ter aberto precedente é diferente do que o meu Adm.º julga porque esse oficial não foi proposto mas sim mandado para lá pelo consulta ao director e até contra sua reclamação. É pena que o regulam.to não abra uma excepção para os formados em direito e, ainda mais p.a os de letras pois poderiam prestar serviços para que tinham outras bases que não tem o oficial das armas Vaul court. — Aqui tem o Santos Costa o que ha para dizer com a maior franqueza e com m.ta pena de não lhe poder ser util; mas não posso insistir em assunto que é, como vê, melindroso. E ainda ha mais: a vaga já está prometida a um oficial que já la esteve e que foi bom ~~auxiliar~~ auxiliar. Contra tudo isto... é ter paciencia. — E o seu garôto que eu conheci em Caxias? Muitas felicid.es para ele. — Eu para aqui fui projectado, feito marupa de alpaca. Estou, parece, satisfeito. — Veja se manda coisa posso ser util e dipa, elê.elê. »

Não vai gostar, com certeza, da resposta. Este Santos Costa não é de muito boa raça, mas que se lhe ha-de fazer? O

Ferreira Lima não podia responder doutra maneira. E a resposta lá foi, como se vê pela cópia supra.

Alenquer.

Novembro: 25.

Um caso passado na terra se teve dado comigo. Tenho recebido visitas de varias pessoas de estação; e, dada a feição de certas localidades em que a visita ao forasteiro que chega é' coisa obrigatoria, essas visitas poderiam só ter a significação de costumeira e não representarem qualquer preferencia. E assim concluiria que tanto eu como outro qualquer teriam as cortesias de toda a gente grada.

Hoje, porem, trocando a visita ao dr. Manuel Fernandes, medico e operador notavel e de prestigio em Alenquer e fazendo referencia a esse facto, ele disse-me categoricamente que as visitas só são obrigatorias quando se reconhece no recem-chegado qualidades de certa ordem.

Quere dizer: a boa sociedade alenquerina é <u>ermética</u> — e, pelos vistos, eu trago comigo o condão de lhe abrir as portas... Antes assim! Sempre é honra para a familia, como se dizia nos meus tempos de estudante.

e a propósito...

Nos jornais de Coimbra a minha deslocação teem sido referida nos termos pouco mais ou menos como os da notícia que aqui fica copiada. Mas isto só depois de os periódicos de Alcantara terem anunciado a minha chegada. Vê-se, pois, que na minha terra não se deu pela minha saída... E só esta boa terra alcantarina é que notou a entrada nos seus muros de tão ilustre pessoa. Santos de casa não fazem milagres.

Ver, no fim do vol. pag. 278.

Alcantara.

Dezembro: 16.

Afinal veiu-me parar ás mãos a sindicancia feita a certos officiais que foram acusados de andarem envolvidos no tumulto que houve em 10 de Novembro passado, no dia da m.ª chegada.

Foi primeiram.te encarregado o sub-chefe do distrito, o ten. coronel Pedro de Azevedo Cruz, mariola insigne e ser-ventaculo valioso (!) da actual situação

política. Caso, porem, aparecesse acusado um coronel reformado ou na reserva, o cavalheiro descartou-se logo do trabalho e no Quartel-general entenderam por bem passarem ás minhas mãos o encargo de desvendar a mutáda.

Para dar o exemplo de imparcialidade, mantive o mesmo secretário do auto, um tenente Serras Pereira, creatura dos dirigentes políticos, homem de confiança deles, mas q.e ao mesmo tempo me diziam ser creatura séria e leal. Creio que fiz bem e, na verd.e, não me arrependi.

Da sindicancia nada se provou contra os oficiais acusados. Tive sempre o cuidado de manter toda a liberd.e á acusação e procurei averiguar o melhor possivel. No entretanto os acusadores nada disseram de concreto e caíram, sem esforço, em contradições flagrantes; de modo que se viu logo que havia evidente propósito de réxame e que possivelm.te as autoridades que participáram contrariam com a "boa vontade" do sindicante para comprôr o ramalhete.

O proprio tenente Serras Pereira por vezes censurou a participação e ficou convencido da marotéira que quizeram fazer aos oficiais adversários.

Depois duas poucos de dias de trabalho terminei o inquérito e lá fiz um relatório que, melhor ou pior, mostrava a inanidade da acusação. Quando o mandei p.ª o Quartel-general, escrevi ao chefe do Est.º-maior por qualquer outro motivo e acrescentava: «O relatório de sindicancia vai feito com a melhor consciencia e o maior desejo de justiça. Oxalá, como diz o povo crente, que Deus lhe ponha a virtude...»

O que eu não disse ao chefe do Est.º maior é que me regozijei com a feição que o inquerito tomou. Dar-me-ia m.to desagradavel encontrar as faltas que as autoridades actuais queriam atirar para cima de certos oficiais adversarios.

O relatório, por curiosid.e fica arquivado aqui. Já agora, para recordação e para proveito e exemplo... (1)

Alvaiázere.

Dezembro: 22.

Segue-se uma carta ao Dr. Alberto de Oliveira, a quem não dava ha muito noticias e que vai escrita com certa malicia intencional.

---

(1) No final do vol.e a pag. 387.

«... Vai admirar V... o eu escrever de Abrantes. Mas, como consequencia da minha promoção em Agosto, e do ministro (meu condiscipulo) não me querer afastado do serviço, fui atirado p.ª aqui em Outubro, sem calcular q. o meu pobre nome fôra alvo de varios conciliabulos no ministerio da Guerra. E como o general de Coimbra me não quiz na sua região, aqui estou nesta boa terra já mais ou menos aclimatado, chefiando um Distrito de Recrutam.to de 3.ª classe. Parece q. o ministro me quiz dar o comando dum regimento (creio q. em Leiria) mas qualquer coisa houve q. transformou essa boa intenção em cargo de manga de alpaca. — Seja, porem, como fôr, venho oferecer-lhe o meu prestimo nesta pequena terra e ao mesmo tempo desejar a V... e Ex.ma Esposa as melhores festas e um ano feliz. Tenho muito prazer em continuar a receber as noticias e indicações de V... aqui ou em qualquer outra parte onde os Fados me lançarem. — Li ha dias q. a Torre fôra considerada monumento nacional; não sei nada acerca do assunto mas regozijo-me pelo facto pois sempre a põe ao abrigo de qualquer atentado. — Não sei até quando estarei por aqui; fui bem recebido e tenho sido alvo de atenções que sensibilizam — por isso

B. 36

vou deixando correr o tempo e continuo a estudar e a trabalhar para o que dér e viér. Mas aqui ou noutra parte, V... mandará, etc. etc. »

E com esta epístola cheia de minha se acaba o ano de 1935 que, com toda a franqueza, não sei se foi bom se foi mau... É possivel q. fosse um ano como outro qualquer..

— 1936 —

Alcantara:

Janeiro: 15.

Tudo como d'antes... Quinze dias do novo ano sem qualquer facto que mereça alusão!

Não ha maneira de fugir ao prologo popular.

Alcantara.

Janeiro: 23.

Recebi hoje uma nota que me comunica a colocação neste meu Distrito de certo tenente José da Silva, do regimento local. Dizem-me ser outro espião; e ha quem diga que é um doente que procura descanço.

Pode ser tudo isso.

O que estou a ver é que tenho mais importancia do que julgava.

Alcantara

Fevereiro: 4.

Ha dias, a 28 de Janeiro, o Carneiro Pacheco quando, como novo ministro da

Instrução recebeu os professores (aliás obrigados aos cumprimentos) disse que o ensino primário seria subordinado a uma proposta que apresentaria na Assembleia Nacional, a qual incluiria a disposição relativa á educação integral e cristã, necessaria de hora avante á nacionalidade portuguesa etc. etc. etc.

Dois dias depois, a 30, os jornais noticiáram que dessa proposta sairía outra disposição que determinaria a aposição em cada escola primaria de um crucifixo por sobre a cadeira do professôr, entre os retratos do Carmona e Salazar...

Conta-se até que a Carocha portuguesa já tomou conta do caso e notou que a imagem de Cristo ia ficar, de novo, entre dois ladrões...

Enfim: o que virá mais?

Abrantes.

Fevereiro: 20.

Em 10 deste mês recebi uma circular da União Nacional vinda por intermédio do Comando da Região — circular que fica junto, por curiosidade e para a História. (1) Dias depois veiu um aditamen-

---

(1) No fim do vol.º a pag. 396-397.

to que tambem aqui deixo apenso pelos mesmos motivos. (1)

E' claro que resolvi não responder e fazer de conta que o caso não era comigo. E guardei as circulares p.ª a colecção...

Acontece, porem, que o prazo marcado p.ª entrega das informações no Quartel General, terminou hoje. E lá, algum bom burocrata que deu pela falta da m.ª resposta, provocou um telegrama que ha pouco recebi pela estação radio militar, urgente, pedindo imediato cumprimento, ao disposto nas circulares.

Ora estava eu sentado na cama lendo pasmadamente La Débacle de Zola. O telegrama surgiu e eu, sem querer, sorri-me... Caíra em grande falta politica — e o caso era sério...

Respondi com o seguinte:

«Em referencia notas desse comando de 8 do corrente q. acompanhou circular N.º 124/4 da Uniao Nacional e n.º 257/1 de 13 tambem do corrente, informo V... para conhecimento de S. Ex.ª o General, de q. neste D.R.B. nada ha que possa dizer respeito ao assunto daquela circular e inter-

(1) No fim do vol.º a pag. ...

sar a comissão q. se propõe comemorar o 10º aniversario da Revolução de 28 de Maio de 1926. Quaisquer obras feitas no edificio, desta data para cá, por efeito da nota urgente nº 257/1 acima citada, fica este D.R.R. dispensado de mencionar. — (a) Pimenta.»

Ficou assim salva a responsabilidade e satisfeito o zêlo politico do Quartel-General.

Abrantes.

Março: 16.

Saiu ontem o fasciculo da Enciclopedia em que vem, finalmente, o meu artigo sobre Aljubarrota.

O Diario de Noticias, ao dar conta da publicação faz referencias aos artigos principais e a respeito do meu diz: «O dr. Belisario Pimenta fala de "Aljubarrota,» Como vivo em Coimbra, o tratamento tinha de ser este...

E' certo, tambem, que o Antonio Sérgio é igualmente tratado. Ao menos estou em boa companhia.

Vamos a ver, agora, quando vem o dinheiro — q. é, afinal, mais importante do que as honrarias.

Abrantes.

Abril : 1.

Fragmento de carta ao Julio Bivar Salgado que se desculpava eu me não escrever porque perdera a sua caneta de tinta permanente :

«.... Consinta, porem, que note desagradavelmente a sua afirmação de que só sabe escrever com a caneta que lhe perteence. Ora o meu Am.º que é ar vista vem a noção de que a caneta é insubstituivel e não o seu possuidôr ? de q. é ela que escreve e não aquele que a maneja ? Isso não será heresia — e das heresias grossas ? Ou então ... como serão as canetas do Antero de Figueiredo ou do Julio Dantas ?

«Fechâmos fronto ou, como disse o P.e Manuel Bernardes (creio que foi o Manuel Bernardes), fechêmos as éclusas. Ao seu dispôr. Cá espero a carta em vernaculo para a qual preparerei a fé rula. Com estima, etc. »

Este Julio Salgado é filho do meu velho condiscipulo e amigo Augusto Xavier Bivar de Arenes Salgado ; teve

certas qualidades de artista e ainda actualmente desviado dos seus estudos no Instituto de Agronomia por efeitos duma chamada ao regimento de Artelh.ª de Abrantes onde é 1.º sarg.to cadete. Acho-o um rapaz interessante se bem que não saiba definir bem o que ele é. Parece-me ter saudade qualquer desvio anormal; e se assim é, só ha que lastimar.

Abrantes.

Abril: 16.

Extracto duma carta que mandei ao Augusto Bivar Salgado, actualmente em Caxias, no curso f.ª coronel. Trata-se das nossas futuras colocações:

«.... A respeito da tua situação futura, não te afoguentes muito. Como falas te eu ir para Evora estava, a esse respeito, tranquilo; mas pela tua carta vejo que mantens a vontade de ser aqui ficares. Pois, meu caro Salgado: não tenho alma de te deixar ir para Loupe podendo eu dar-te o Lupar. Em Leiria dão-se bravamente duas sopas e no fim do ano em Penafiel idem idem; desta terra ainda ontem recebi lembranças dos amigos que lá deixei; [illegible], para aquela gosta-

ria de ir por ser muito prox.º de Coimbra. Compreendes bem que não tenho interesse especial em ficar em Abrantes — salvo o ambiente de simpatia e até amizade que aqui sinto á m.ª volta. Mas tudo se arranja com proveito para ambas as partes... Lá mais para deante irêmos os dois falar ao Casimiro Teles — a menos que não tenhâmos que ir para os quintos do Inferno em holocausto aos deuses Hitler e Mussolini. — Trata com serenid.e dos têmas, não te adeantes muito nos contactos e deixa andar o mundo que, afinal, talvez não ande tão mal como os maldizentes afirmam. — ....»

Abrantes.

Abril: 20.

Da Grande Enciclopedia recebi ha dias uma nota de crédito que me dá por credor de 135$00, importancia arbitrada pelo meu artigo Aljubarrota.

Enfim... já não é mau. Em Portugal é assim mesmo.

Hoje vem comunicação da empresa para eu indicar quais os assuntos de que desejaria tratar para futuro.

Respondi com a seguinte carta:

«Exmo Snr.: Recebi agui a nota de V... que me convida a indicar os termos que eu preferiria tratar até ao fim da letra A. Agradeço a atenção e desde já indico o combate dos Atoleiros, assunto que trataria com o mesmo criterio com q. tratei o de Aljubarrota. Não indico outro ou outros porq. estou actualmente colocado em Alvaiazere onde tenho pouca facilidade de trabalhar com proveito. — Recebi ha dias a nota de credito nº 436 q. igualmte agradeço e aproveito a oportunidº para solicitar a informação relativa á melhor maneira de receber a importancia. — Aproveito ainda a oportunidº para informar VV.. de que não sou professôr nem doutôr como as capas da Enciclopedia e os rescritos da empreza me tratam; sou simplesmte oficial do Infant.ª colocado na guarnição de Alvaiazere ha meio anno, cheio esperanças de melhór sorte. Disseram-me bastante as honras mas o pão a pão dôno. — Espero, etc. etc.»

Alvaiazere.
Maio: 2.

Da Enciclopédia, em resposta á carta supra disseram-me que o artigo

Soleiros seria feito pelo António Sérgio mas que dissesse eu o que queria escrever sobre outros assuntos.

Logo vista disso mandei uma relação em que iam os seguintes nomes:

«Asseiceira, combate em Maio de 1834; — Boialvo, manobra ou caminho de, em Setembro-Outubro de 1810; — Buçaco, batalha em Setembro de 1810; — Casal Novo, combate em Março de 1811, na retirada dos franceses; — Cruz dos Moraiços, combate, em junho de 1828; — Foz d'Arouce, combate em Março de 1811; — Ponte da Murcela, idem idem; — Redinha, idem idem; — Valverde, combate em 1385; — Vila da Praia, acção em Agosto de 1829.» —

Disse que me encarregaria de tudo quanto dissesse respeito a Miranda do Corvo e que desejaria tratar dos métodos ou sistema militar do marechal Saldanha... quando lá chegássemos.

E daqui até lá, não nos dói a cabeça como diz o Povo.

Heraldes.

Maio: 10.

Deixo arquivados, por curiosidade e como lembrança, dois editais que, com o meu nome correram variados

concelhos desta região ribatejana. Sobre de mim! que vou lembrar ás gentes o cumprimento duma imposição da lei que, em geral, vai prejudicar quási todos... (1)

Mas enfim, é assim mesmo.

Alcantes.

Maio: 14.

Antigo Salazar tomou finalmente conta da pasta da Guerra — e levou para sub-secretário o Santos Costa seu ex-fogo assessôr militar, já em Coimbra, no tempo em que nas agremiações ultra-nacionalistas se forjava a gloriosa revolução nacional.

Estivemos ao almoço, eu, o general Franc.º Bernardo do Canto e o seu ajudante, o comand.te do regimento 2, o coronel José M.z Vale de Andrade e o major do mesmo Herculano do Amaral, quando os jornais chegaram com a notícia. O general leu, em voz alta, as letras grandes do noticiario; e quando leu q. o tenente Fernando dos Santos Costa era o sub-secretario, dobrou lentamente a gazeta e disse talvez sem querer, mas sinceramente,

---

(1) Arquivados no fim do vol. a pag. 396-97.

uma simples frase que, estou convencido, seria dita em quasi todo o exercito:

— tem poucos galões...

E serenamente continuou a almoçar e durante certo espaço não falou.

A frase do general tem m.to que se lhe diga. E aí fica para a Historia — tanto mais que, pelo que conheço do Santos Costa ele poderá vir a ser, verdadeiramente, o «vilão com a vara na mão...»

Ora amigo Salazar, na posse do cargo, fez discurso sêco, agressivo, como em regra os faz desde que se julga dôno do país que o deixou subir sem condições ou limitações.

Mas ainda o melhor é o discurso do Morais Sarmento, o anti-clerical, o suspeito de maçon, que quasi de cócoras louva o patrão e se confessa creado venerador muito obrigado.

Conservo o discurso como vem nos jornais; parece ter sido lido — pois não quizesse o diabo que a improvisação désse asneira. E' documento de servilismo completo p.a quem foi corrido de ministro da Guerra, segundo dizem, por causa do seu espirito liberal.[1]

---

[1] Fica no fim do vol. a pag. 396

Que mais teremos que ver, oh Supremo Arquitecto?...

Esta semana foi fertil em visitas de generais; a pacata Abrantes abrigou em seus muros nem mais nem menos do que tres.

Na 2ª feira chegou o general da Região, Lacerda Machado; na 3ª feira o director da Infant.ª Francisco Bernardo do Canto; e na 4ª feira o director da Artelharia Silva Bastos.

Foi uma fartura que se traduziu na laracha da «Semana dos Generais...» e eu tive que andar nestes dias fardado a serio e em cortesias continuadas.

O Lacerda Machado, homem distinto de maneiras, ar avelhentado, manteve sempre a sua linha de general; mas agora que o vi e ouvi de perto, fiquei com a impressão de que é um banal ou um vasio e de que o nome que tem se formou á custa de ter um olho nesta terra de cégos. Fala sempre ex-catedra, com ar doutoral e diz as maiores banalidades com a imponencia delicada de pessoa de boas maneiras. A cavaqueira, á noite, no hotel, versou quasi toda acerca da lingua portuguesa, abastardada

constantemente pelos jornais e livros; falou, falou, no meio da admiração dos oficiais circunstantes que não sabiam que tudo o que ouviam era reprodução dos ultimos artigos do Ricardo Jorge no Diario de Noticias ... Não lhe ouvi nada de novo ou de original; era tudo ciencia de periodicos. Mas a maneira de o dizer, o ar distinto e afirmado, a aparencia de quem expõe verdades reveladas !...

É assim que se instrui a humanidade ignorante. No dia seguinte, diziam-me dois majores que assistiram á conversa:

— Muito culto é este nosso General!

O Francisco Bernardo do Couto, açoreano, bonacheirão, gorducho, é o homem do caso concreto, isto é: o general que mais sabe de assuntos teoricos que se ligam com resolução de problemas. É, na especialid.e, seu favôr, um mestre. Tem maneiras cativantes, agrada nos interrogatorios, sabe orientar uma discussão ou quistura uma ou outra anedota ou qualquer simile engraçado. Pôe toda a gente com quem trata, logo de entrada, á vontade. Mas a cultura geral é, mele, extraordinariamente reduzida é um pouco rethaco.

O Silva Bastos, o Bastinhos, pequeno, muito bem fardado, ar fino e distinto, expressão de muito inteligente (que realmente deve ser) é, actualmente, na política, uma das forças opostas ao ilustre Salazar. É o mais novo, em idade, dos generais; sabedôr, ambicioso, insinuante, tem atitudes de general apesar da sua pequena estatura. Foi ministro da Guerra com o Sidonio Pais e dizem que é reaccionario, no que, diga-se de passagem acompanha quasi todos os colegas.

Foram tres generais, como se viu, que visitaram Alcantara. Deram para uma Gaia com letra do Julio Dantas...

Alcantara.

Maio: 28.

Celebra-se ruidosamente por todo o País o anno décimo (ou "Anno X", á maneira da Revolução) do movimento de 28 de Maio de 1926 — ou seja de regimento nacional por meio do Exercito...

Vou talvez começar a escrever algumas memorias dos sucessos varios de então para cá; mas agora, como prologo e sintese, deixo aqui a gravura

que surpreendi hoje no Diario de Noticias e que é flagrantemente simbolica : um bispo (o velhaco Antonio Maireles, do Porto) abraça o presidente do Governo e ministro da Guerra com sorriso na expressão que os mundos... O outro, com o ar acanhado de sempre, tambem sorri mas em atitude de quem se quér esquivar para não haver comprometimento em publico...

O sr. Presidente do Conselho e o sr. Bispo do Porto despedindo-se

A espada e a Igreja, sorridentes, como se vê, dão-se os braços para maior e melhor gloria de Deus!...

Já lá vão dez anos. E o chefe, o Patrão, anuncia mais outros dez!

Não é, pelos vistos, plano quinquenal, á maneira russa: é plano decimal, á maneira romana.

E o mais interessante na gravura q. aí fica é o ar de afrontada satisfação que se vê nos oficiais generais á volta, a conformidade com aquele abraço monstruoso, a impressão de o exercito a babar-se de gôso perante a carícia da Igreja...

...e a baixeza moral de pigmeus que as circunstancias elevaram e por esse motivo se julgam dignos da passagem á Historia...

Alcantes.

Maio: 30.

Com a subida de monstre Salazar á pasta da Guerra (até que enfim, caramba!) anuncia-se grande reforma quer na organização quer nos costumes.

Espero novo limite de idade e com ele a m.ª saída do serviço activo definitivamente. Ficarão só os bons, e nessa altura teremos exercito capaz de sustentar este imperio... romano.

Alcantara.

Junho : 4.

Ha dias, em Coimbra, encontrei ao Dr. Conde de Almedina, o Dr. Joaquim de Carvalho. Muita festa para a festa e, a certa altura, desfechou-me com isto:

— O meu Serpa fez-me agora muita falta...

E explicou que, como tem escrito os ultimos capitulos da Hist.ª de Portugal do Dr. Damião Peres, queria ouvir-me acerca dos sucessos militares das lutas de 1846 a 1847 nomeadamente acerca das acções de Torres Vedras e Alto do Viso; que tem certas duvidas quanto á acção de Valdarrilha, etc. E assim queria que eu lhe fizesse uma exposição da acção militar do marechal, do conde do Bomfim, do Antas, do Sá da Bandeira, etc.

Fiquei algum tanto atordoado com a amabilid.e mas disse, depois, de mim para mim:

— Ora aqui está p.a que eu sirvo... Os outros são encarregados dos trabalhos remunerados (e bem remunerados); eu dou explicações de graça sobre certos capitulos e nem ao menos seria citado como poderá parecer de elementar cortesia, se não fosse de agradecimento.

A honra e o proveito é bem certo não caberem no mesmo saco segundo a sabedoria das nações. Mas, neste caso, nem uma nem outra caberiam...

Abrantes.

Junho: 18.

Ha dias o Bivar Salgado de quem aqui falei acerca das suas pretenções ao regim.to de Infant.e 2, de Abrantes, foi a Lisboa falar ao general Casimiro Teles e levou carta minha explicativa.

O Salgado foi e já voltou e me disse que o Teles tomou a devida nota e prometeu o melhor interesse.

Seria promessa a sério e a valer?... Ele é tão velhaco!...

No entretanto escrevi-lhe a agradecer e a informa-lo de que o Lacerda Machado recebia bem o meu proposito de ir comandar Infantaria n.º 7.

E na verd.e recebi comunicação do ten.te coronel Alfredo Ernesto da Cunha, chefe do Est.º-maior da Região que informa do general Lacerda Machado ver «com muito interesse» a minha colocação no regimento n.º 7.

Daqui nasceu uma outra carta; entendi que devia agradecer ao general Lacer-

da a prova de confiança. Assim fiz em epistola bréve e concisa.

E pronto.

Esperêmos os acontecimentos.

Abrantes.

Junho: 21.

Depuz hoje, por escrito, numa sindicancia que o coronel Cesario Viana veiu aqui fazer; o depoimento foi este:

« Assisti ao exercicio final dos recrutas do Grupo mixto independente de Artelharia montada nº 24 que foi feito conjuntamente com o batalhão de recrutas do regimento de Infª nº 2, em 26 de Maio p.p. se me não engano. Fui convidado para o almoço dos oficiais das duas unidades e, depois deste, cerca das 16 h. retirei para Abrantes em companhia do Exmo. Comandte. militar. — Não presenciei durante o exercicio e durante o almoço q. decorreu em ambiente de mutua simpatia, de camaradagem e correcção, qualquer acto praticado pelo sr. ten. coronel Elisio Mario dos Santos Lobo que brigasse com o brio e decôro militar — pelo contrario, como oficial mais antigo dos que concorreram aos exercicios foi de es-

trema auxiliar e delicadeza p.ª mim e mais oficiais do Distr.º de Recrutam.to e Reserva que me acompanharam. — Se fóra das m.as vistas antes ou durante os exercicios qualquer facto menos correcto se deu, não tive dele qualquer conhecimento directo. — (a) L.P. »

Foi o caso que, no tal dia 26 de Maio, o ten.te coronel Elisio Lobo embebedou-se com aguardente e portou-se, em frente de tropas, como qualquer bebedo vulgar. Um escandalo. Os oficiais do Grupo de artelh.ª fizeram uma deligencia por intermédio do major de Inf.ª 2 Herculano Cardoso do Amaral, seu amigo intimo, p.ª ele não voltar ao comando. O Lobo caiu em si e pediu transferencia.

Porem, uma carta anónima com todas as circunstancias, caiu no Ministerio da Guerra ao mesmo tempo. A coincidencia deu certa veracid.e á denuncia e daqui a sindicancia que o Coronel Viana veiu fazer.

O Elisio Lobo, realmente, é ureiro e mureiro no uso e abuso da aguardente. Um vicioso.

Resumo: porcaria.

Ponte de Sôr.

Junho: 29.

Começo hoje a romaria ás cabeças de concelho que constituem o meu Distrito de Recrutamento — para as inspecção aos mancebos que terão de vir servir a Patria nas fileiras do Exercito...

Aqui ando durante semanas de terra em terra. Deixarei impressões da passeiata em outro volume, mais circunstanciadamente.(1)

Coimbra.

Julho: 7

Vim a Coimbra num intervalo de inspecções. Apanhei restos de festas á Rainha Santa. E pelo q. li nos jornais e pelo que ouvi, os festejos foram formidavel manifestação reaccionaria. O clericalismo andou de rabo alçado nesses dias, exultante, como dono de tudo isto.

E na verdade não se engana. E' o dono de tudo isto.

E o Exercito baba-se de gôso... Foi ele o instrumento de que se serviu a Reacção p.ª a obra do 28 de Maio — e não percebe

---

(1) Nos Passeios e viajatas. Notas lijeiras, vol. II, pag. 271 e seg.tes

que foi lagrado, e afirma pelos seus galões e estrelas que tudo se deve a ele...

Enfim... Deve estar reservado ao Exercito o sossego do Reino dos Céus.

Portalegre.

Julho: 1o.

Recebi hoje de manhã, carta do Alfredo Ernesto da Cunha, chefe do Estº-maior da Região. Manda-me copia da proposta do General Fª eu ir comandar o 7 de Leiria. É dirigida ao ajudante-general e consta apenas do seguinte:

«Proponho para comandante do regimº de Infantaria nº 7 o coronel chefe do D. R. R. nº 2, B... P... quando naquele regimento se dér a respectiva vaga pela saída do coronel Allino Candido Pinheiro ~~Fon~~ de Castro. — O Comandante da Região — (a) Francisco Soares de Lacerda Machado, general.»

Os termos são, o mais possivel, regulamentares; mas Fª o efeito chegam muito bem.

O Carmiro Teles será capaz de roer a corda?...

Niza.

Julho: 20.

Ao chegar hoje aqui, chegaram tambem os jornais de Lisboa que traziam as noticias frescas.

O Diario de Noticias affirma o triumfo do exercito "nacionalista" em Hespanha, pelo menos faz ardentes votos por isso... E percorrendo, por alto, as noticias, deparei com uma que recortei e deixo archivada no fim do volume.(1) E' um documento excellente da tolerancia militar e da tolerancia dos nossos visinhos hespanhoes.

E basta.

Acerca da guerra civil que brameja em Hespanha é melhor nada dizer.

Por causa das duvidas.

Coimbra.

Julho: 24.

Vim hoje de Alhandra pela estrada de Tomar a Leiria, e de Leiria a Coimbra.

Percurso variado, a mudar constantemente de aspectos na paisagem: a margem do Tejo até Constancia, a travessia do Zezere, parte da charneca de Tancos, os terrenos arenosos a norte, a baixa fertil

(1) A pag. 396.

do Alviela até Tomar; depois, a passagem para os terrenos pedregosos de Chão de Maçãs, a descida ao vale da ribeira de Boiça até Vila Nova do Ourem e d'aí por deante até outra serra pedregosa além da qual, em vale acanhado, se passa por Fátima...

E realmente passei por Fátima!

O local é de molde a fazerem-se reparos. Tão alta anda a fama da Cova da Iria que não se passa por ali sem que a memoria fixe o que viu...

Julguei aquilo maior. A impressão que me deixou o conjunto de construções foi inferior á que esperava. Sem querer lembrei-me de Lourdes; pareceu-me aí ha muita preocupação de imitar o celebre santuario francês; e se conseguem erguer a basilica (cujos fundamentos anunciam coisa grande) e arborizam aquela região pedregosa e lhe tiram o aspecto árido, a estancia ficará, com efeito, de alguem valor.

Religião e turismo.

Mas... pareceu-me o espaço acanhado. Talvez esta impressão viesse por não sair da carrinheta e não ter, por isso, ensejo de fazer comparações. É certo,

foram, que se é acanhado materialmente, é vasto, vastíssimo, incomensurável, para a exploração que dele fazem.

Devem ali caber muitos e muitos intrujões e... intrujados.

Chamusca.

Agosto: 13.

Na modesta hospedaria onde ficámos durante estes dias de peripécias oficiais, encontrei uma família cujo chefe, o Sr. Palet, é espanhol; a consorte, portuguesa; e três filhas novas, muito garotas, mas lindíssimas.

Vivem em Lisboa, são ricos e estão aqui a ares.

Ora ontem, ao jantar, o aparelho da rádio da casa, dava notícias de Espanha. A família Palet ouvia com atenção e comoção, como gente rica q.e se preza e que dá ares de grande senhoria. Quando a locutora da Emissora anunciou o fuzilamento de dois generais revoltosos em Barcelona, as três raparigas coberam a cara com as mãos finas e cheias de anéis para a pequir, com ar compungido, tomaram atitude de quem reza.

E deviam ter rezado qualquer oração; e se, de entrada, me ia comovendo essa

atitude piedosa, logo veiu a lembrança de que esses padres-nossos resados pelos generais nacionalistas, não o seriam pelas massas operarias mortas pelo exercito espanhol; e tambem me lembrei de q. tudo aquilo era simplesmente snobismo, mero "bom-tom" de gente fina.

Por fim lastimei essas raparigas tão gentis e galantes, possivelmente nada apetrechadas para a vida — a não ser com os seus atrativos fisicos; e na verd.e a trovoada social que se aproxima deve causar-lhes medo tremendo.

A' noite, ao ouvirem-se novas noticias da luta em Espanha, uma dessas raparigas, quasi com lagrimas nos olhos, deixou cair esta frase que, embora a meia voz, foi ouvida por todos:

— Se eu podesse matar todos os comunistas... matava-os.

Pobres pequenas.

... O que elas não souberam é que eu, ao ouvir a noticia do fusilamento dos generais, não rezei padres-nossos mas o bocado que comia enrolou-se-me na garganta. A comoção repentina ia-me perturbando a digestão.

Selvagens! pensei eu. Aqueles espanhois hão-de ser sempre assim. A vi-

da humana tem para eles pequena valia. Com o mesmo aplauso com que nas praças de toiros matam os animais, assim nesta luta civil se matam uns aos outros.

Selvagens!

Entroncamento: estação dos caminhos de ferro.

Agosto: 28: 23 horas.

Ao fazer horas para a ida até Alcanena, neste fadario das inspecções, e ao tomar uma chicara de chá, tenho ouvido pelo aparelho de radio do refeitorio da estação, os discursos do comicio contra o comunismo — comicio monstro como as gazetas lhe chamam.

Quanto aos discursos, o caso tem pouca importancia: os homens falaram, faláram, insultaram, mas nada disseram de concreto sobre a tão atacada doutrina. Muita berraría, m.to vivorio, alguns morras á mistura, saudações ao Exercito na pessoa dos cadetes da Escola que comandavam as formações fascistas, etc. etc. O que me impressionou foi o ajuntamento que se formou ás portas do refeitorio, de ferro-viarios de varia espécie contidos por dois policias. Eram car

regadores, agulheiros, fogueiros, as varias classes inferiores ou menores da Companhia — muito atentos, com expressões contraídas, duras; havia olhares trocados de repente, cautelosamente, entre uns e outros, a qualquer passo mais violento dos discursos; notei certos movimentos do corpo, instintivos, que denotavam mal estar; um ou outro franzir de testa de vês em quando, sinto mudos.

Enfim, um quadro vivo e autentico do que se passava naqueles corações mais ou menos rudes, ali contidos pelas circunstancias, a procurarem manter-se com ar de indiferença — quadro que me não escapou nem de certo escaparia a qualquer observador que tivesse olhos.

Dentro do refeitorio, burgueses e funcionarios sorriam atentos, com ar beatifico de satisfação intima, todas aquelas alejurgatorias pôres e seus valor contra a avalanche social.

Eu bebi o chá, aos goles pequenos, reflexionando acerca dos dois aspectos daquele palco onde surpreendi o drama: o proletario, mais ou menos rude, inculto, contido pelo aperto das circunstancias; a burguesia tranquila, menos mal

tratada, confiante na manutenção inalteravel da Ordem...

Abrantes.

Setembro: 2.

Recolhi hoje, oficialmente, a Abrantes, com o serviço das inspecções terminado. E não sei se deixe aqui ligeiras impressões acerca dele...

Depois de dois mêses e meio deste serviço, fiquei com uma ideia desagradavel. Parecia-me que o acto da escolha e alistamento de mancebos p.ª o serviço militar deveria revestir-se de certo ar, não direi soléne mas, pelo menos, concertado e agradavel. Ora em todo o percurso dos concelhos tudo se revestiu da mais prosaica e por vêres mesquinho aspecto.

Os rapazes despiam-se em cubiculos ou casas pequenas onde o ar se tornava dentro em pouco irrespiravel, porque as Câmaras não teem instalações apropriadas para este serviço. Vinham para as mensurações em grupos; e a nudez em conjunto dava-lhes ganas de comentarios irrespeitosos e remoques ou larachas apimentadas; depois, a um e um, entravam p.ª a inspecção individual e essa entrada

muitas vêzes tinha, p.ª mim, aspecto desagradavel, pois alguns deles, mais broncos ou menos afeitos a convivencia, transpunham a porta ~~de~~ com olhos espantados, desconfiados, como animal selvagem lançado de repente a uma arena cheia de inimigos.

O interrogatorio da identificação, mera e inutil formalid.e, era para muitos, motivo de espanto e as respostas vinham a custo, como arrancadas á força.

No fim, depois da decisão e da entrega da resalva aos isentos, vinha o juramento para os apurados — outra formalidade inutil em país livre, mas que no nosso tem grande valor, o valor de todas as formulas sem valor... Eu cumpria-a como manda o regulamento, mas dava-lhe, ainda assim, a solemnidade que lhe podia dar em cenario tão pequeno. No meu intimo ficava-me a certeza de que os ajuramentados não compreendiam o acto e se o compreendiam não lhes ligavam importancia — no que, diga-se a verd.e, tinham alguma razão.

Todo este serviço, afinal, obedeceu á mecanização burocratica. O impulso vem de traz, de ha 25 anos, conta redonda; e de tal forma impera nos que o cumprem

que reparei nos movimentos do secretário, quasi pitorescos, automáticos, com os carimbos, com as verbas p.ª lançar, com as frases sacramentais que se via obrigado a dizer; e quando esse automatismo esmorrava por qualquer motivo (muitas vezes por m.ª causa) o tenente que se chama Franc.º de Oliveira Coelho vinha modos diferentes, um pouco de espanto e um pouco de protesto...

A maquina estava montada e tinha de andar sempre! O impulso era velho e a inercia fazia-a mexer com precisão.

Outra causa da m.ª impressão desagradavel, eram os modos terrosos do médico. O dr. Amilcar da Piedade Marques é serio, muito serio até e tem uma concepção rigida ácerca de pedidos p.ª casamento de mancebos. E essa maneira de ver leva-o á parca ou nenhuma cordialidade p.ª com os rapazes, a quem vulgarmente trata por tu e dava classificativos desprimorosos.

Assim, os rapazes obrigados ao recenseamento deveriam ter uma impressão nada agradavel no primeiro contacto com o exercito que m.ta gente lhes dizia ser o extremo maximo da nação. Falta de certa seriedade e de certa gravidade do acto; mas

dos brutos do medico que deveria ser carinhoso; impressões más do tenente e do sargento que deverão ser os seus futuros superiores; só eu lhes falava paternalmente e procurava tirar tanto quanto possivel o máu efeito da recepção.

E quero crer que, ſª recrutas, este acto de primº contacto com a vida militar poderá ser decisivo.

Mas essa minha atitude paternal cheguria ſª compensar?: E' certo que, ás vezes, nas varias localidades, alguns rapazes afastados, quando me encontravam nas ruas, saudavam-me com certa expressão alegre; e eu queria ver nessa atitude algum reconhecimento. Mas seria assim?

O certo é que essa tropa fiada de 2125 rapazes que inspeccionámos, me deixou a impressão de que não poderemos ter qualquer especie de aleidades enquanto os serviços forem tão mesquinhamente cumpridos. A entrada desses rapazes na vida deve deixar rinco desagradavel. O exercito é aquilo? Aqueles modos brutos? aquela maquina de que não conhecem o funcionamento? aquela multidão de papeis com carimbos de varia especie? Aquela grosseria da rudez em

comum? a suspeita de favoritismo para a isenção do serviço deste ou daquele?

Por curiosidade deixo aqui dois mapas ou quadros:

Concelhos	Recenseados	Inspeccionados	Apurados	Isentos	Adiados	Percentagem
Alenquer	334	305	118	181	6	38,5%
Alcanena	134	119	44	75	—	36,9%
Alter do Chão	86	77	36	41	—	46,7%
Castelo de Vide	65	65	25	38	2	38,4%
Chamusca	127	110	62	48	—	56,3%
Constancia	27	22	8	14	—	36,3%
Crato	69	59	25	34	—	42,3%
Gavião	104	99	50	49	—	50,5%
Golegã	47	44	24	20	—	54,5%
Mação	183	153	58	94	1	37,8%
Marvão	71	54	15	39	—	25,9%
Niza	194	177	80	92	5	45,1%
Ponte do Sôr	158	136	50	83	3	36,7%
Portalegre	250	211	70	140	1	33,2%
Sardoal	73	67	26	41	—	38,8%
Torres Novas	351	284	128	154	2	45%
Vª Nª do Barquinha	75	56	24	32	—	42,5%
Vila de Rei	93	87	41	45	1	47,1%
Total:	2:441	2:125	884	1:220	21	41,6%

Por este primeiro quadro vê-se o movimento da Junta: 2:125 inspeccionados, dos 2441 que estavam recenseados. A percentagem geral no apuramento

Concelhos	Pedidos	Isentos	Apurados	Adiados
Alenquer	4	3	1	
Sardoal	9	7	2	
Constancia	1	1	—	
Ponte do Sôr	1			1
Alter do Chão	—			
Crato	—			
Portalegre	5	4	1	
Marvão	—			
Castº de Vide	—			
Niza	—			
Gavião	1	1		
Mação	2	2		
Vila de Rei	3	1	2	
Vª Nº da Barquinha	—			
Chamusca	3	2	1	
Golegã	4	2	2	
Torres Novas	10	3	7	
Alcanena	4	2	2	
Total	47	28	18	1

é pequena : apenas 41,6% — o que indica decadencia da raça. E acerca disto ri-se com o medico algumas conversas.

Pelo segundo quadro, o da pag.ª anterior, fixa-se apenas uma simples curiosidade aliás inerente a estes serviços : a dos pedidos para isenção.

Como se vê não foram muitos e, diga-se a verd.ª, alguns pedidos foram feitos para apuramento.

Os concelhos de Torres Novas e Sardoal foram os que mais se manifestáram. No entretanto a totalid.ª se se comparar com o que sei que acontece em Coimbra e em Aveiro é insignificante para não dizer quasi nula.

Para 2125 rapazes os pedidos foram 47 : o que dá 1 empenho para 45,2 rapazes ou seja a percentágem de 2,2%. E é curioso reparar que foi no Alentejo que a costumeira se não manifestou, o que já não acontece na margem direito do Tejo. E a diferença é grande, não só nisto mas em muito mais.

Enfim, terminei a tarefa que se me afigurou por vêzes e bastante, teve a vantágem de me dar a conhecer terras e costumes que não conhecia. São as compensações da vida.

é apara outro assunto.

A nota do Comando da Região que informa da m.ª colocação no regimento de Inf.ª 7 é a n.º 1215/2 de 22 de Julho.

Diz ela que o ministro aprovou a proposta do general «para que seja colocado no R. I. 7 ficando ali ocorrer vaga, o coronel F. ...»

Estão, pois, eleito como se diz em linguagem eclesiastica. Falta a colação p. poderá ficar sem efeito se assim convier aos altos interesses do Estado Novo.

Abrantes.

Setembro: 4.

Tive aí, agora, como comandante militar da localid.ª, um caso curioso.

O posto da Guarda Fiscal de Montalvão (conc.º de Niza) comandado por um sargento, solicitou a prisão de [redacted] um homem que deveria vir ao meu Distrito legalizar a sua situação militar. No telefonema diz-se que é «um comunista perigoso» e na confirmação oficial diz-se que o homem se bateu contra os falangistas de Badilho, tupar fronteiro a Montalvão.

O rapaz, em virtude de tal informação, ficou entregue á Guarda N. Republicana e á ordem da Policia internacional do

posto fronteiriço da Beirã, junto de Marvão.

Desgraçado dele! Naturalmente, como tem acontecido a muitos, será entregue aos falangistas que o matarão imediatamente, sem fórma de processo. E é assim que em Portugal se mantem a neutralidade perante a luta civil de Espanha.

E por mera curiosidade deixo adiante arquivado o papelucho em que se transmitiu o telefonema do posto de Montalvão e recebido pelo oficial de serviço no regimento de Infant.ª nº 2. E o papelucho servirá p.ª provar no futuro que o mêdo do comunismo fazia dispensar formalidades ou até simples ~~...~~ mostras de educação vulgar.(1)

Abrantes.

Setembro: 10.

Em 8 deste mês, em Lisboa e a bordo de 2 navios de guerra, houve qualquer movimento insurreicional. Pelas comunicações feitas pelo governo nos jornais e por outras dadas oficialmente para aqui, fiquei com a impressão de que o caso foi muito bem planeado e executado para

(1) No fim do vol.º a pag.ª 397.

mostrar com exuberancia a este mundo e ao outro, o bom funcionamento da maquina da Ordem.

Seria assim?...

Que diabo! A Humanidade é fraca e nestas ditaduras da "Ordem" tudo se póde fazer... Até parecia que se tratava de uma demonstração!...

Mas adeante.

Ontem, estive todo o dia de prevenção na m.ª secretaria, por causa da tal insubordinação de marujos.

Ao sentir passar um avião da base da visinha Tancos, não sei se em vigilancia ao comunismo de Abrantes se por mero vôo de treino — eu lembrei-me da ordem confidencial que ha no comando m.ar para se averiguar tanto quanto possivel que especie de avião é quando passar por de cima da localidade. Não sei a que obedece tal disposição; o certo é que os oficiais de dia ás duas unidades locais andam de binoculo a tiracolo para que, ao roncar dum motor aério, deitem logo as lentes inquiridoras para o espaço azul.

E' um divertimento como outro qualquer e não faz mal a ninguem.

Ora na ociosid.e dum dia quasi preso na secretaria, tive a ideia de fazer uma versalhada dirigida ao Augusto Bivar Salgado que já está a comandar o regimento de Infantaria — para, ao menos, dar uma nota alegre e de boa disposição nesta miséria triste em q. se vive.

Aqui fica p.a memoria de como um comandante militar duma praça de guerra pode amenizar os graves deveres e responsabilidades de sucessôr de Junot, duque de Abrantes, com harpejos sonoros de uma simples lira...

«Confidencial. Ao comandante do R. I. n.º 2:

«Amigo e bom Comand.te!
Valha-me nesta aflição!
Que terei eu que fazer
Quando ouvir um avião?

Então é regra ou é lei
Que o Comando militar
Ande todo o santo dia
De nariz voltado ao ar?

Veja Vossê se me acode
Neste tão grave embaraço:

Já tenho irritado o fígado,
Já sinto dôres pelo baço...

Pois não será tudo isto
Que nos dá tantos cuidados
Só p'ra meter o nariz
Onde não sômos chamados?

Isto é coisa do Diabo
Cheira a enxofre q. tomba...
Nem parece das maroscas
Do homem de Santa Comba.

Porque afinal é bem certo
E o Povo, até, bem o diz
Que ha coisa muito melhor
Onde meter o nariz...

(a) General Baum
Governadór da Praça. »

O Salgado recebeu e deu parte de fraco... Para versalhada não tem geito. Chamou um capitão do regimento Teodorico Pimenta, advogado de provisão e versejador oficial da unidade e encomendou-lhe a resposta.

A resposta fica aqui arquivada na folha imediata e no original.

322-A.

9-VIII-936

Confidencial

Ao Ex.mo General Governador de Praça

Abrantes

REGIMENTO DE INFANTARIA N.º 2 ABRANTES

Respondo com muito agrado
À vossa Confidencial
Que deu bastante trabalho
Neste meio Oficial.

Logo que o Passarão
Passe a voar sobre Abrantes,
O Comando faz então,
Comunicações abundantes.

A Guarda Republicana,
- De telefone da mão -
Fica quasi uma semana
A falar no Avião.

E se vêa muito alto,
- Já mais ninguem os convence -
E dizem em sobresalto
"Não vimos aquem pertence."

Volte

Esteja lá onde estiver;
Em casa, quartel ou rua
— Sossinho ou com mulher,
Tem sempre que olhar pirâ lua.

E o que quer que lhe faça
São ordens d'Estriação.
Fazendo lembrar a praça:
"Oh patego olha o balão."

É bem certo o que se diz:
"Não ha ordens que os farte.
Pois nem escapa o nariz,
Pri meter em qualquer parte.

Desta forma Vocelencia
Já não tem aplicação
E tem que ter paciencia
Observar para a Rejeão.

—

Juego que bem respondi
— Na presente ocasião,
Ás vossas ordens — Aqui.
"Tudo a bem da Nação." —

E aqui está eu que dois coroneis se entretêem, dois coroneis a quem o Estado Novo confia a segurança do seu bom nome e a manutenção da Ordem!

Alcantara.

Setembro: 14.

Mandei hoje o relatório do meu serviço de presidente da Junta de inspecção.

É natural que vá mal, isto é, que vá alterar a boa paz em que normalmente se vive e nas estações superiores seja considerado como maçador e importuno.

Pois se tudo pode correr bem, sem incómodos, porque se ha-de alterar a doce pacatez?

Não deverá agradar a m.ª intromissão em certos assuntos e a maneira por que a faço. Mas deixar ir.

Se dér mau resultado — logo se ha-de ver...

O relatório ficará arquivado no volume da m.ª papelada militar.

Coimbra.

Setembro: 19.

De licença disciplinar em Coimbra.

Vim por Tomar onde o general Lacerda Machado me recebeu e me deu indicações

reservadas ou confidenciais acerca do regimento de Leiria: referiu-se ao abaixamento da instrução dos oficiais que era necessario elevar e a certos decidios entre alguns que seria conveniente abafar. Falou do real entendido politico entre os regimentos da cidade, o de Inf.ª e o de Artelharia que era necessario terminar. Etc. etc.

Falou-me como se eu já fosse o comandante e de modo amavel, confiavel, quasi como velho amigo.

Passei outra vêz por Fatima, no regresso por Leiria.

Outrora houve qualquer peregrinação grande; paramos uns 10 minutos e vi melhor o conjunto. Não me pareceu tão pequeno como ha dois meses; mas aquilo teem que se lhe diga...

E ficará para outra ocasião.

Passei por Leiria. Lembrei-me á beira do Liz e evoquei o Poeta do Pastor Peregrino...

Mas a corrente do rio era cheia devido ás ultimas chuvas. O buzinar dos automoveis que constantemente passavam, afugentavam a Poesia

No entretanto, o ar de pacatez da cidade agradou-me.

Abrantes

— Outubro: 22.

Quizeram as circunstancias ou os Fados, que a mª folha de matricula me désse direito á promoção, na Ordem de Aviz, de Comendadôr a Grande Oficial. E quiz a bisbilhotice do jornalismo que a Gazeta de Coimbra désse em primª mão a noticia do caso anunciando aos quatro ventos que o Governo da Republica me concedera as insignias de Grande Oficial de Aviz, num gesto de justiça, etc. etc. pelos meritos e mais partes como se fosse galardão.

Outros jornalécos foram na esteira da Gazeta e até a Alma Nova da Lousã deu a noticia da seguinte forma:

«Foi agraciado com a Ordem militar de Aviz o ilustre escritor sr. Coronel B. P. a quem muito sinceramente felicitamos.»

Ora isto fez barulho em Coimbra e deu-me ensêjo para avaliar certas pessoas e divirtir-me alguma coisa.

A primeira impressão a seguir á leitura da noticia, parece que foi de espanto!

— O quê?... então Fulano que não grama a situação actual foi condecorado com tão alto gráu?

Mas, passada a primeira impressão, os céreleros começaram a discorrer, e discorreram de variadas maneiras.

Uns, de boa fé acháram bem; o caso fôra um acto de justiça para comigo, que andava quasi abandonado, sem qualquer razão fª val esquecimento. A mercê era, pois quasi uma reparação ás varias desfeitas recebidas.

Outros, a quem chamarei indiferentes, ficáram admirados por eu ser contemplado com uma condecoração, coisa contrária ao meu feitio e á situação creada por mim geraute a politica dominante; no entretanto, desde que o facto se deu, concordáram ... por comodidade.

Outros, ainda, os adversários do Estado Novo, esses viram no caso um acto de traição da mª parte. O grande-oficialato era o começo duma reviravolta; por aqui começariam as transigencias que me levariam, a pouco e pouco, á adesão ao novo estado de coisas e por consequencia á perca, para eles, de mais um elemento de tão grande esperança...

Das duas primeiras classes, recebi alguns parabens pelo correio; felicitações na rua, em encontros casuais; e até cumprimentos cerimoniosos em visitas,

pessoalmente, que me batiam á porta e entravam com cortezias pela honra que eu recebera e, acima de tudo, pela justiça q. me fora feita.

Dos ultimos, dos adversarios do Estado Novo, não recebi embaraços. Pelo contrario: falaram-me com expressão desconfiada, com modos receiosos, como de quem fala com pessoa de pouca confiança... E se eu ou outro tocava no assunto, acrescentava, com intenção depreciativa:

— Já sei q. foi condecorado... Mas isso foi coisa taxativa, com certeza, dessas condecorações que os senhores usam de graça quando chegam a certos postos...

Eu dizia q. sim e até acrescentava:

— É' condecoração automatica... Um se chegando a certa altura da escala... zaz, la vem a comenda!

Divertia-me um bocado com tudo isto; mas o certo é que o caso me deu a noção da inferiorid.e moral de mt.o gente e da embecilidade de outros, ao mesmo tempo que verifiquei a importancia que para a sociedade ainda tem esta patacoada das ordens honorificas. A par da satisfação de uns q. consideráram honroso o possuir um cachá no peito, ri a desconfiança, a parvoice e até, quem sabe,

até o desfeito em outros. E afinal estão todos errados.

Creio que ninguem, verdadeiramente, saiba a justa razão da honraria recebida.

Abrantes.

Novembro: 5.

Ontem tive conhecimento dum caso curioso que me deu a prova da mentira com que o Governo tem falado acerca da sua neutralidade perante a guerra civil em Espanha.

Foi o guarda nocturno nº 4 Raimundo Lopes Serrasqueiro que, pela madrugada, cerca das 4 h. viu descer um camion carregado pela estrada exterior da cidade que liga a explanada fronteira com o mercado novo, na entrada, para quem vem da estação. Como o carro descia com grande velocidade e sem luzes, mandou-o parar o que o condutor fez depois de ameaças. A seguir a naturais explicações e certa altercação consequente, o condutor e outro homem perguntaram se por ali tinham passado outros camions como aquele.

Ora o guarda ficou desconfiado e dirigiu-se á policia para participar o caso

ao tempo que, á mesma polícia chegára o fiscal dos vinhos do posto do Vale de Rabão (na bifurcação das estradas) que vinha acusar a passagem de cinco camions carregados de material de guerra, vindos do lado de Constancia e que seguiram pela estrada da Barata (ou seja contornando pelo norte e leste a cidade) depois de se certificarem do caminho da ponte sobre o Tejo nem passarem pela localidade.

A polícia achou o caso já bastante bicudo; farejou material dado por comunistas russos e franceses para a revolução em Portugal — e rapidamente resolveu meter-se em automovel de graça e com os dois denunciadores foi pela estrada fóra ao encontro do comboio suspeito.

Do lado de lá da ponte o comboio de camions estava tranquilamente parado a receber gazolina duma bomba á porta do depositario da Schell. A polícia perguntou pelo responsavel por aquele transporte de material. Apareceu um tenente, fardado, oficial da polícia de Lisboa que parlamentou, mostrou a guia de marcha e outros documentos; e depois da gazolina recebida e de averiguar qual a estrada p.ª Ponte do Sôr e Elvas, o oficial deu ordem de partida e lá seguiu para o seu

destino com o comboio de material a
são e salvo.

A polícia verificára que a deligencia
se dirigia a Badajoz, que seguia de noite
para não dar nas vistas; e que o camion
que passára na cidade, o fizera por engano,
por se ter atrazado um pouco na estrada e se perdera dos outros.

Emfim... a polícia verificou ainda
que fôra zelosa de mais. E á cautela, logo de manhã, fôra expôr tudo ao administrador do concelho, interino, que é, no momento, o major Matos Raimundo o qual recebeu a comunicação e achou tudo bem.

E vão bem que á tarde, puxando pelo relogio e vendo que eram quasi 5 horas, disse para os circunstantes:

— A estas horas, o material que aqui passou de manhã já deve estar a fazer fogo sobre Madrid...

Ora na terra já se sabe que eu tomei conta da ocorrencia; e portanto naturalmente se julgará que vou participar — porq. diz-se maliciosamente que esse material podia ser destinado a qualquer revolta contra a Ditadura. E assim os não-participantes julgam empurrar-me

para carinho que daria escandalo e seria mais uma gratinha interessante para a má-lingua indigena.

Eu, porem, não quero ver o excesso de zelo que tem a policia. Considero o assunto como passado em julgado e vou dizendo a todos que sim e... mais que tambem.

Coimbra.
Novembro: 8.

Carta que me vejo obrigado a escrever ao tenente-cor.el José Eduardo Moreira Sales, chefe duma repartição da 1ª Direcção-geral do Min.ro da Guerra, para lhe pagar um caixe que ele se dignou dar-me em nota oficial, em nome do Ajudante-general.

«Sr. Tenente-coronel: Recebi a nota n.º 20812 da 8ª secção da sua repartição datada de 5 do corrente, motivada por simples lapso meste S. R. R. que é Distrito pouco dado a lapsos, aliás frequentes em toda a parte. — Ora a nota a que me refiro não foi, com certeza, ao conhecim.to do nosso Ex.mo Ajudante-general embora se fale em seu nome. O nosso general Casimiro Teles é pessoa extremamente

delicada e de grande correcção no desempenho do seu cargo e não era capaz de me mandar a censura ou remoque como nem no final do docum.to assinado por um tenente coronel. E grando S. Ex.ª entendesse que eu merecería tal coisa, fa-lo-ia em nota reservada ou confidencial. Disto tenho eu a certeza, por isso considero a atitude do ten.te cor.el Sales como puramente pessoal — o que registo. »

Foi um "coice" de que ele se não poderá queixar.

Aquele ministério da Guerra!

Alcantes.

Novembro: 11.

Faz hoje um ano, um ano completo, que fiz a minha apresentação oficial [redacted] em Alcantes. Já lá vai um ano, já lá vão doze meses, trezentos e 65 dias, e neste largo espaço [redacted] e passagem de tempo é interessante reparar como, nesta terra, tudo parece na mesma.

Hoje, ao passar nas ruas que normalmente percorro, notei a imobilidade das coisas: parece q.e o Tempo não passou por estes altos e que apenas se limita, lá em baixo, no Rossio e em Alfer-

rarede a deixar crescer as povoações cada vêr mais como se nota bem pela quantid.e de novos telhados que se avistam cá de cima.

Mas na velha praça de guerra um estirado ano não deu sinal de si. O latoeiro que tem lojéca perto do hotel continua a bater a lata no mesmo sitio e na mesma posição; o sapateiro em frente, lá está como ha doze meses, na sua tripeça a trabalhar; a creançada pobre que abundantemente povôa as ruas, parece na mesma, enfézada, barulhenta, mais ou menos suja; as velhotas que ás janelas espreitam as visinhas e dão fé do que se passa ao redór, lá estão, de olho aberto e prescutadôr a tudo o que passa...

Enfim, o Tempo nada quér com a boa terra de Abrantes; o mundo rola incessantemente nos eixos, mas Abrantes fica...

Já sinto antecipadas saudades da terra abrantina; terra ideal para quem não quér nada e só pensa em viver em boa paz e com saude.

Mas terei que me ir embora e fazer nova experiencia nas margens bucolicas do Liz.

Alrantes

Novembro: 16.

Fica aqui uma carta curiosa que eu creio á professora de Miranda do Corvo, D. Lucinda Guintas:

«Mª Senhora: Recebi a anuael carta de V... (para aqui devolvida) no dia proprio em que se contavam 8 seculos, se a memoria me não falha, que o primeiro rei português deu autonomia e personalidade a Miranda do Doerna, conferindo-lhe foral e mandando reconstruir em bases solidas o castelo destruído vinte annos antes. Seria, pois, muitas terras um dia festivo que serviria de pretexto para afirmações de vitalidade e de bairrismo. Mas os mirandenses vivem na contemplação da corrente do Alhêda e não curam destas preocupações que a outros preocupam. D. Afonso Henriques já lá vai ha muitos annos e o foral é um pergaminho engelhado e desbotado que se guarda na Torre do Tombo, entre outros muitos pergaminhos carcomidos pelos seculos. — Emfim; tristezas não pagam dividas e quero agradecer a V... a remessa das quadras que, em grande parte são para mim desconhecidas e vêem aumentar bastante

a colecção. Sempre q. V... souber de mais algumas, era grande favôr mandar, pois logo que tenha em Coimbra algum sossêgo, tenciono fazer um trabalho sobre o cancioneiro mirandense de forma possivelmente original. — Conto em breve ser colocado em Leiria, no comando do regimento; teria m.to prazer em receber as ordens de V... ou nessa terra ou em Coimbra onde mantenho sempre a m.a casa. — Creia-me V... m.to grato por todas as atenções, etc. etc. »

Abrantes.

Novembro: 20.

Um jornaleco de Coimbra de nome Despertar dá no seu ult.o numero a noticia que se segue:

« Belisario Pimenta. — Vai ocupar o comando do regimento de Infantaria 7, aquartelado em Leiria, o nosso estimado patricio e ilustre oficial do exercito sr. tenente-coronel (sic) B... P... a quem enviamos as nossas sinceras felicitações. »

Estes diabos dos jornalistas com a preocupação da noticia em prim.a mão e das amabilidades causam, ás vezes, prejui

zos. Oxalá que esta novidade não le vante embaraços de qualquer especie á nova colocação.

Heraldes.

Novembro: 25.

Segue-se uma carta que vinha de escrever ao Ten. coronel Francisco Vicente da Silva, comand.te interino do regimento de Infantaria 7:

«Ex.mo Camarada: Não tenho o prazer de o conhecer e certamente, pelo que me dizem, não o chegarei a ter porque sairá do regimento antes de eu entrar. Lastimo muito a sua falta pois contava já com a sua colaboração valiosa e leal. Mas paciencia. — Esta tem por fim expôr-lhe o seguinte caso de q.e V... Dará conhecim.to aos oficiais do regimento se assim o entender por bem. Um jornal de Coimbra, com qualquer objectivo que eu não alcanço, deu a noticia da m.a proxima colocação no 7, porem acompanhada de referencias que me parece não serem muito agradaveis para o regimento. Eu não li a noticia nem sei bem de quem é o jornaleco; pessoa de familia me comunicou isto vagamente. em carta recebida hoje e hoje

mesmo fedi o numero do periodico para ver o que efectivam.te se publicou. — Antes, porem, de mais nada, quero fazer saber a V... e, se assim o entender, aos oficiais do R. I. 7, que nada tenho com a noticia e que a repudio sinceramente. As minhas deligencias p.a comandar esse regimento tinham por um dos fundamentos o saber que era boa unidade e que encontraria bons e leais colaboradores. De forma alguma seria capaz de insinuar qualquer noticia desprimorosa para a corporação de que desejava ser o chefe — o que, alem de ser meu contra-censo era ainda uma vilania. Faço gostosam.te esta afirmação a V... e V... com o seu bom criterio e lealdade dar-lhe-ha o destino que melhor entender. — Desculpe este incommodo mas compreende, etc. etc. — »

E' uma carta diplomatica, não sei se correspondente aos meritos da oficialidade. Emfim, deixa-la ir... Quero que os meus futuros subordinados comecem a avaliar-me e a fazer-me, desde já, alguma justiça. Se eles não merecerem estas atenções, paciencia; eu é que me julgo na obrigação de as ter.

Alcantara.

Novembro: 27

Recebi carta do Ten.te cor.el Vicente da Silva em resposta á minha de ante-ontem. Os homens, má lá! portaram-se bem... A carta foi lida em reunião de oficiais e segundo diz o Vicente da S.a «todos afirmáram serem desnecessarias as anteriores explicações» etc. etc. E ao mesmo tempo resolveram não descançar emquanto não souberem quem é o autor da noticia...

Ora aqui é que entra a arrogancia da classe... Que asneira irão eles fazer?

Coimbra

Novembro: 29.

Deixei hoje Alcantara depois dum anno e vinte dias de boa paz. Não me despedi indifferente desta terra onde, afinal, fui excellentemente tratado.

Tive «bota-fóra» afectuoso por parte das principais pessoas quer á saída do hotel quer na estação do cam.o de ferro. Estas quizeram testemunhar as amabilidades de que me cercáram, acompanhando-me até á partida.

Mas... logo que do entroncamento para cima, sosinho na carruagem, comecei a querer inventariar o anno que passei

como chefe do Distrito de Recrutam.to, senti a vaga impressão de que tudo lá ia já ha muito e que a m.a passagem por Abrantes era quasi sonho longinquo

Que fenómeno psicologico sera este?

Lembro-me que, ao deixar Penafiel, em 1933, senti a mesma impressão quando o comboio começou a deslisar pelo vale do Sousa; e, afinal, dessa terra minhota só trazia saudades, especialmente da paisagem deliciosa e vasta que todos os dias tinha á vista.

Seja o que fôr... O certo é que só direi bem de Abrantes. O Augusto Bivar Salgado chegou-me a afirmar, meio a brincar meio a serio (embora com pouco respeito pela memoria do ilustre Junot) que eu conquistára Abrantes...

Por curiosidade, direi que fiz um quadro em que ia registando os dias passados em Abrantes conjuntamente com os dias passados fóra, especialmente em Coimbra. Desse quadro conclue-se que desde a apresentação até á partida se contaram 384 dias, dos quais só passei em Abrantes 278. Dos outros 106 dias posso dizer que: 2 foram passados em Lisboa, 29 nas varias terras onde funcionou a

Junta de inspecção;
e 75 em Coimbra...
É bom notar que nes-
tes 75 dias estão in-
cluídos os trinta de
licença disciplinar a
que tinha direito.

Deixo aqui ao la-
do, também por mé
ra curiosid.e a facha-
da do Hotel Montes
onde estive sempre hospedado, num
quarto do 1º andar, com 3 janelas, da es-
quina — um dos melhores compar-
timentos da casa.

O pior de tudo foi que gastei muito
dinheiro com esta ausencia de casa co-
mo se verá pelo elucidativo quadro que
deixo abaixo:

Contas do Hotel e gorgetas -	6:047$20
Viagens p.a Coimbra, mi-	
nhas e da familia - - - - -	1:881$00
Despesas necessarias pelo	
facto de estar fóra de casa - -	461$50
	8:389$70

Eis em quanto ficáram os doze mê-
ses de ausência compulsiva em Abrantes.

Poderia ser frisór... Fiquei ao menos com a consolação de sair satisfeito e de, na terra, não ficarem descontentes com a m.ª passagem.

Coimbra.
Dezembro: 1.

Carta diplomatica que entendi dever escrever ao comand.te interino do regimento de Inf.ª n.º 7:

«Ill.mo Com.te: Tenho m.to prazer em o cumprimentar como melho conhecido e nesta altura, comand.te interino do regimento que vou comandar muito em breve. E neste cumprimento abraço todos os oficiais da unidade. — Creia V... que não é isto puro cumprimento protocolar, senão afirmação sincera do meu desejo das melhores relações pessoais e de uma colaboração com todos. Vou para o comando do R.I. n.º 7 muito voluntariamente e honrado pelo nosso Ill.mo General me ter proposto f.ª o cargo. Por isso e eu quanto o não faço pessoalmente cumprimento em V... a oficialid.e do regimento. — Aproveito a oportunid.e f.ª dizer que já li a noticia do jornal de Coimbra a que me referi em carta, ha dias, ao Ten.te cor.el

Vicente da Silva; a interpretação que me deram era exagerada e embora a forma como a notícia está dirigida seja um pouco infeliz não me parece q. tenha intencionalmente qualquer alusão desfrimosa para essa senhora. Cheguei de Alhandra adoentado e estou de cama; logo que possa sair procurarei o director do jornal e o caso ficará liquidado com certeza e sem novidade. — Até 8 do corrente ainda aqui me demorarei; se alguma coisa desejarem, creia V.. etc. etc.»

Coimbra.
Dezembro: 3.

Conforme o pedido do director-geral da Grande Enciclopedia feito para eu continuar a colaborar e indicar o que desejo fazer para a letra C, mandei uma nota com o seguinte:

1) Campelo (freguesia de), antigam.te anexa a Mir.al do Corvo, hoje no concelho de Figueiró dos Vinhos. — 2) Carapinhal lugar da freg.a de Mir.al do Corvo, centro de olarias e padarias; duas ou tres linhas. — 3) Cardeal, lugar da freg.a de Vila Nova, centro da região chamada a Serrinha; duas ou tres linhas. — 4) Carvalho [Dr. António Coelho de] ~~[illegible]~~, sec.o XVIII, bacharel

em cânones, que deixou vols. manuscritos com sermões. — 5) Carvalho (Dr. Clemente Pereira Gomes de), 1831-1906, professor e reitor de liceus, autor de compendios de filosofia racional. — 6) Carqueira (José Pinto), sec. XIX, funcionario publico, que publicou alguns volumes de poesias; cinco ou seis linhas. — 7) Carro, lugar da freg.ª de Miranda do Corvo, meia duzia de linhas. — 8) Dueça, rio afluente do Ceira, que atravessa o conc.º de Miranda do C.º — 9) Carpinho, lugar da freguesia de Mir.ª do C.º, o mais populoso do concelho, que tem olarias e fabricas de papel, etc.

Naturalmente não aceitarão todos. Mas lá não. Eles q. dipam.

Coimbra.

Dezembro: 5.

A noticia que ia dando caso grave entre a respeitavel Imprensa e o não menos respeitavel Exercito vai ficar aqui arquivada (1), transcrita do nº 459 da Aurora Nova da Lousã, do dia 28 do Novembro findo. Vê-se que a noticia é do Alberto Torres Garcia, velho amigo, que quiz ser amavel e, grosseiramente, insinuar

---

(1) No final do vol. a pag. 398.

qualquer coisa que me podesse pôr de candeias ás avéssas com os velhos amigos ortodoxos.

Tem uma passagem infeliz mas sem má intenção, quero crê-lo. O Torres Garcia faz-me sempre grandes ausencias e do mesmo modo grandes... presenças; quiz-me honrar com o louvôr que aí fica e não se lhe pode levar a mal.

Já com o grande-oficialato de Aviz ele estendeu a massa mais do que deveria; agora é com o comando do regimento que lhe serve para fazer a sua politica de captação — pois como sabe que eu digo q. nunca me deram comando, quer os de agora quer os anteriores ao 28 de Maio, ele vai lançando o barro á parede porq. na piór das hipoteses sempre se pode ~~ag~~ conseguir uma lasquinha...

E conforme mandei dizer ao major Fonseca, do regimento 7, ha dias, o melhor é arrumar de vêr o caso, com o que ele concordou em carta ontem recebida e que ficou guardada na devida colecção

Leiria.

Desembro: 9.

Cheguei ontem, dia da Imaculada e hoje assumi o comando do regimento de

Infantaria nº 7. Pela primeira vêz na vi-
da tenho um comando! Cheguei aos 57
anos de idade e aos 37 de serviço sem que
me confiassem qualquer unidade para
comandar.

É o caso é tão estranho que os deu-
ses quizeram até assinalar esse sucesso
na região com uma catástrofe tremenda
em Porto de Mós.

A minha chegada a Leiria correspon-
deu ao desastre, mais meia-hora menos
meia-hora — no dia consagrado á Pa-
droeira do Reino. É a fosse do coman-
do ao enterro macabro de 45 vítimas a
que ha pouco assisti, em cenário quasi
de magica. Assim fica marcado este pas-
so da minha vida de forma bem notavel
para que a memoria tenha sempre a que
se apoiar sem dificuldade.

Se fosse supersticioso, não sei se fu-
giria daqui...

Mas fico. Quero ser espirito forte...
Tanto mais que já estão a ver, pelos co-
meços, que terei de aplicar, com ou sem
euforia, a frase conhecida do D. Francis
co Manuel de Melo: que não se vê o bom
cocheiro nas suas largas nem o bom al-
faiate onde ha muito pano...

Pois ontem, meia-hora depois da minha chegada, vinha cá o comandante interino do regimento (o meu condiscípulo Julio Garcez de Lencastre) e os majores, em cumprimento de cortesia; vieram depois outros oficiais cumprir o "sagrado dever"; apresentaram-se as ordenanças, etc. etc.

O Garcez de Lencastre deixou os cartões ao protocolo e fez obra acabada...

Hoje, às 13 h. e meia da tarde, lá fui para o quartel: esperáram-me á porta os oficiais em solenidade e depois segui para a parada grande onde o regimento estava formado. Sujeitei-me a essas formalidades todas, desde a continencia á força em frente do comandante interino, ao cumprimento aos sargentos, um pouco de passagem...

Tudo isto tem um quê de ridiculo; mas a instituição militar, afinal, vive destes ridiculos.

A revista á força que passei vagarosamente, deu-me pessima impressão: os soldados não se sabem equipar em ordem de marcha e apesar da revista ser para comandante novo, os oficiais não souberam ou não quizeram fazer revisão discreta dos defeitos. Afi-

sentação pessima; o equipamento estragado; o material mal ou talvez muito mal cuidado; enfim, espectaculo desanimador. O dia fusco e triste, ajudava o ambiente.

A' volta da parada para o gabinete do comando onde iria receber os cumprim.tos, sentia-me vagamente arrependido de pensar no regimento n.º 7...

Os cumprimentos foram cordiais; o Garcez de Lencastre, ao fazer a apresentação, teve hiperboles amaveis e eu tive q. dizer coisas maravilhosas para não ficar atraz... São as mentiras convencionais a que se não pode fugir.

Recebidos os sargentos, anunciou-se a chegada ao Hospital de Leiria, do ministro Carneiro Pacheco que, em nome do Governo, vinha confortar, com o apoio moral, os feridos do desastre de Porto de Mós. Lá vou eu, com o Garcêz de Lencastre, ao Hospital, apresentar os cumprimentos do Comando militar — pois esta função tambem me caiu em cima por efeitos da doença do coronel José Vitor Franco, chefe do Distrito de Recrutamento n.º 7.

No Hospital civil, logo de entrada, topei com certa variedade de padres; subindo a escadaria, dei com irmãs de cari

dade, com as mãos recolhidas seraficamente nas mangas, naturalmente por causa do frio... Percorrei pelo Ministro, indicáram-me um largo corredôr pelo qual passei quasi entre álas de soldados, com ar humilde e abatido, como de quem cumpre penitencia... Finalmente entrei em enfermaria larga e arejada onde havia dezenas de feridos, ao fundo da qual vi um agrupamento de gente varia á volta do ministro e do bispo.

Este, como dono da casa, é que fazia a apresentação dos doentes; mais padres e cónegos rodeávam-nos e o provedôr da Misericordia (a q. pertence o Hospital) e o Governador Civil eram meros comparsas. O bispo, ali, era o centro, como é natural, dada a intima aliança entre o altar e o trono...

O ministro aproximou-se e falou-me como a velho conhecido. Realmente já o eramos desde a questão academica de 1907, tempo em que ele era meu visinho na rua de Tomar. Emfim, fez o seu papel muito bem feito e eu tambem procurei fazê-lo o melhor possivel.

Pedi-lhe licença para não o acompanhar porque tinha formalidades para cumprir no regimento; e voltei ao quar-

tal para fazer horas para a ida a Porto de Mós. As formalidades alegadas eram o bom desejo de não aturar o ministro e muito menos o bispo.

Por tarde fusca, nevoenta e fria, lá fui eu automóvel aberto (porque já se não arranjou outro) pela estrada fóra, exposto ao agravamento da m.ª bronquite. O aparecimento da vila de Porto de Mós, depois de curvas apertadas da estrada em que a vista é atraída por grandes calcários pedregosos, dominantes pelo lado sul, últimos contrafortes, creio eu, da serra dos Candeeiros, tem o seu quê de cenografia modernista. Assim me pareceu naquele lusco-fusco triste em que chegámos.

Mas mal os olhos se alegravam na rapida contemplação do conjunto em que sobressaiam as ruinas pitorescas do castelo, logo aos ouvidos chegou a vaga impressão de lamentações vindas de baixo. E com a aproximação da vila, realmente, o côro de gemidos, de gritos e frases de aflição, chegou-nos distintamente aos ouvidos. Era espectaculo novo para mim: em toda a gente viria expressão de terror; grupos parados para entrarem

no enterro, olhávam no rago, como quem espera qualquer coisa sobrenatural; de todas as ruelas que convergiam fª as praças ou ruas largas onde passei, chegavam gritos estridentes:

— Ai a minha filha!
— Ai o meu marido!
— Ai os meus filhos q. morreram!

E ás janelas viam-se cabeças desgrenhadas, braços q. gesticulavam sem nexo, ouviam-se apostrofes violentas ao Destino em accesso tais que lembravam a loucura.

Desenas de homens e mulheres mostravam passos recentes, na cabeça principalmente; e na expressão lia-se ainda o assombro, nos olhos via-se o que quer q. era de revolta instintiva.

Lá em cima, as ruinas do castelo, imperturbaveis, iam-se tornando refregos de cenario com o escurecer e a neblina que uniformisa as paisagens. E para lá iam, confundindo-se, todos os gritos, todos os choros e lamentações que a pobre gente soltava, ainda mal refeita da catastrofe, ainda sem comprehender porque é que, em reunião glorificadora da Divindade, na altura em que as creanças cantavam o hino de louvôr, a mesma Divindade não teve força para sustêr o soalho da

escola real aparelhado e não quiz evitar a morte de Paulo inocente...

Pairava sobre a vila o pavor de qualquer coisa forte a que não estavam ainda afeitos; e quando o enterro se organizou numa igreja da parte baixa da vila, eu vi sair uma fiada de caixões mal arranjados, alguns mal fechados, levados quasi todos por mulheres que soltavam gritos, mais ou menos descompostas no trajo e penteado como quem, desde a madrugada, não tivera ainda tempo de passar um pente pelo cabello ou abotoar melhor o corpete. Da multidão que estava cá fóra, parte dela vinda das visinhanças, saiam exclamações da mais variada origem; a chuva começou a cair em pingos grossos e para aumentar o mal-estar e o ambiente depressivo, no fim do cortejo o bispo de Leiria, rodeado de padres, entoava um canto de mortos.

Depois seguia-se o povinho, compacto, descuberto, olhando no rapo...

Dobradas umas ruas, num largueto irregular mais acima, o cortejo parou para receber nova fiada de caixões que esperavam em outra igreja. Era quasi noite já e a chuva continuava, lenta, mas insistente. Nessa igreja a cujo portal me recolhi por causa da humidade, havia multidão em

gritos á volta dos pequenos caixões; ligeiras luzes lá dentro e o fumo da cera ardida, aumentavam o fantastico das sombras nas paredes; na capela-mór, sobre o tapete, ainda havia meia duzia de carpitos de creanças, estendidos, á espera dos caixões que os carpinteiros, apesar da urgencia, não tinham ainda conseguido ultimar.

E que expressões serenas tinham algumas dessas creancitas! A morte surprendeu-as sem lhes dar tempo á expressão de horror que outras tinham. As familias gritavam ao rodár; e foi necessario certa autoridade de pessoas influentes na terra p.ª arrancar nova fiada de vinte e tantos caixões que se foi unir ao cortejo que já esperava ao fundo do largo.

Vi então desfilar esse interminavel seguimento, com pouca ordem, dando a impressão de que todos iam depressa para o cemiterio para acabarem com aquele horrivel pesadelo. Os caixões eram quasi todos improvisados, mal feitos; alguns mal fechados, ainda deixavam ver cabelos saídos que não couberam ao fechar; eram forrados de panos de diversas côres, naturalmente do que havia á mão naquele dia. E no fim, a padralhada toda, entoando canticos soturnos á frente e á volta do lis

po, de vestes e mitra brancas — homem
não reumatico a coxear com passos peque
nos, com aspecto de padre de aldeia bem
barbeado, de boca semi-aberta, a deixar
ver a lingua que ás vezes passava pelos la
bios. Os sapatos novos com saltos cambados.

Já então havia archotes que davam
luz e fumo; e ao chegar o cortejo ao cimo,
perto do cemiterio, os clarões iluminávam
vagamente o vulto das ruinas do castelo
como em desenho de Gustavo Doré e deixa
vam ver a multidão escura, formigueiro
que se desdobrava pela encosta e que
surgia de todas as esquinas, com olhos es-
pantados. De quando em quando os foto-
grafos dos jornais de Lisboa e Porto quei-
mavam o magnesio p.ª conseguir instan
taneos; desses fogachos rapidos surgia sem
pre o mar escuro de cabeças, já então si-
lencioso, como cançado de gritos; e lá no al
to, enormes pela proximid.ª, as ruinas fan
tasticas, quasi sobranceiras, como nova e
brutal ameaça de outra tremenda catastro
fe.

No cemiterio havia luzes de archotes
e de velas de cêra; andavam vultos de um
lado p.ª o outro por entre o branco dos jazi
gos e a fumaceira que engrossava a ne-
voa que continuava a envolver tudo.

Fiquei cá fóra, á porta, embebecido por causa do vento e da humidade; e dali via o estranho espectaculo de onde vinham alguns lamentos já mais afogados — ou por mais distantes ou porque entrara o cansaço. Não quiz ir ver a cêna macabra do lançamento a cova nua improvisada de 30 e tantos caixões; bastou-me o movimento dos vultos, lá dentro, cruzando-se dum lado p.ª o outro como espectros, sem ordem, a aparecer e a desaparecer por entre o teraneo dos tumulos, esfumados no meu espesso do fumo e nevoeiro, para ficar com o espirito bem cheio da impressão que não esquecerá, de certo, de tal tragedia.

Lá fóra, a multidão parece que aumentara; a pouca luz que havia deixava ver apenas enorme ondulação negra até ás primeiras casas da vila e pela encosta do castelo — esperando a pé firme não sei o quê.

No cemiterio entrou pouca gente; a policia não deixou entrar quem não tivesse lá que fazer porque o recinto é pequeno; e assim cá fóra a multidão ficou á chuva, esperando já em silencio profundo. Queria convencer-se de que tudo acabára de vêz.

Mas não, ainda não acabára...

O espectaculo continuáva. Enterrados os trinta e tal corpos das freguesias da vila, entoados os cantos funebres pelos padres e exgotados os ultimos lamentos, já de garganta sêca e olhos enxutos, formáram-se novos cortejos. Eram os mortos das freguesias limitrofes que iam para os seus cemitérios, debaixo da chuva que então começáva a cair com violencia, levados por gente acabrunhada e muda, de cabeça descuberta, que segurava uma velasitas que mal ardiam.

Se, até aqui, o cenario impressionáva e a tragedia aparecia em ponto grande, estes pequenos cortejos mudos que metiam ás estradas e caminhos, formados por pobre gente já vergada ao pêso de tanta comoção, impunham quasi mais respeito que a grande multidão que se juntára.

Não esquecerá facilmente a passagem apressada pela m.ª frente desses grupos de homens, mulheres e creanças, em passo quasi cadenciado, a rodear caixões sitos levados pelas raparigas entre 15 a 20 anos. Toda essa gente ia já molhada, as mulheres, com os cabelos quasi soltos e empastados, os homens de cabeça ao léo, e todos de olhos espantados olhavam para

nós como quem não via e apenas a sua comoção se manifestava por haustos fundos que não chegávam a ser suspiros. E lá iam a chapinhar pelas estradas e atalhos para as freguesias, algumas a hora de caminho, pelo escuro da noite que começava a mostrar-se impiedosa.

O que se passaria por esses trajectos, quando essa pobre gente mergulhasse no escuro e já cançada de tanto andar e de tanta comoção se encontrasse a sós com os caixoesitos onde iam as suas esperanças? O que se passaria nesses cerebros pouco desenvolvidos, a sós consigo, na solidão dos caminhos, onde as arvores dariam sombras de fantasmas e os casinhotos brancos que surgissem nas curvas, á fraca luz das velas, poderiam lembrar os tumulos dos cemitérios?

Pobre gente! Tremenda lição receberam se naqueles rudes cerebros havia possivel adaptação para lições destas!

Passados os ultimos enterros, feitas as despedidas ao general Lacerda Machado e ao ministro, lá venho eu no mesmo carro aberto, pela estrada fóra, que já então escorria agua da chuva abun-

dantemente. Havia tambem nevoa q. os faróis do carro mal rompiam. Passámos por inumeras carroças cheias de gente e por grupos de homens e mulheres a pé que recolhiam. Ainda perto da vila encontrámos um dos tais cortejos funebres que caminhava á pressa desordenado. E ao fim de meia hora de tortura para mim que receava o agravamento dos meus bronquios, cá cheguei ao hotel sem novidade.

Sómente cançado de sentir a comoção dos outros e talvez de tentar fazer um ou outro conceito sobre a catastrofe. E como foi começo de vida — não sei se diga que me parece q. comecei mal...

Leiria.

Dezembro: 10.

Continuei hoje com os actos de posse do comando. Passei revista ao quartel todo.

Se ontem o pessoal me deixou má impressão pelo desleixo do porte e do estado do material, o quartel causou-me muito piór impressão. Constituído por um convento e por um seminario, e á beira do rio, é dos tais quarteis que não teem concerto: muito humido, frio, com

corredores estreitos, pouca luz, escadas gastas, etc. etc. — um conjunto terrível q. me deixou desarmado.

Além disto tudo, pouco asseio e pouca ordem; e a contrastar, algumas coisas de luxo feitas ultimamente pelo Ten.te Coronel José Vicente da Silva q. há pouco saiu, como casa de banho do oficial de dia, retrete privativa p.a o comandante, etc. que são objectos, afinal, que quasi se não usam... E ainda o mesmo Ten. coronel arranjou uma "casa do soldado", aliás bem arranjada e que merece louvor — mas... na qual ficou o retrato dele, ampliado, ~~em~~ em grande moldura dourada...

Etc. etc.

Ora ao entrar no hotel, já cá tinha um convite de assinatura de jornal leiriense; e, de mais a mais, anti-comunista.

Com o jornaleco na mão raciocinei: se o devolvo, grita-se logo que o novo comandante do regimento é comunista; se o não devolvo tenho que pagar a assinatura e, implicitamente, ajudar essas intrujices e essas intrujões que julgam combater o comunismo grande, afinal, nem sabem o que é tal doutrina.

Mas, enfim, a tal covardia moral que tantas vêzes pésa na consciencia, impõe este procedimento. Os homens ficarão dizendo que sou um comand.te ás direitas e o mundo continuará a correr sem novidade.

E sempre haverá uma desculpa: a cinta do jornaleco que aqui fica arquivada p.a lembrança,[1] vinha com um convite tão amavel...

Leiria.

Dezembro: 13.

Enfim! o enguiço parece que se quebrou!... Ontem houve no hotel um casamento e á noite, no teatro, concerto pelo Viana da Mota.

Os 43 enterros de Porto de Mós e a má impressão do regimento, pesávam de mais desde que cheguei. Mas ontem quebrou-se o mal estar; uma noiva vestida de branco e a Flora de Arte preenchida pelo pianista, desanuviaram a atomosféra.

Vamos a ver se Leiria começa a dar melhores impressões e se diminue o vago desânimo que me acabrunhava desde que cheguei.

---

[1] No final do vol.º a pag. 398.

Leiria.

Dezembro: 20.

Ontem fui, a convite do reitor, á festa no salão dos alunos do Liceu Rodrigues Lobo. Armaram no ginásio uma grande mesa com bolos; ao fundo, a mesa da presidencia de que fiz de fazer parte como comandante militar; as ornamentações, alem da reprodução, em friso na parte superior da parede, das figuras dos desenhos animados mais vulgares no cinema, eram constituidas por largas fitas de papel de sêda azul e branco e outras com as côres da bandeira monarquica espanhola.

Alguns rapazes e raparigas, alunos é claro, recitaram. Mas as poesias eram só glorificadoras do natal como simbolo religioso; do menino-Jesus como redentor da Humanidade; da virgem-mãe; etc. etc. Somente uma rapariga saiu destes têmas com poesia sua em que ao mesmo tempo que lembrava a festa da familia, fazia um entusiasmado que terminava pela glorificação do Fascismo. O ultimo verso era este:

«Se Liria é eterna, Roma é imortal!»

Aplausos extraordinarios saíram aos

meus ouvidos espantados... E concluí que tudo aquilo que vi e ouvi era a amostra da nova pedagogia.

Dei palmas, como toda a gente, para não fazer de mal-criado; e ao sair, vim de concordar que a festa foi muito agradável e muito bonita...

Bolas! para tudo isto.

Leiria.

Dezembro: 22.

Fui hoje á biblioteca regimental para ler com sossêgo.

De relance percebi que não está actualizada; em compensação vêem, em abundancia, livros de literatura de ficção e muitos destes livros aparecidos ultimamente de assuntos sensacionais e traduzidos em fino português com espalhafato: casos de espionagem, escandalos internacionais, etc. etc. E ainda fiquei cima, o solicito bibliotecario me mostrou com ares triunfantes os dois grossos volumes da *Historia de D. Carlos* do Rocha Martins, o *Portugal Artistico* do Pereira de Almeida e outras obras de outra rica fancaria.

Que criterio presidiu a esta escolha? Como é que se fazem estas compras?

E eu a aturar tudo isto...

Coimbra

Dezembro: 27.

O Tenente Angel de Melo, da Figueira da Foz, convidou-me por intermédio do João de Barros para fazer uma conferencia no colegio de que ele é um dos directores. Depois escreveu-me uma carta 9. ha dias recebi renovando o pedido. Tive hoje de lhe dizer que sim, que iria, mas por agora não. Adivinhei que poderia ser lá para Março do ano que vem e lembrei-lhe que talvez calhasse dizer qualquer coisa acerca dos batalhões academicos de Coimbra, dada «a actual tendencia de militarização da mocidade...»

O assunto é facil p.ª mim. Para outro qualquer não teria tempo nestas alturas.

Leiria.

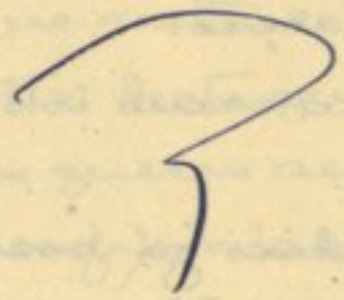
Dezembro: 29.

Lá vai nova carta p.ª o dr. Alberto de Oliveira. Dou-lhe parte que estou em Leiria por proposta do general Lacerda Machado — e digo-lhe isto porque estas horas tiram grande importancia, certamente, á proposta; e ao mesmo tempo porque fica sabendo que não sou assim tão mal considerado como ele poderá

supôr. Ser proposto para um comando de regimento deve ser honraria de costa acima...

Pois lá foi a carta na qual juntava a costumeira das boas-festas, etc. etc.

E assim me parece que vai acabar o ano de 1936 — nem bom nem mau, antes pelo contrario como diria o outro...



— 1937 —

Leiria.

Janeiro: 8.

Faz hoje um mês que cheguei a Leiria e quasi ainda não dei, a valer, pela minha estada aqui e muito menos por qualquer parcela de acção.

Não sei bem como isto foi — mas é assim.

Em trinta dias já posso, em parte, avaliar o regimento; e digo em parte porque ainda não o conheço como devo conhecer. O proprio quartel tem dependencias onde ainda não entrei. E as obrigações burocraticas do comando são tantas que não deixam, muitas vêres, tempo para assuntos de maior importancia.

Confuso, pelo que vejo e pelo que oiço, já imagino a engrenagem que vem dos tempos excelentes do «não te rales» que crearam ao regimento a tremenda fama que ainda tem. Em tempos não muito remotos vivia-se aqui como Deus com os anjos... O comfadrio era forte e tudo se encubria honestamente...

Ainda hoje se afrontam grédios pertencentes a antigos oficiais que nada tinham e viviam apenas do seu soldo, mas que construiam ás claras; sem se saber de onde vinham as ferias dos operarios e o pagamento dos materiais.

Assim se ia vivendo em Leiria, tal como Eça de Queiroz nos conta suavemente nos tempos do padre Amaro; e assim os anos rolaram até aos tempos da ultima guerra que veio estimular, com o medo, a gaiatice desta gente.

E depois da guerra surgiu a politica e com ela a desorganização das igrejinhas que se formaram p.ª auxilio mutuo. E para cumulo, o movimento "salvador" de 28 de Maio veio fazer evolucionar em outro sentido a feição peculiar da corporação dos oficiais. Surgiu nessa altura a preocupação do poder politico que se personificou no major Jaime Tomas da Fonseca, guarda leiriense, proprietario remediado e que se considera, ha muitos anos, o dono do regimento.

E daqui veio certo mal-estar não só no proprio regimento como nas relações com o de Artharia onde, por sua vêz, tambem o mesmo virus complicou a engrenagem.

Qualquer das unidades queria assumir a chefia politica local e do distrito; quando havia aberta boa, subia uma ao poder e a outra ficava na mó de baixo, sujeita a desconfiança e vigilancia; quando mudava o ministro e a outra unidade subia, logo os papeis se invertiam. E assim sucessivamente...

E' certo que esta tensão de relações modificou-se muito; e actualmente com a passagem da chefia do distrito para civis, os dois regimentos perderam a influencia e começáram a entrar na ordem — mas ficou o espinho a roer num lado e no outro e a perturbar, embora de leve, a boa harmonia.

Vim encontrar o ambiente, nesta altura, já muito modificado; mas o Jaime Fonseca, sempre q. pode, procura perante mim, avivar a chaga e indispôr-me com os artelheiros; de quando em quando, a proposito de qualquer coisa, lá vem uma larga historia dos tempos da politica, para me abrir os olhos a respeito dos maleficios dos outros...

Mas apesar de todas as suas habilidades nethácas, sinto que a sua propria influencia no regimento diminue. E como ele ha-de sentir isso, aproveita a chegada

de novo comandante, esperançado na re-
conquista do perdido poderio. E assim vai
procurando intrigar conforme pode, com
a esperança de conseguir contigo alguma
coisa como conseguiu com alguns dos
meus antecessores.

Deixa-lo lá com a esperança que não
custa dinheiro e que, como disse o P.e Antó-
nio Vieira, é o ultimo remedio que a Na-
tureza deixou a todos os males. E assim
irei andando, fingindo que não percebo o
que ele diz sem deixar de o tratar amiga-
velmente como pessoa em que só confio.
Intimamente, porem, sinto-me desani-
mado com a pouca categoria mental dos
oficiais: poucos dialos, na maior parte;
alguns de feitio manhoso e um ou outro
velhaco...

Ha de tudo! Mas, por sobre eles e sar-
gentos, paira ainda, com força, a antiga
parvoice que deixava correr o mundo
pacificamente — enquanto não houvesse
novidade.

Leiria.
Janeiro: 11.

Ha na terra um jornaleco anti-comu-
nista (a que já me referi) dirigido por
um oficial de artelharia, capitão Marino

Simões Ferreira, creatura atrabiliaria e intolerante, de mural pouco elevado, antigo cadete de Sidonio Pais e hoje dedicado ao ultramontanismo do Estado Novo e, segundo se rosna, ao nazismo alemão de que, secretamente, agente local.

Pois ha dias saiu no periodico a noticia que agui fica e que diz respeito ás torres da igreja de S.to Agostinho que pertence ao nosso quartel e ser-

> UM dos nossos mais ilustres assinantes desta cidade chama-nos a atenção para o estado de ruína em que se encontram as tôrres da antiga igreja de Santo Agostinho, as quais, no estado em que se encontram, constituem sério perigo para os transeuntes.
>
> —
>
> (N.º 18 (430) de 3 de Jan.º de 937)

re actualmente de refeitorio dos soldados.

Ora as torres são solidas e não teem qualquer sinal de ruina, nem ninguem ainda ouviu falar de tal coisa. Quero crer, pois, que a noticia será maneira indirecta de pegar comigo para dar muito na vista, como de quem faz uma prim.ª sondagem. Será assim?

E hoje, na Assembleia, deu-se o caso que ao encontra-lo e ao falar-lhe com a maior naturalid.ª, ele me pareceu pouco sereno. Seria impressão minha?

Vamos a ver como o Tempo esclarecerá o caso.

Leiria.

Fevereiro: 28.

Tive que escrever hoje uma carta ao dr. Bissaia Barreto, de Coimbra. Ninguem o havia de dizer, mas um bilhete que recebi dele assim o obrigava.

Eis a carta que custou a fazer mas ficou obra perfeita...

«Ex.mo Sr. Dr. B. B.: Recebi com muito prazer a carta de V... e tomei as suas palavras na devida consideração. Ao mesmo tempo agradeço as indicações dadas que facilitaram o nosso julgamento, aliás facil perante o aspecto geral do rapaz. Ficou, pois, V... satisfeito e eu tambem por ter sido agradavel a V... de quem me confesso, com toda a consid.ão etc. etc.»

Trata-se dum livramento de rapaz recenseado p.a o exercito. O rapaz de nada valia fisicamente; era dos tais que não dão trabalho ás juntas — mas o Bissaia naturalmente quiz fazer valer a sua importancia e recomendou-me o cavalheiro... E como ele ficou isento, alegou-se que a isenção foi devida ao pedido.

Enfim... O piór é se ele se habitua.

Leiria.

Março: 15.

Escrevi carta ao Ferreira Lima. Deixo-a copiada no vol.º das cartas, onde ficou com o nº. 118 a pag. 171.

Coimbra.

Março: 19.

Recebi há dias um ofício m.to amável da Secretaria do 1º Congresso da Historia da Expansão Portuguesa no Mundo, assinado pelo Manuel Murias como seu secretario geral.

Diz ele que o ministro das Colonias o encarregou de me convidar p.ª participar no Congresso onde concorrem «os "investigadores portugueses mais distintos...» E como o meu nome foi indicado como tal, solicita a m.ª comparencia e a apresentação duma comunicação original. Gentilezas...

Respondi com o seguinte:

«Ex.mo Sr.m.: Acuso a recepção do atencioso ofício de V... nº. 250, de 1 do corrente. Só hoje o agradeço m.to reconhecidamente porque quiz verificar, na m.ª casa em Coimbra, se poderia aceitar o convite. Estou actualmente em Leiria e, por conse-

exercício, fóra de casa; a m.ª situação não dá ensejo para trabalhos alem dos profissionais; por isso me vejo obrigado a dizer a V... que não posso concorrer ao Congresso. — Nos mss. da Bibliotheca da Universid.e ha muita coisa inédita que seria util apparecer; mas V... sabe bem q.e nisso exigiria tempo e tranquilidade que eu agora não tenho. E não tenho, tambem, nesta altura, qualquer trabalho que possa ser classificado. — Agradeço pois muito a attenção do convite que tomo no devido apreço e estima. E offerecendo o meu prestimo, subscreve-me, etc.»

E assim perco uma occasião de apparecer entre os mais distintos investigadores portuguezes...

E' uma pena!

Mas ficará p.a outra occasião.

Leiria.

Abril: 7.

Mandei hoje uma grande carta para o Tomás da Fonseca a respeito dum medico distinto de Leiria que ha dias me appareceu com uma carta de apresentação m.to curiosa. Respondi hoje á apresentação e aproveitei a opportunidade para lhe

ser umas chalaças em estilo epistolar sem pretenções.

A carta fica no vol.º respectivo, com o nº 119 a pag. 173.

Leiria.
Abril: 13.

A Liga dos Combatentes da Grande Guerra mandou-me um ofício assinado pelo general Luis Aug.º Ferreira Martins em que me solicita a representação nas homenagens que em 9 do corrente se deviam prestar ao Soldado Desconhecido na Batalha. Arranjei desculpa e delleguei no coronel José Vitor Franco a incumbencia que foi aceite gostosamente.

Este Vitor Franco gosta imenso destas coisas e ainda bem... Como fº pouco mais serve, vai sempre de boa vontade onde julgue que faz figura.

Escrevi hoje ao Ferreira Martins agradecendo e explicando a troca da representação, etc. etc. As férias do costume.

Leiria
Abril: 17

Fiz hoje um despacho que deve ter dado que falar no regimento pela sua originalidade e inedítismo.

Um soldado correccional, ontem, ao ver dentro do automovel do aspirante a oficial Infante de La-Cerda, parado á porta do quartel, um magote de onças de tabaco, do bom, daquele que faz crescer agua na boca aos fumadores, sentiu-se tentado pelo diabo ruim, meteu um braço e tirou uma onça dele. Foi visto, foram; agarrado, confessou o crime; e assim hoje o relatorio do oficial de dia traz uma participação carregada.

Chamei o soldado que confessou abertamente. Alegou o vicio do fumo e a sua pobreza e ainda a tentação diabolica ministrada por aquele mostruario de rico.

— Foi coisa ruim q. passou por mim. Tenho ruim comportamento mas nunca roubei nada. Não sei o que isto foi...

E os olhos arrazaram-se de lagrimas.

Ora este sold.º está nas condições de ir parar ao Deposito Disciplinar ao primeiro castigo que tiver; o regulamento assim manda — e o Deposito Disciplinar é uma géena infernal que transforma os homens que lá entram em féras.

Tinha, pois, eu frente, um caso de consciencia, tanto mais que, a falar verdade, o rapaz praticou um acto de verdadeira justiça social...

Nem mais nem menos.

Enfim, depois de reflexões e varios considerandos, lancei o seguinte despacho no relatório citado:

« O sr. comandante da Comp.ª de Deposito faça ver ao soldado F.... n.º .... a gravidade da falta cometida, não tanto pela falta em si, considerada isoladamente, mas pelo facto de, com o comportamento anterior que tem, qualquer punição o levar ao Deposito Disciplinar; e se este, regulamentarmente, seria o caminho a seguir perante tal transgressão de deveres de militar e de cidadão, eu quero ainda tentar fazer ver ao culpado que, não o punindo, e evitando a sua encorporação no Deposito onde se não regeneraria, lhe imponho para futuro a obrigação de comportamento exemplar e, quando for licenceado, do reconhecimento por um acto do comando que implica responsabilidade. O sr. comand.te da Companhia farlhe-ha ainda ver que se, no tempo que lhe falta, cometer a mais leve infracção de disciplina, estas considerações desaparecerão e a punição será, evidentemente, maior. »

Parece uma sentença... Nem Salomão, o sabio dos sabios, faria coisa melhor.

Leiria.

Abril : 19.

Ontem fui á Figueira da Foz fazer a palestra no colegio Academia Figueirense já promettida ha muito.[1]

Os jornais falaram no caso nos termos das noticias que deixo adeante archivadas.[2] Mas o que eu não imaginava é que as coisas corressem como correram.

Fiquei satisfeito com tudo. O auditorio era favoravel; os donos do colegio foram gentilissimos — e as palavras de apresentação quer de um dos donos quer do presidente da mêsa, foram excessivas.

De modo que me encontrei á vontade para dizer certas "viradas" que vinha escrito e que receiava ler. Disse-me o João de Lemos que estava na assistencia um padre que não gostou. Era natural. Mas que estaria o padre a fazer ali? Iria espiar o que se passava?

---

(1) No dia 27 de Dezembro do ano findo.
(2) No final do vol.º a pag. 399.

Essa comparação, foram assistir pessoas que eu não calculava capaz disso: o general reformado Jacinto dos Reis Fischer, por ex.º; o dr. Delegado que pediu para me ser apresentado; o coronel reformado Almeida Lopes e esposa; o dr. Salinas Calado, etc. etc. Fui apresentado, também, ao António Esteves que na literatura usa o nome de Carlos Bombeiro; quer escrever para a Gazeta de Coimbra a notícia da sessão.

Etc. etc.

Foi tarde agradável. Parece que na Figueira ainda a atmosfera é liberal.

Valha-nos isso ao menos, já que aqui, nesta bela terra do Liz e do Lena, se sente o padre em luto. O clero anda imanente nesta atmosfera leve e clara, anda a pujá-la sempre e a torna-la de difícil respiração.

Coimbra.

Maio: 2.

Por causa dum arranjamento relativo ao trafo necessario p.ª limpeza do armamento da Legião, armamento que pertence ao meu regimento e está a meu cargo, deu-se um incidente com o Quartel General que não vale a pena contar. Basta dizer que se trata de trafo...

O certo é que o general comandante da Região que é o Alberto Guerreiro Leixoto e Cunha notou no orçamento que eu de cá mandei qualquer exagero... Realmente, o assunto é interessante para um general que, pelo que se vê, não vai muito além do trapo fº limpeza.

Mas, enfim, o caso deu uma carta fª. o chefe do Estado-maior, Alfredo Ernesto da Cunha que aqui copio porque vale a pena:

«Pres.do Cam.ds e Amigo: Com muita franqueza: o trapo não é bem a minha especialidade... — Mandei rectificar a mª nota anterior sobre as despesas com a Legião, tanto mais que, depois do nosso General me dar o limite maximo de 50$00, além dos quais não «consentia» que eu passasse e me «obrigaria» a justificar o excedente, eu não tinha mais nada que fazer. Perante a ordem, aliás á censura, fiquei convencido de que para calcular trapo não tinha geito, assim como não tenho geito fº adular — que é o que devem ter feito os comandantes que apresentaram orçamentos de 20$00. — Ficámos, pois, em 50$00 e é pena que, para conclusão vão simples

eu tivesse de ouvir algumas expressões ditas com modos que eu não uso para os meus ferriais de menos consideração. — Enfim, o nosso Gen.al estragou-me a festa em que depositei as melhores esperanças porque lhe dou mesmo que não merecia. Cada vêz vejo mais confirmada a regra dos que levam a vida a criticar; estes é que a levam direita! Decididamente, na especialidade «trafo» estou em branco... — Desculpe o desabafo, mas aqui, entre os meus livros, sinto-me mais bem disposto. Tenhâmos paciencia. E como diz o Borda de Agua, Deus supre tudo. Os meus cumprim.tos, etc. etc.»

E aí está em que os nossos generais se entretêem: trafo e mais trafo...

Vá lá, podia ser pior.

Leiria.

Maio: 8.

O Cunha, chefe do Est.º-maior da Repias respondeu-me amavelmente á carta G. aí ficou e deita agua na fervura. Diz que eu exagerei um pouco porque não conheço o feitio do general; que este «é uma "pessoa impulsiva, dizendo coisas desagradaveis e com cára de m.to zangado [...]

"e momentos depois já se não lembra do "que disse nem lhe fica qualquer ressenti-"mento...» Dá explicações amaveis e termina por dizer q. o Gen.al está bem impressionado com o regimento «que vai "entrando na ordem...» etc. etc.

E assim se arrumou a grande questão do trapo...

Leiria

Maio: 15.

Recebi ontem uma nota do Quartel-General relativa a um caso de readmissão, caso que não vale a pena contar. O que desejo que aqui fique é q. [redacted] a nota redigida pelo proprio general me era desagradavel e que com ela vinha um cartão do Alfredo Ernesto da Cunha, o chefe do Estado-maior, explicando lealmente o caso e procurando adoçar o amargo da investida. Neste cartão que guardo de boa vontade na vasta colecção da correspondencia, diz-me o Cunha q. o General mantem por mim a consideração a que tenho direito mas q. desconfia de que eu, afastado ha m.to do serviço, sou mal coadjuvado pelos meus oficiais que me poderão levar a lapsos pouco regulamentares aproveitando a m.a ignorancia dos serviços.

Ora á nota respondi com certa altiver e ao cartão com esta carta que aqui fica por não deixar de ser interessante:

«Ex.mo Cam.de e Am.o: Andava ha dias p.a lhe escrever com agradecimento pelo seu amavel cartão de 7 do corrente e para comunicar agradavelmente o bom resultado da inspecção do director da Arma. Mas quando lhe queria agradecer as suas atenções e dizer-lhe q. o nosso general Canto verificou bastante diferença para melhor no regimento e no fim me felicitou perante todos pelo notavel progresso na instrução, eis q. surge este caso do sargento Fulano que é aborrecido e me lançou aos trambulhões das alturas a que me julgava guindado. Afinal, vaidade das vaidades!... O nosso General encarrega-se de me lançar o amargo em todas as minhas satisfações. — Ora bem. Este incidente parece andar á roda dum mal entendido; não houve deslealdade de qualquer dos meus colaboradores; eu é que resolvi por m.a cabeça como sempre faço nos casos que podem envolver qualquer interferencia oculta e por isso andei bastante tempo a revolver legislação — não fosse eu dar em falso ou parecer parcial. Re-

sobi mal? O caso é só comigo que julguei resolver com acerto. Não houve influencia de qualquer protector e até, devo dizer, se se falava em protecção, essa era nesse Quartel General conforme o acusado blasonava. — Creio q. a minha nota responde, com a simples e inofensiva verd.e ao questionário-torniquete que recebi; quem mal não usa, mal não cuida. Contudo, estas coisas todas me desgostam. Se realmente o nosso Gen.al me considera e me quer dar apoio, não percebo como me manda apertões destes que, a não se ter passado o que se passou me colocariam mal. Enfim, o interesse q. tomei pelo comando começa a diminuir; talvêz passe a ter mais sorte... Felizes os que se não rálam! — E com esta não o maço mais; o meu caro Cor.el que ouve dos dois lados, tambem sofre as consequencias; desculpe, pois, a caturrice mas sei que escrevo a homem leal e de estremada correcção. E por isso creia-me, etc. etc.»

Este estilo epistolar creio que é novo nos nossos quarteis-generais. Esta gente não está habituada a este modo de tratar os assuntos. E então o general Peixoto e Cunha q. foi sempre uma especie de ca-

pacho muito razoavel e creatura sem valor de qualquer espécie, ha-de estranhar com certeza estas missivas — que o chefe do Est.º-maior com certeza lhe mostra.

E aqui está em q. consiste o comando duma Região...

Leiria

Maio: 20.

Escrevi ao Camara Reis em resposta a uma circular que me mandou a respeito da Seára Nova que, de vêr em quando, lança um pedido aflitivo de socorro. Não sei se será má administração ou se, realmente, a luta é dificil; a verd.e é que a Seára tem ha muito vida bastante precária.

A resposta fica no vol.e respectivo, a pag. 175, com o n.º 120.

A Revista Militar, em sessão de direcção realizada a 12 deste mês, aprovou por aclamação um voto de congratulações pela minha "brilhante conferencia" sobre batalhões academicos na Figueira da Foz a que já aqui me referi na altura propria.

O Pires Mont.º deve ter sido o autor da manifestação e está transformando

a Revista em uma especie de Academia dos Amaveis ou dos Generosos...

Enfim, são atenções que não fazem mal a ninguem e que ~~...~~ vão entretendo o tempo.

Ora hoje mandei um oficio a agradecer a comunicação do voto — comunicação que está guardada no lugar proprio, para memoria e exemplo...

A m.ª resposta ia tambem em estilo naturalmente apropriado ao caso. Amor com amor se paga.

Outro assunto, já agora.

Nos jornais de ontem vem o ultimo discurso de Baldwin, dirigido aos novos da Inglaterra e que eu não resisto a deixar colado neste diario como lição proveitosa.(1)

Como estes velhos ingleses dão lições aos novos derrancados que preferem a escravatura fascista á livre Democracia! Que contraste!

Aqui fica para meu regalo sempre que sinta nôjo com tudo quanto por aí vêjo e oiço.

Grande gente, afinal, esses ingle-

---

(1) No fim do vol. a pag. 399-400.

ses que, apesar de todos os defeitos ainda dão lições ao mundo!

E esses pigmeus, cégos, adoram o fascio como a verdadeira e unica panaceia...

(De pag. 234)

FATIMA

O nosso camarada de trabalho sr. dr. Caetano de Abreu Beirão recebeu do distinto diplomata e eminente escritor sr. dr. Alberto de Oliveira a carta que a seguir publicamos.

Fala o seu ilustre signatario no «apoio» que aquele nosso amigo quererá prestar á tese que nessa carta é versada com tanto brilho.

Entendeu o sr. dr. Caetano Beirão que melhor apoio lhe não podia dar do que confiando o autografo do sr. dr. Alberto de Oliveira ao «Diario de Noticias».

Sem que nos queiramos emiscuir na questão aqui debatida com tanta elevação, reconhecemos, no entanto, que ela é de grande interésse para muitos sectores da opinião publica portuguesa, e até para os artistas nacionais, e por isso, e pela muita consideração que nos merece o signatario da carta, temos muita honra em a inserir nestas colunas:

Meu caro Caetano Beirão — Fui agora pela primeira vez a Fátima e sinto a necessidade de lhe confiar algumas das impressões que trouxe dessa visita. Se elas encontrarem eco no seu coração e no seu espirito, não me oponho a que lhes dê o seguimento que julgar mais apropriado á vitoria de uma tese que, desde então, ficara sendo, pelo menos, *comum de dois*.

Penso que a questão de Fátima interessa quasi por igual aos crentes e aos agnosticos, pois a ninguem é dado suprimir o facto de se ter ali produzido uma extraordinaria irrupção de fé religiosa, que, segundo o mostram tantos exemplos do passado e do presente, perdurará pelos tempos fora e atraíra, em numero cada vez maior, a Portugal e á Cova da Iria, a concorrencia de catolicos do Mundo inteiro. Já hoje o nome de Fátima é de notoriedade universal e se impõe á fé, esperança e caridade de centenas de milhares de pessoas nacionais e estrangeiras. Fonte de espiritualidade e de amor ao proximo, dela nunca poderão manar senão beneficios.

Surgiu prodigiosamente Fátima em plena zona de historia e de gloria nacional, rodeada dos Lugares Santos da nossa Patria que têm por nome Batalha, Alcobaça, Aljubarrota, Tomar, Sernache do Bonjardim e, logo a seguir, Leiria, Ourém, Obidos, Santarem, etc., e em alguns dos quais a religião e a arte, em fecunda aliança, conceberam e realizaram as maravilhas que todos conhecemos e amamos.

Se não assegurarmos aos maiores artistas portugueses, na realização das obras que se projectam e se sucederão em Fátima, a oportunidade de ali legarem ao futuro um monumento condigno da nossa época e do proprio acto de fé que se comemora, deixaremos mais uma vez — e já não são poucas — atestar, injustamente, a nossa decadencia artistica e espiritual e pô-la-emos em flagrante contraste, perante os vindouros, com a grandeza do que, em circunstancias análogas, soubemos fazer outrora.

A questão não respeita apenas á Igreja nem pode ser resolvida unilateralmente. E' uma questão nacional e que, como tal, a todos se deve impor. E' uma página de historia que se abre, e nunca Portugal escreveu nenhuma senão com as letras de ouro da beleza, do patriotismo e do génio.

Bem sei que é desanimador o exemplo de Lourdes, onde nem a Natureza grandiosa, nem a fé ardente puderam inspirar os homens no que com a arte se relaciona. Um grande escritor catolico francês (Joris Karl Huysmans) chegou a propor, como unica explicação do melancolico facto, a hipotese de ter Satanaz, para se vingar do milagre da aparição da Virgem, impregnado de mediocridade e de fealdade diabolicas a obra de todos os arquitectos, escultores e pintores chamados a celebrar essa aparição.

Mas se Lourdes é, com efeito, um fenomeno quasi escandaloso de grande fé e pequena arte, não o imitemos nós em Portugal, onde uma e outra sempre andaram a par, e essa ficou sendo uma das nossas gloriosas tradições.

Convoquem-se os nossos artistas a dar todo o seu esfôrço á construção da futura basilica e da futura povoação de Fátima e a completar com o seu talento a tarefa de humildade, sinceridade e piedade de tantos corações que ali vão buscar ou levar o amparo e o socorro da fé. E' uma obrigação nacional.

De antemão lhe agradece o apoio que quiser dar a estas palavras o seu

Velho amigo e sincero admirador
ALBERTO D'OLIVEIRA

Lisboa, Outubro de 1934.

386

(De pag. 242)

VIDA DIPLOMÁTICA

DR. ALBERTO DE OLIVEIRA

A Imprensa catolica de Roma acolheu com a maior simpatia o novo representante de Portugal junto da Santa Sé

Toda a Imprensa catolica de Roma acolheu, com a mais viva simpatia, o ilustre diplomata e nosso prezado amigo, dr. Alberto de Oliveira, quando chegou á Cidade do Vaticano, e apresentou ao Sumo Pontifice as credenciais de representante do nosso país junto da Santa Sé.

Destacou-se nos elogios «L'Osservatore Romano», o orgão oficial dos catolicos, publicando no dia dessa apresentação, em artigo de fundo, noticia minuciosa, e mais adiante, na segunda pagina, o retrato e as principais notas biograficas do sr. dr. Alberto de Oliveira.

No dia seguinte, publicou ainda um novo artigo, em primeira pagina, que principia pelas seguintes palavras:

«Portugal tem, desde ontem, um novo representante junto da Santa Sé. E podemos afirmar, com particular prazer, que a sua missão começa auspiciosamente».

Conta depois que o ministro, na entrega das credenciais, evocou «justamente, em palavras de elevado estilo, as glorias catolicas da nobilissima nação portuguesa» e salientou que bem podia, mais do que outra qualquer, merecer «o titulo de *grande nação missionaria*».

Transcreve depois o texto desse documento, e faz uma sintese da resposta do Sumo Pontifice, em que ele diz, a rematar as suas palavras, que «o resumo que o ministro fizera das mais nobres e maiores glorias de Portugal, lhe davam a esperança, e traduziam a promessa, de novos triunfos e de novos serviços a render á Fé e á Civilização».

E «L'Osservatore Romano» termina esse artigo desta maneira:

«Missão auspiciosamente começada, frisamos de começo. Porque, sagrada pela palavra do Vigario de Jesus Cristo, frutificará, seguramente, em realidades, portadoras de novos feitos, que refulgirão no Mundo, para honra do zelo da grande nação catolica e fiel».

Isto implica, parece-nos, o reconhecimento das capacidades e méritos do insigne diplomata, que, junto do Vaticano, decerto escreverá mais algumas valiosas paginas da sua brilhante carreira.

———— o ————

(De pag. 278)

O recorte de jornal que deria ser colado desapareceu porque uma creada zelosa varreu um bocado de papel seu prestimo aparente, entendeu que o deria lançar a um balde com agua q. por sua vez foi lançada na sentina. Era simples a noticia: notava a nª colocação em ~~[illegible]~~ Heraultes e chamava-me um dos oficiais mais distintos do exercito ...

(de pag. 280)

I

Ministerio da Guerra. Repartição do Gabinete. — Copia. — S.P. — Ministerio do Interior. — Gabinete do Ministro. — Copia. — Governador Civil do Distrito de Santarem. — Confidencial. — Gabinete. — S.P. — Santarem, 14 de Novembro de 1935. — Ex.mo Sm. Ministro do Interior. — Excelencia. — . . . . . .

. . . . . No passado domingo foi o dr. Manuel Fernandes intimado a apresentar-se na Administração do Concelho, a fim de ser ouvido no respectivo processo. As suas declarações acabáram de ser prestadas ás 6 h. da madrugada e a essa hora recolheu a sua casa. — Ao principio dessa noite começaram a juntar-se grupos no largo fronteiro á Administração do Concelho que discutiam em termos acalorados os acontecimentos, grupos esses que, por se irem avolumando cada vez mais, levaram o Administrador do Conc.º a requisitar a intervenção da Guarda Nacional Republicana do comando do Tenente Vilela que a esse tempo já estava informado do que se passava pelo sargento comman-

daute do posto da referida Guarda e que logo para ali se dirigiu com os poucos soldados de q.e pode dispôr. — A Guarda foi recebida com vivas á Republica e ao Dr. Manuel Fernandes; mas quando procurou despejar a praça, por o proprio comand.te temer que se juntasse mais povo, ao tempo cerca de 200 pessoas, encontrou resistencia e teve de distribuir algumas coronhadas p.a dissolver os grupos e limpar a praça e ruas circunjacentes, evitando distúrbios ou algum desacato ás autoridades. — De lamentar é que desses grupos fizessem parte alguns oficiais e sargentos da guarnição da cidade cuja presença mal colocava os sold.os da Guarda que não lhes podiam dar ordens e que com o seu exemplo de passividade levaram os populares a não obedecerem prontamente ás indicações recebidas. — Como V.Ex.a póde bem avaliar deste succinto relato, a situação da ordem publica em Alcantara é muito melindrosa e o mais pequeno pretexto pode servir de indicio a um grande desastre. — Para o combater ou evitar não tem o posto da G. N. R. daquela cidade o efectivo necessario e suficiente. — Peço, pois, a V.Ex.a que com a maior urgencia se digne mandar reforçar

çar o referido posto, pelo menos com do-
ze soldados. — Facil tambem é tirar a
ilação da grande inconveniencia que resul-
ta do facto de officiaes e sargentos da guar-
nição se immiscuirem pela forma por q.
o fazem e de que o exemplo affrontado é
um symptoma alarmante, nas questões po-
liticas que infelizmente dividem o Concelho.
— Por isso tomo a liberd.e de lembrar a V...
de, pelo Minist.º da Guerra, se averiguar
quaes os officiaes e sargentos que se envol-
veram nos acontecimentos, recommendan-
do-se a todos que se abstenham da pratí-
ca de actos que contribuam para a manu-
tenção da divisão que reina no Concelho e
irritação permanente contra as autorid.s
delegadas do Ministerio do Interior. — A
bem da Nação. — O Governador Civil (a)
Emprerio de Mascarenhas Viana de Lemos
— Está conforme. — Gabinete do Ministe-
rio do Interior em Lisboa, 18 de Novembro
de 1935. — Pelo Chefe do Gabinete (a) Luis
Supico Pinto, secretario. — Está conforme.
— Ministerio da Guerra, Lisboa, 19 de No-
vembro de 1935. — O official adjunto deste
Gabinete (a) Antonio Faro Negrão, tenen-
te. ———————————————

II

Serv. da Repub.ª — Comando militar. Secretaria. — N.º 87. Confidencial. — Alvarães, 25 de Novembro de 1935. — Ao Ex.mo Snr. Coronel Belisario Pimenta, Chefe do S.R. R.2. — Alvarães. — Para os devidos efeitos informo V.Ex.ª que, segundo comunica a 2.ª Repartição do E.G. da 3.ª Região Militar, em sua nota — confidencial n.º 145 de ontem, foi por despacho de S.Ex.ª o General Comandante da Região nomeado V.Ex.ª para continuar as averiguações que se encontram em poder do Ex.º Ten.te Coronel Pedro de Arruda Cruz, Sub-chefe desse Distrito pelo que nesta data se solicita do mesmo Senhor a entrega do respectivo processo. — Pelo Comandante Militar — (a) António José de Matos Raimundo, major.

III

Relatório.

Ex.mo Snr. — Procedi ás averiguações ordenadas pela nota n.º 143, confidencial, de 21 de Novembro p.p. do Comando da 3.ª Região M.ar e ouvi, para isso, 35 pessoas desta localidade das quais 16 apresentadas pela autorid.e administrativa como suficientes p.a comprovarem os factos censuraveis a que se refere o ofício confiden-

cial do Governo Civil de Santarem (cuja cópia, em parte, acompanhou aquela nota) e nos quais pareciam estar envolvidos oficiais e sargentos da guarnição. — Assim, o Administrador do Couc.º declarou que «teve conhecimento» ou que foi «notório» que na noite de 10 de Novembº p.p. pelas 21 h. na altura em q.e na Praça da Republica se fazia certa manifestação de solidariedade a um clinico alcantarino chamado á Administração para prestar declarações por qualquer motivo de ordem mais ou menos politica, o Ten.el coronel João Inacio Guerreiro do quadro da reserva, o capitão Luis Corte-Real de Almeida, o tenente João Duarte Marques, os 1.os sargentos Mario Henriques Leitão e José Maria Paquete e o 1.º sarg.º artifice Afonso dos Santos, todos do Reg.to de Inf.a nº 2, andárão por entre grupos de manifestantes «em "atitude bastante suspeita» encorajando com a sua presença os desordeiros e causando por isso certo embaraço á força publica quando esta teve de mandar dispersar a multidão por solicitação da nossa autorid.e — Ora de tudo o que ouvi, em especial á acusação, nada se prova contra os militares mencionados. A prova negativa devo dizer até que foi dada

quasi toda pelas proprias testemunhas acusatorias o que simplificou, evidentemente, a minha deligencia e desde logo me deixou tranquilo quanto a culpas que prometiam ser desagradaveis. — E o que se apurou foi que, na ver.ª, esses oficiais e sargentos foram vistos na Praça da Republica a horas diferentes, mas pacificamente, sem terem qualquer intervenção a favôr ou contra; sem que, da sua attitude, se podesse inferir qualquer intenção favoravel á manifestação que se projectava; e muito menos que, por gestos ou palavras, tivessem procurado evitar a acção das forças de Infant.ª e Guarda N.al Republic.ª e de tres agentes de policia de segurança que fizeram dispersar o ajuntamento. — Não tenho duvidas acerca disto depois de muitos dias passados a ouvir attentamente e com a maior tolerancia, individuos de todas as classes e de nacionalidades diversas; e de tudo ainda concluí (o q.e era aliás o mais facil) que em Alhandra ha grande luta politica e que, quando ha de ser, se agarram, segundo a frase popular, as ocasiões pelos cabellos. — Os percalços do dia 10 de Novembro foram dessas; não outro mas razões ou sem razões da luta com que

nada tenho; apenas objectivamente procurei ver a acção que os acusados tiveram e não encontrei senão o seguinte: a) O tenente-cor.el Guerreiro, moradôr na Praça da Republica, ao ver o ajuntamento saiu á procura do seu filho, rapaz anormal, com sérias perturbações mentais e epilecticas; andou em busca dele com mêdo de más consequencias. — b) O capitão Luis Corte-Real de Almeida, parente, por afinid.e, do Dr. Manuel Fernandes, e ao qual deve grandes atenções como medico e amigo, algumas vêzes atravessou a Praça p.a ir á Administração saber o que o detido necessitava, providenciar acerca da comida, agasalhos, etc. etc. — c) O tenente João Duarte Marques tinha um filho muito doente a quem nessa tarde seria feita uma conferencia pedida pelo medico detido, seu assistente, com outro colega da cidade; o seu nervosismo era manifesto por não ver sair o medico e saber as pióras do filho, mas sempre afastado do ajuntamento, ora na pequena parada exterior do quartel, ora dentro do proprio quartel. — d) Os dois 1.os sargentos Leitão e Paquete atravessáram a Praça a caminho do Cinema que é perto; e durante a manifestação e intervenção das forças estiveram

assistindo ao espectaculo: das 21 h. ás 23 h. 30 m. — e) O 1º sarg.to artifice Santos passeiou na Praça, como é seu costume, até o recolher, hora a q. se dirigiu a casa e só soube dos acontecim.tos no dia seguinte. — Os agentes da policia de segurança; os oficiais e sargentos do R. I. nº 2 e Guarda Nacional Republ.ª que comandaram as forças que intervieram; o proprio comandante militar interino que presenciou os factos e o oficial de dia ao regimento, não viram qualquer oficial ou sargento na Praça porque os muitos q. de costume ali passeiam ou por curiosid.e olhávam o ajuntamento, se retiráram prudentemente muito antes da intervenção. — As malquerenças politicas (que parecem em faze aguda neste momento) leváram ao excesso de informar mal a autorid.e que claramente diz que não viu mas sim ouviu dizer ou ser notorio; essas informações evidentemente malévolas, fizeram com que ela chamasse superiormente a atenção p.a sucessos que, a serem verdadeiros, eram censuraveis; porem, felizmente para os visados, destituídos de fundamento. — Poderia dizer ainda que estranhei serem visados só tres oficiais e tres sargentos quando se provou que andávam mais

na Praça passeando naquele citado período de tempo anterior á intervenção da força; poderia insistir no facto de serem as proprias testemunhas dadas como acusatórias que afirmáram não terem os incriminados tèrem qualquer atitude censuravel na altura dos tumultos; mas isso poderia, porventura, exceder o fim das m.as averiguações e poderia dar qualquer tom de parcialid.e que não tenho nem quero ter. Basta-me a convicção em q.e fiquei de que as acusações foram forjadas propositadamente e que a autoridade administrativa foi enganada facilmente no momento em que a manifestação de solidariedade era, implicitamente, de desagrado a uma sua resolução. — O Tenente João Duarte Marques, o oficial mais visado, solicitou-me para apresentar a V... a exposição em que justifica largamente os fundamentos que se lhe dá da sua vontade contra ele. Se bem que a larga exposição que vai junta não tenha ligação directa com os excessos que procurei averiguar julgo não dever limitar a sua defesa e por isso a remeto a V... p.a os fins julgados convenientes. — Quartel em Abrantes, 12 de Dezembro de 1935. — (a) J. B. Pinheiro —

(De pag. 293)

Fala o Major-General do Exercito

O sr. general Morais Sarmento, Major-General do Exercito, proferiu depois as seguintes palavras:

Cabe-me, por lei, a honra de apresentar a V. Ex.ª os cumprimentos do Exercito. No momento grave em que a Europa se debate e dadas as especiais circunstancias do Exercito Português, faço esses cumprimentos com a maior satisfação, no que julgo bem interpretar o sentimento de todo o Exercito, pois que todo ele deseja, mais do que nunca, valorizar-se para poder arcar com as pesadas responsabilidades que amanhã lhe poderão ser exigidas.

Em momento tão dificil, conveniente é que tudo quanto se refere á Defesa Nacional obedeça á superior orientação de quem no elevado cargo de que V. Ex.ª está investido tão sobejas e incontestaveis provas tem dado de um superior espirito organizador e de um alevantado e grande patriotismo.

Quis V. Ex.ª, em consequencia das funções que exerço e por virtude de delas ter solicitado dispensa, elucidar-me sobre os pontos de vista de V. Ex.ª acérca da grave questão da Defesa Nacional, e perdôe-me o gava deverem ser os principios orientadores da Defesa Nacional em Portugal.

Em mais de 44 anos de vida militar jamais me pesa na consciencia ter praticado a lisonja; falo com a convicção que me é dada pelo conhecimento de uma situação e de um momento que bem conheço: V. Ex.ª era a unica pessoa que, na dificil hora que atravessamos, podia com proveito para Portugal exercer o cargo de ministro da Guerra, e, assumindo-o, revela bem conhecer a situação presente, a sua gravidade e delicadeza.

No exercicio do cargo de que hoje se investe, pode V. Ex.ª contar com a boa vontade e dedicação de todo o Exercito, do qual vai conhecer e apreciar as grandes qualidades morais, e verá que ele está sempre pronto a todos os trabalhos e sacrificios para sua maior honra e gloria da Patria. Assim saibam compreendê-lo e dirigi-lo.

De mim, sejam quais forem as funções em que V. Ex.ª me quiser utilizar, contará com uma fraca inteligencia mas com a mais decidida boa vontade em servir a Patria e o Exercito sob a superior orientação do V. Ex.ª.

(De pag. 305)

O general Queipo de Llano

avisa as povoações da Andaluzia de que exercerá sangrentas represalias onde forem atacadas forças do seu comando

SEVILHA, 21 — O general Queipo de Llano, comandante militar da Andaluzia, fez, perto da meia-noite, pela «Radio-Sevilha», uma comunicação ao povo daquela região militar dando-lhe conta dos ultimos acontecimentos de Espanha, favoraveis á causa dos revoltosos.

Serviu-se para isso, em grande parte, das noticias transmitidas pelo posto português Radio Club, da Parede.

Terminou a sua fala por dizer que mandara, em camiões, uma força de regulares de Ceuta, em direcção a Cordova, e que a sete quilometros de Sevilha essa força havia sido atacada, com violencia e surpresa, por um bando marxista, que se embrenhara num bosque de eucaliptos. Isso levou os regulares a cercarem os atacantes, em numero de 30, e a mata-los. Mais adiante — disse ainda — ao chegarem perto de Carmona, marxistas ocultos no castelo atacaram tambem os soldados do Tercio, causando-lhe 14 baixas. Indignados, os regulares assaltaram o castelo á baioneta e mataram e feriram os seus ocupantes, em numero de 100.

Estes dois casos — acrescentou em voz forte o general Queipo de Llano — mostravam-lhe que tinha tido até agora demasiada paciencia, e, por isso, prevenia todas as povoações daquela região que, a repetirem-se esses factos, onde isso de futuro acontecesse exerceria represalias de tal forma violentas que delas se falaria por longo tempo em Espanha.

SERVIÇO DA REPÚBLICA

EDITAL

Distrito de Recrutamento e Reserva N.º 2

Revista de Inspecção às praças licenciadas do Exército activo e da reserva activa

FAÇO saber por esta forma às praças acima mencionadas e omiciliadas na freguesia de ..... concelho de ..... que devem compaecer no ..... o dia ..... de ..... de 1936, às ..... horas, com as suas cadernetas militares, afim de lhes ser passada a revista de inspecção determinada no Regulamento Geral do Serviço do Exército.

As que faltarem a esta obrigação serão punidas conforme o tado Regulamento.

Nos dias em que no referido concelho funcionar a junta de ecrutamento, será passada revista por aquela junta, fora das oras destinadas ao seu funcionamento, a qualquer praça que ssim o deseje.

São dispensados da revista de inspecção:

a) Os oficiais e aspirantes milicianos licenciados.

b) As praças da reserva territorial que serviram no Exército activo e os alistados no activo do D. 2406 e 2407 de Março de 1916.

c) Os isentos condicionalmente nos termos da lei 566 de 7-6-916.

d) As praças da reserva territorial das classes de 1911, 1912, 1913, 1914 e 1915.

e) As praças da classe anterior à do ano em que se realiza a revista.

f) Os territoriais com instrução.

As praças que não tenham em seu poder a caderneta militar e ignorem onde esteja arquivada, devem dirigir-se ao D. R. R. da sua naturalidade, afim de êste informar qual a unidade ou D. R. R. que a possa ter em depósito.

Quartel em Abrantes, ... de ..... de 1936.

O CHEFE

Belisário Pimenta

Coronel

Minerva, L.da — Abrantes

Serviço da Republica

EDITAL

DISTRITO DE RECRUTAMENTO E RESERVA N.º 2

Revista de Inspecção às praças das Brigadas de Telegrafistas

FAÇO saber por esta forma que as praças acima mencionadas, domiciliadas na freguesia de ..... , concelho de ..... devem comparecer no ..... no dia ..... de ..... de 1936, às ..... horas, conjuntamente com as praças licenciadas do Exército Activo e da Reserva Activa, com as cadernetas militares afim de lhes ser passada a revista de inspecção determinada no Regulamento Geral dos Serviços do Exército.

As que faltarem a esta obrigação, serão punidas conforme o citado Regulamento.

Quartel em Abrantes, ... de ..... de 1936.

O CHEFE,

BELISÁRIO PIMENTA

Coronel

COMANDO DA 3.ª REGIÃO MILITAR

1.ª REPARTIÇÃO

Tomar, 8 de Fevereiro de 1936

Ao Snr. Chefe do D. R. R. 2

Avrantes

Para cumprimento, por ordem do Ministério da Guerra, devendo os elementos pedidos ser enviados a êste Quartel General até ao dia 20 do corrente.

O Chefe do E. Maior, intº

Recebido 10/2/936 N.º 1009

Respondido ..../..../.... N.º ....

UNIÃO NACIONAL

Nº 129/4
Pº 1

Exº Snr.

Certamente, é do conhecimento de V.Exª que, por iniciativa da União Nacional, se realizara em Lisboa, no próximo mês de Maio, uma exposição comemorativa do ANO X da Revolução Nacional.

Para a sua organização foi nomeada uma Comissão que iniciou já os seus trabalhos e que é constituída pela forma seguinte:

Presidente - General Teófilo da Trindade
Vice-Presidente - Engenheiro Nobre Guedes
Vogais - Engenheiro Rodrigues da Silva
- Engenheiro Barbosa Braga
- Arquitecto Paulino Montez
- Engenheiro Castro Rodrigues
- Engenheiro Cassiano de Oliveira.

No intuito de dar cumprimento ao seu mandato, dirige-se esta Comissão a V.Exª, solicitando que lhe seja fornecida uma relação desenvolvida dos diversos trabalhos realizados desde Maio de 1926 através dêsse Ministério e de que resultaram, directa ou indirectamente, benefícios colectivos.

Indispensável é, evidentemente, que essa relação venha acompanhada, tanto quanto possivel de números, dados estatisticos e outros quaisquer elementos de informação que permitam fazer uma apreciação tanto qualitativa como quantitativa daqueles benefícios.

Esta Comissão resolverá depois sôbre a melhor forma de serem exibidos aqueles resultados de modo que a Exposição atinja o seu objectivo que é apresentar de uma forma bem concreta a fôlha dos serviços prestados à Patria pela Revolução Nacional.

Muito conviria que V.Exª mencionasse quais os trabalhos de que pode fornecer fotografias e indicasse, desde já, qual o funcionário com quem a Comissão se poderá entender para pedidos de esclarecimentos e que será, por assim dizer, o elemento de ligação entre esta Comissão e êsse Ministério.

Com os elementos que os diversos organismos se dignem fornecer, a Exposição será organizada obedecendo a um plano de representação pehamonica, de acôrdo com os princípios estéticos a estabelecer pela Comissão.

Por êste último motivo, não será necessário que os diferentes organismos elaborem gráficos, esquemas ou desenhos demonstrativos, a mais daqueles que os serviços já disponham nêste momento.

O que interessa essencialmente à Comissão, são os elementos descritivos e numéricos a que acima se faz referência.

Sendo muito limitado o prazo para tão grande trabalho, vê-se a Comissão forçada a solicitar de V.Exª a remessa dos elementos pedidos até ao dia 15 de Fevereiro próximo.

A bem da Nação

Lisboa, 13 de Janeiro de 1936

O Presidente da Comissão
(General Teófilo da Trindade)

660
(733)

UNIÃO NACIONAL

Nº 129/4
Pº 1

Exº Snr.

Certamente, é do conhecimento de V.Exª que, por
União Nacional, se realizará em Lisboa, no próxi
uma exposição comemorativa do ANO X da Revolução
Para a sua organização foi nomeada uma Comissão
os seus trabalhos e que é constituída pela forma

Presidente - General Teófilo
Vice-Presidente - Engenheiro Nobre
Vogais - Engenheiro Rodri
- Engenheiro Barbo
- Arquitecto Pauli
- Engenheiro Castr
- Engenheiro Cassi

No intuito de dar cumprimento ao seu mandato
Comissão a V.Exª, solicitando que lhe seja forne
desenvolvida dos diversos trabalhos realizados d
através dêsse Ministério e de que resultaram, di
tamente, benefícios colectivos.
Indispensável é, evidentemente, que essa relaç
nhada, tanto quanto possível de números, dados e
outros quaisquer elementos de informação que per
apreciação tanto qualitativa como quantitativa
cios.
Esta Comissão resolverá depois sôbre a melhor
exibidos aqueles resultados de modo que a Exposi
objectivo que é apresentar de uma forma bem cons
serviços prestados à Patria pela Revolução Nacio
Muito conviria que V.Exª mencionasse quais os
pode fornecer fotografias e indicasse, desde já
rio com quem a Comissão se poderá entender para
recimentos e que será, por assim dizer, o elemen
tre esta Comissão e êsse Ministério.
Com os elementos que os diversos organismos e
a Exposição será organizada obedecendo a um plan
hamonica, de acôrdo com os principios estéticos
la Comissão.

REGIÃO MILITAR

ARTEL GENERAL

1

1.ª Repartição

.ª Secção

N.º 267/1

Urgente

SERVIÇO DA REPÚBLICA

Marc.

TOMAR, 13 de Fevereiro de 1936

Ao Sr. Chefe do D. R. R. 2

Abrantes

Ref.ª

Em aditamento ao oficio nº129/4 Pº1 da União Nacional, de 13 do mez findo e para cumprimento pelo determinado pela Repartição de Gabinete do Ministerio da Guerra, em nota circular urgente, de ontem, nº803, Sua Exª. o General Comandante da Região encarrega-me de dizer a Vª.Exª. que não se torna necessario prestar qualquer informação especial àcerca das verbas empregadas em obras de construção ou reparação em edificios realisados com intervenção de S.O.P.M., visto que tal trabalho fica a cargo da Direcção da Arma de Engenharia, englobando todo o Paiz.

Àcerca de fotografias torna-se tambem necessario que seja indicada a existencia das que possam dispôr as unidades e serviços, sobre instalações e edificios melhorados ou construidos de novo, depois de 28 de Maio de 1926.

O Chefe do Estado Maior, intª

Alfredo Ernesto da Cunha

Alfredo Ernesto da Cunha
Tenente coronel

Recebido 14/2/936 N.º 1163

Respondido ... N.º ...

661
(734)

(De pag. 319)

(Telefonema)

Manoel dos Santos Tavares
alcunha (Manoel Passaro)
um comunicta perigoso que ha ordem
de o prender passou em Montalvão
de noite, dizendo vir ao D. R. R. 2 a
ligalisar a sua situação militar

Do Posto da Guarda Fiscal
de Montalvão

(De pag. 343)

Coronel Belizário Pimenta

Referindo-se à nomeação deste ilustre oficial para o comando de Infantaria 7, diz o nosso prezado colega «Diario de Coimbra»:

«O sr. coronel Belizário Pimenta, vai comandar o regimento de infantaria 7 que tem sede em Leiria. Homem de valor comprovado, com uma brilhantissima folha de serviços, vai, por certo, dar á unidade que passa a comandar a orientação que o seu espirito de organizador e de comandante sabem impôr.

O sr. coronel Belizário Pimenta é um oficial competentissimo.

Infantaria 7 sentirá dentro em breve os efeitos beneficios que lhe levará o comando do sr. coronel Belizário Pimenta.

Felicitamos efusivamente sua ex.ª».

Temos pelo sr. coronel Belizário Pimenta a maior consideração e por isso transcrevemos gostosamente estas palarras de merecido louvor e justiça.

Como oficial, como escritor, como chefe de familia e como cidadão, o sr. coronel Belizário Pimenta é uma figura que se impõe à consideração geral.

(De Pag. 359)

«Portugal»

Suplemento ao n.º 16

Ex.mo Sr. Coronel Belizário Pimenta

Leiria

Cumprimentando V. Ex.ª endereçamos-lhe o nosso jornal esperando que, como bom nacionalista aceite a sua assinatura, contribuindo assim para a luta anti-comunista em que estamos empenhados.

«A REDACÇÃO»

(De pag. 375)

No dia 18, pelas 14 horas e meia, realizará, no salão de festas do Colégio, uma conferência sôbre «*Os Batalhões Académicos de Coimbra—Ligeiras Notas*», o brilhante investigador sr. coronel Belisário Pimenta, digníssimo Comandante do Regimento de Infantaria n.º 7.

Como de costume, a entrada é pública.

Conferencia do sr. coronel Belisário Pimenta na Academia Figueirense — E' aguardada com muito interesse a conferencia que o ilustre oficial sr. coronel Belisário Pimenta vem realizar à Academia Figueirense, no próximo domingo, 18 do corrente, pelas 14 horas, sob o sugestivo tema: — «Os batalhões académicos de Coimbra».— C.

(De pag. 383)

NA INGLATERRA

Um notavel discurso de Baldwin ás juventudes do Imperio

LONDRES, 18—Baldwin pronunciou esta noite, no «Albert Hall», por ocasião da reunião da juventude do Imperio, um dos seus ultimos discursos, senão o ultimo, da sua carreira politica. As palavras do primeiro ministro, que foi alvo de entusiasticas ovações, parecia ser uma especie de testamento politico que o velho homem de Estado deixava ás jovens gerações, na vespera da sua retirada.

Baldwin declarou, nomeadamente: «Nós, que pertencemos á antiga geração, desaparecemos, e vós, jovens, sois os dirigentes do futuro. E' a vós que confiamos a tarefa de conservar e salvaguardar o que, do nosso passado, da nossa herança e das nossas tradições, valer a pena. Ficam a vosso cargo a nossa honra e todas as nossas esperanças. Competir-vos-á proteger a democracia em todas as partes do imperio onde a virdes. A democracia precisa de ser tão defendida contra os perigos externos, como contra os internos, e pode bem suceder que tenhais de a defender contra ela propria. Tereis de mostrar ao mundo que nada há na democracia, nos seus principios, nos seus fins ou nos seus metodos que provoque, necesseariamente, timidez ou mediocridade. A coragem e a disciplina são tão indispensáveis á democracia, como o são á ditadura. A democracia exige direcção, tal e qual como a ditadura, porque não se apoia na força».

Aludindo á situação externa, Baldwin pôs os jovens em guarda contra os perigos que ameaçam a paz: «A liberdade para todos, que devia ser o fruto da vitoria, no dia seguinte ao da guerra, está uma vez mais comprometida, porque há paises em que os homens foram privados dela. Podeis tentar explicar estes ultimos vinte anos sob o ponto de vista economico ou politico. Mas o que está claro é que, hoje, a Europa não está nem em estado de guerra, nem de paz. Contudo, há alguma coisa de peor ainda, é que em alguns meios a paz é considerada como um sonho mau e a guerra glorificada como um ideal para os homens razoaveis. Emquanto durar o Imperio britanico, faremos ouvir as nossas vozes, para protestarmos contra esses falsos deuses».

Baldwin prosseguiu: «Aqui, na Inglaterra, deixamos de ser uma ilha, mas somos ainda um imperio. Qual é, pois, o seu segredo? A liberdade! Mas uma liberdade ordenada dentro da le-

galidade, com força nos bastidores e não no proscenio. Uma sociedade em que a autoridade e a liberdade se misturam, em que o Estado e o cidadão são ao mesmo tempo o fim e o meio. Somos um imperio organizador para a paz e para o desenvolvimento livre do individuo, um imperio que não desafia nem o Estado, nem os seus chefes. A velha doutrina do direito divino dos reis já não existe, mas não tencionamos substitui-la por uma nova doutrina do direito divino dos Estados, porque nunca um Estado na terra foi digno da adoração do homem livre. Os jovens soberanos a que tivemos a alegria de prestar homenagem nestes dias memoraveis são servidores do povo soberano. O rei é o simbolo da união, não sómente do imperio, mas tambem da sociedade, cujo laço é a ideia que ela faz da natureza fundamental do homem. Para o Estado cristão, a personalidade humana é um bem supremo. Qualquer discussão sobre o valor infinito da alma humana leva direito á selvajaria. O facho que vos quero passar e que vos peço que espalheis por todas as estradas do imperio é a grande verdade cristã: tratai os homens como fins e não como meios, e vivei para a fraternidade humana, que deve vir de Deus».—H.

— Indices —

I : Anos
II : Nomes proprios
III : Varia.

B - 51

I

Anos:

1933 : . . . . . 1 – 163

1934 : . . . . . 164 – 238

1935 : . . . . . 239 – 282

1936 : . . . . . 283 – 363

1937 : até Maio . . . . . 364 – 384.

II

Nomes proprios

Alberto, rei da Belgica : 74

Alentem, 3º conde, Antº de Almeida Soares de Lencastre : 35

Almeida [Antº José de] : 219.

" [Ferrand Pimentel de] : 175-176.

" [João de], general : 244, 248.

" [Mel Lopes de], Profor : 209-210 e 213.

Amaral [Carlos], miliciano, advogado : 273 e 276.

" [Herculano do], major : 292 e 302.

Andrade [José Mª do Vale de], corel : 292.

" [Tristão Freire de], corel : 243.

Antas [1º Conde das] : 299.

Aragão [Gilberto Bessa], juiz : 239, 240, 241-242.

Arnoso [Conde de], Bernardo Pindela : 234.

Azevedo [Julio Schiappa de], genal : 2-7, 16-17, 35-39, 39-43, 70-71, 161, 166-167, 191, 192-193, 245 e 248.

Baião [Antonio] : 187.

Baldwin [Lord] : 383

Baudeiro [Marquês de Sá da] : 299.

Barreto (Dr. Bissaia): 369.
Basto (Artur Carlos de Barros), capitão de Infantaria nº 6: 49-50
Bastos (José Albto da Silva), general: 294 e 296
Batalhão (dr. Carlos): 208-209.
Boléo (dr. Manuel de Paiva): 175.
Bomfim (1º Conde de), Travassos Valdez: 299.
Bordalo (Albto Alencoão da Fonseca), juiz auditor: 75, 120, 124, 146 e 158.
Botelho (José Justino Teixeira), general: 152-153, 164-165 e 188-189.
Bourget (Paulo): 60
Brites (dr. Geraldino): 28 e 232.
" (dr. Luis) advogado: 232.
Calado (Rafael Salinas): 376.
Camacho (dr. Manuel de Brito): 218-219.
Campos (dr. Agostinho de): 257 e 259-260.
Canto (Francisco Bernardo do), general: 292-293, 294, 295 e 280.
Cardoso (dr. José Mª), notario: 208.
Carreiro (José Bruno Tavares): 237-238.
Carvalho (. . . . Ferraz de), tente: 220.
" (dr. Joaquim de): 173-174, 210, 210-213, 213, 257-258, 258 e 299-300.
Castro (Albino Caudº Pinhro de), corel: 304.
" (dr. Augusto Mendes Simões de), In memoriam: 23 e 168.
" (João Passos Perª de), corel: 294
" (Joaqm Pimenta de) genal: 220-222.

Carejeira (M.el Gonçalves), cardeal: 112-114 e 181-182.
Casar (Vitoriano José), general: 190-191 e 221.
Chaves (Castelo-Branco), escritor: 159.
" (Franc.o José de Oliv.a Sá), cor.el: 25.
Cidade (Hernani): 53 e 211-213.
Coelho (Franc.o de Oliv.a), ten.te: 313-314.
" (Raul de Menezes Vieira), cor.el: 73.
Correia (dr. Vergilio): 96-97, 168 e 182-183
Costa (Fernando dos Santos), tenente: 272, 275-277 e 292-294.
Cota (dr. Joaquim), medico em Penafiel: 51.
Cristo (Franc.o Manuel Homem): 30
Cruz (José Pires da), ten.te chefe-musica: 12.
" (Pedro) aviador: 268 e 278.
Cunha (Alb.to Guerreiro Peixoto e), general: 377-379, 379-382.
" (Alfredo Ernesto da), ten. cel: 300, 304 e 377-382.
Damião (Julio): 240, 287 e 296.
Dias (Antonio), miliciano e advogado: 273.
Donato (José Ernesto Marques): 266-267.
Eça (Ant.o Julio da Costa Per.a de) gen.al: 266
Esteves (Antonio): ver Sombrio (Carlos)
Ey (Luisa) escritora alema: 174-175.
Faceira (Luis Per.a), capitão: 76
Faria (Joaquim Jeronimo Cardoso de Brito) ten. coronel: 75
Fernandes (dr. Manuel), medico: 277.

Ferreira {Ant.º Aurelio da Costa} : 221 e 237.
" {Armão Ferreira} redactor : 158.
" {Henrique Pimenta da Costa} : 177-181.
" {Marino Simões}, capitão : 367-368.
" {Rui Pimenta da Costa} : 208-209.
Ferro {António} : 184, 195-196 e 204.
Figueiredo {Antero de} : 287.
" {Ant.º de Mesquita} : 191-192.
" {Mario de}, político : 29.
Fischer {Jacinto dos Reis}, gen.al : 376.
Fonseca {Jaime Tomás da} major : 365-367.
" {Teofilo José Rib.º da}, aviador : 109.
" {Tomás da} : 14-15, 18, 30, 30, 97-98, 99, 153-154, 227 e 371.
Fontes {dr. Vilar} : 176-181.
Franco {José Vilar}, cor.al : 347 e 372.
" {Luis Aug.to de Oliv.a} major : 193-194.
Freitas {José Vicente de}, gen.al : 10-11, 11, 13, 16-17, 20 e 29-43
Galrão {dr. Carlos} medico : 214-217.
Garcia {Alberto Torres} : 343-344.
Girão {dr. Aristides de Amorim} : 258.
Godinho {Coleu} cor.al : 84, 88 e 264.
" {José Garcia Marques} ten.te cor.al : 270
Gomes {Amaro de Azevedo} alm.te : 221.
" {Francisco} cor.al : 219, 221 e 225.
" {Mario de Azevedo} agronomo : 159.
Gonçalves {Ant.º Augusto} : 96-97 e 168.
Henrique {Infante D.} : 20

Henriques {D. Afonso}: 255.
Herculano {Alexandre}: 165-166.
Hitler {Adolfo}: 289
Iglesias {Julio Cesar Gil}, cor.el: 8, 10, 20 e 36.
Jorge {dr. Ricardo}: 295.
Junot {Andoche}: 322 e 339.
Jungueiro {Guerra}: 65-69.
Laro {dr. Domingos}: 206-207.
Leal {José Augº Correia}, o Recta-Pronuncia: 23.
Leiria {Bispo de}: D. José Correia da Silva:
348, 352-353.
Leite {dr. Duarte}: 211-213.
Leitão {Parada}, major de Inf.ª: 9-10 e 31.
Lemos {Alb.º Viana de}: 239, 240 e 241.
" {João de}, funcion.º da C.G.D.: 362, 375.
Lencastre {Julio Garcez de}: 346 e 347.
Lima {Henrique Campos Ferreira}: 118-119,
154, 173-174, 272-274, 275-277 e 370.
Lobo {Carlos Arrochela}, capitão: 51-52.
" {Elisio Mario dos S.tos}, Ten.te cor.el: 301-302.
" {Franc.º Rodrigues}, Poeta: 324.
Lopes {Almeida}, cor.el Inf.ª: 376.
" {Bernard.º Reis}: 47-48.
" {João Carlos Grav.º}, gen.al: 220.
Macedo {Antonio Mascarenhas}: 232.
" {dr. Arnaldo}: 230-231.
Machado {Ernesto da França} cor.el: 253 Cis.
" {Francisco Soares Lacerda}, gen.l:
294-295, 300, 304, 323-324.

Madaíl [Ant.º G. da Rocha]: 23, 256-267.
Malafaia [Enrico], ten.te: 35.
" [D. Margarida Brandão]: 35-39.
Manso [Joaquim] jornalista: 90, 97-98.
Marco Aurelio: 60
Marques [Amilcar da Piec.ra], ten. med.º: 313-14.
" [Arnaldo Vitor], ten.te: 118-119, 154, 158 e 171.
Martins [dr. Gardete], medico: 220.
" [Luis Aug.to Ferreira] g.al: 188 e 372
Matos [José Mendes Norton de], gen.l: 188
Mauricio [P.e Domingos]: 101.
Meireles [D. António], bispo do Porto: 297.
Melo [Argel de], ten.te: 362, 375-376.
" [Ernesto de], func.º finanças, em Penafiel: 160-161.
Mendes [Calisto]: 129.
Mendonça [Luzarte de]: 102.
Meneses [Ed.º Carv.º], C.el da A.M.: 22-23.
" [Mario Rib.º de], cor.el: 245, 249-252.
Mergulho [Fernando], ten.te: 274.
Montaigne: 231.
Monteiro [Alb.to dos Santos Per.a], cor.l: 270-271.
" [Henrip. Pires], cor.el: 23, 188, 198-200, 205-206, 265-266 e 382-383.
" [Marcelino], ten.te cor.l: 9-10.
Mota [dr. Carlos da Costa], medico: 227
" [José Viana da], pianista: 359.
Murias [Manuel]: 370-371.

Mussolini : 289.
Navarro (Saul), jornalista brasil.º : 260
Nazareth (Vivorino) : 165.
Neto (David), capitão : 204-205.
Nobre (dr. . . . .), prof.or do liceu : 220
Oliveira (Agostinho Barreto de) : 22-23.
" (dr. Alberto de) : 234, 235 bis, 242-243, 259, 280 e 362-363.
" (Luís Alberto de) ministro da Guerra : 105-106, 109-112, 155 e 192-193.
Osorio (dr. Antonio) : advogado : 10
Pacheco (dr. Ant.º Faria Carneiro), ministro : 283-284 e 347-349.
Pais (dr. Sidonio) : 215-216.
Palat, comerciante em Lx.ª : 307-309.
Pereira (Barras), ten.te : 279.
Pessoa (dr. Alberto Cupertino) : 205-206.
Pimenta (José Augusto) : 57-59, 161, 185 e 231.
" (Teodorico), capitão : 322.
Pina (Adolfo Cesar) : 220
Pinto (Afonso Henriques Barbeitos), cap.al : 37-38, 45-46 e 49.
" (dr. Alberto de Moura) : 222, 224 e 225.
Pires (Henrico D. Saturnino Pires) : 24 e 26-27.
Prata (Franc.º Rolão) : 29-30
Queiroz (Eça de) : 365.
Quental (Antero do) : 237.
Quintanilha (dr. Aurélio) : 29 bis.
Quintas (D. Lucinda) : 334-335.

Raimundo {Ant.º José de Matos}: 274 e 330.
Reis {Luís da Camara}: 159-160, 166, 254-255, 258 e 382.
" {Mendes dos), Ten. cor.el: 171-172.
Roçadas {José Dias.ro Alves}, gen.al: 265-266.
Rodrigues {Ernesto }, Ten.te: (132-135) 44.
Sacadura {Manuel Duarte }, 1.º sarg.to cadete: 117-118, 122, 130, 131-137, 147 e 149-150.
Salazar {Ant.º de Oliv.a}: 10, 16, 50, 87-88, 204, 216-217, 257, 292-294, 297 e 298.
Saldanha {Mar.al Duque de}: 291 e 299.
Sales {José Eduardo Mar.ns}, Ten. cor.el: 331-332.
Salgado {Ant.º Pinto Cardoso}, Ten. cor.el: 207.
" {Dep.to Bivar Xavier de Azevedo} coronel: 287, 288-289, 300, 321-323 e 339.
" {Julio Bivar}: 287-288.
Santos {Carlos M.a Pereira dos}, cor.el: 249.
" {Coelho dos), Ten.te, administ.or em Benafiel: 31, 31-32, 44-46, 51 e 167.
Sarmento {Julio de Morais}, gen.al: 293.
Seabra {Alfredo Baldaino de} major: 223
Sergio {António}: 159, 254-255, 256, 259 e 286.
Silva {Franc.º Vicente da}, Ten. c.el: 336, 338 e 358.
" {dr. João Serras e}, prof.or: 236-237.
" {José da}, Ten.te: 283.
" {D. José Correia de}: V. Leiria, bispo.
" {Pereira da}, almirante: 188.
" {D. Prudencia Tavares da Costa Serras e} 237.

Silveira {Alberto da), gen.al : 223.
Soares {Crispiniano}, c.el : 3-7.
Somberio {Carlos} : 376.
Sousa {Ant.o Gomes de), gen.al : 255-256.
" {Alfredo Botelho de}, almir.te : 188
Tabarda {dr. Vergilio} : 213.
Teles {Casimiro de Sousa}, cripto.s : 262, 289, 300, 304, 331-332.
Tinoco {Agostinho), prof.or do Liceu : 360-361.
Torres {Joaquim), cor.el : 95.
Vauzeller {Alex. Inacio de Barros} cor.el : 74, 91, 94-95, 117-118, 120-123, 128, 149-152 e 158.
Vasconcelos {dr. Ant.o Garcia Rib.o de} : 237.
Veiga {Alb.to Botelho da Costa} : 191-192 e 199-200
Viana {Cesario} cor.el : 247 e 301-302
" {José) jornalista : 261, 251-262.
Vieira {dr. Afonso Lopes} : 230.
Vital {dr. Fezas} : 29.

III

Varia

Abraantes : 264 e 268-341.
Academia Figueirense, colegio : 375-376.
Acção catolica : 113.
" de 11 de Agosto de 1829 : 24-25.

Aljubarrota : 254, 256, 259, 286, 289-290.
Alves Nova, da Louzã : 170, 181 e 343
Alto do Vizo, acção em 1847 : 299.
Aniversarios {Os meus} : 73 e 230.
Arquivo Hist.º Militar : 190, 273 e 275-277.
Arte e Arqueologia, revista : 168.
Assaiceira, batalha em 1834 : 25 e 291.
Associação Escolar da Vanguarda : 189, 196, 201-202 e 203.
Atoleiros {Combate dos} : 290, 291-292.
Barca de Alva : 62-69.
Batalhões Academicos de Coimbra : 362, 375-376 e 382-383.
Belas Artes {Exposição de}, em 1934 : 185-186.
Biblioteca Nacional de Lx.ª : 191-192.
Biblos, revista : 175-176.
Boialvo {Caminho de} : 291.
Boletim do Arq.º Hist.º Militar : 173 e 206.
Braga : procissão do enterro em 1933 : 78-79, 79-80
Bragança {Revolta em} : vide Revolta.
Brotéria, revista : 98.
Buçaco, batalha : 291.
Caldelas : 71.
Camisas azuis, fascismo português : 29-30, 43-46, 46-47, 51, 195-196.
" verdes, do Ant.º Ferro : 195-196, 198 e 201-203.
Camões e as "artes belicas", ensaio : ver :

Os conhecimentos militares de Camões.-
Campanha (A) do Vouga em 1919 : 171.
Capelães militares : 203.
Casal-Nova (Combate de) em 1811 : 291
Ceia dos Generais : 11-12, 18, 20-22 e 24.
Coimbra : Associação dos Artistas : 228.
" : Benção das pastas : 33-35.
" : Faculd.e de Letras : 13-14 e 237.
" : Festas da R.a Santa : 303.
" : Dia 8 de Maio : 194.
" : Museu Machado de Castro : 96-97.
" : Torre de Anto : 260-262 e 281.
" : " " S.ta Cruz : 241.
" : Universid.e Livre : 90, 97, 227 e 228.
Comercio (O) do Porto : 24.
Comissão de Hist.a Militar : 190.
Companhia de Jesus em Portugal : 1-2, 97 e 98.
Comunismo, em Portugal : 169, 189, 318-19, 329.
Congresso da Hist.a da Expansão Portuguesa no Mundo : 370-371.
Conhecimentos (Os) militares de Camões : 58
Constituição (A) politica de 1933 : 18-20, 53-54 e 253-254.
Cruz dos Marouços (Acção da) : 25 e 291.
Curso de ferias na Faculd.e de Letras : o de 1934: 209-210 e 210 ; — o de 1935 : 257-258.
Democracia : 189 e 383.
Distrito de Recrutamento e Reserva, n.o 2,

em Alhandra: 264, 269, 274, 291-292, 303, 311-317 e 323.
Eleições: em 1915: 223-224.
Enciclopedia (Grande) Portuguesa e Brasileira: 254-255, 256, 286, 289-290 e 342-343.
Entre-os-Rios: termas de S. Vicente: 61.
Escola central de Oficiais, Caxias: 243, 244, 246-247, 248-249, 249-252, 252-253 e 260.
" central de Sargentos, em Agueda: 245, 248 e 271.
" de Machado de Castro, Lisboa: 201-202.
Exercito: a disciplina: 184.
Fascismo, em Portugal: 13-14, 360 e 383-384.
Fatima: local: 306-307 e 324.
" {Senhora de}: 234 e 235.
Foz do Arouce: combate em 1811: 291.
Gazeta de Coimbra: 182.
Grande Guerra: a intervenção de Portugal, em 1917-1918: 265-266.
Grupo de Artelh.ª de Viana do Cast.º: 80-84 e 84.
Guerra civil em Espanha: 305, 307-309, 309-311, 318-319 e 328-331.
Historia de Portugal, ed.ª de Barcelos: 299.
" do Pensamento Portugues: 210, 211 e 213.
" (d) Maranhoa de Nun'Alvares: 102.

Ideias e metodos no exercito português: 211-213.
Infantaria nº 7 {O meu comando em}: 304, 318, 323-324, 335, 336-337, 341-342, 343-344, 345, 357-358, 361, 364-367, 372-375, 376-378 e 378-382.
Instituto de Coimbra: 198.
Legião Portuguesa: 376-378.
Leiria: cidade: 288, 324, 344-384.
" : Liceu Rodrigues Lobo: 360.
Liberd.e de Imprensa: 95-96.
Liga dos Combatentes da Grande Guerra, em Penafiel: 28, 372.
Lisboa: generalidades: 183.
" : Jardim zoologico: 200.
Lousada: 35.
Maçonaria em Portugal: 189.
Manifestação das espadas (1915): 220-221.
1834, artigo: 112, 152-153, 164-165 e 174.
Milicias portuguesas: 200.
Miranda do Corvo: centen.º da sua fundação: 334-335.
" " " : ver Oleiros...
" " " : a paisagem: 172
" " " : estudos meus: 170, 291.
Nunalvares, chefe militar: 14-15, 15-16, 30, 37, 53, 58, 98, 98-102 e 199-200.
Oleiros de Miranda, opusculo: 51, 58, 168, 170-171 e 181.

Ordem de Aviz: o meu grande-oficialato: 325-328
Osorio (Premio Almir.te Augusto): 25.
Paz, Mafra: 214.
Penafiel: 1-70, 288 e 339.
" : a paisagem: 172.
" : Biblioteca Municipal: 27.
" : Policia politica: ver Policia.
Policia politica: em Penafiel: 2-7 e 8-10.
" " : " geral: 94-95 e 95-96.
Pombal (Monum.to ao Marquês de): 196-198.
Ponte da Mucela: 291.
Porto de Mós: a catastrofe em 1936: 345-357.
Portugal, jornal de Leiria: 358-359, 367-368.
Povo (O) de Aveiro, jornal: 30.
" " " Penafiel, jornal: 11-12, 20, 22, 263-64.
Promoção (A m.a) a coronel: 262-263 e 263-265.
Reacção ultramontana: 28, 33-35, 56-57, 112-114, 181-182, 284, 297, 303-304 e 376.
Redinha: combate em 1811: 291.
Reforma de instrução primaria: 284.
Reunião do curso de Inf.a: 207.
Revista Militar: 22-23, 26, 112, 164, 174, 175-176, 188-189 e 382.
Revolta dos cabos em Bragança, 1933: 90-91, 94-95, 105-106, 108-109, 114, 119-152 e 161-162.
" na Armada: set.o 1936: 319-320.
Santa-Comba-Dão: 257
Seára Nova: 159-160, 166, 258 e 382.

Semana das Colonias em 1833 : 48-50
Situação politica : 16-17, 31-32, 39-43, 52, 53-56, 59, 87-88, 94-95, 97, 169, 182, 189, 203-205, 233, 267-270, 274, 296-298 e 320
Tempo (O), jornal de Seuafiel : 17.
Torre do Tombo : 186-187.
Torres Vedras : combate de 1846 : 299.
Tribunal Militar do Porto : 62, 69, 70, 72, 73-87, 88-93, 102-104, 106-109, 114-118, 119-152 e 155-158.
União Nacional : 203 e 284-286.
Universidade Livre : vide Coimbra.
Valor (O) militar dos chefes na Guerra da Restauração : 58.
Valverde : combate em 1386 : 291.
Verdade (A), jornal de Pinhel : 95-96.
Versalhada varia : 321-323.
Vila da Praia : acção em 1829 : 291.

UNIVERSIDADE LIVRE DA VITÓRIA

Semana das Colonias em 1833 : 48-50.
Situação politica : 16-17, 31-32, 39-43, 52, 53-56, 59, 87-88, 94-95, 97, 169, 182, 189, 203-205, 233, 267-270, 270, 298-298 e 320.
Tempo (O), jornal de Penafiel : 17.
Torre do Tombo : 186-187.
Torres Vedras : combate de 1846 : 299.
Tribunal Militar do Porto : 62, 69, 70, 72, 73-87, 88-93, 102-104, 106-109, 114-118, 119-152 e 155-158.
União Nacional : 203 e 284-286.
Universidade Lima : vide Coimbra.
Valor (O) militar dos chefes na Guerra da Restauração : 58.
Valverde : combate em 1386 : 291.
Verdade (A), jornal de Pinhel : 95-96.
Verrathadas varias : 321-323.
Vila da Praia : acção em 1829 : 291.